CIMEIRA DA NATO: APROVADO HOJE ACORDO DE REDUÇÃO DE MÍSSEIS DE CURTO ALCANCE

Págs. centrais

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 604 Quinta-feira, 3 de Março de 1988 Preço 50$00

NICARÁGUA

Ortega dispensa Obando e avança sozinho a negociar com os «contras»

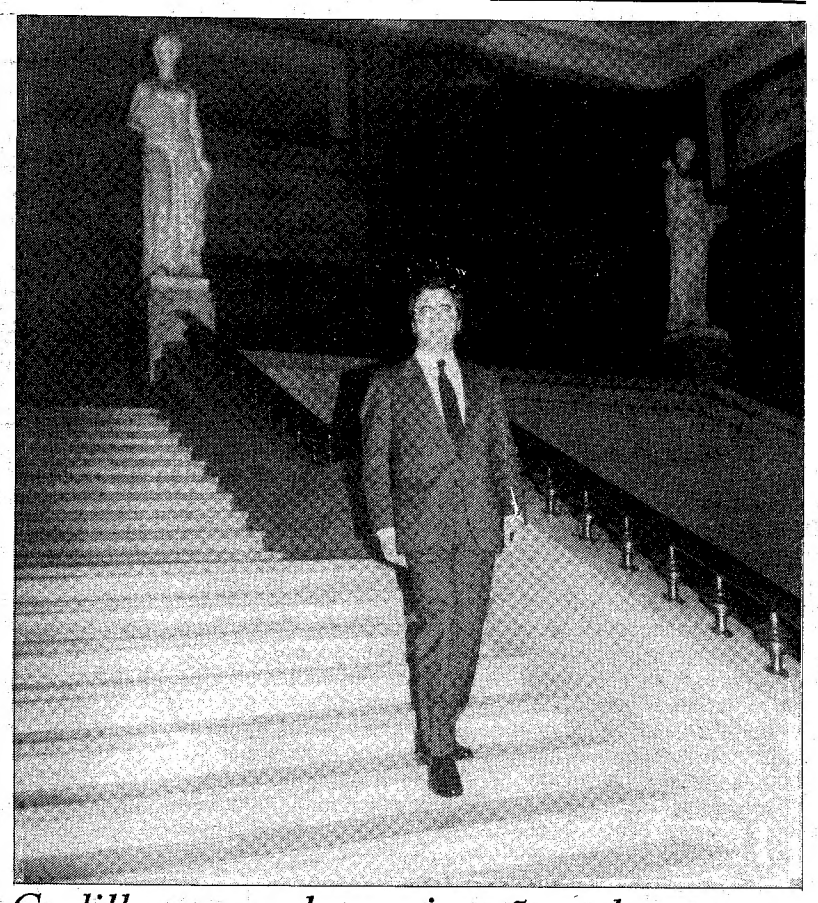
Págs. centrais

Segundo declarações de deputado do PSD

ROSETA NÃO DEVE PERDER A IMUNIDADE

O deputado Costa Andrade, do PSD, deu a entender esta manhã, na Assembleia da República que a imunidade parlamentar não será levantada a Helena Roseta, não obstante a apresentação de uma queixa–crime pelo Primeiro–Ministro, contra esta deputada socialista. Admitindo a hipótese de a Procuradoria Geral da República dar andamento à queixa e não a rejeitar por inconstitucional, os deputados teriam sempre de pronunciar–se por voto secreto. E nessa ocasião dependeria sempre do PSD a autorização da Assembleia da República que a imunidade fosse levantada e Helena Roseta presente a juizo. Aliás, ela disse hoje que só sairá da Assembleia pela força das armas.

Pág. 7



Cadilhe com «determinação e dureza» em entrevista/balanço ao «DL»

«Temos tido sorte, arte e algum saber»

Págs. 3, 4, 5 e 6

Rally de Portugal hoje no Minho

BIASION FOI «REI DO ASFALTO» ENTRE O ESTORIL E A PÓVOA

Pág. 22

Sortes diferentes em futebol irreverente

BENFICA

esplendor
fascínio
e eficácia
encostam
belgas
à parede

Pág. 21

O espectacular golo de Magnusson quebrou irremediavelmente a barreira do Anderlecht

SPORTING

defesa
oscilante
remete
decisão
para
Alvalade

Pág. 20

ALL STAR CONVERSE

Com o Benfica na Europa

"DL" no Rallye de Portugal com a poligrupo

POR UM MUNDO SEM ARMAS NUCLEARES

Laura Lopes

A confiança mútua e o desarmamento deverão substituir a desconfiança e o sobrearmamento como formas predominantes das relações internacionais. Os acontecimentos recentes dão lugar à esperança. (...) Criar um mundo sem armas nucleares e sem violência requer ainda muita imaginação, energia e determinação.

A ameaça nuclear mantém-se. O nosso planeta continua à beira do abismo nuclear. Na alvorada da última década do século XX, devemos continuar a agir não apenas para impedir o holocausto, mas igualmente para eliminar, enfim, todas as armas nucleares. (1)

A assinatura, em Washington, no dia 8 de Dezembro passado, do Tratado entre a União Soviética e os Estados Unidos sobre a liquidação dos seus mísseis de médio e mais curto alcance estacionados em terra, foi um passo histórico da maior importância para a Humanidade. Mas é necessário que se siga um outro passo ainda maior. E, para isso, ambas as partes chegaram a um acordo de princípio para reduzir em metade os seus potenciais nucleares estratégicos respeitando rigorosamente o acordo sobre a limitação dos sistemas antimísseis (DAM).

O tratado assinado em Washington mostra-nos claramente que é possível proceder ao desarmamento nuclear, desde que exista vontade política.

As delegações soviética e norte-americana foram encarregadas de conduzir nas negociações de Genebra em decurso, no mais curto prazo, a elaboração de um acordo sobre a redução e limitação das armas ofensivas estratégicas, bem como todos os documentos relacionados com este assunto, de forma a estarem prontos para assinatura na próxima cimeira Reagan-Gorbachev a realizar no primeiro semestre deste ano.

Em Washington, foi acordada a eliminação de 826 (URSS) e 689 (EUA) mísseis de alcance médio e de 926 (URSS) e 170 (EUA) mísseis de mais curto alcance, ao todo 2600 mísseis . Trata-se de uma pequena fracção das armas nucleares existentes, mas eliminam-se sistemas especialmente desestabilizadores devido aos curtos períodos de pré-aviso e, nisso, reside também, com a sua eliminação, vantagem na segurança.

Quanto às armas ofensivas estratégicas, objecto do próximo acordo, trata-se de sistemas de armas nucleares e cargas nucleares capazes de atingir e destruir centros vitais no território da outra parte, assim como outros objectivos. Mais de nove décimos do potencial nuclear da URSS e dos EUA são armas deste tipo.

Estas armas são cohstituídas por mísseis balísticos estacionados em terra com um raio de acção de mais de 5500 quilómetros, também chamados mísseis intercontinentais ou mísseis dirigidos à distância; mísseis de maior raio de acção estacionados no mar, preferencialmente em submarinos; aviões de longo alcance, também designados de estratégicos, dirigíveis à distância ou bombardeiros pesados, que estão equipados com mísseis de cruzeiro de maior alcance, com mísseis de curto alcance ou com bombas convencionais.

Os mísseis de mais curto alcance têm um raio de acção igual ou superior a 500 quilómetros mas não superior a 1000 e os mísseis de alcance médio um raio entre 1000 a 5500 quilómetros.

No que respeita às armas nucleares estratégicas, segundo o Instituto de Estudos Estratégicos de Londres, a URSS dispõe, no total, de 2511 portadores com 11 044 ogivas e os EUA de um total de 1957 portadores com 13 873 ogivas.

Ora, o que se propõe para o acordo sobre a redução de metade das armas ofensivas estratégicas? — Aliás já prevista em Reiquejavique em Outubro de 1986.

Entre outras coisas, conforme a Declaração conjunta da Cimeira de Washington, os acordos devem versar: sobre os limites máximos para os portadoresa de armas ofensivas estratégicas (não mais de 1600 para cada lado), para as ogivas (6000) e para mísseis pesados estacionados em terra (154 com 1540 ogivas); sobre a redução para cerca de metade do nível agora existente de carga útil dos mísseis intercontinentais e dos mísseis balísticos estacionados em submarinos da URSS.

No âmbito do nível igual de 6000 ogivas, o limite máximo para o número total de ogivas intercontinentais e mísseis balísticos estacionados em submarinos será de 4900 para cada lado.

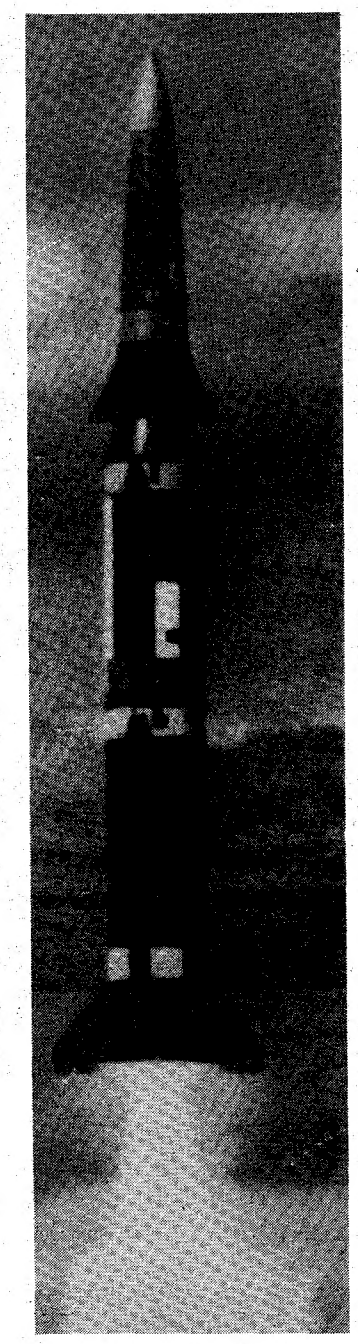
A Declaração conjunta sovieto-americana, feita durante a Cimeira, dá ainda outras indicações aos negociadores em Genebra, nomeadamente, no que se refere à elaboração de regulamentos para a contagem dos mísseis de cruzeiro de maior raio de acção estacionados no ar e que são ajuntados a cada tipo de bombardeiros pesados; ao registo do número de mísseis balísticos existentes, do número das suas ogivas e ao controlko desses registos; às medidas de controlo seguras, de forma a que todas as estipulações de um futuro acordo sejam exactamente observadas.

Em relação ao controlo, devem ser aproveitados e desenvolvidos —sublinha a Declaração — os processos de controlo e inspecção prescritos no Tratado sobre a liquidação dos mísseis de mais curto e médio alcance.

Este problema do controlo e fiscalização do desarmamento nuclear tem sido ao longo dos anos um verdadeiro cavalo de batalha por parte de vários dirigentes políticos e militares do Ocidente.

Finalmente, chegou-se a um entendimento, para o que era apenas necessário vontade política e compreensão.

O tratado sobre a eliminação dos mísseis de médio e de mais curto alcance celebrado em Washington em Dezembro último, prevê em pormenor todas as diligências indispensáveis tanto para o controlo permanente como para as inspecções periódicas, que decorrerão durante 13 anos após a entrada em vigor do tratado.



Igualmente, quanto ao Tratado sovieto-americano sobre a limitação dos sistemas antimísseis (DAM), encontram-se na Declaração conjunta instruções às delegações reunidas em Genebra. Tais instruções prevêem a elaboração de um acordo que imponha às duas partes os seguintes compromissos:

— Observância do Acordo DAM na forma em que foi assinado em 1972 no que respeita a investigações, desenvolvimento e, se for necessário, a testes permitidos no âmbito do acordo;

— Proibição de denúncia deste acordo no decorrer de um prazo acordado — que a URSS sempre tem defendido que seja de 10 anos;

— O mais tardar três anos antes do fim desse prazo, devem ser iniciadas discussões intensivas sobre a estabilidade estratégica. Terminado esse prazo, cada parte, caso não sejam tomadas outras decisões, tem o direito de determinar o modo da sua futura actuação.

Depois da assinatura do Tratado de Washington ficou aberto o caminho para se dar novo passo em frente no desarmamento nuclear. E esse e outros passos terão que ser dados até à eliminação total das armas nucleares, e de todas as outras armas de exterminação massiva, caso contrário corremos o risco da Humanidade soçobrar sob a avalanche nuclear.

Mas, independentemente do perigo do holocausto nuclear, nestte nosso mundo de interdependência, outros cataclismos globais ameaçam o nosso planeta: os resultantes dos problemas ecológicos e da crescente diferença entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos.

As fabulosas quantias desbaratadas no mundo na corrida aos armamentos eram suficientes para resolver todos os problemas do subdesenvolvimento: a fome, as doenças, o analfabetismo, a mortalidade, o desemprego, a falta de habitação. E é imoral, para não dizer criminoso, que enquanto se gastam na corrida armamentista biliões de dólares, morrem por dia 40 000 crianças de fome e de doenças curáveis.

Referi-me à interdependência do mundo actual e este conceito, com uma importância cada vez mais acentuada, leva-me a referir o problema da necessidade de criação de uma nova mentalidade.

Na era nuclear cada um não pode pensar só em si. Devido à interdependência crescente de todos os países, não é possível poder alcançar-se vantagens unilaterais em prejuízo dos outros sem que, em última análise, nos prejudiquemos a nós próprios. E isto em todos os aspectos da vida mundial, quer económica, política ou militar.

A corrida aos armamentos volta-se contra o próprio Estado que a realiza, pois passando sempre para novas e mais perigosas fases mina a segurança e a estabilidade internacionais. A segurança autêntica na era nuclear é uma segurança recíproca, baseada na condição de cada uma das partes não só ter em atenção os interesses da outra, como ainda ao promover medidas para garantir a sua própria segurança ter o cuidado de não lesar a segurança dos outros. Essa segurança recíproca só poderá ser atingida com base no princípio da igualdade e da segurança idêntica. A segurança de um Estado não pode ser construída à custa da segurança dos outros porque a ameaça que enfrentamos atinge-nos a todos e, por isso, devemos reforçar a nossa segurança através dos esforços de todos.

«Os acontecimentos recentes dão lugar à esperança.» Tenhamos pois esperança que os dirigentes políticos e militares, que todas as pessoas investidas ou não de responsabilidades, se abram a esta nova mentalidade para que possamos construir a paz, a segurança e o futuro.

---

(1) Declaração de Estocolmo do Grupo dos Seis (Argentina, Grécia, Índiaa, México, Suécia e Tanzânia), tornada pública em 21 de Janeiro deste ano.

O incómodo das togas

José Delgado Martins*

Tradicionalmente avisados e prudentes, pouco propensos a manifestações, os advogados abandonaram os tribunais, desceram dos seus escritórios envergando toga para, silenciosamente, subirem às Galerias da Assembleia da República.

A indignação alastrara a partir de Janeiro à medida que, diariamente, começaram a ser confrontados com as mais brutais situações provocadas pelo tremendo agravamento do preço da Justiça fruto das alterações introduzidas pelo Governo ao Código das Custas.

A partir de então os tribunais haviam passado a ficar mais longe, se não mesmo fora, do alcance do cidadão comum.

Nunca a classe por natureza reservada e individualista se mostrara tão unida nem tão sentidamente se expunha para manifestar a repulsa por uma injusta medida legislativa.

Ultrapassando conflitos de gerações e divergências políticas, os advogados massivamente denunciavam a leviandade do Governo ao alterar em tempo relâmpago tão importante matéria, sem dar tempo a recolher o parecer dos profissionais do foro.

Visivelmente nervosa com a singular atitude dos advogados a bancada da maioria, vencida a surpresa, perdeu a serenidade ridicularizando-se com os protestos de alguns dos seus elementos aos olhos dos seus pares e dos que com dignidade e firmeza mais não pretendiam que denunciar com a sua presença togada a injustiça praticada.

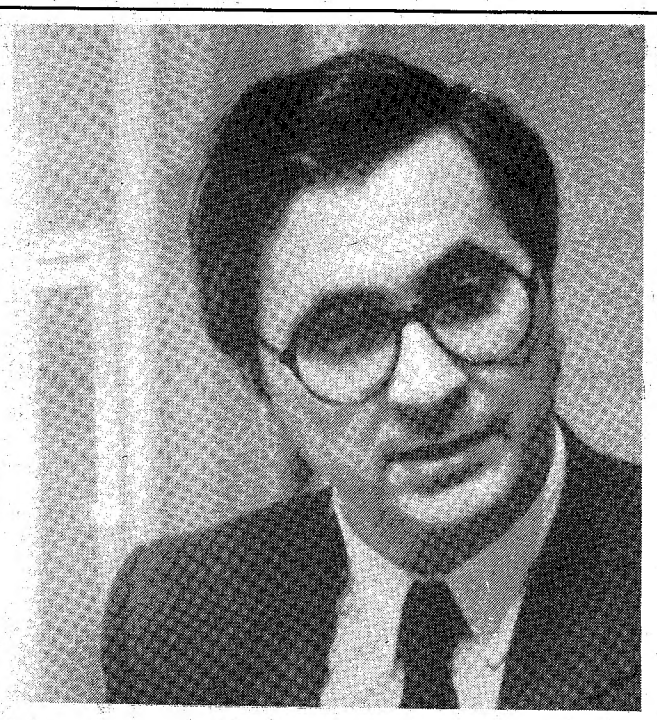
A razão não estava, mais uma vez, com a maioria. Apenas o ministro também de Justiça, admitiu timidamente que o Governo havia errado, prometendo curta vida a tão aberrante diploma.

Reconhecer o erro revogando as monstruosas medidas teria sido um acto de inteligência e de bom senso político.

Porém só por ingenuidade se poderá esperar tal atitude de um Governo que por se julgar maioritário escolheu a arrogância como imagem de marca...

* Advogado

MIGUEL CADILHE EM QUATRO FRENTES



Entrevista conduzida por
JOSÉ ANTÓNIO CEREJO e EDUARDO PEREIRA
Fotos de RUI PACHECO

Assumindo a «determinação e a dureza» que diz serem precisas para gerir o Ministério das Finanças, Miguel Cadilhe surge nesta extensa entrevista empenhado em contrariar a imagem que o tem (im)popularizado. Por uma vez só, altera o tom pausado e profundamente meditado das suas declarações, dirigindo ao CDS a única irritação evidente. «Im-per-ti-nên-cia», sílaba a sílaba, é a palavra que usa para qualificar a posição daquele partido no caso SONAE. Responde a todas as acusações e não pestaneja sequer, quando diz que Belmiro de Azevedo e Álvaro Cunhal o influenciam exactamente na mesma proporção. Reconhece que sente «vontade de reagir à flor da pele» quando ouve certas insinuações. Como argumento derradeiro afirma: «posso ser acusado de muitos defeitos, mas não de ter falhado na política macroeconómica». Confessa ter sido leitor assíduo do «DL» na sua juventude e defende exaustivamente a sua política de privatizações, à procura da compreensão do público de esquerda. Nestas páginas apresentamos Miguel Cadilhe em quatro frentes: na bolsa, na política, na macroeconomia e...«à defesa». As privatizações ficam para a nossa edição de amanhã.

NA MACROECONOMIA:

"Conseguimos o que os manuais consideram dificílimo"

«DL» - *Há quem o acuse de na sua tentativa de limitar o crescimento da procura interna através dos «plafonds» de crédito impostos à banca, se esquecer da possibilidade de recurso ao crédito externo, falhando por isso a tentativa de controlar a liquidez da economia. Por outro lado, em 1987 o défice comercial rondou os 2 mil milhões de dólares, o que representa cerca de 3,8 vezes o apurado em 1986 e excede as previsões governamentais que se situavam em torno dos 1.190 milhões de dólares. Este desastre comercial...*

MC - «Essa agora»...

«DL» - *...esta fraca evolução comercial é ou não um exemplo do falhanço do Governo no controle da procura interna?*

MC - O controlo da liquidez em 1987 foi plenamente conseguido. O programa monetário do Banco de Portugal chegou a Dezembro e dá, após a sua execução, para a chamada liquidez geral, e também para a liquidez dos residentes, evoluções que estão dentro das metas programadas em Outubro de 1986. Portanto, temos controle da liquidez.

O Banco de Portugal teve presente não só o crédito bancário interno, mas também o crédito externo e todas as outras fontes de financiamento não bancárias, como por exemplo o mercado de capitais e o leasing, que tiveram crescimentos muito significativos em 1987. Todas estas fontes de financiamento juntas dão um financiamento global à economia que permitiu manter sob controle a evolução da liquidez.

Como sabe, o Banco de Portugal tem tido um instrumento privilegiado, que são os chamados «plafonds» de crédito, os quais apenas permitem controlar directamente uma fatia do financiamento global à economia. Quando as empresas se queixam dos limites de crédito porque estão demasiado apertados, isso acontece porque essas empresas só têm acesso a esta forma de financiamento. É evidente que as empresas que têm várias fontes de financiamento — bancário, não bancário, sujeito a limites, não sujeito a limites, interno, externo — essas não têm razões de queixa. É o defeito aliás, imputável a qualquer sistema deste género de controle da liquidez. Pode haver um subconjunto de empresas, que estejam a ser sujeitas a um aperto relativamente maior que todo o restante da economia. Isso acontece»...

«Tem que continuar a haver controle monetário»

«DL» - *Sobretudo às pequenas e médias empresas...*

MC - «Sobretudo às pequenas e médias empresas que não têm relações com o exterior. Por isso mesmo, o Banco de Portugal, a nosso pedido, tem estado a reanalisar a evolução dos limites de crédito desde Setembro/Outubro do ano passado. E posso dizer que neste momento o Banco de Portugal está a decidir que a evolução dos limites de crédito nos próximos meses seja relativamente reajustada e que os limites de crédito, ou «plafonds», irão acabar algures durante o ano de 1988. Aliás, como está previsto desde a tomada de posse do Governador do Banco de Portugal em meados de 1986. Mas isso não significa que deixe de haver controle global da liquidez na economia portuguesa, controle monetário global. Isso tem que continuar a haver. O sistema é que muda».

«DL» - *Com taxas de juro fixadas administrativamente?*

MC - «As taxas de juro neste momento estão em grande parte liberalizadas. Aqui há uns anos atrás havia aí umas dez ou doze taxas de juro fixadas administrativamente. Neste momento só temos duas taxas de juro: uma para as operações de crédito que é máxima e os bancos podem fixar qualquer taxa de juro livremente, dentro desse máximo».

«DL» - *Mas no fundo têm sido sobretudo grandes empresas que têm conseguido negociar com os bancos taxas inferiores à máxima permitida...*

MC - «Uma grande empresa que seja de bom risco tem naturalmente um volume de negócio que dá contrapartidas a um banco, o que é evidente que permite, no crédito, obter um preço algo melhor».

«Não considero que as taxas de juro reais sejam extremamente elevadas»

«DL» - *As nossas taxas de juro reais continuam a ser extremamente elevadas. Como é que poderemos sair dessa situação?*

MC - «Não considero que estejam extremamente elevadas. Considero que estão em níveis suficientemente elevados para manter o crescimento da economia portuguesa bem seguro. Nós não podemos facilitar na política monetária, quer quanto ao volume de meios de financiamento, quer quanto ao seu preço, isto é: taxa de juro. Porque se facilitarmos, o crescimento da economia portuguesa que está a fazer-se a bom ritmo, passa a fazer-se a ritmo excessivo. Ora nós não queremos que isso aconteça.

Quanto à balança de bens e serviços: há um défice no ano de 1987, como há muitos anos. A nossa balança de bens e serviços, incluindo aí a balança comercial, é estruturalmente deficitária. Como é que se consegue corrigir este défice? Através de investimento que vá fazer gerar mais exportações ou substituição concorrencial de importações. É essa a nossa estratégia macroeconómica, que figura no PCEDED.

Disse-me que em 1987 o défice da balança de bens e serviços cresceu muito e esqueceu-se de referir, meu caro jornalista, que em 1987 o investimento bruto, incluindo a variação de stocks, cresceu 20 a 21% em termos reais — é a última estimativa disponível e é o maior crescimento das duas últimas décadas. Este investimento, implica muitas importações — como sabe o investimento na economia portuguesa tem uma componente importada muito elevada. Mas como estamos numa economia aberta e concorrencial, é muito, mas muito provável, que o investimento feito em 1987 e em 1986 seja auto-corrector do próprio défice gerado.

Ou seja: daqui a três ou quatro anos, ou menos, a balança de bens e serviços portuguesa deverá ter um défice relativamente menor. Este esforço de investimento vai continuar nos próximos anos: é essa a nossa estratégia, que figura no PCEDED, e que aposta no crescimento real do investimento em capital fixo, em termos médios, nos próximos anos, ao nível dos 8 a 10%».

«Novo índice de preços dá uma boa taxa de inflação»

«DL» - *Na Assembleia da República, alguns deputados referiram que com o novo índice de preços do INE a inflação subiria um ponto percentual ou mais, acusando o seu ministério de estar por isso a reter a divulgação do novo índice...*

MC - «Essa acusação não é correcta, até porque o INE nem sequer depende do ministro das Finanças. O que lhe posso dizer é que para nós foi uma excelente notícia o facto de o novo índice de preços ao consumidor, que por decisão do INE é o índice que passa a vigorar — e repito o INE é tecnicamente independente do Governo — dar para Janeiro de 1988 uma taxa de inflação de 8,5% face a Janeiro de 1987, o que é uma boa taxa tendo em conta a nossa meta para 1988».

«DL» - *E se tivesse sido calculada com o anterior índice?*

MC - «Não tenho esse valor. O anterior índice dava para Dezembro de 1987 face a Dezembro de 1986 um valor de 8,9%, mas não disponho do valor homólogo dado pelo novo índice.

De qualquer modo, gostaria muito de conjugar esta evolução da inflação, que é decrescente, com a evolução do emprego, que é crescente e a do desemprego, que é decrescente. Como sabem, esta conjunção é dificílima em qualquer economia; é algo que os macroeconomistas consideram, nos seus manuais, lições e conferências, como algo de muito difícil de conseguir no curto prazo».

«Sem determinação e dureza seríamos um fraco ministro das Finanças»

«DL» - *Como é que o senhor ministro o consegue? É um brilhante técnico de Finanças? Considera-se melhor que os seus predecessores?*

MC - «Não, não. Não sou nada melhor, não é nada disso».

«DL» - *É uma acusação que lhe fazem por vezes, de autoconvencimento, de arrogância técnica...*

MC - «Ai sim? Acontece que por vezes as pessoas confundem a determinação que é preciso ter para gerir o ministério das Finanças e a política macroeconómica, com arrogância e prepotência. Mas o que lhe digo é que se nós não tivéssemos determinação e dureza, seríamos certamente um fraco ministro das Finanças e nem o país nem o primeiro-ministro Cavaco Silva perdoariam uma situação desse género».

«DL» - *Como é que entende que deve ser apreciado o grau de realização das metas de inflação do Governo: face ao antigo índice, ou face ao novo?*

MC - «Não lhe posso responder a essa pergunta em termos definitivos, porque ainda não conheço de perto o novo índice de preços no consumidor. Essa questão, antes de mais, carece de uma explicação técnica da parte do INE. Eu espero ter uma conversa longa com o seu presidente, mas as nossas metas foram estabelecidas com base no índice velho.

Mas já agora, deixem-me falar do desemprego, porque os dados mais recentes que chegaram às nossas mãos são excelentes».

«DL» - *O senhor ministro tem-se referido ao conceito de desemprego em sentido restrito, o que parece não ser a melhor maneira de medir o desemprego...*

MC - «Em sentido lato, ele também tem diminuído muito. Aliás a taxa de desemprego em sentido lato e a taxa de desemprego em sentido restrito, andam muito correlacionadas. Mas nós temos que usar a taxa de desemprego em sentido restrito, porque esta é que é comparável com a taxa de desemprego dos países da CEE. Essa taxa está actualmente em 6,6% no quarto trimestre de 1987, mantendo a tendência de baixa que vem já de há uns trimestres. A população empregada em 1987 cresceu significativamente e o desemprego em valor absoluto baixou, e portanto a taxa de desemprego não resulta de um jogo aritmético numerador/denominador. Isto é, mais uma vez, uma conjunção notável. Desculpem que eu use estes adjectivos, mas já que os jornalistas os não usam, nós temos que defender a nossa dama. Fazer baixar a inflação, fazer baixar o desemprego aumentando o emprego é uma conjunção dificílima de conseguir e temos é de manter esta boa performance».

«DL» - *Mas de qual quer maneira é correcto dizer que o número de desempregados é realmente superior àquele que é indicado em sentido restrito...*

MC - «Sim, mas o que eu lhe quero dizer é que quando quiser comparar Portugal com a Espanha, onde a taxa de desemprego é quase de 21%, a taxa de desemprego em Portugal comparável é de apenas 6,6%».

«DL» - *De qualquer maneira, existe a noção de que temos mais emprego, mas temos pior emprego...*

MC - «Isso tem a ver com a legislação laboral. Estou convencido que, se a legislação laboral não desse, como válvula de escape, os contratos a prazo aos empresários portugueses, o crescimento do emprego teria sido feito mais com contratos permanentes e portanto, com maior segurança para o emprego».

MIGUEL CADILHE EM QUATRO FRENTES NA BOLSA:

"Estamos todos a aprender"

«DL» - *Constata–se com frequência que a actuação do Governo em relação à Bolsa de nota alguma desorientação. Sucedem–se os recuos e os avanços, as alterações às regras de funcionamento do mercado e ao seu enquadramanto legal, assiste–se a hesitações permanentes. Parece estar–se perante uma política de vaivém. Co mo é que se explica esta situação? Não será que ela se transforma num factor de perturbação do mercado, gerador de ins tabilidade e falta de confiança?*

Miguel Cadilhe (MC) - «Não acho que se verifique essa sucessão de recuos e avanços. Trata–se fundamentalmente de um quadro legal que está desfasado. Repare que o decreto–lei mãe de todo o mercado de capitais, o 8/74, é muito antigo, está fora de época e nem sequer respeita todas as transformações de ordem estrutural por que passou a economia portuguesa. Quando a bolsa reaparece, passados vários anos de ter ficado perfeitamente liquidada, é evidente que o decreto–lei 8/74, que aliás é uma obra prima em termos legislativos, carece de mudanças e de adaptação às novas realidades. São esses ajustamentos que nós temos vindo a fazer aos poucos.»

«DL» - *Mas está a fazer ajustamentos por tentativas?*

MC - «Não, não é por tentativas. Vamos mudando aquilo que precisa de ser mudado. Repare também que muitas vezes temos que adaptar ao caso português as regras comunitárias. Não acho que tenhamos andado por tentativas. É evidente que quando o mercado está perturbado, como agora está, qualquer pequena alteração do quadro legal parece que causa mais perturbação. Nós temos vindo a adoptar as regras que consideramos fundamentais para o mercado, não nesta conjuntura, mas em termos de longo prazo.

Quanto à regra dos 5%, por exemplo, que nós suspendemos em Novembro passado e agora retomámos ao nível dos 15%, aí sim, actuámos por razões conjunturais. Quando estávamos na vertende descendente viu–se que a regra dos 5% estava a travar o reajustamento do mercado. Agora, quando já estamos na fase de estabilidade resolvemos introduzir a regra dos 15% de variação máxima, precisamente para evitar certas degenerescências que estavam a aparecer, sobretudo relacionadas com as ordens de venda ao melhor.»

«DL» - *Então não acei ta a acusação de que a maneira como está a legislar sobro o mer cado de capitais provoca instabilidade e perturbação?*

MC - «Não, não, de modo nenhum. Nós estamos a fazer mudanças do quadro legal, mas com os olhos no médio e longo prazo. Como disse, há uma ou outra alteração que terão razões conjunturais.

«DL» - *Senhor mi nistro, a reintrodução do limite máximo de va riação das cotações, dita da por razões conjunturais, como acaba de afirmar, corresponde à criação de uma mar gem de segurança que os investidores, nomeadamente os particulares de me nor dimensão, podiam ter aproveitado para entrar ou regressar ao mercado. Isso seria natural, mas parece não ter acontecido, porquê?*

MC - «Bom. Nós não podemos mandar nos pequenos, médios ou grandes investidores.»

«O Governo não é uma companhia de seguros»

«DL» - *Mas podem incentivá–los...*

MC - Podemos incentivar, mas não mais do que isso. Já tenho dito em várias ocasiões que o Governo não é uma companhia de seguros de riscos da bolsa. O que podemos fazer é recomendar prudência aos pequenos e médios investidores, e vimo–lo fazendo desde 1986.

Agora a prudência parece que salta aos olhos, mas aqui há uns meses atrás não. Toda a gente ia na euforia.

Mas repare que durante uma grande parte do ano de 87, durante seis meses, precisamente num momento crucial para a bolsa portuguesa, o Governo esteve impedido de exercer a sua função executiva normal. Em termos legislativos, a Assembleia da República estava pura e simplesmente dissolvida desde início de Abril, e até 15 de Outubro não tivemos função legislativa parlamentar. De modo que do ponto de vista da protecção dos pequenos e médios investidores e de outras funções fundamentais na moderação da bolsa, e na própria função tributária, o país esteve impedido de ver assumidas medidas fundamentais nos tais seis meses vitais de 87.

Quanto ao facto de os pequenos e médios investidores não aparecerem depois da adopção da regra dos 15% é preciso dizer que ela não constitui incentivo nenhum. É quando muito uma regra prudencial.»

«DL» - *Uma outra alteração há muito tempo anunciada para a bolsa mas ain da não concretizada é a introdução de uma segunda cotação diária. A 24 de Novembro, o presidente da Comissão Directiva da bolsa de Lisboa anunciou que esses sistema seria implementado muito rapidamente mas isso ainda não aconteceu. Por outro lado tem–se falado muito na desmaterialização e na imobilização dos títulos mas as medidas necessárias ainda não foram tomadas. Como é que es tamos em relação a estas questões?*

MC - «A segunda cotação é da competência das comissões directivas das bolsas de valores de Lisboa e do Porto e o Governo apenas tem de acompanhar essas decisões. Não deve determiná–las. É sobretudo uma questão operacional. Isto é, a comissão directiva da bolsa tem de apreciar se está ou não em condições de introduzir a segunda cotação. Penso que isso é uma questão de pouco tempo porque, segundo me têm informado os presidentes das bolsas, estão de facto a ser criadas as condições operacionais para a introdução do segundo preço.»

«É preciso dar tempo ao tempo»

«Quanto às liquidações, registou–se ao longo de 87 um crescimento muito, muito rápido, e inesperado na sua velocidade, que ninguém poderia prever. Isso trouxe aos operadores do mercado, quer bancos, quer corretores, o acúmulo de papel, de transacções, que ninguém estava preparado para acolher. Mesmo em termos de pessoal, as instituições e os corretores esgotaram todo o stock de pessoal e de meios operacionais para o efeito e certamente que daí surgiram atrasos. Esses atrasos estão a ser regularizados, mas mais uma vez é preciso dar tempo ao tempo, não só em matéria de cotações e de recuperação do mercado, mas também em matéria de regularização de eventuais atrasos que haja. É preciso, sublinho, dar tempo ao tempo.

Mas a responsabilidade desses atrasos nas liquidações pertence aos operadores do mercado não pertence ao Governo. O Governo não pode ser chamado à responsabilidade naquilo em que não tem responsabilidade. Quando as coisas correm bem, toda a gente diz que o Governo não deve meter–se; quando as coisas correm mal, o Governo é responsável por tudo.»

«DL» - *A questão do segundo preço é da competência das bolsas, mas a re gra dos 15% é da competência do Governo. Como é que elas vão ser articuladas uma com a outra?*

MC - «A Comissão Directiva da Bolsa de Lisboa, e a do Porto também, têm já indicações nossas sobre essa questão, que foi aliás abordada num Conselho Nacional das Bolsas de Valores. Espero que as comissões directivas ponham instruções públicas públicas sobre a matéria, mas não gostaria de estar a pronunciar–me enquanto elas não o fizerem.»

«DL» - *E quanto à desmaterialização dos títulos?*

MC - «A desmaterialização é de facto importante para o bom funcionamento do mercado, mas também tem efeitos e pressupostos difíceis de medir e preencher. Muitas pessoas gostam de ver os seus papéis materialmente corporizadas e por isso vamos avançar gradualmente para a desmaterialização.

Numa primeira e certamente longa fase vamos fazê–lo voluntariamente. As pessoas vão aperceber–se de que é muito mais cómodo e seguro ter os títulos desmaterializados do que na forma clássica de papel.

A prazo, daqui a uns anos, é natural que o sistema tenda por si próprio para a total desmaterialização; é natural que no fim do século vinte, por exemplo, os títulos estejam todos desmaterializados.»

«DL» - *Mas a desmaterialização não será imposta por via legislativa?*

MC - «Uma coisa é a desmaterialização dos títulos, outra coisa é a imobilização. Aliás ambas podem ser postas em conjunção. Para já, avançámos com um decreto–lei que está quase a ser publicado e determina o depósito obrigatório de títulos sempre que o titular quiser fazer transacções em bolsa. Mas uma vez feita a transacção, o novo titular pode levantá–los, se assim o entender. E antes da transacção, o titular, se quiser, pode ter os títulos em casa. Para os transaccionar em bolsa tem que os depositar e naturalmente vai reconhecer a vantagem de os ter depositados.

Quanto à desmaterialização estamos a preparar um decreto–lei que prevê as acções escriturais ou desmaterializadas. As empresas, mas também os próprios accionistas vão reconhecer vantagens nestas acções escriturais, mas, mais uma vez, é facultativo. A empresa decidirá em assembleia geral se emite ou não acções escriturais.»

Pacote legislativo em fins de Abril

«DL» - *Recentemente o Ministério das Finanças apresentou ao Conselho Nacional das Bolsas de valores um conjunto de me didas sobre o mercado financeiro. Qual é o objectivo de mais essa iniciativa legislativa?*

MC - «Mais uma vez é a modernização do quadro legal do mercado de capitais em Portugal. O pacote legislativo que neste momento está em apreciação no Conselho Nacional das Bolsas de Valores e que tem a ver, designadamente, com os fundos de investimentos mobiliários, abertos e fechados, com as acções escriturais de que falei, com as sociedades de corretores, com os mediadores do mercado monetário e cambial, com as obrigações que dão direito à subscrição de acções, ou obrigações com 'warrant', e com a admissão à cotação, adoptando as regras comunitárias.

Não se trata de modo algum de andar aos recuos e aos avanços, nem se trata de uma atitude precipitada. Precipitado da nossa parte teria sido avançar com o pacote legislativo algures em Setembro. Nós quisemos ter o conselho das bolsas a funcionar e levar–lhe este pacote legislativo, o que, naturalmente demora. Há sugestões de vários lados, mas neste momento estamos em condições de dizer que talvez até fins de Abril o pacote legislativo esteja aprovado. Não temos pressas nisto porque é uma mudança de tal modo estrutural que demorar mais uns meses, ou menos uns meses, não é isso que conta. Mais uma vez peço–lhe que não considere isto como recuos nem avanços nem zigue–zagues.»

«DL» - *Algumas das me didas desse pacote, nomeadamente as que res peitam à possibilidade de extinção dos fundos de investimentos, foram objecto de críticas públicas. O que é que pensa dessas críticas?*

MC - «Nenhum destes projectos e ante–projectos foi levado ainda a Conselho de Ministros e nós estamos abertos a todas as sugestões construtivas e que tenham fundamento. Quanto ao aspecto que referiu ele consta de um ante–projecto que nem sequer tem a posição do ministro das Finanças. Algumas das críticas que lhe têm sido feitas são atendíveis.»

«DL» - *Esta se mana a bolsa de Lisboa deu alguns sinais de recuperação. O se nhor ministro já disse que a bolsa tem vin do a contrariar a economia real. Acredita que é desta vez que isso vai deixar de acontecer.*

MC (sorrindo) - «Não...eu não posso fazer juízos desse género. De modo algum. Mais uma vez digo: deêm tempo ao tempo. A economia portuguesa vai a marchar muito bem e a bolsa há–se reflectir mais cedo ou mais tarde essa excelente marcha. Os resultados das empresas em 87 são muito bons, genéricamente, e quando eles começarem a aparecer com a publicação das contas de 87 e a distribuição de dividendos, certamente que isso também ajudará a recuperação da bolsa.»

«Observadores apontam excelentes oportunidades de compra de acções»

«DL» - *Alguns analistas da bol sa têm afirmado que para consolidar a re cuperação de que o mercado deu si nais na semana passada seria necessária uma actuação con certada dos investidores institucionais. Pensa promover essa concertação?*

MC - «O ministro das Finanças não pode assumir uma atitude desse género, porque seria temerária. Os investidores institucionais têm a sua responsabilidade e autonomia de decisão e assumem o risco inerente às decisões. Compete a eles e só a eles, cada um de per si, decidir se compram, vendem ou não fazem nem uma coisa nem outra, no mercado de acções. Não fiz nem devo fazer qualquer pressão nas decisões das instituições que operam no mercado. Quando muito posso ter opiniões, mas essas tenho–as como cidadão e não como ministro das Finanças».

«DL» - *Mas as opiniões do cidadão, quando transmitidas aos responsáveis da ban ca pública, acabam por ter um efeito decisivo...*

NA POLÍTICA:

"Não se pode agradar a gregos e troianos"

MC - «Não... o que posso dizer–lhes é que observadores imparciais, que dispõem de métodos de análise e de informações pertinentes, têm concluído que neste momento, no mercado de acções em Portugal, há boas oportunidades de compra».

«DL» - *O senhor ministro subscreve essa análise?*

MC- «Não. Eu disse apenas que há observadores competentes, bem posicionados e que nos merecem confiança e credibilidade, que têm afirmado que neste momento há boas, e até excelentes, oportunidades de compra. Ou seja: há acções, há papel, que vale a pena comprar. Mas como lhe digo esse juízo não é meu, nem do ministro das Finanças».

«DL» - *E a sua opinião de cidadão?*

MC - «Essa não lha posso dizer. Essa é minha».

«DL» - *Mas em outras ocasiões já actuou de forma diferente, nomeadamente aquando da adopção do sistema de variação livre das cotações?*

MC - «Não. Apenas fiz uma reunião com as instituições financeiras e pedi–lhes para me transmitirem qual seria a intenção de cada uma delas, de comprar ou não comprar, logo a seguir à nossa decisão de afastar o limite de variação das cotações».

«DL» - *E encara a possibilidade vir a repetir esse pedido agora?*

MC - «Eventualmente posso fazê–lo, apenas para bom acompanhamento do mercado. Mas repito: é apenas um pedido de informação. As instituições financeiras que me informem uma a uma, sem qualquer interferência da minha parte, sobre as sua eventuais intenções de compra nos próximos quinze dias».

«DL» - *Vai fazer isso?*

MC - «Não estou a dizer que vou fazer isso, estou a dizer apenas que hipoteticamente poderia fazer isso e poderia fazê–lo a todo o momento apenas para bom acompanhamento do mercado.»

«DL» - *Qual é a sua opinião sobre a informação referente à bolsa e o papel que ela tem tido?*

MC - «Em matéria de mercado de acções todos estamos a aprender. Não há no país ninguém que se possa considerar sabedor. A sabedoria exige muitos anos.

É uma aprendizagem rica e a experiência dos próprios erros serve para corrigir e para evitar erros futuros. Os orgãos de comunicação social também estão num processo de aprendizagem. Aliás, os orgãos de comunicação social serviram para amplificar fortemente quer a onda de euforia altista, de forma aliás muito pouco recomendável para o futuro, quer, depois, a onda pessimista e baixista.

Neste momento, vejo os orgãos de comunicação social, geralmente com um tom pessimista e a atribuir responsabilidades ao Governo, porque de facto o melhor é arranjar um bode expiatório. Também já tenho lido notícias que atingem o nível do ridículo, por exemplo quando dizem: só mudando o ministro das Finanças é que as cotações na bolsa sobem».

«DL» - *O senhor ministro é certamente o membro do Governo mais controverso e impopular entre a classe política. Consegue juntar contra si a direita e a esquerda parlamentar, empresários e sindicalistas e, segundo dizem alguns, até membros do seu Governo, caso da ministra Leonor Beleza...*

MC (incrédulo) - «a senhor ministra Leonor Beleza?»

«DL» - *Veio a público que ela saíu a chorar de uma reunião do Conselho de Ministros, por via de um desentendimento com o ministro das Finanças...*

MC - «Isso nunca aconteceu, mas peço–lhe que faça essa pergunta à ministra Leonor Beleza e vai receber certamente a mesma resposta.

«DL» - *Mas considera errada esta afirmação de que é uma personalidade política impopular e controversa, que desagrada a uns e a outros?*

MC - «Considero-a incorrecta, seguramente. Mas também lhe devo dizer o seguinte: em Portugal, depois de tantos anos de indisciplina financeira, e de governos curtíssimo em que o ministro das Finanças também tinha vida curta, não é fácil ser ministro das Finanças. Aliás se eu tivesse um comportamento mais tratável, certamente que seria um mau ministro das Finanças e não é isso que o país pretende, nem é isso que o primeiro ministro Cavaco Silva quer. Ou seja: para se ser ministro das Finanças em Portugal tem sido preciso, e vai continuar a ser preciso durante alguns anos, que se assumam decisões e que se tenha um comportamento que não agrade a muita gente. Por isso eu há pouco lhe dizia que não podemos agradar sempre a gregos e a troianos e muitas vezes é preciso desagradar a uns e a outros.»

«Não tem sido fácil acabar com privilégios»

«Muitas vezes temos que acabar com privilégios, por exemplo no domínio fiscal. Privilégios que não são justificados, e quando o fazemos, imediatamente as pessoas que até aí eram privilegiadas criam mal estar e o mal estar propaga–se muito rapidamente. Ultimamente, nos últimos meses, nós assumimos de facto algumas medidas para acabar ou reduzir os privilégios fiscais injustificados e isso não tem sido fácil como compreende.»

«DL» - *Admite que a personalidade do técnico Miguel Cadilhe se adequa mal ao perfil político que tem que ter o ministro das Finanças ou não? Dizem alguns que um dos problemas que existe entre esse técnico e os políticos, entre esse técnico e os empresários é que ele não sabe ser político...*

MC (rindo–se) - Ai, ai, a essa pergunta não posso responder. Respondo com resultados que são visíveis na economia portuguesa. A inflação está muito mais baixa do que estava há três anos atrás, o desemprego também. O investimento produtivo cresceu em 1987 como não crescia há vinte anos. Com estes resultados eu penso que o ministro das Finanças pode ser acusado de muitos defeitos, mas não pode ser acusado de ter falhado na política macroeconómica.»

«DL» - *Portanto não aceita que lhe falta o tal perfil político para estar onde está?*

MC - «Não, não, eu aceito isso e aceito outras coisas. Não me podem é dizer que tenhamos falhado na condução da política macroeconómica e que não tenhamos uma estratégia macroeconómica, isto é, para vários anos, recomendável para o país.»

«Decisão de que me tenha arrependido?.... até hoje não»

«DL» - *Em que momento, ou momentos, considera que, como ministro das Finanças, terá conduzido a política financeira menos bem do que poderia ter sido feito?*

MC - «Essa pergunta é a mais difícil de todas... obriga-me a uma auto-crítica.

Em algumas ocasiões tive de concluir que precisava de reajustar uma trajectória de uma variável macroeconómica ou de reajustar a dose de uma medida de política, mas penso (estou a fazer um esforço para cobrir os dois anos e meio de governação) que ao fazer esses reajustes nunca pequei por os fazer tardiamente ou por os fazer com dose excessiva. Isto é: (e estou a fazer um esforço para ser imparcial, o que é dificílimo porque estou a fazer juízo em causa própria) penso que não cometi falhas por excesso ou defeito de dose ou por desacerto no tempo das decisões de política. Em matéria de política macroeconómica é preciso também ter felicidade, ter sorte.»...

«DL» - *O senhor ministro tem tido essa sorte...*

MC - «Eu penso que temos tido de tudo: sorte e arte... e algum saber»...

«DL» - *Não há nenhuma decisão de que se tenha arrependido?*

MC - «Decisão de que me tenha arrependido... Até hoje, não».

À DEFESA

"Belmiro de Azevedo influencia-me tanto como Álvaro Cunhal"

«DL» - *Senhor ministro, para encerrar o capítulo da bolsa...* (**Nota da Redacção**: a restante parte da entrevista relativa à bolsa publica-se em texto autónomo)

MC - Sim, estou surpreendido de ver o Diário de Lisboa interessado na bolsa...

«DL» - *É matéria que interessa ao público e como tal não pode deixar de nos interessar.... Mas, acerca da bolsa, uma das coisas que tem interessado a opinião pública é precisamente o papel do seu ministério e do senhor ministro na revitalização do mercado bolsista, durante o ano passado. Gerou–se e mantém–se alguma controvérsia em relação a esse papel e foram mesmo produzidas acusações graves...*

MC (divertido) - «Essa agora...»

«DL» - *Não são raros os pequenos e médios investidores que acusam o Governo de os ter empurrado para uma aventura, que visava apenas a transferência de numerosas pequenas poupanças «para as mãos de alguns tubarões». Teria havido, afirmam, uma «operação conjugada» que visava isso mesmo. Incentivaram–se as pessoas, acrescentam os mesmos críticos, a apostar na bolsa, sabendo–se à partida que a realidade da nossa economia não condizia com aquilo que se estava a passar e que, no final, os resultados iriam ser aqueles que se verificaram, ou seja, a transferência das tais poupanças para os bolsos daqueles que dominavam os mecanismos da bolsa e controlavam o mercado... Como é que o senhor ministro comenta este tipo de acusações, frequentemente centradas na sua pessoa?*

MC - «Bom. Tenho lido também em alguns jornais estrangeiros comentários desse género sobre os governos francês, inglês, japonês, americano, e espanhol, porque em todos esses países houve uma crise da bolsa. Nós não podemos é imputar responsabilidades ao Governo, quando o Governo não pode substituir o papel e a decisão de cada investidor. Nós apenas chamámos a atenção dos investidores, sobretudo dos pequenos e médios, para os riscos efectivos que corriam ao investir na bolsa. Como disse, fizemo–lo desde 86 e chegámos a declarar publicamente que tivessem cuidado porque no mercado de capitais não há só bom papel e não há só ganhadores, também há perdedores. Fizemo–lo em várias ocasiões. Como sabe, quando tudo corre bem, os ouvidos não ouvem e os olhos não vêem.»

«Essa acusação não tem sentido nenhum»

«Mas essa acusação, como lhe chamou, de que o Governo teria permitido ou até estimulado a transferência de muitas pequenas poupanças para alguns beneficiários é evidente que não tem sentido nenhum, não tem sentido nenhum. Além do mais, o que aconteceu na bolsa portuguesa nos últimos meses foi uma cessação das expectativas de ganho. As pessoas tinham de facto uma expectativa de que iriam ganhar uma mais valia muito grande. Depois veio a vertente descendente das cotações e essa expectativa cessou. É claro que houve perdas efectivas. Também há ganhos efectivos. Mas isso é normal na bolsa. A dimensão que a bolsa ganhou em meados do ano de 87 é que foi inesperada e os investidores, sobretudo os pequenos e médios, ganharam a ilusão de que continuaria a ser sempre assim. Depois veio o colapso das bolsas internacionais, que rapidamente contagiou Portugal, e isso teve efeitos no curtissimo prazo.

Estou convencido de que se os investidores derem tempo ao tempo, a bolsa portuguesa vai recuperar a sua solidez e não vai deixar de reflectir o que se passa na economia real.

Agora compreenda que se vai a conduzir um automóvel, se a estrada tem vários sinais de trânsito para moderar a velocidade, se você insiste em conduzir depressa de mais a responsabilidade é sua, não é da polícia de trânsito, nem de quem fixa as regras do trânsito.

Foi uma coisa desse género que se passou na bolsa portuguesa.

Mais uma vez sublinho este facto primário, elementar: é que, de Março de 87 a Setembro de 87 o Governo esteve impedido de exercer as suas funções executivas normais.»

«DL» - *Mas o senhor ministro estimulou fortemente nesse período, através das intervenções públicas que foi fazendo, a participa -*

Continua na pág. 6

MIGUEL CADILHE EM QUATRO FRENTES

À DEFESA

Continuação da pág. 5

ção dos pequenos investidores no mercado bolsista...

MC - Nesse período não. Nesse período, quando muito, o que o Governo fez foi estimular a oferta, porque o grande problema do mercado era a procura estar muito, muito acima da oferta e portanto empurrava os preços para cima. Escrevi a duzentas empresas, todas elas de reconhecida solidez financeira, e, à priori, em condições de ir para o mercado oferecer o seu papel. Algumas dessas empresas, em número bastante significativo, responderam afirmativamente e foram. Aliás, ao ir, atenuaram o desequilíbrio entre a procura e a oferta. Se mais empresas fossem, menos os preços teriam subido, como subiram na escalada de Agosto e Setembro. Ninguém consegue construtivamente indicar outras formas de actuar, a não ser intervir administrativamente no mercado. Mas se o tivéssemos feito, teríamos sido condenados, aliás com razão e, a seguir, quando a crise da bolsa internacional viesse afectar a bolsa portuguesa teriam dito que nós fomos os causadores da crise entre nós.»

«DL» - *O Governo dispõe de alguma estimativa das perdas reais que os investidores tiveram na bolsa?*

MC - «Não, não. Os números que aparecem por aí são os tais que têm em conta a expectativa de ganho.»

As sete OPV's da SONAE

«DL» - *Voltando às acusações de que o senhor ministro e o seu ministério tem sido alvo. É um facto que elas subiram fortemente de tom com todo este caso das OPV's da SONAE, e com os alegados privilégios que seriam concedidos a esse grupo e aos lobbies industriais e financeiros do norte, de que tanto se tem falado. Porque razão é que o senhor ministro e o seu partido não aceitaram que estas suspeitas e insinuações fossem investigadas por entidades que não estivessem directamente dependentes de si, por exemplo, pela própria Assembleia da República.*

MC - «São instituições de independência indiscutível, notoriamente reconhecidas como competentes para o efeito. Para citar apenas as que têm maior relevância neste conjunto de inspecções - e custa-me fazê-lo, porque nós ao conversar sobre isto, parece que as estamos a pôr tácitamente em causa, ou a admitir que elas sejam postas em causa - , o Banco de Portugal e a Inspecção Geral de Finanças são instituições que nunca foram postas em causa na sua independência.

Mas aqui não há acusações nem suspeitas. Apenas resolvi mandar fazer um conjunto de inspecções a várias entidades, independentes umas das outras. Se nós quisessemos, como alguém disse, ocultar a verdade - verdade entre aspas porque para nós, até prova em contrário, a verdade é que tudo está bem - não teríamos mandado fazer inspecções a várias entidades independentes umas das outras. Porque a partir daí é impossível para qualquer membro do Governo ocultar o seu resultado.

É perfeitamente utópico admitir uma hipótese desse género, porque além do mais já disse que iria publicitar as conclusões desses diversos relatórios. Também já disse que tinha convidado uma pessoa independente do Governo, notoriamente conhecida, de competência indiscutível, independente e que julgo que ninguém, ninguém porá em causa, para me fazer o relatório final e conclusivo, conjunto, que reuna as conclusões de todas as inspecções.

Aliás quando na Assembleia da República o deputado Silva Lopes me disse que em vez de um inquérito parlamentar ele, Silva Lopes, aceitaria que nós designássemos uma pessoa e que a oposição designasse outra para fazer esse relatório final conclusivo, eu convidei o dr. Silva Lopes para fazer parte desse grupo...»

«Iniciativa do CDS é uma impertinência»

«DL» - *Mas não aceitou que fosse a própria Assembleia da República a designar alguém para essa função...*

MC - «Convidei o dr. Silva Lopes mas não como deputado. Não me compete apreciar as atitudes da Assembleia da República. Tenho apenas um conjunto de inspecções em curso e vejo a iniciativa de um grupo parlamentar da Assembleia da República de mandar fazer em paralelo um inquérito parlamentar como uma verdadeira im-per-tinência. Para além de ser uma impertinência é uma perturbação fortíssima na economia portuguesa, no clima de confiança empresarial, que deve ter causado uma perplexidade enorme aos empresários portugueses.»

«DL» - *Quer dizer que não aceitou o envolvimento da Assembleia da República no inquérito para não agravar essa perturbação na economia?*

MC - «Desculpe, não me compete a mim aceitar ou não eceitar, isso é uma decisão da Assembleia da República que é soberana. Eu apenas tenho o meu juízo, como membro do Governo, sobre essa iniciativa de um grupo parlamentar. Aliás, sendo esse grupo parlamentar o do CDS, a iniciativa é perfeitamente contra-natura, dada a doutrina do CDS.»

«DL» - *Na sua perspectiva o que é que explica então a guerra que o CDS lhe move nesta matéria? Será o facto de o engº Belmiro de Azevedo ter apoiado a campanha do actual Presidente da República, contra Freitas do Amaral?*

MC - «Só o CDS é que sabe responder. Mas só lhe digo que do ponto de vista visível, aparente, não encontro razões para esta atitude do CDS, a não ser o desnorteamento, o que significa precisamente a falta de razões.»

«DL» - *Mas se o seu partido tivesse aceitado a realização do inquérito parlamentar - como aconteceu em diversos casos em legislaturas anteriores - as suspeias não se esclareceriam mais rapidamente e de uma forma mais transparente?*

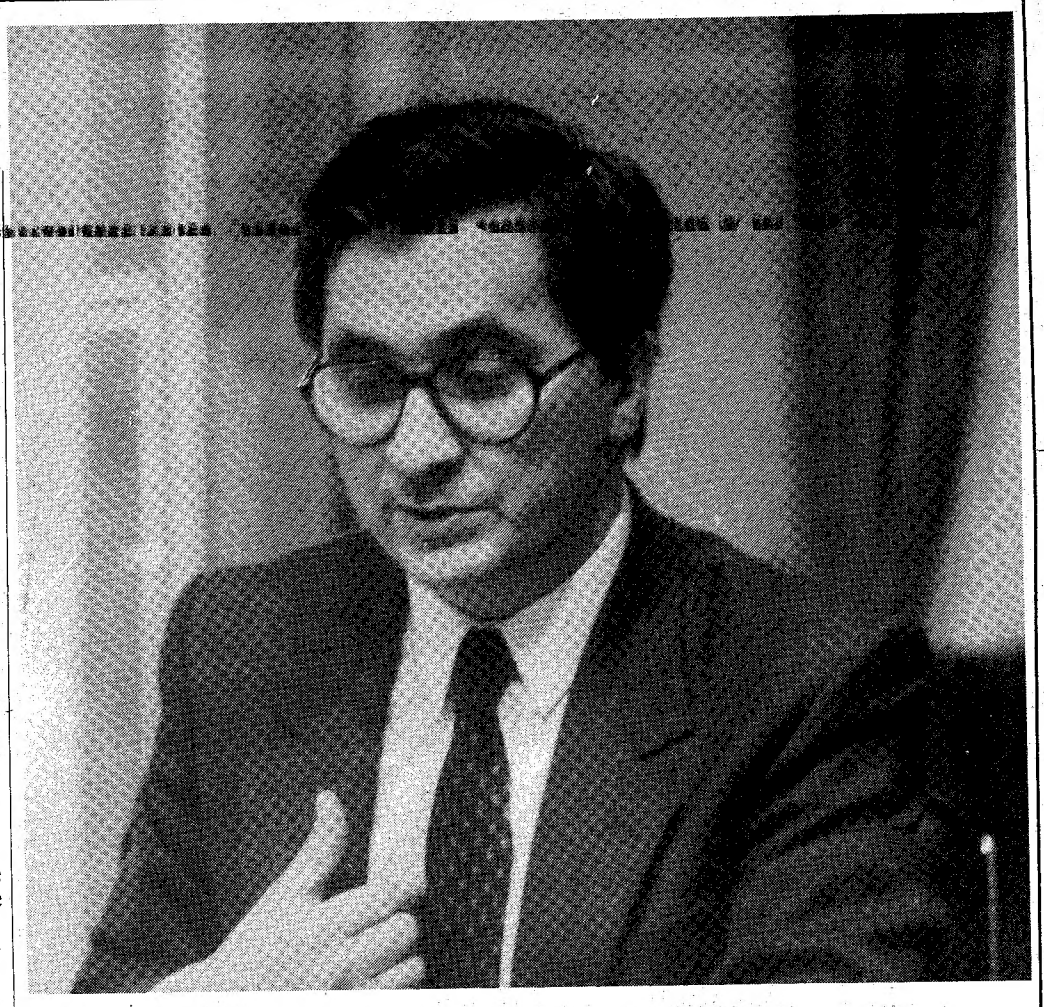
MC - «A Assembleia da República decidiu o que entendeu. Aliás os deputados da oposição não estão impedidos de fazer andar o inquérito parlamentar para a frente. Basta que haja cinquenta assinaturas. O que lhe digo, é que, do meu ponto de vista, é perfeitamente injustificado decidir fazer um inquérito parlamentar em paralelo com um conjunto de inspecções que estão em curso. Se o parlamento tiver dúvidas sobre a bondade e a justeza destas inspecções, então que aguarde uns dias, umas semanas, e vai ter a possibilidade de conhecer o resultado o seu resultado. Se esse resultado for no sentido de deixar dúvidas, então, nessa altura, será oportuno e será pertinente que a Assembleia da República decida fazer um inquérito parlamentar. Agora isto é uma iniciativa prematura do CDS e quando as iniciativas ou as decisões são permaturas reflectem desnorteamento, ou falta de maturidade, ou outras coisas análogas.»

«DL» - *Antes de mudarmos de assunto...*

MC - Mas olhe que eu tenho muito gosto e muito interesse em falar nesta coisa das sete OPV's. Repare que, no dia 14 de Janeiro, por decisão exclusivamente minha, que assumi aqui no meu gabinete, fechado, depois de ponderar tudo o que havia disponível, em termos de informação, todas as circunstâncias, todos os antecedentes e os consequentes da minha decisão, resolvi em minha consciência exclusiva, num acto de responsabilidade totalmente meu, mandar fazer aquele conjunto de inspecções. Mais tarde, passados oito dias, quando o despacho confidencial saltou para a comunicação social, e não era improvável que isso acontecesse porque havia 25 ou 24 entidades destinatárias, fiquei perfeitamente surpreendido ao ver o CDS, precisamente o CDS, a tomar a iniciativa de requerer um inquérito parlamentar.»

«Verdade não pode ser incómoda para o ministro das Finanças»

«Mas eu sublinho mais uma vez: a busca da verdade e, se houver consequências a tirar, a responsabilização total, doa a quem doer, não podem ser postas em causa quando um membro de um Governo de um país civilizado, europeu, ainda por cima na Comunidade Económica Europeia, decide assumir, com responsabilidade e com custos - custos, porque isto tem implicações, do ponto de vista de equilíbrio e de perturbação do mercado e das próprias instituições - decide fazer um conjunto de inspecções que elas próprias, ao serem desencadeadas, vão implicar, forçosamente, que se alguma coisa estava mal ela venha ao de cima. Porque é impossível, impossível, esse membro do Governo segurar relatórios que saiam de uma Inspecção Geral de Finanças, de uma Direcção Geral das Contribuições e Impostos, de um Banco de Portugal, de um Auditor Geral do Mercado de Títulos, dos revisores oficiais de contas dos bancos que apoiaram as operações e dos próprios conselhos de administração desses bancos. Como é que é possível a um membro do Governo segurar a verdade se a verdade for incómoda? Aliás, incómoda para o membro do Governo em causa nunca poderá ser porque o ministro das Finanças não teve qualquer interferência nessas operações. As operações não vieram à decisão do ministro das Finanças.»



Caso SONAE:

'Sinto uma vontade de reagir à flor da pele'

«DL» - *Enquanto membro do Governo, como é que reage às acusações, que assumem um aspecto muito evidente e claro, que são feitas em relação à sua ligação ao Banco Português do Atlântico e ao grupo SONAE? Qual é o seu sentimento quando vê pessoas, até de áreas políticas próximas da sua, insinuar publicamente a existência de relações menos transparentes entre o senhor ministro e essas entidades?*

MC - «Olhe sinto uma vontade de reagir à flor da pele, porque, de facto, nunca na minha vida me deixei conduzir por influências ou por parâmetros desse género. Quem me conhecer sabe muito bem que assim é. Quanto ao Banco Português do Atlântico, eu não rejeito nem a terra de onde venho, nem a família de onde provenho, nem a empresa onde trabalhei, e continuarei a trabalhar um dia que regressar. Aliás é uma empresa pública. Tenho muita consideração pelo Banco Português do Atlântico, como instituição e, naturalmente, como empresa de que sou quadro. De resto, o Banco Português do Atlântico não tem influência nas minhas decisões.»

«Belmiro de Azevedo e Álvaro Cunhal tem a mesma influência sobre as minhas decisões»

«Quanto à SONAE, é uma boa empresa portuguesa, o centro de um grupo que respeito, porque de facto é dos grupos mais activos e mais dinâmicos da nossa economia. Lamento aliás que o grupo esteja no seio de toda esta controvérsia, ainda por cima por iniciativa do partido da direita portuguesa, que em princípio devia ser o mais respeitador da iniciativa privada. Mas devo dizer-lhe que, quanto ao grupo SONAE e ao seu empresário Belmiro de Azevedo eu tenho por eles uma admiração grande, como tenho por outras personalidades, por exemplo, pelo Álvaro Cunhal. Mas Quer o Belmiro de Azevedo quer o Álvaro Cunhal têm ambos a mesma influência sobre as minhas decisões. Isto é: zero.»

«DL» - *Senhor ministro, falou há pouco na defesa da iniciativa privada e ouvi há dias empresários portugueses criticarem a sua acção, em termos muito severos, justamente por bloquear, ou pelo menos nada fazer pela resolução de um problema que tem a ver com a possibilidade de a iniciativa privada actuar plenamente. Refiro-me ao caso Mendes Godinho e à família fundadora desse grupo. Os empresários em questão disseram mesmo que o Ministro das Finanças os persegue. Qual é o seu comentário?*

MC - «Como vê não posso agradar a gregos e a troianos ao mesmo tempo e, por vezes, desagrado a uns e a outros. Por um lado dizem que sou susceptível de pressões e, por outro, lamentam-se pelo facto de eu não dar seguimento a outras pressões. O que acontece é que, quanto a esse caso Mendes Godinho, ele está na esfera das relações jurídicas entre o banco, que é uma empresa como qualquer outra e a própria família Mendes Godinho. De resto, não lhe posso dizer mais nada porque não interfiro, por princípio, na esfera jurídica das empresas públicas, como não interfiro na das privadas.»

Assembleia abriu debate sobre a incriminação pelo primeiro-ministro

IMUNIDADE DE HELENA ROSETA NÃO DEVERÁ SER LEVANTADA

Daniel Reis

A imunidade parlamentar da deputada Helena Roseta não deverá vir a ser levantada, segundo garantiu esta manhã no plenário da Assembleia da República o deputado Costa Andrade, do PSD, sem prejuizo de a queixa–crime apresentada pelo Primeiro Ministro, Cavaco Silva, à Procuradoria–Geral da Republica, ficar suspensa no tribunal à espera que Roseta deixe o Parlamento.

Este parece ser, aliás, o objectivo de Cavaco Silva: mostrar ao País que não pode deixar impune a suspeição de ter favorecido a Sociedade Estoril–Sol, a troco de favores ao PSD e, por outro lado, industriar a sua bancada para não retirar, com o voto maioritário de que o Governo dispõe na Assembleia, a imunidade parlamentar que protege Helena Roseta de ser chamada a juizo, enquanto for deputada.

Ao abrir os trabalhos da Assembleia, na manhã de hoje, o Presidente Vitor Crespo leu o ofício do Primeiro–Ministro, comunicando a queixa à Procuradoria–Geral da República para a abertura de procedimento criminal contra a deputada independente da bancada do Partido Socialista.

O impacto no plenário foi violento e as reacções de todas as bancadas proporcional ao choque, seja as das oposições bramando contra a ousadia de Cavaco Silva—nunca um deputado português fora pronunciado no Parlamento, desde 1820, ainda que Reis e Presidentes tenham sido atingidos na sua honra ao longo de mais século e meio de vida parlamentar—seja a da maioria, em defesa emocional do Primeiro–MinistroS pela voz do social–democrata Costa Andrade.

Helena: «Só daqui sairei pela força das armas»

O Partido Socialista comunicou, na ocasião, que ia requerer a abertura de um debate na Assembleia sobre o caso Helena Roseta, e a própria deputada em causa garantiu ao plenário que não aceitará uma decisão judicial que ponha em dúvida a sua imunidade parlamentar:

«Só me retirarão da Assembleia pela forca das armas» disse Helena Roseta, justificando essa obstinação pelo facto de ter sido «eleita pelo voto do Povo Português para o representar» e não vacilar nessa representação.

Manifestou, uma vez mais, a sua desconfiança no Primeiro–Ministro mas garantiu confiar, ainda, «na dignidade e na consciência dos deputados do PSD, face a este ataque inconstitucional à Assembleia da República».

«Eu não recebo ordens do chefe, não tenho medo do chefe e o chefe não me calará, nem me retirará da Assembleia. Só daqui sairei pela força das armas enquanto tiver o voto do povo português para o representar», concluiu Helena Roseta.

Costa Andrade, do PSD, respondeu–lhe para estar descansada, pois «não será a Joana d´Arc de 1988» e forneceu uma indicação sobre a evolução do caso ao dizer que «é natural o processo crime parar até acabar a imunidade parlamentar. Mas até lá o procedimento do Primeiro–Ministro e o processo que se seguirá serão perfeitamente legais».

Helena Roseta, esta manhã no Parlamento: «Enquanto tiver o voto do Povo Por tuguês, só daqui sairei pela força das armas»

A opinião de constitucionalistas

Na sua obra «A Constituição Portuguesa Anotada», Gomes Canotilho e Vital Moreira referem–se ao nº 1 do artigo 160, relativo à imunidade parlamentar, sublinhando que a responsabilidade aí prevista «implica desde logo que os deputados não podem responder, por causa dos seus votos ou opiniões, pelos chamados crimes de responsabilidade, nem quaisquer outros».

Segundo os dois conhecidos constitucionalistas, os deputados «também não incorrem em qualquer responsabilidade civil ou disciplinar com os fundamentos em votos de opinião«.

Se chegar a haver votação

Vai soar a hora da verdade para o PSD

Vai soar a hora da verdade para os deputados do PSD na Assembleia da República, sujeitos a uma decisão grave perante as suas consciências e ao julgamento da opinião pública, em função da atitude que assumirem no caso Helena Roseta, quando o procedimento criminal que lhe moveu o Governo for votado em escrutínio secreto a realizar no Parlamento.

Para mal dos pecados da família social–democrata, este julgamento é logo exigido em razão de um seu antigo membro, a deputada Helena Roseta, que já foi figura destacada do PSD, nos temos de Sá Carneiro e Francisco Balsemão, e entrou em dissidência posterior, para regressar à Assembleia como independente, eleita nas listas socialistas.

Roseta fez no Parlamento acusações graves ao comportamento do Governo perante a Sociedade Estoril–Sol, que foi autorizada a protelar sem juros as prestações de contrapartida à concessão do jogo no Casino; reuniu já depois disso as 30 assinaturas de deputados exigidas para que um seu pedido de inquérito seja discutido no plenário da Assembleia da República. Agora o Governo decide accioná–la judicialmente, um caso grave e nunca visto na história do Parlamento português.

Votação só depois do despacho de pronúncia

Ontem, o Presidente da Assembleia da República informou os lideres parlamentares que tinha recebido a comunicação oficial do procedimento criminal, da autoria do Governo, contra a deputada da bancada do PS. Posta a delicada questão, oficialmente, aos deputados na habitual sessão plenária das quintas–feiras, só a partir de hoje começa a contagem decrescente até soar a hora da verdade para os deputados da maioria. Só eles poderão decidir, com o seu voto, se Helena Roseta deve ou não ser julgada, depois de lhe levantarem a imunidade parlamentar definida pela Constituição da República e o Estatuto dos Deputados.

Segundo o Estatuto dos Deputados, a autorização para que Helena Roseta responda criminalmente pelas opiniões emitidas no exercício das suas funções, como foi o caso, é decidida por maioria absoluta e será tomada por escrutínio secreto. Logo, é necessário o voto do PSD para se formar a maioria absoluta, dado que na oposição a opinião é unanimente contrária ao julgamento. Como o voto é secreto, será a consciência individual de cada deputado social–democrata e não as ordens do Partido ou do seu lider Cavaco Silva, a decidir quando a hora da verdade soar para cada um dos deputados e para o conjunto da bancada da maioria.

No entanto, e independentemente das intenções do Governo comunicadas à AR, é necessário para o processo de votação se desencadear que Helena Roseta seja indiciada definitivamente por despacho de pronúncia ou equivalente (art. 11º do Estatuto dos Deputados, número 2). Além disso, o escrutínio secreto só se fará depois de emitido o parecer da Comissão de Regimento e Mandatos, a que preside Montalvão Machado, deputado do PSD. Recorde–se, a propósito, que este deputado viu o seu nome ligado, sem nunca ter sido entretanto pronunciado judicialmente, a alguns personagens do caso de corrupção na Polícia Judiciária do Porto.

A informação do Governo ao Presidente da Assembleia da República foi recebida na terça–feira passada.

A conferência de lideres de ontem à tarde confirmou, entretanto, os agendamentos já feitos para os próximos dias, nomedamente a sessão de perguntas ao Governo marcada para amanhã de manhã, a pedido do PCP.

Falta determinar a data do começo do debate do Regimento da Assembleia da República, pois há atraso nos trabalhos preliminares da Comissão que estuda os projectos do PSD, PS e PCP. Este é outro assunto para o plenário de hoje decidir.

PCP acusa o Governo de impedir visita à EDP

O Grupo Parlamentar do Partido Comunista emitiu ontem um comunicado em que acusa o ministro da Indústria de impedir uma visita da Comissão Parlamentar da Indústria às instalações da EDP.

Esta visita, segundo os deputados do PCP, fora decidida por unanimidade da Comissão e autorizada pelo Presidente Vitor Crespo. Só no próprio local foram informados da proibição da sua realização.

«Acto prepotente do ministro e um verdadeiro afrontamento institucional que põe em causa o exercício das competências da Assembleia da República», qualificou o Grupo Parlamentar do Partido Comunista esta proibição do ministro Mira Amaral.

Diz Correia Afonso

Afirmações de Roseta ofenderam Governo

O líder da bancada do PSD na Assembleia da República desmentiu ontem que o seu partido tenha dado indicação aos deputados sociais–democratas para votarem favoravelmente o levantamento da imunidade parlamentar a Helena Roseta.

Segundo Correia Afonso, «o Governo sentiu–se ofendido com as afirmações de Helena Roseta no Parlamento e comunicou isso à Procuradoria–Geral da República, que enviará o processo para os tribunais».

Para o dirigente social–democrata, não está em causa a imunidade parlamentar de Helena Roseta, mas sim a apresentação por esta deputada independente eleita pelo PS de um pedido de inquérito à forma como se prorrogou o pagamento de verbas provenientes do jogo do Estoril, assunto cujo debate na Assembleia não está ainda agendado.

Recorde–se que o pedido de inquérito apresentado inicialmente por Roseta à forma como se prorrogou o pagamento das verbas obtidas com o jogo do Estorilo foi recusado pela maioria PSD, mas a deputada conseguiu as 30 assinaturas necessárias para levar avante a iniciativa sob a sua responsabilidade.

PRD «não quer acreditar»

Entretanto, o PRD manifestou ontem a sua «incredulidade face ao teor de notícias» que indicam ter o Governo dado instruções ao Procurador–Geral da República para proceder criminalmente contra a deputada independente do PS, Helena Roseta.

Em comunicado, a Comissão Permanente dos renovadores democráticos refere que a sua tomada de posição se deve às notícias veiculadas pela Comunicação Social «dado que, até agora» o seu grupo parlamentar não teve qualquer informação a esse respeito da Assembleia da República.

Adianta aquela estrutura dirigente do PRD que «não se quer tão pouco acreditar que o Governo pretenda demandar criminalmente um deputado por afirmações proferidas na própria Assembleia da República e no exercício das suas funções». «Primeiro, porque tal seria manifestamente inconstitucional», depois, «porque tal procedimento representaria uma clara e muito grave ameaça à liberdade de opinião e de acção dos deputados e, por isso, da própria instituição parlamentar». A finalizar, a Comissão Permanente do PRD manifesta «desde já» a sua solidariedade à deputada Helena Roseta.

Entretanto, a Comissão Directiva dos renovadores reune–se hoje, pelas 21 horas, para discutir a preparação do Conselho Nacional de sábado.

Grande mobilização para comício do Campo Pequeno

OCTÁVIO PATO: PCP 'NÃO ESTÁ DOENTE'

— Dirigente de Setúbal defende "renovação profunda"

O PCP vai celebrar os 67 anos «num ambiente festivo e de confiança», considerou Octávio Pato, membro da Comissão Política do partido, em declarações à Lusa.

Manifestando a esperança de que o comício marcado para sábado próximo, no Campo Pequeno, onde há sete anos não se fazem manifestações de carácter partidário, reflicta «o ascenso da luta de massas» e «o desgaste da imagem do Governo», Octávio Pato salientou que o PCP «está este ano com uma intensíssima actividade em todo o País». Pato referia–se à Festa do Avante, marcada para Setembro, e ao 12º congresso, anunciado para os primeiros dias de Dezembro.

O comício do Campo Pequeno, que envolve uma mobilização para além do distrito de Lisboa, será precedido por uma série de «alvoradas com foguetes em vários concelhos da capital e por desfiles que contarão com 300 viaturas. Entrecampos, Saldanha, Picoas, Areeiro e a Praça de Espanha, são os cinco pontos da cidade escolhidos para outros tantos desfiles, no sábado, até ao Campo Pequeno.

Interrogado sobre o debate interno no seu partido, Pato disse haver «uma campanha de direita para que o PCP se desvincule dos princípios de Abril», acrescentando que «quem fala em renovação da imagem, deseja que o PCP se acomode a situações como a integração na CEE ou a participação portuguesa na NATO».

Aquele dirigente comunista disse também que algumas das ideias expressas no chamado «documento dos seis», divulgado em Janeiro, «de certo modo coincidem com a campanha de direita, embora não identifiquemos os ideais de alguns camaradas com essa campanha». Pato admitíu, entretanto, que o PCP viveu «um período de dificuldades» após as eleições de 19 de Julho e referíu a possibilidade de existir «desânimo» ou uma «crise de consciência de alguns comunistas». Considerou, no entanto, que «o PCP não está doente».

Carlos Ramildes: «renovação mais profunda»

Também em declarações à Lusa, o dirigente da Organização de Setúbal e membro da Comissão Política do PCP, Carlos Ramildes, sublinhou haver «a ideia da necessidade de uma renovação mais profunda e mais operativa do que em anteriores congressos».

«O próprio lugar de secretário–geral pode ser alterado ou confirmado, mas o facto de Álvaro Cunhal ter 74 anos é um dado a considerar», acrescentou Ramildes.

Comentando a hipótese de aplicação de sanções ao grupo «renovador», de que faz parte Vital Moreira, o dirigente comunista frisou que «no PCP discutem–se ideias e não há qualquer intenção de expulsar seja quem for, até porque a expulsão exige sempre a decisão do Comité Central». Segundo ainda Ramildes, «o facto de ter sido publicado um documento crítico sem que os seus autores se tivessem pronunciado sobre a intenção ou não da publicação também não os ajuda nada».

Cavaco na cimeira da NATO

Presença de forças dos EUA na Europa "é essencial"

A permanência das forças norte–americanas na Europa foi ontem considerada «essencial» pelo Primeiro Ministro português já que, em seu entender, tal «significa a coesão da Aliança e o compromisso dos EUA na defesa da Europa».

Para Cavaco Silva, que intervinha, em Bruxelas, na sessão da tarde da cimeira de líderes da NATO na qual discursaram todos os 16 dirigentes ocidentais presentes, o reforço do pilar europeu da organização é «essencial», mas «deverá verificar–se acima de tudo no quadro da NATO e tendo sempre presente a necessidade de cooperação entre os dois lados do Atlântico».

Citado por fontes oficiais, Cavaco Silva disse perante os líderes da Aliança que Portugal «atribui grande importância à estrutura militar integrada», naquilo que alguns observadores consideraram uma alusão directa à situação da Espanha na Aliança Atlântica. Ao justificar a sua afirmação, o chefe do Governo português sublinhou que a estrutura militar integrada «faculta mecanismos apropriados de defesa e materializa a vontade política de uma defesa comum».

Recorde–se que o Governo espanhol apresentou recentemente às estruturas directivas da NATO uma proposta para a comparticipação militar na organização que não prevê a integração na estrutura militar aliada, o que não é bem acolhido por alguns dos aliados.

Ao pronunciar–se sobre a própria cimeira, Cavaco disse que ela deve reflectir «o compromisso essencial da Aliança na preservação da paz e dos valores ocidentais, através do reforço das capacidades de defesa, segurança dissuasão». Depois de manifestar o seu apoio ao diálogo entre os EUA e a URSS com vista à obtenção de um acordo de redução de armas estratégicas, o Primeiro Ministro adiantou que, simultâneamente, «devem ser criadas condições para a correcção dos desiquilíbrios convencionais que se verificam».

Cavaco Silva, que recordou ter reafirmado em Washington ao Presidente Reagan o apoio de Portugal ao acordo sobre eliminação de forças nucleares de alcance intermédio (INF) e á sua entrada em vigor, frisou que os acordos com o Leste devem ocorrer em paralelo «com o compromisso de melhorias qualitativas nos direitos e nas liberdades fundamentais» matéria em quem, sublinhou, os ocidentais devem ser particularmente determinados». «A democracia é, para todos na Aliança, um valor essencial. A sua defesa uma causa comum», disse.

Entretanto, foi ontem divulgada em Bruxelas uma declaração da responsabilidade dos Chefes de Estado e de Governo presentes na cimeira na qual se defende a redução assimétrica das forças convencionais leste–oeste e a sua reestabilização a níveis mais inferiores.

Nova CN do PS reúne-se no domingo

Constâncio preside em Paris a reunião de socialistas

A Comissão Nacional do Partido Socialista saída do Congresso reune–se pela primeira vez no domingo, em Lisboa. Objectivo: eleger os orgãos estatutários previstos, nomeadamente o Secretariado Nacional, proceder à análise da situação política e discutir e aprovar o regulamento dos congressos federativos.

Entretanto, hoje e amanhã, o secretário–geral do PS português, Vitor Constâncio, preside em Paris a uma reunião de líderes dos grupos parlamentares socialistas e sociais–democratas europeus.

Na reunião será debatida uma estratégia socialista europeia para fazer face à situação económica actual e produzirá um texto final que servirá de base para os debates nos diferentes parlamentos nacionais. O principal objectivo da iniciativa é o de lançar uma semana de debates simultâneos nos diferentes parlamentos da Europa sobre a economia mundial, após a quebra no outono nas mais importantes bolsas de valores mundiais.

Esta semana de acções, que será organizada de 7 a 11 deste mês, foi decidida pelos presidentes dos grupos socialistas e sociais–democratas na sua reunião, em Bruxelas, dia 14 de Janeiro.

Vitor Constâncio presidirá à reunião na sua qualidade de Presidente da União dos Partidos Socialistas da Comunidade Europeia, enquanto Jorge Sampaio representará o PS português.

Participam no conclave, que decorrerá no Palácio dos Congressos, os presidentes dos grupos parlamentares socialistas e sociais–democratas da Comunidade Europeia e o presidente do grupo socialista do Parlamento Europeu.

Além de Constâncio e Sampaio comparecerão à reunião o italiano Gianni di Michelis, o alemão federal Wolfang Roth, o espanhol Michel Angel Hartinez, o britânico Stuart Holland, o dinamarquês Ritt Byee–Regaard, o luxemburguês Aly Sihroeder e o belga Alain van der Biest e sociais–democratas da Europa.

Açores devem participar na negociação do acordo das Lajes

— defende Mota Amaral

A região autónoma dos Açores «deve participar nas conversações sobre a base das Lajes», defendeu Mota Amaral em declarações ao «Diário de Notícias» do Funchal.

O chefe do Executivo açoriano afirma na entrevista ter «estranhado, naturalmente, que não tivesse sido incluído na comitiva do Governo português que foi aos Estados Unidos tratar da negociação da base das Lajes» e acrescenta ter transmitido já «essa estranheza através dos canais competentes».

Frisando que o processo «entra agora numa nova fase com a abertura das conversações entre as duas partes», Mota Amaral considerou que a posição portuguesa «tem de ser concertada» e assinalou o direito constitucional dos Açores de participar nas conversações.

Mota Amaral defendeu, a propósito, a necessidade do acordo das Lajes e da cooperação luso–americana trazer «mais benefícios,e mais alargados, aos Açores, nomeadamente nos âmbitos económico e cultural» e admitíu que «através do diálogo será possível ultrapassar as dificuldades existentes».

Carlos Melancia optimista quanto ao futuro de Macau

O governador de Macau, Carlos Melancia, acentuou que a mobilização dos agentes económicos é fundamental «para a concretização de todos os projectos que tenham como objectivo um futuro melhor e mais próspero para o território».

Discursando, ontem, no jantar da Primavera da Associação Comercial de Macau, Carlos Melancia notou o empenhamento da administração portuguesa no processo do território, salientando que os grandes empreendimentos consolidarão irreversivelmente um futuro «com maior capacidade para Macau se determinar por si».

«O facto de o ano novo que celebramos (Ano do Dragão) ser também primeiro do período de transição impõe–nos como imperativo histórico a obrigação que a administração portuguesa assume por inteiro, de comprovar o empenhamento português de contribuir decisivamente para um surto de progresso ainda mais acentuado para Macau, no quadro da declaração conjunta» luso-chinesa, frisou.

O presidente da Associação Comercial, Ma Man Kei, que é igualmente deputado à Assembleia Legislativa de Macau e ao Congresso Nacional Popular em Pequim, sublinhou na sua intervenão que o ano de 1987 se caracterizou pela «prosperidade e paz social e pelo crescimento económico do território reflectido no desenvolvimento da actividade económica».

Tal como o governador Melancia, Ma Man Kei referiu que o Ano Novo do Dragão coincidiu com o primeiro ano do período de transição e sublinhou que os grandes empreendimentos que serão lançados até Dezembro (aeroporto e porto) trarão a Macau «condições vantajosas para a modernização e progresso» do território «bem como para incrementar as relações com os territórios vizinhos».

PCP de Setúbal apresenta festas do 67º aniversário

"NÃO VEMOS QUALQUER UTILIDADE NO PAPEL DO DELEGADO DO GOVERNO"

—*afirmou Carlos Ramildes, do Comité Central*

O PCP de Setúbal não vê «nenhuma utilidade no papel desenvolvido pelo delegado do Governo» para aquele distrito, ao passo que a governadora civil tem desenvolvido «uma actuação ridícula» — afirmou Carlos Ramildes, da Comissão Política do Comité Central daquele partido e um dos responsáveis da sua direcção no distrito de Setúbal, durante a apresentação do programa das Festas do Partido Comunista Português nesta região, alusivas ao seu 67.º aniversário.

Em duas pinceladas, Carlos Ramildes traçou o quadro da situação que a nível decisório se vive no distrito de Setúbal, considerando a governadora civil — Irene Aleixo — «uma figura ridicularizada» e, no mínimo, inábil, o que ficou provado mesmo quando esteve à frente do Centro Regional de Segurança Social», lembrou.

Defendendo a criação das Regiões Administrativas, o dirigente comunista chamou a atenção para a circunstância de a governadora civil ser do partido que está no poder, quando no distrito de Setúbal, onze das treze Câmaras Municipais são da ex-APU.

«Há mais de um ano que a governadora civil não convoca uma assembleia distrital, o que é absolutamente ilegal» — acusou.

Carlos Ramildes é de opinião que «o distrito de Setúbal sofre as causas de uma política antidemocrática que se arrasta há onze anos, mas onde muitos dos problemas das populações têm sido resolvidos graças à actuação do Poder Local».

«No distrito de Setúbal — disse — dá gosto viver, pelo grande dinamismo que ali se verifica.»

na sua opinião, as «manobras demagógicas do PSD» naquele distrito «têm esbarrado com a consciência das populações».

Criticando o PROSET, «por aceitar medidas da CEE, que são contra o desenvolvimento da região», carlos Ramildes apontou como exemplo desta situação, que considerou inadmissível, o «não desenvolvimento da Siderurgia, pois em Portugal há apenas uma, ao contrário do que sucede noutros países europeus».

paralelamente, fez o elogio do Plano Integrado para o Desenvolvimento do Distrito de Setúbal (PIDDS), da responsabilidade da Associação de Municípios.

Oportunismo eleitoral

Aliás, um documento entregue aos jornalistas, da responsabilidade da direcção regional de Setúbal do PCP, considera a Operação Integrada de Desenvolvimento da Península de Setúbal (OIDPS), integrada no PROSET, como uma «componente de oportunismo eleitoral e de demagogia».

«Desde o início, ficou patente a enorme componente de oportunismo eleitoral e de demagogia desta iniciativa, lançada pelo anterior Governo do PSD, virado para uma região que, possuidora de índices de qualidade de vida superiores à generalidade do País, sofre, porventura, mais do que outras, devido à estrutura do seu tecido económico e social, a acção política governamental, desastrosa para todo o País.»

Os comunistas acusam a OIDPS de ignorar «deliberadamente os esforços e propostas feitas pelo movimento operário sindical, autarquias e agentes económicos, para encontrar formas alternativas de respostas ao encerramento de empresas e ao desemprego e implantar novas indústrias e actividades».

A direção regional de Setúbal do PCP afirma que «esta OIDPS de iniciativa governamental», «no essencial, visa aproveitar as vantagens comparativas da região no quadro da CEE, recorrendo aos fundos estruturais da Comunidade».

Em contrapartida, manifesta-se favorável ao PIDDS, da responsabilidade da Associação de Municípios de Setúbal, porque «diferentemente da OIPS», «contempla a situação do conjunto do distrito e não só da península, em todas as suas vertentes — económicas, sociais, biofísicas, de ordenamento territorial e institucionais».

De qualquer forma, os comunistas de Setúbal entendem que entre os dois estudos há «áreas de consenso em relação a projectos propostos», embora afirmem que «a origem, objectivos, metodologia e área geográfica considerada sejam diferentes».

Comício e almoços

O ponto forte das comemorações do PCP será, segundo os responsáveis daquele partido, o comício, a realizar no dia 5, no Campo Pequeno, em Lisboa.

Eurogabinete do Porto leva informação às empresas

O Eurogabinete do Porto foi ontem apresentado nas instalações da Exponor, em Matosinhos. Aquele orgão técnico de informação das Comunidades Europeias destina-se a apoiar as actividades, programas e regulamentações das pequenas e médias empresas (PME) e é uma criação da Associação Industrial Portuguesa.

O director do Eurogabinete, Rui Peixoto Duarte, defendeu que os gabinetes comunitários são instrumentos de diálogo entre o mundo das empresas e o mundo da Comissão Europeia. «O Eurogabinete do Porto, juntamente com o de Lisboa, insere-se no primeiro projecto lançado pela Comissão Europeia no âmbito do seu programa de acção para as pequenas e médias empresas», sendo esta iniciativa ainda um projecto piloto da comunidade.

Peixoto Duarte salientrou que «qualquer empresário que pretenda aceder ao mercado comunitário pode utilizar o Eurogabinete , mediante o preenchimento de um questionário que garante, simultaneamente, a confidencialidade da empresa».

O Eurogabinete do Porto inclui-se numa rede comunitária de 39 organismos de apoio informativo sobre assuntos europeus na área das principais cidades dos Estados-membros.

Dispondo de documentação base. entre outras coisas sobre mercados de financiamento, o gabinete possui equipamento informático que permite o acesso a um conjunto de bancos de dados comunitários, nomeadamente o Celex (base de dados preparatórios relativo a legislação e questões parlamentares comunitárias) e o SCAD (Serviço central automatizado de documentação bibliográfica).

O Eurogabinete tam ainda acesso aos sistemas TED, versão informatizada do jornal oficial das CEE, e Pabli, que contém informações sobre a situação de projectos financiados pelas Comunidades noas países da África, Caraíbas e Pacífico, região mediterrânica e noutros países em desenvolvimento da Ásia e América Latina.

Câmara suporta custos de melhoramentos no Bairro Alto

A Câmara Municipal de Lisboa decidiu suportar os custos com melhorias em habitações no Bairro Alto, com especial relevo para a construção de instalações sanitárias, de que muitos fogos não dispõem. A resolução foi tomada com base numa proposta do vereador Vasco Franco.

Segundo o comunicado dos vereadores socialistas, «os custos de melhorias a introduzir nas habitações não serão debitados aos proprietários dos imóveis, pelo que não poderão ter quaisquer reflexos nas rendas pagas pelos moradores».

Nos termos da proposta a presentada pelo vereador do pelouro de Obras e responsável pelo programa de recuperação do Bairro Alto, «nas obras coercivas a realizar», 26 por cento do custo do total das obras a fazer em cada imóvel podem «ser utilizados para introduzir melhorias nas condições de habitabilidade».

Por outro lado, esses 26 por cento não serão debitados aos proprietários «assumindo a Câmara o custo social desta intervenção» e os melhoramentos a introduzir nas habitações «não poderão ser invocadas para aumento extraordinário das rendas».

Esta resolução enquadra-se no âmbito do programa RECRIA, Regime Especial de Comparticipação na Recuperação de Imóveis Arrendados.

Informação

REVISÃO DOS ACORDOS DE EMPRESA
COMUNICADO

No passado dia 28 de Fevereiro, a CP chegou a acordo com um conjunto amplamente representativo de sindicatos da Empresa, o que permitiu a reposição da normalidade do serviço.

O acordo alcançado consubstancia-se numa actualização em percentagens variáveis de diversas prestações pecuniárias e de 7,2% na tabela salarial, ao que corresponde um acréscimo de massa salarial no período de vigência do acordo de 7,79%.

Integra também o acordo final um protocolo pelo qual a Empresa e os Sindicatos reconhecem a necessidade e se comprometem a negociar a revisão de certas regras de prestação e suspensão do trabalho, por forma a torná-las semelhantes às praticadas na generalidade das redes ferroviárias, nomeadamente nas europeias.

Dessa revisão e da consequente racionalização do aproveitamento dos recursos humanos disponíveis resultará, como benefício directo para os trabalhadores, sem acréscimo de encargo para a CP, a redução de uma hora na prestação efectiva de trabalho semanal.

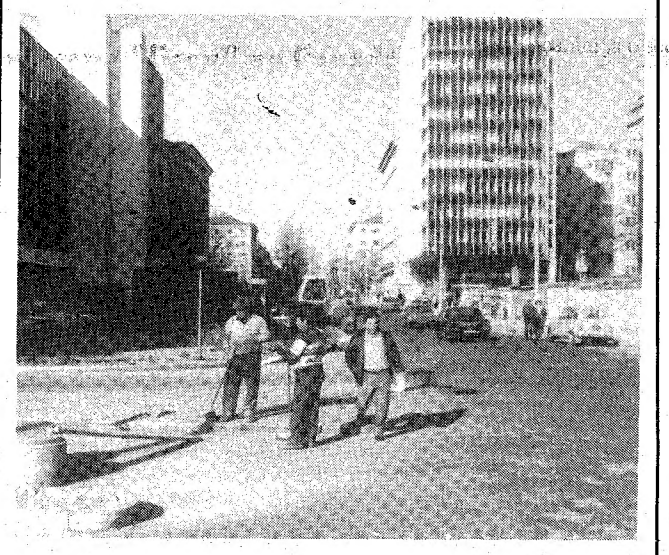
O CONSELHO DE GERÊNCIA

Lisboa, 2 de Março de 1988

Caminhos de Ferro Portugueses

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Pavimentação prossegue em três zonas de Lisboa



O trânsito rodoviário na zona da Praça Dr. Sá Carneiro (Areeiro) continua condicionado às obras de pavimentação (foto) que ali estão a decorrer ao longo de 45 dias. Igualmente em curso outras obras de pavimentação na capital, embora menos morosas, tal como acontece na Rua Ortigão Ramos (São Sebastião da Pedreira) e na Rua de Santa Marta.

A informação foi fornecida ao «DL» pelo chefe Maravilha, da Divisão de Trânsito da PSP de Lisboa, que referiu a ocorrência de sete acidentes nas últimas 24 horas de que resultaram cinco feridos ligeiros e dois graves.

Quanto à Brigada de Trânsito da GNR registou, em idêntico período, nas estradas sob o seu controlo, 82 acidentes, causadores de cinco mortos e 30 feridos, onze dos quais com gravidade. O oficial de dia no Quartel das Janelas Verdes capitão Costa, disse que um dos mortos foi um peão, cuja identidade se desconhece, atropelado por um automóvel, cerca das 19 e 15, quando caminhava pela Auto-Estrada do Norte, no sítio de Rixosa, próximo de Vila Nova de Gaia.

Ontem de manhã, um motociclista de 24 anos, Domingos Pereira Frazão, sucumbiu quando a motorizada que conduzia foi abalroada por um camião, que procurava ultrapassar, em Caves, Cabeceiras de Basto, no distrito de Braga. O falecido, casado e pai de um filho, era natural de Santa Eulália e residia em Ribeira de Pena.

Um curto-circuito ocorrido pelas 17 e 45 de ontem paralisou durante 35 minutos toda a circulação ferroviária (entradas e saídas) na Estação do Cais do Sodré. A situção só ficou normalizada cerca das 18 e 20 não tendo sido até ao momento divulgados os motivos da avaria.

Ausência de filho atrasa funeral

O funeral de uma sexagenária que, no passado domingo, foi atropelada mortalmente por um atomóvel foi embargado por familiares e amigos que aguardam a chegada de um filho da vítima que actualmente cumpre uma pena de prisão na Cadeia de Vale de Judeus, em Alcoentre.

A morta residia no Bairro de Ramalde, no Porto, e a junta de freguesia local, através da respectiva assistente social, solicitou à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais autorização, a título excepcional, para o filho poder assitir à cerimonia fúnebre.

Este pedido não foi no entanto atendido e os amigos da vítima, assim como os moradores da freguesia, impediram a realização do cortejo enquanto se estão a desenvolver novas diligências para se conseguir a presença do recluso.

Refere a Lusa que o funeral de Cândida da Luz esteve marcado para ontem mas que ficou adiado para a tarde de hoje, na expectativa de que o seu filho, Luciano da Luz compareça «a tempo de se poder despedir da mãe».

GALP
DINAMIC
Gasóleo

Estarreja viveu ontem dia diferente

EXERCÍCIO CORREU BEM MAS COM ALGUMAS FALHAS

A vila de Estarreja viveu ontem, durante duas horas e picos, um dia diferente na sua vida: uma fuga simulada de gás tóxico que pôs em acção um plano de emergência e protecção que se espera nunca venha, de facto, a funcionar. Sinal, pois, que disso não haverá necessidade e que a sua população não correrá perigo. Porque o exercício-operação de ontem foi apenas para testar todos os mecanismos, meios e agentes disponibilizados para a segurança e protecção das pessoas e da vila, a dezanove quilómetros da cidade de Aveiro. Balanço final, segundo os responsáveis: correu bem, embora com algumas falhas, como aqui se diz.

A «cena» passou-se assim: uma fuga de gás tóxico ocorreu às 10 horas e 5 minutos de ontem, na fábrica de produtos químicos, Uniteca. Catorze minutos depois foi evacuada também a fábrica Isopor, perto do local, devido a uma nuvem tóxica que se formou. Tratava-se, como já perceberam — e como inicialmente referimos — de uma fuga simulada: os operários continuaram a trabalhar e o ar manteve-se puro na vila e arredores.

O exercício correu bem, mas com deficiências. Através dele se simulou em Estarreja um grave acidente provocado por uma fuga de gás tóxico. As comunicações falharam por erro de planeamento, disse o director do Plano de Emergência activado na zona.

O coronel Paranhos Teixeira, director operacional do Plano, disse no final do exercício que houve também «atrasos» no que respeita à rede logística de apoios e de socorros. Elogiou, contudo, a acção dos bombeiros, da GNR e dos responsáveis das quatro empresas de produtos químicos que participaram no exercício simulado.

O ministro da Administração Interna, Silveira Godinho, que se deslocou também aos vários locais supostamente afectados pela nuvem tóxica, disse que as empresas — Quimigal, Uniteca, Isopor e Cires — articularam o plano global montado para o exercício de ontem os seus próprios esquemas de protecção.

Sobre a maneira como decorreu o exerício, o ministro salientou que foram «adquiridos conhecimentos para os exercícios seguintes». Por outro lado — concluiu —, o equipamento de comunicações montado para o exercício ficará permanentemente na zona de Estarreja.

Receio afastou algumas pessoas

O coronel Paranhos Teixeira explicou que, para o exercício esteve montado um esquema de auxílio a nível nacional que seria accionado caso fosse necessário. A fuga fictícia de gás, segundo o esquema do exercício, deu-se na fábrica da Uniteca.

No exercício participaram cerca de 300 pessoas, entre pessoal da Protecção Civil, Forças Armadas, bombeiros, GNR e responsáveis e operários das empresas.

Embora o esquema do exercício tenha sido explicado à população ao longo de várias semanas, muitas pessoas optaram por se ausentar ontem da região de Estarreja, com receio do que poderia acontecer, disseram à Lusa várias fontes da Protecção Civil e da Câmara local.

As mesmas fontes salientaram, sem especificar, que terá havido «um boicote deliberado» ao exercício e uma «campanha de desinformação», de grupos e pessoas que se escusaram a apontar.

Embora alertadas há várias semanas para o exercício, várias pessoas de Estarreja síram da vila, uns para o Porto, outros para Fátima, e alguns para Lisboa, a pretexto do jogo de futebol Benfica - Anderlecht — revelaram fontes do Serviço Nacional de Protecção Civil e da Câmara Municipal de Estarreja.

As mesmas fontes afirmaram que «alguém desencaadeou uma campanha de contra-informação, metendo medo às pessoas, que julgaram que iria haver mesmo uma fuga de gás tóxico.»

O exercício decorreu no âmbito de uma campanha europeia de prevenção de acidentes e de organização de socorros, integrando-se num conjunto de iniciativas semelhantes efectuadas em cinco países da CEE.

As operações foram dirigidas por responsáveis do Serviço Nacional de Protecção Civil e da Direcção-Geral de Qualidade do Ambiente, como atrás se diz.

Em termos teóricos, até às 10 horas nenhum dos responsáveis das quatro grandes fábricas de produtos químicos existentes em Estarreja — Quimigal, Uniteca, Isopor e Isopor e Cires — sabiam onde é que se iria dar a fuga simulada.

Silveira e Macário assistiram ao exercício

Eram 10 horas precisas quando responsáveis das fábricas abriram um envelope lacrado e ficaram a saber que a fuga «aconteceu» na Uniteca.

No entanto, habitantes da zona afirmaram à Lusa que «há vários dias se sabia» que a fuga iria acontecer na referida fábrica.

O ministro da Administração Interna, Silveira Godinho, o secretário de Estado adjunto, Branquinho Lobo, e o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, assistiram à «catástrofe», na primeira fila do Cine-Teatro de Estarreja.

Silveira Godinho e vários técnicos e especialistas da Comunidade Europeia estão a seguir o exercício através de um circuito interno de televisão.

Sabe-se que houve «feridos graves» e que, para eles, foi montado um hospital de campanha perto de Estarreja, por um batalhão de pára-quedistas da Base de São Jacinto.

Na fábrica da Uniteca, os operários subiram aos locais mais altos para evitar o gás tóxico, enquanto nas três restantes fábricas foram accionadas as necessárias medidas de segurança.

Toda a «cena» que em linhas gerais se acaba de contar teve os seus momentos patéticos e confusos. A saída de carros e ambulâncias dos BV locais gerou o pandemónio, enquanto a chegada de dois jipes da GNR provocou risota. Durante o exercício — insistindo em aspectos que numa nova «operação» deverão ser abolidos — camiões e camionetas, nomeadamente veículos «TIR», circularam na estrada sem dificuldades de maior, porque a EN não foi «cortada».

A GNR de Estarreja também participou neste exercício de gás, sendo motivo de chacota por parte de alguns populares

HÁ COMBOIOS MAS PÁRA TRANSTEJO E METRO

No sector dos transportes a «guerra» entre sindicatos e conselhos de gerência ainda não terminou, apesar de alguns acordos pontuais. Enquanto o Sindicato dos Maquinistas da CP anuncia a sua resolução de ratificar o acordo de princípio negociado com a empresa e desconvoca a greve prevista para amanhã, os ferroviários filiados na Federação afecta à CGTP suspendem em plenários a paralisação mas discutem a adopção de «outras formas de luta», e os barcos da Transtejo e o Metropolitano de Lisboa estarão parados amanhã, além de ter sido já entregue novo pré–aviso de greve para terça–feira, dia 8.

As comissões negociadoras sindicais da Transtejo e do Metro entregaram já às respectivas administrações pré–avisos de greve para o dia 8.

No Metropolitano de Lisboa, as reuniões entre sindicatos e Conselho de Gerência resultaram em fracasso, mantendo–se por parte da empresa a proposta de aumento salarial de 6,9 por cento, valor inaceitável para qualquer dos sindicatos.

Segundo Augusto César, da FESTRU, «a manutenção da greve de amanhã e a convocação de outra para terça–feira foi decidida em plenário de trabalhadores, independentemente do sindicato em que estão filiados, pelo que se espera novamente uma adesão total». Aquela estrutura sindical, afecta à CGTP, contrapõe 11,5 por cento de aumento na tabela salarial, proposta que «é negociável». O SITRA, sindicato filiado na UGT, reivindica aumentos de nove por cento.

Anselmo Vassalo, do SITRA, afirmou ao «DL» que o diferendo entre sindicatos e Conselho de Gerência não deve ser resolvido na reunião da próxima segunda–feira, pois «os valores por eles apresentados mantêm–se há semanas».

Na Transtejo, a Comissão Negociadora Sindical encontra–se hoje reunida com a administração da empresa fluvial, numa tentativa de se chegar a acordo. Caso tal não aconteça, a paralisação de 24 horas anunciada para amanhã realizar–se–á, bem como outra no dia 8.

Entretanto, na CP o conflito não está ainda resoolvido. O Sindicato dos Maquinistas, que domingo passado tinha assinado um acordo de princípios com a administração, salvaguardando no entanto que a sua aprovação dependeria da resolução dos trabalhadores, afirmou esta manhã ao «DL», através de um dos seus sindicalistas, Alberto Borges, que «na reunião de ontem de delegados e dirigentes sindicais foi decidido ratificar o acordo de princípio negociado com a empresa, pelo que a greve marcada para amanhã foi desconvocada».

Recorde–se que a proposta da empresa ferroviária que agora será ratificada por aquele sindicato era de um aumento de 7,2 por cento na tabela salarial, redução do horário semanal de trabalho em uma hora e a criação de um subsídio nocturno.

Este acordo não foi no entanto aceite pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses, que convocou para hoje plenários em vários pontos do país para «auscultarmos os trabalhadores sobre se se cumpre a greve de amanhã ou se se retomam outras formas de luta», segundo afirmou ao «DL» José Ribeiro, daquela estrutura sindical. A decisão foi a supensão da greve, mas outras formas de luta estão a ser estudadas.

O mesmo sindicalista disse que «o Conselho de gerência decidiu, em reunião, que as negociações estavam encerradas, o que nós não aceitamos pacificamente e vamos continuar a lutar».

Entretanto, os trabalhadores da Carris estão hoje na expectativa, para ver se o Conselho de Minsitros decide levantar, na sua reunião de hoje, a requisição civil. Caso tal não aconteça, a UGT já afirmou que levará o assunto à OIT.

Gasolineiros: greve é possível

A comissão executiva da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal informou que decidiu propor aos sindicatos de garagens e postos de abastecimento de combustível uma greve nas empresas do sector.

Em causa estão os salários dos trabalhadores do sector, que a Federação sustente serem «dos mais baixos do país», e as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho que «desde há dois anos se arrastam», segundo um comunicado daquela Federação. A data da eventual paralisação não está ainda decidida.

Tapoban contesta Governo

A maioria dos trabalhadores da Topoban, empresa de aglomerados de madeira, protestou ontem, junto à Câmara de Amarante, contra o atraso da resposta do Governo a uma proposta de viabilização entregue em Agosto do ano passado.

Representantes dos trabalhadores, que foram recebidos pelo presidente da Câmara, Joaquim Teixeira, disseram que a falta de resposta à proposta entregue ao ministro do Planeamento e Administração do Território, Valente de Oliveira, «coloca em causa a totalidade dos postos de trabalho».

Depois do encontro com os trabalhadores, o presidente da edilidade enviou uma mensagem sobre o assunto ao Primeiro–Ministro.

Para os trabalhadores, a intenção da administração de suspender cerca de metade dos 900 trabalhadores «não dá quaisquer garantias de que os suspensos venham a ser reintegrados», afirmou um dirigente sindical.

Rolando Abreu, da gerência da empresa, disse que a empresa continua a aguardar uma resposta do Governo ao contrato de viabilização que lhe foi apresentado.

A Tapoban tem dívidas que ascendem a cerca de dois milhões de contos e os seus principais credores são a Electricidade de Portugal, a banca e as Finanças, para além dos trabalhadores, que se encontram com três meses de salários em atraso e subsídios acumulados de vários anos.

A empresa entende que o Estado lhe deve proporcionar incentivos fiscais prometidos pelo anterior regime, aquando da instalação de uma outra unidade fabril em Vila Pouca de Aguiar, e que foram confirmados por um dos últimos governos de liderança socialista.

A situação na empresa agravou–se também devido ao aumento dos custos de produção e à flata de reconversão dos seus processos produtivos. As crises por que tem passado motivaram um surto de greves no Natal de 1986, mas uma nova administração tem vindo a manter a fábrica em laboração.

SETACOOP acorda novos salários

O Sindicato dos Empregados Técnicos e Assalariados da Construção Civil, filiado na UGT, acordou uma nova tabela de salários para o sector, que «representa um aumento da ordem dos nove por cento», anunciou a direcção.

O subsídio de refeição passou para 235 escudos o que, segundo aquele sindicato, se traduz num aumento de 11,9 por cento.

De acordo com as tabelas fornecidas pelo sindicato, o grupo profissional mais elevado, o grupo I, ficará com um salário de 62.600 escudos, e o mais baixo (grupo XVIII) receberá mensalmente 20.400 escudos.

Função pública exige divulgação de resultados

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública decidiu «exigir» do Governo a divulgação dos resultados dos trabalhos de uma comissão do sistema retributivo criada há mais de um ano pelo Primeiro–Ministro.

Um comunicado da Federação reclama também a «urgente alteração do sistema remuneratório» da função pública, que «elimine as assimetrias existentes».

A Federação diz ter elaborado um estudo que indica que, na administração pública, não há qualquer lógica do sistema remuneratório em vigor e que se verifica «uma profunda desadequação do actual esquema de letras às realidades funcionais e remuneratórias».

Civis das FA recebidos pelo provedor de Justiça

Uma delegação sindical dos trabalhadores civis das Forças Armadas foi recebida pelo provedor de Justiça, Almeida Ribeiro, com quem discutiu questões como o estatuto do pessoal não militar.

As estruturas sindicais consideram o estatuto em vigor «obsoleto» e «enfermando dos mesmos vícios de um outro», recentemente declarado inconstitucional, informou a Federação dos Sindicatos da Função Pública.

Segundo os trabalhadores, com a declaração de inconstitucionalidade, foi reposto em vigor um estatuto anterior que «em certos aspectos, é ainda mais gravoso, nomeadamente por permitir que, em matéria disciplinar, seja aplicado aos trabalhadores civis o regulamento de disciplina militar».

O «impedimento do exercício da actividade sindical nos locais de trablaho» e questões relativas às carreiras profissionais dos cerca de 10 mil trabalhadores do sector foram também apresentadas ao Provedor de Justiça.

Os trabalhadores afirmaram ainda que Almeida Ribeiro se comprometeu a estudar as questões que lhe foram apresentadas para poder colaborar na sua resolução.

Cintura industrial contra pacote laboral

Os representantes dos trabalhadores da Cintura Industrial de Setúbal (CIS) decidiram, em plenário, «mobilizar os trabalhadores para as formas de luta que venham a ser decididas e se justifiquem para o derrube do pacote laboral».

A decisão foi tomada por unanimidade no plenário das comissões de trabalhadores do distrito de Setúbal, que ontem se reuniu no Sindicato dos Rodoviários, naquela cidade.

Presentes comissões de trabalhadores de 17 empresas do distrito, cinco das quais nacionalizadas, representando um total de 31 250 trabalhadores.

O plenário, que analisou a situação laboral, decidiu ainda «continuar a exigir da Assembleia da República o respeito integral pelos direitos dos trabalhadores e a inviabilização das medidas contrárias ao direito ao trabalho, segurança e estabilidade no emprego».

Para os elementos da cintura industrial de Setúbal, «a terceira versão do projecto de diploma do pacote laboral contém o mais brutal ataque aos direitos humanos do mundo do trabalho e do Portugal de Abril».

Plenário de sindicatos da CGTP discute jornada de luta enquanto a UGT se defronta com "guerra interna"

A Comissão Executiva da CGTP propõe hoje ao plenário de sindicatos nela filiados que marque uma acção de luta para dia 17 e madate a direcção da central sindical para decidir outras acções, incluindo a greve geral. Tudo leva a crer que só perante os resultados deste «dia nacional de luta» a CGTP decida se adere ou não à greve geral convocada pela UGT. Entretanto, o Secretariado Executivo da UGT encontra–se reunido para discutir a forma de luta preconizada pela sua direcção contra o pacote laboral do Governo, numa altura em que se noticia a recusa dos TSD de a efectuar, caso a outra estrutura sindical participe.

A situação é cada vez mais complicada para a UGT. Difícil, segundo Torres Couto, foi já a resolução de apelar à greve geral, mas desde que essa posição foi assumida as divergências entre a tendência socialista e a social–democrata cresceram no seio da central.

Como o «DL» noticiou, os Trabalhadores Sociais–Democratas (TSD) encontravam–se numa posição delicada: por um lado assumir a posição da central a que pertencem; por outro o facto de terem de tomar uma posição pública contra o Governo e o partido que apoiam, o que se verificou na reunião do seu Conselho Nacional, em que tomaram uma posição dúbia sobre o assunto.

Agora, parece que encontraram a «saída» possível para a situação: se a CGTP apoiar a greve geral, os TSD demarcam–se dela.

Complicada está cada vez mais a situação para o secretário–geral da UGT, Torres Couto. Depois de ter apelado para a «convergência» de acções do movimento sindical, numa clara referência ao apoio da CGTP à greve geral decretada pela sua central sindical, encontra–se agora na situação de ver que a greve pode fracassar devido às divergências dentro da UGT.

Para além disso, o seu crédito público foi ontem abalado, quando o ministro do Emprego e Segurança Social, Silva Peneda, afirmou perante as câmaras da televisão que Torres Couto lhe havia dado indicações de que estava de acordo com a versão do pacote laboral aprovado pelo Governo: «Torres Couto, em conversa comigo, antes de analisar em detalhe a última versão da proposta de diploma, deu todos os indicadores de que dava acordo à versão», disse o ministro referindo–se a uma conversa que teve lugar no seu gabinete, cerca de oito dias antes da aprovação do pacote laboral em Conselho de Ministros.

Enquanto isso, a CGTP mantém uma posição de ponderação: nem diz que aprova a greve geral, nem que o não faz. Vai analisar a questão.

Por outro lado, como a jornada do dia 17 engloba acções diversificadas — segundo Manuel Lopes afirmou — manifestações, concentrações, greves e paralisações, plenários e reuniões de empresa, a sua posição de repúdio pelo pacote laboral está defendida.

CLIENTE DE D. BRANCA AFIRMOU CONHECER FALSIFICAÇÃO DE RECIBOS DE 100 MIL CONTOS

Na sessão de ontem na Boa Hora do julgamento de D. Branca, Engrácia da Silva, arguida no processo, declarou ter tido conhecimento de que um colaborador da «Banqueira do Povo» teria falsificado recibos no valor de 100 mil contos e recebido por isso dez mil contos.

Engrácia Ulisses, de 41 anos, doméstica, foi detida em Outubro de 1984 e saiu três meses depois caucionada, tendo decidido ir trabalhar para Espanha. Referiu ao tribunal ter regressado de Angola em 1975 «sem nada» e, porque tinha a seu cargo o agregado familiar constituído pelos pais e um filho, actualmente de 13 anos, dedicou-se ao comércio de roupas.

A arguida disse ter conhecido D. Branca em Março de 1984 quando foi ao seu escritório na Avenida Rio de Janeiro, levada por uma outra pessoa, onde depositou 1200 contos das suas economias. A partir daí Engrácia afirmou ter voltado várias vezes aos escritórios de D. Branca, onde recorda ter visto sempre quatro pessoas, três das quais passavam os recibos e D. Branca assinava, e de ter recebido, em sua própria casa, dinheiro de depositantes que lhe pediam para entregar à «Banqueira do Povo».

«As pessoas faziam bicha e, como me conheciam de vender roupas, pediam-me o favor de receber o dinheiro, trazer o recibo e às vezes também os juros» — referiu, frisando nunca ter recebido de D. Branca quantias em dinheiro, mas confirmou ter recebido prendas, nomeadamente perfumes e outros produtos de beleza.

Instada por um dos juízes do Colectivo, Engrácia Ulisses justificou elevadas quantias entregues em espaços de quinze dias (2 mil e 2 500 contos) para pagamento de um andar «com o produto da venda de roupas» que fazia no escritório de D. Branca, porque «lá havia muitas senhoras interessadas.»

Na sessão de ontem foi ainda ouvido o arguido Carlos Bragança, que afirmou nunca ter sido angariador de D. Branca e que o escritório onde recebia depósitos, instalado numa sala independente da sua casa, estava sempre fechado. «As pessoas quando queriam é que batiam à porta» — disse. Não conseguiu contudo justificar um cartão de visita em seu nome e de sua mulher constante do processo e que foi entregue em casa de uma queixosa, quando lhe foi entregar o recibo.

Ambos os réus afirmaram desconhecer onde e como eram aplicados os dinheiros de D. Branca e ainda a existência de qualquer livro de escrita.

O julgamento prossegue amanhã pelas 14 horas.

«CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA DE REMODELAÇÃO DA RUA AUGUSTA»

ANÚNCIO N.º 24/88

1 — Concurso promovido pela Câmara Municipal de Lisboa — Direcção dos Serviços de Obras — 1.ª Repartição (Construção e Reconstrução de Arruamentos) Rua da Palma, 169, em Lisboa — Telefone n.º 86 31 61.
2 — Concurso Público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
3 — a) Local de execução — Rua Augusta;
b) Empreitada de remodelação da Rua Augusta.
O preço base do concurso é de 36 650 000$00, com exclusão do IVA.
4 — O prazo de execução da obra é de 25 semanas.
5 — a) O processo de concurso e documentos complementares, podem ser adquiridos ou examinados, todos os dias úteis, na 1.ª Repartição da DSTE — Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171-C, dentro das horas de expediente. Também estão patentes as peças do referido processo de concurso, a fim de poderem ser examinadas, na DSO — 1.ª Repartição (Construção e Reconstrução de Arruamentos), sita na Rua da Palma, 169, dentro das horas de expediente;
b) O pedido do processo pode ser feito até 8 dias antes da data do acto público do concurso;
c) O montante a pagar pelo fornecimento do processo de concurso é de 14 494$00.
6 — a) As propostas deverão ser apresentadas até às 17.30 horas do 30.º dia contado a partir do dia seguinte à data da publicação deste anúncio no «Diário da República»;
b) A sua entrega far-se-á na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais — Av.ª 24 de Julho, 171-C, em Lisboa;
c) As propostas deverão ser redigidas em português.
7 — a) Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito;
b) O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 6 alínea b), a partir das 14.00 horas, do dia útil seguinte ao da entrega das propostas.
8 — A caução é de 5 % do preço total da adjudicação e terá de ser prestada pelo concorrente preferido no prazo de 8 dias a contar da data da notificação da adjudicação.
A caução será prestada por depósito em dinheiro ou títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou mediante garantia bancária ou seguro caução, conforme escolha do adjudicatário.
9 — O tipo de empreitada é por Preço Global, sendo a modalidade de pagamento a estipulada no número 4 do art.º 16.º do Decreto-Lei 235/86, de 18 de Agosto.
10 — Podem concorrer empresas ou grupos de empresas que declarem a intenção de se consituírem juridicamente numa única entidade ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária tendo em vista a celebração do contrato.
11 — Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como Empreiteiros de Obras Públicas na IV e V categorias ou 1.ª subcategoria de IV categoria e 4.ª subcategoria da V categoria e da classe correspondente ao(s) valor(es) da(s) proposta(s).
12 — O prazo de validade das propostas é de 90 dias, contados a partir da data do acto público do concurso.
13 — A adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, atendendo-se aos seguintes critérios, por ordem decrescente da sua importância:
1.º Garantia de boa execução e qualidade técnica
2.º Preço da proposta
3.º Prazo Global
4.º Prazos parcelares
5.º Plano de pagamentos

Paços do Concelho de Lisboa, em 1988/02/19

O VEREADOR,
Pedro José Del-Negro Feist

À espera que os fiéis ajudem

"Católica" quer editar obra do Padre Honorato

Vinte anos depois da sua morte, foi homenageado pela Universidade Católica Portuguesa o Padre Honorato (José Honorato Gomes Rosa), que repousa em campa rasa na sua terra natal, Sobral de Lagoa. A sua vida foi um exemplo, como alguns dos oradores frisaram na sessão promovida pela Universidade Católica Portuguesa, entre eles o padre e professor José Resina Rodrigues.

São dele e da cerimónia de homenagem ao Padre Honorato (cuja obra será editada em livro, com as comunicações proferidas no dia da referida homenagem, caso sejam enviados donativos para o Padre Lereno Sebastião Dias, Paróquia de S. João de Brito, Avenida da Igreja — 1700 Lisboa), estas palavras: «Quando em 1965 entrei no seminário dos Olivais, levava — suponho — certa generosidade, mas uma atitude conservadora. Devo ao Padre Honorato a alguma abertura que tenho», salientou o prof. José Resina Rodrigues.

Professor da Faculdade de Letras de Lisboa e do seminário dos Olivais, bem como director do Instituto Social, o Padre Honorato foi «figura notabilíssima de sacerdote e homem», segundo Jorge Tavares Rodrigues, que dinamizou a homenagem que lhe foi prestada no Anfiteatro I da UCP. Na missa que na ocasião rezada pelo Bispo D. José Policarpo participaram cerca de três centenas e meia de fiéis.

Após a missa, e no anfiteatro n.º 3 da UCP, efectuou-se uma sessão presidida por D. José Policarpo, em representação do reitor prof. José Bacelar e Oliveira, na qual usaram da palavra personalidades ligadas à vida e obra do Padre Honorato, entre outros o eng.º Sidónio Pais, Jorge Tavares Rodrigues, Padre Lereno Dias, prof. Resina Rodrigues e Germano Cleto.

«Não passou por este mundo em vão»: eis como Jorge Tavares Rodrigues evocou o Padre Honorato.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Visita — *Boa noite.*
Director — *Boas noites. Deseja?*
Vis. — *Eu venho urgentemente por causa do Telejornal.*
Dir. — *Perdão?*
Vis. — *O Telejornal...*
Dir. — *Vem da parte do prof. Cavaco Silva?*
Vit. — *Eu? Eu nem o conheço!*
Dir. — *Já sei. Traz algum recado de Eurico de Melo, de Valente e Oliveira, de Couto e Santos, de Oliveira Martins...*
Vis. — *Não conheço. Só conheço o Diamantino, o Águas, o Silvino, o Magnusson, o Pacheco.*
Dir. — *Esses são para o* **Remate.**

Vis. — *Perdão, mas eu venho para o Telejornal.*
Dir. — Mas você é o Torres Couto?
Vis. — *Não, não sou.*
Dir. — *É ao menos da Tendência Social Democrata.*
Vis. — *Eu? Eu nem sei o que isso é.*
Dir. — *Vamos a fazer o ponto da situação que eu tenho mais que fazer. Se não vem da parte do prof. Cavaco Silva nem de nenhum ministro nem da UGT, pode perder as ilusões. A não ser...*
Vis. — *Diga, diga.*
Dir. — *A não ser que venha da parte da CAP.*
Vis. — *Eu só gosto de capa e espada.*
Dir. — *Então deve dirigir-se ao sector dos teledramáticos. Acha que não? Então vem da CIP? Traz algum recado da CEE? Organizou algum simpósio? Sabe de alguma bomba, de algum atentado? Com mil raios, homem! Não sabe ao menos de algum desastre de avião? De comboio? Nem de automóvel? Não se arranja ao menos um desastrezinho de triciclo? Espantoso! Traz pelo menos alguma nota oficiosa ou desses chatos do Conselho de Comunicação Social.*
Vis. — *Please!*
Dir. — Homem, até que enfim, percebi tudo. Lá disfarçar, disfaras bem. Levaste-me à certa. Então o que é que de lá mandam?
Vis. — *De lá, donde?*
Dir. — *Não te faças esperto, pá! Da Embaixada americana donde é que havia de ser!*
Vis. — *Por acaso não.*
Dir. — *Então por que foi que disseste please?*
Vis. — *Aprendi nos filmes.*
Dir. — *Tens razão, olha a minha cabeça! De lá nunca dizem* **plese.** *Mas a tua teimosia transformou-se em desafio. Matei-te! Vens por causa dos anúncios intercalados. Prepara aí uns mil contitos... Calma, homem! Olha, desmaiou! Ó homem, acorda! Vamos lá beber este copo de água.*
Vis. — *Que história é essa dos mil contos?*
Dir. — *Deixa lá, deixa lá. Esquece. Vamos la´ saber: que raio queres tu do* **Telejornal?**
Vis. — *A mim mandaram-me chamar para arranjar os microfones que estão avariados há mais de uma hora. É urgente.*
Dir. — *Urgente? Tem graça! Ainda vai mas é tomar um cafezinho, a ver se acalma!*

ME anuncia construção de 59 escolas para 88/89

O Ministério da Educação incluiu no seu programa para o ano lectivo de 1988/89 a construção de 59 novos estabelecimentos do ensino preparatório e secundário, com um investimento previsto de oito milhões de contos — disse à Lusa um técnico daquele departamento.

Luís Lamas, arquitecto, responsável no sector de equipamentos educativos do Ministério da Educação, sublinhou que os novos estabelecimentos terão capacidade para albergar mais de 35 mil a 40 mil alunos.

As novas escolas serão construídas nos distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Viseu.

Entretanto, o «Diário da República» de 29 de Fevereiro publica uma portaria dos ministérios das Finanças e da Educação em que, de acordo com o seu preâmbulo se pretende disciplinar os quadros docentes de estabelecimentos de vários distritos do País, tendo em conta que «se encontram, para além de dispersos por vários diplomas, desactualizados e desfasados da realidade actual».

Nesse diploma ainda de acordo com o seu preambulo, fazem-se ajustamentos de criação e extinção de escolas, com o argumento de que com a construção de novos edifícios, «em localidades manifestamente carenciadas deixa de existir a necessidade de se manterem algumas secções de estabelecimentos de ensino».

Docentes do ensino básico de Coimbra

Começou hoje no teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras de Coimbra o primeiro encontro distrital de professores do primeiro ciclo do ensino básico daquele distrito. «A educação sexual na escola» é o tema em discussão hoje, enquanto amanhã os docentes debaterão «1.º ciclo do ensino básico à luz da Lei de Bases do Sistema Educativo — que futuro?». Cerca de 500 professores se inscreveram nesta iniciativa do Sindicato dos Professores da Região Centro, a qual é, a nível do ensino básico, a maior realizada no distrito de Coimbra.

Encontro sobre Educação Especial

Cerca de 100 professores participam a partir de hoje no Porto, no segundo encontro regional de educação especial do Norte. Sob o lema «Na unidade, a diversidade — com a educação especial para uma escola de sucesso», o encontro vai debater entre outros temas, a definição do papel da educação especial no sistema de ensino português.

Educadoras conra o ME

As educadoras de infância do concelho de Sintra, em planário convocado pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa decidiram tornar pública o seu protesto pelo facto de o sector da educação pré-escolar ter sido ignorado aquando da elaboração dos documentos produzidos pela «Comissão de Reformas do Sistema Educativo», colocados a debate entre os professores. Aquelas profissionais manisfestaram também a sua preocupação pelo facto de os projectos de decretos-leis do ordenamento jurídico da formação dos professores não preverem a equiparação das educadoras de infância actualmente em exercício às que venham a ser formadas pelas escolas Superiores de Educação.

Fenprof hoje no ME

A Federção Nacional dos Professores participa hoje, às 17 horas, numa reunião com o secretário de Estado adjunto do ministro da Educação. Da agenda de trabalho constam os concursos de professores do pré-escolar ao secundário, nomeação de professores efectivos e concessão de fases; calendário escolar do próximo ano lectivo, imposto profissional dos professores dos ensinos particulares e cooperativo e das instituições privadas de solidariedade social e estatutos da carreira docente dos ensinos básico e secundários e da educação pré-escolar e especial.

CML despende milhares em suplemento alimentar

A Câmara Municipal de Lisboa anunciou que despenderá este ano cerca de 150 mil contos num subsídio diário para um suplemento alimentar a atribuir a 14 200 crianças carenciadas das escolas primárias e jardins de infância da cidade.

A acção, já introduzida a título experimental na escola do bairro da Cruz Vermelha em 85/86, e alargada no ano seguinte às restantes escolas, «visa minorar uma situação concreta de carência alimentar resultante de factores sociais diversos».

Acordo entre IPG e U. de Coimbra

Um convénio de cooperação cultural científico e pedagógico foi estabelecido entre o Instituto Politécnico da Guarda e a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. O acordo prevê que docentes da ESE da Guarda frequentem cursos de pós-graduação da Universidade de Coimbra e colaboração de professores da Universidade de Coimbra na orientação científica e pedagógica de docentes da ESE, integrada no IPG.

No dia em que a sua integração no Politécnico foi consagrada no "Diário da República"

ALUNOS DE CONTABILIDADE PROTESTARAM COM "ATAQUE" E "SEQUESTRO" DO "ALFA"

O Decreto-Lei 70/88 que integra os Institutos Superiores de Contabilidade e Administração de Aveiro, Coimbra, Lisboa e Porto no ensino superior politécnico foi hoje publicado no «Diário da República», I série. Qualquer que seja a evolução da situação, uma coisa é certa: os alunos do ISCAP deram que falar pela onda de ocupações que desencadearam.

Depois da ocupação das instalações do Palácio da Bolsa do Porto e do jornal «O Comércio do Porto», os alunos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto decidiram fazer parar um comboio.

Esta manhã, cerca de 200 estudantes entraram no foguete do serviço Alfa que deveria partir de Campanhã às 7 e 15. Assim que o comboio arrancou os estudantes puxaram o sinal de alarme, obrigando a composição a parar imediatamente.

Na confusão que se gerou, os responsáveis da CP verificaram que a chamada não correspondia a nenhum acidente mas constituía mais uma manifestação de protesto dos estudantes do ISCAP.

Esclarecida a situação, os estudantes saíram do comboio, que partiu rumo a Lisboa com um atraso de 27 minutos.

Mas o problema não ficou resolvido. Chamada a Polícia, esta pretendeu saber nomes de dois ou três responsáveis pelo acto. Resposta dos estudantes: a decisão foi tomada em reunião geral de alunos, a responsabilidade é, portanto, dos mais de 1700 alunos que este ano estão matriculados no Instituto Superior de Contabilidade e Administraão do Porto.

Então alguns estudantes foram ao ISCAP buscar a lista das matrículas informatizada com os mil e tal nomes dos alunos. Mas o director da Rede Geral do Norte da CP precisava de ter outras informações que não só o nome dos alunos e fez uma proposta que foi aceite pelos cinco estudantes que se encontravam no interior do gabinete do chefe da estação: os cinco jovens deixariam a sua identidade, devendo aquele funcionário da CP oficiar agora ao Conselho Directivo do ISCAP para confirmar os nomes da extensa lista das matrículas e respectivas identificações.

D-L de integração publicado no «DR»

É publicado na primeira série do «Diário da República» de hoje o Decreto-Lei 70/88 do Ministério da Educação que integra no ensino superior politécnico os institutos superiores de Contabilidade e Administração de Aveiro, Coimbra, Lisboa e Porto.

O diploma, muito sucinto, é composto de apenas três artigos: o primeiro, em que, além da integração, se determina que os ISCA's de Coimbra, Lisboa e Porto são respectivamente integrados nos Institutos Politécnicos de Coimbra, de Lisboa e do Porto; o segundo artigo refere a disposição transitória (enquanto não for publicado o estatuto do ensino superior politécnico, os ISCA's mantêm os actuais órgãos, serviços e regimes de gestão patrimonial e financeira, «com os ajustamentos que se tornem necessários», o terceiro artigo revoga as disposições constantes do n.º 2 do artigo 2.º e os artigos 7.º e 8.º do D-L 327/76.

No preâmbulo, justifica-se a integração com base em duas leis já em vigor: o D-L 443/85 que integrou o pessoal docente dos ISCA's na carreira do pessoal docente do ensino superior politécnico, «tendo sido, entretanto, criados cursos conferentes de bacharelato e de diplomas de Estudo superiores especializados, graus que a Lei de Bases do Sistema Educativo expressamente qualifica como próprios do ensino superior politécnico», e a Lei de Bases do Sistema Educativo que consagra o ensino universitário e o ensino politécnico como vertentes do ensino superior.

Os alunos dos institutos de Lisboa, Porto e Coimbra estão em greve desde o início de Fevereiro, não tendo comparecido a exames nem testes de frequência que, entretanto, se deveriam ter realizado.

Ainda que a situação seja consumada com a publicação deste Decreto-Lei, resta saber como vai o Ministério resolver esta situação. Ou deixará reprovados os milhares de alunos que frequentam aqueles três estabelecimentos?

Governo vai ter que revogar

«Vamos continuar a lutar», afirmou-nos esta manhã o presidente da Associação de Estudantes do ISCAP depois de saber da publicação do Decreto de Integração. «Esperávamos a publicação em «Diário da República». Mas o mesmo Governo que o publicou vai ter de o retirar. Os alunos não aceitam a integração na rede do politécnico e vamos continuar as nossas acções de luta, que são decididas dia a dia e mantidas em segredo até à sua realização. Ainda que isso nos custe o encerramento do ISCAP até ao final deste ano lectivo. Uma coisa será certa: o ISCAP não funcionará este ano integrado na rede do politécnico».

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

O DOUTOR ANTÓNIO LUÍS SOARES DE ANDRADE, JUIZ DE DIREITO DO 9.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que pelo 9.º Juízo – 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Rua Marquês da Fronteira – Palácio da Justiça 6.º Piso em Lisboa e na Acção de Contrato Individual de Trabalho, com processo comum, sumário, registado sob o número 31/87, em que é Autora ARGENTINA RIBEIRO FERREIRA, residente na Rua do Montepio Geral, n.º 8 – r/c – Porteira – Lisboa e Réus IRENE REIS DE SOUSA ROCHA, residente na Rua Duarte Galvão, n.º 82 – 4.º Esq. Lisboa, JOSÉ LUÍS e MARIA NUNES, residentes na Av. General Roçadas, n.º 143 r/c – Esq.º – Lisboa. MARIA TERESA AMARAL PEREIRA COUTINHO DE FREITAS SILVA, residente na Rua do Montepio Geral, n.º 8 – 2.ºB – Lisboa, MARIA ISABEL DIAS RODRIGUES, residente na Av. Ressano Garcia, n.º 6 – 1.º Esq. – Lisboa e OUTROS, corre o prazo de OITO DIAS, findos os éditos que são de TRINTA DIAS, a contar da afixação do último Edital, ou da publicação do segundo anúncio citando os Réus acima referidos, nas indicadas residências ultimamente conhecidas, para contestarem, querendo, aquela Acção, sob pena de serem imediatamente condenados no pedido formulado pela Autora na sua petição inicial, cujos duplicados se encontram ao seu dispor no 9.º Juízo – 2.ª Secção, devendo ainda, no mesmo prazo, querendo, contestar o pedido de Assistência Judiciária formulado pela Autora.

E, para constar, se passou o presente anúncio e mais outro de igual teor que vão ser publicados nos lugares que a lei determina.

Lisboa, 02 de Fevereiro de 1988
O Juiz de Direito
(António Luís Soares de Andrade)
O Escrivão-Adjunto
(Fernando de Matos Heitor)

DL – 3/3/88 – 1.ª Pub

Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo

MOÇÃO

A Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo, reunida em sessão ordinária em 26 de Fevereiro de 1988, no uso das atribuições que a actual legislação lhe confere (defesa dos interesses da população do concelho), decide manifestar frontal oposição à recente proposta de lei aprovada pelo Governo sobre a Reforma Agrária, pelas gravíssimas repercussões económico-sociais que tal medida legislativa teria no nosso concelho, e apela aos deputados da Assembleia da República, ao Tribunal Constitucional e ao Senhor Presidente da República, para que não aprovem e tornem inconstitucional tal medida.

A aplicação de tal projecto-lei, significaria no nosso concelho a destruição de 21 UCP's/Cooperativas e de 1800 postos de trabalho, donde resultaria que 26 % da população do concelho sentiria seriamente agravadas as suas condições de vida.

Tal proposta de lei, se aplicada, agravaria de forma directa, não só os trabalhadores agrícolas e suas famílias, mas significaria ainda um agravamento da produção agro-pecuária e de todo o desenvolvimento económico do nosso concelho nomeadamente com repercussões mais profundas ao nível do pequeno comércio e indústria.

Tais consequências, profundamente negativas para a população do concelho, não podem passar-nos despercebidas e exigem de todos um sentimento de solidariedade activa com os trabalhadores agrícolas e suas organizações, em defesa dos interesses da Agricultura, do Emprego, do Progresso Social e do Desenvolvimento Económico do Concelho e do País.

Por isso, a Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo, reafirma a sua oposição ao Pacote Agrícola aprovado pelo Governo, e usando dos direitos e competências que a lei lhe confere, tudo fará para que tal medida legislativa não seja aplicada.

Montemor-o-Novo, 26 de Fevereiro de 1988

A primeira fronteira com emblema da CEE

Caia com doze estrelas a azul em vez da palavra "Alfândega"

A fronteira Caia/Badajoz será a primeira zona fronteiriça da Comunidade Económica Europeia, onde amanhã, em vez da indicação «Alfândega», em placa apropriada, aparecerá um painel com o nome do país inscrito no emblema da CEE. A cerimónia será devidamente assinalada naquela fronteira pelos comissários da CEE dos dois países: Manuel Marine Abel Matures, por parte da Espanha, Cardoso e Cunha, por banda de Portugal. Ao acto assistirão, cerca do meio-dia, membros do Governo português, naturalmente, bem como do Governo espanhol.

O acto insere-se no âmbito da criação do Mercado Interno Europeu (MIE), cuja concretização se prevê para 31 de Dezembro de 1992, revestindo-se naturalmente de «profundo significado» para o Governo português. A Comissão das Comunidades Europeias em Lisboa salienta que a cerimónia «tem em vista permitir que os cidadãos europeus tomem consciência da identidade europeia e da existência da Comunidade, embora seja certo que a livre circulação completa de pessoas e bens comunitários só será alcançada com a concretização do grande mercado sem fronteiras».

Trata-se, em síntese, da primeira manifestação no âmbito da «Europa dos Cidadãos», no sentido de eliminar certas sinalizações administrativas que simbolizam ainda a separação dos Estados membros. A instalação dos novos símbolos será feita de forma progressiva na Comunidade durante este ano.

A decisão, do Conselho de Ministros de 13 de Novembro de 1986, partiu da constatação da inexistência de um símbolo que indique aos viajantes, logo que passem uma fronteira, que entraram na CEE ou que circulam no seu interior.

A 1 de Janeiro deste ano, entrou em vigor na Comunidade uma outra reforma nas formalidades administrativas de passagem das fronteiras internas da CEE e dos países da EFTA (Associação Europeia de Comércio Livre).

Os transportadores rodoviários, os serviços de fronteiras e os profissionais do sector, passaram a dispor de um novo formulário aduaneiro, o Documento Administrativo Único (DAU), que substitui um conjunto de documentos exigidos até 31 de Dezembro de 1987.

Rede interna em discussão

A rede rodoviária interna, nomeadamente o que se refere à França, país de trânsito para os transportes portugueses, esteve no centro das discussões entre o ministro francês encarregado dos Transportes e o seu homólogo português — disse uma fonte do gabinete do ministro Oliveira Martins.

Além de terem avaliado as «possibilidades de desenvolvimento das relações de cooperação técnica entre os dois países no âmbito dos transportes», os dois ministros debateram «com particular realce» as questões relativas «aos transportes rodoviários internos» especialmente no que diz respeito a França, país de trânsito «para os transportes portugueses», que neste aspecto desempenha «um papel de relevo», referiu a mesma fonte.

O encontro entre os dois ministros foi precedido de uma visita de Jacques Douffiagues à TAP, tendo o governante francês manifestado o seu interesse pelo sector de manutenção da transportadora aérea nacional, acrescentou.

O ministro francês, acompanhado pelo secretário de Estado dos Transportes Interiores, Carlos Costa, deslocou-se hoje à CP, onde lhe foi apresentado o plano de modernização da empresa e de reconversão dos caminhos-de-ferro portugueses.

Seguidamente, o ministro Douffiagues fará uma visita à Sorefame, uma empresa industrial com participação de capital francês.

Adiada construção de novo hospital

BARLAVENTO ALGARVIO ESTÁ DOENTE DOS PÉS À CABEÇA

Adensam-se as dificuldades sobre a saúde no Algarve, nomeadamente no que respeita à assistência hospitalar e médica. Disso são exemplo as notícias surgidas nos últimos dias, envolvendo a situação de incapacidade das «urgências» do Hospital Distrital de Faro e a falta de cardiologistas no Hospital de Portimão, razão pela qual os doentes deste foro se dirigem ou são transportados para o Hospital de Faro.

Mas como se tudo isso não bastasse, o anúncio, pelo secretário de Estado da Saúde, de que a construção do Hospital do Barlavento saiu da lista de prioridades foi como que um «balde de água fria» derramado sobre as aspirações desta zona do Algarve.

Em alternativa, o Ministério da Saúde tenciona ampliar as instalações do actual Hospital Distrital de Portimão (HDP), que embora de recente construção, desde o início se revelou incapaz de atender às necessidades das populações.

No HDP, o conselho administrativo tem «puxado» pela imaginação no sentido de criar mais e melhores espaços destinados aos serviços, para o que não têm faltado acrescentos, remodelações e tranferências de vária ordem.

Num trabalho apresentado no último congresso do Algarve, Correia Martins afirmou, a propósito do HDP, que «foi construído sem preocupação do funciomamento dos serviços de consulta externa e de urgências» e tem acessos difíceis para Lagos e Monchique, e uma estrutura arquitectónica que «não comporta módulos adicionais».

Na sua opinião, as estruturas actuais do HDP poderiam ser aproveitadas como unidades da retaguarda do hospital diferenciado, transformando-se em centro de saúde com internamento.

Perante esta situação, acrescida do desequilíbrio existente entre o Sotavento e o Barlavento em termos de meios de saúde, o Conselho de Gerência do HDP, a Comissão de Delegados do Hospital Distrital de Lagos e as autarquias vinham pugnando pela construção de um hospital de raiz.

Sotavento está melhor servido

Nesse sentido, a Câmara Municipal de Portimão já se dispusera a ceder um terreno a Norte da futura variante da Estrada Nacional 125, avaliado em cerca de 30 mil contos.

O «sonho» teve indícios de materialização quando no PIDAC/88 surgiu inscrita uma verba de 5 mil contos na rubrica «Hospital do Barlavento — implantação de uma unidade hospitalar».

Aquela verba não chegou a ser utilizada pela Direcção-Geral dos Hospitais e Equipamentos de Saúde e aparece no PIDAC/88 incluída na rubrica «Hospital Distrital do Barlavento Algarvio — Portimão/Lagos».

O administrador do HDP, Miranda de Matos, disse não saber se a intenção de elaborar um projecto para o Hospital do Barlavento deu alguns passos em 1987, ingnora também a que se destinam os cinco milhões de escudos propostos no Orçamento de Estado para o ano em curso.

As discrepâncias entre o Sotavento e o Barlavento, no que respeita a recursos humanos e materiais de saúde, estão ilustradas num trabalho elaborado por Correia Martins.

Ali se constata que a zona do Sotavento dispõe de 1,9 camas hospitalares por cada mil habitantes, enquanto no Barlavento esse f10é de 1,3.

Por outro lado, o Sotavento tem, em relação ao Barlavento, praticamente o dobro das valências médicas e dos centros de saúde com internamento, além de ser naquela zona que se localizam todas as camas de psiquiatria (Faro) e de pneumologia (São Brás de Alportel).

O HDP deixou de ter a valência de cardiologia desde que há cinco meses foram concedidas uma licença ilimitada e uma transferência para Faro aos dois especialistas que asseguravam aquele serviço.

A extinção da cardiologia estava prevista na Carta Hospitalar e consumou-se daquela forma, empenhando-se agora a administração do HDP em conseguir, «pelo menos», a contratação de dois médicos internistas, disse o administrador Miranda de Matos.

Representa isto que, de todos os hospitais do Algarve, apenas o de Faro dispõe agora de valência de cardiologia, onde naturalmente irão parar tanto os casos graves como as simples consultas.

Várias entidades do Barlavento manifestaram já as suas preocupações sobretudo em relação ao período Junho/Agosto, quando o trânsito é «infernal» na Estrada Nacional 125 e o percurso de 60 quilómetros entre Portimão/Faro, demora por vezes duas e mais horas.

A este propósito, recordam ainda que o transporte dos doentes está quase só entregue às corporações de bombeiros, cujas ambulâncias, regra geral, não estão devidamente equipadas para o acompanhamento, e que os hospitais do Algarve são os que se encontram a maior distância de um hospital central.

Sintra solidária com Porto no caso das tarifas eléctricas

A Câmara Municipal de Sintra aprovou uma moção de apoio ao município portuense em que repudia a atitude do Governo em relação à «tomada das instalações dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto, o que constitui uma prepotência do poder central e um profundo desrespeito pelas instituições democráticas, mormente pelo poder local, pelo município e pelo povo portuense».

A mocão foi apresentada pelos autarcas do PCP e obteve os votos favoráveis do PS e de uma vereadora independente, contra, do presidente e do vereador substituto, ambos do PSD, e ainda a abstenção de um vereador do PSD.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA – 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
2.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 10 de Março de 1988, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: Alberto de Carvalho, com sede na Av. Infante Santo, 368-4.º Esq., em Lisboa, no processo executivo n.º 1811/85, por dívida à Caixa Geral de Depósitos.

BENS PENHORADOS

VERBA ÚNICA – Fracção autónoma designada pela letra D-R/chão – loja, composta de divisão ampla, toda a cave ligada a esta interiormente c/sanitários e faz parte do prédio sito na R. Bernardim Ribeiro, 79 e R. Luciano Cordeiro, 58-58B, 58-C e 58-D, freguesia de Coração de Jesus, inscrito na matriz predial urbana sob o art.º 723-D. Vai à praça pelo valor base de licitação de 4 048 630$00 (quatro milhões quarenta e oito mil seiscentos trinta escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 29 de Fevereiro de 1988

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias
O Escrivão
José Henriques

DL-3/3/88

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA
ANÚNCIO

P.º 1502/87 3.º Juízo 1.ª Secção

FAZ SABER QUE, se encontra designado o dia VINTE OITO do próximo mês de MARÇO, pelas 10 horas, neste Tribunal, para a tentativa de conciliação nos autos de Acção Especial de Despejo que, VASCO LOUREIRO REBELO DE ANDRADE e OUTRAS, residente na Rua da Vigia, 14, na Parede — Cascais, movem contra FRANCISCO LEAL e mulher, ausentes em parte incerta, mas com última residência conhecida na Rua Tomaz da Costa, 7, r/c, esquerdo, em Queluz, desta comarca, pelos fundamentos constantes da peição inicial, cujo duplicado fica na Secretaria deste Tribunal, a aguardar que seja solicitado.

OUTROSSIM, através do presente anúncio, ficam os réus citados para comparecerem pessoalmente neste Tribunal — 3.º Juízo — 1.ª Secção —, no dia e hora acima indicados, a fim de intervirem naquela tentativa de conciliação, com a advertência de que, no caso de não comparecerem qualquer das partes ou não se obter o seu acordo, deverão contestar dentro do prazo CINCO DIAS; a contar daquela data e depois de decorrido o prazo dos éditos fixado em TRINTA DIAS, sob pena de serem condenados no pedido, deduzido, em reconvenção, o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julguem com direito, bem como de que falta de comparência, fá-los-á, incorrer em multa.

Sintra, 26 de Fevereiro de 1988.

A Juiz de Direito,
Isabel Maria Manso Salgado
O Escrivão Adjunto,
José Alexandre Fernandes Navarro

«DL» 3/3/88 — .ª Pub.

DEBATES DE INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA

Hotel Roma – 4 de Fevereiro – 21h30

OS PROJECTOS DE REVISÃO CONSTITUCIONAL EM CONFRONTO

Comunicações de:
Prof. Doutor Joaquim Gomes Canotilho
Dr. Raul Castro
Debate moderado por Dr. Levy Baptista
Promovido pela Associação

INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio Execução de Setença n.º 10 393-A 1.ª Secção Exequentes — FERNANDO FERREIRA MARTINS e outros Executado — BRAVO JORGE & GUIMARÃES, Ld.ª Rua Iracy Doyle, 11-1.º Esq.º CASCAIS.

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1988

O Juiz de Direito,
José Nuno de Almeida Valadas

O Escrivão de Direito,
João Campos Jerónimo

«DL» 3/3/88 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA
ANÚNCIO

P.º 1400/86
3.º Juízo
1.ª Secção

FAZ SABER QUE, pela 1.ª Secção do 3.º Juízo da comarca de Sintra, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu, BERNARDINO LOBO MENDES, casado, servente de pedreiro, natural de Reguengos de Monsaraz, filho de Francisco Mendes e de Maria Genoveva Lobo, residente em parte incerta e com última morada conhecida em Vila Nova de Poiares, comarca de Penacova, para no prazo de VINTE DIAS, posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido formulado pela autora Maria Amélia Anes Pires Mendes, residente na Rua de Angola, Vivenda Santos, em Casal de Cambra – Belas, desta comarca, nestes autos de Acção de Divórcio Litigioso que esta lhe move, pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado fica na Secção a aguardar que seja solicitado, através da qual pretende ver decretado entre ambos, o divórcio definitivo, com fundamento em abandono do lar por parte do marido – art.os 1672.º e 1779.º n.º 1 do Código Civil, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora, podendo ainda, dentro do mesmo prazo, deduzir, querendo, oposição ao pedido de assistência judiciária formulada pela referida autora e já admitido liminarmente.

Sintra, 17 de Fevereiro de 1988

A Juiz de Direito
(a) ISABEL MARIA MANSO SALGADO
O Escrivão-Adjunto
(a) JOSÉ ALEXANDRE FERNANDES NAVARRO

«DL» 3/3/88 – 1.ª Pub.

Juiz considerou criminalidade "invulgar" em Vila Real

Condenado em 11 anos de cadeia por homicídio de agricultor

O Tribunal de Vila Real condenou ontem em 11 anos de cadeia e mil contos de indemnização aos familiares da vítima, José Lopes dos Santos, de 54 anos, pelo homicídio de um agricultor, Domingos Mesquita Luís, de 58 anos.

O crime ocorreu em Setembro do ano passado, em Abraças, após discussão sobre a posse de uma mata e acusações pelo atear de fogo a alguns pinheiros, num terreno que ambos os antagonistas reivindicavam ser sua propriedade, tendo o réu desfechado um tiro de pistola à queima-roupa no frontal do agricultor que acabou por sucumbir quando as chamas já lhes ameaçavam as roupas. José Lopes dos Santos abandonou o local, tendo-se entregado voluntariamente três dias depois à GNR.

Ao ditar o acórdão, o presidente do tribunal, juiz-corregedor dr. Norberto de Sousa, considerou como invulgar a crimialidade no concelho, apontando entre as possíveis causas «a comutação das condenações pelo Tribunal de Execução de Penas sem atender à legislação aprovada».

«As discordâncias não podem servir de base para matar ninguém e os anos que vai para a cadeia não vão ressuscitar o seu vizinho, que não merecia o que fez» — frisou o juiz, dirigindo-se ao réu. Para acrescentar: «Com amnistia e redução da pena, você daqui por cinco anos estará cá fora, mas a vida do seu semelhante nunca mais voltará e por isso a prisão que vai cumprir, que sirva ao menos de exemplo para se acabarem com os conflitos mortais de que está a ser infeliz exemplo a comarca de Vila Real.»

O colectivo presidido pelo corregedor Norberto de Sousa foi constituído pelos juízes Emídio Pires e Artur Dias, tendo o tribunal assinalado como «tremendamente assustador que, no espaço de pouco mais de um mês, tenham sido julgados crimes de morte em Coedo, Andrães e Magalhã, o que se regista como factor de alarmante criminalidade».

PJ deteve em Lisboa tarefeiro do Instituto de Cooperação Económica

Um tarefeiro do Instituto de Cooperação Económica, Domingos Chale João, natural de Moçambique, foi detido pela Polícia Judiciária, revelou à Lusa um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros. A mesma fonte sublinhou que Domingos Chale João era «apenas um tarefeiro, não tendo qualquer vínculo à função pública» e referiu que a participação à Judiciária «foi feita pelo director do Instituto de Cooperação Económica, Costa Oliveira».

O jornal «O Diário» noticiava ontem a detenção de «um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros», sem indicar a sua identidade, acrescentando que pertencia ao «directório» da Renamo em Lisboa. «Ao ser detido sob a acusação de burla, a PJ encontrou numa busca à sua residência documentação da Renamo e cópias de documentos sobre Cabora Bassa, alguns dos quais com anotações apostas sobre bases e operações militares», escrevia «O Diário».

«Entre a documentação da Renamo encontrada pela Polícia contava-se correspondência trocada entre as 'componentes' portuguesa e norte-americana dos 'bandidos armados' que actuam em Moçambique e documentos subscritos pelo anterior 'porta-voz' da Renamo em Lisboa, Paulo Oliveira», dizia a ainda o mesmo jornal.

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros citado pela Lusa declarou não ter conhecimento de que Domingos Chale João pertencesse à Remano ou tivese em seu poder documentos sobre Cabora Bassa. «O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária, que ouviu ontem o director do Instituto de Cooperação Económica, Costa Oliveira», disse ainda o porta-voz.»

Roubados 50 mil contos de jóias e ouro em Avintes

Uma residência de Avintes foi assaltada ontem à noite, tendo sido roubados 50 mil contos em jóias e dinheiro. Segundo a GNR, o assalto foi cometido por dois indivíduos do sexo masculino aparentando idades entre 30 e 35 anos, que amarraram o proprietário, bem como a mulher e o filho, tendo fugido num automóvel de marca «Renault», de cor preta.

O roubo foi praticado na residência particular do lesado, Manuel Tavares dos Santos, e não no seu estabelecimento de ourivesaria, como inicialmente fora indicado.

Manuel dos Santos, que depositava em casa os valores roubados, terá manifestado desejo de que não fosse divulgado o assalto, que só esta manhã foi conhecido.

Assaltantes à mão armada detidos pela Judiciária

Cinco elementos de uma quadrilha que se dedicava a assaltos à mão armada foram detidos pela Polícia Judiciária na noite de 25 para 26 de Fevereiro último. Um dos assaltos que lhes são imputados ocorreu na madrugada do dia 16 do mês passado, quando na Avenida da República roubaram quatro mil e duzentos contos, que iam ser depositados num cofre nocturno duma agência bancária.

Na oportunidade o dinheiro proveniente da receita diária do Hipermercado Ibéria, situado no Lumiar, era transportado de automóvel por dois empregados do estabelecimento comercial, quando foram interceptados por quatro indivíduos armados de pistolas e espingardas caçadeiras de canos serrados.

Os assaltantes depois do roubo fugiram na mesma viatura em que se faziam transportar.

Após várias diligências a Judiciária logrou identificar os assaltantes e viria a detê-los em Lisboa e em Loures, nas residências ou em casa comerciais sem que os mesmos oferecessem qualquer resistência.

Foi-lhes apreendida a caçadeira utilizada no assalto e dois deles estão já indiciados como autores do assalto a uma ourivesaria, sendo todos eles suspeitos de outros delitos.

Todas as prisões foram confirmadas e mantidas pelo juiz de Instrução Criminal e um deles que prestava serviço militar foi entregue na respectiva unidade a que pertence.

Mulheres do MDM jantam no dia 28 de Março

O Movimento Democrático de Mulheres promove no próximo dia 8 um jantar-convívio comemorativo do Dia Internacional da Mulher, às 20 horas, no Restaurante Itau, Rua Vítor Cordon, n.º 1, 1.º em Lisboa.

O jantar é aberto a todos quantos se queiram inscrever, podendo fazê-lo no MDM, Avenida Duque de Loulé, 111 — 4.º Lisboa, telefones 55 48 75/ 55 78 53.

Na Assembleia da República será apresentado e discutido um projecto de lei sobre associações de mulheres, proposto pela Coordenadora Nacional de Mulheres. O MDM convida todas as mulheres a estarem presentes nas galerias da Assembleia da República.

No dia 19 de Março, às 9 e 30, decorrerá no Centro de Estudos Judiciários um «Tribunal: a Mulher e Violência».

DL NACIONAL

'LE PATRIARCHE' LANÇA JORNAL

A associação «Le Patriarche» lançou o primeiro número em português do jornal «Antitox». O jornal é inteiramente redigido e composto por antigos toxicodependentes, terá uma distribuição de 25 mil exemplares.

De periodicidade mensal, o «Antitox» procura apresentar a situação da toxicodependência em Portugal e no Mundo. A associação «Le Patriarche» tem um "stand" de apresentação do jornal no Centro Comercial Fonte Nova, em Benfica.

Por outro lado, a associação criticou o programa da RTP-2 «Concordo ou talvez não» emitido no dia 27 de Fevereiro e dedicado à toxicodependência.

A associação, que não foi convidada, interroga sobre a «tentativa de desdramatização» de um problema cuja magnitude está à vista de todos, e rejeita a afirmação de que antes de 1986 nada era feito em Portugal na área da reabilitação, pois da associação «Le Patriarche» já sairam 1200 portugueses ex-toxicodependentes.

Região Centro espera por seis milhões do Feder

A Administração Pública e as empresas públicas da região centro candidataram-se este anos a verbas do Fundo de Desenvolvimento Regional da CEE no montante de 6.1 milhões de contos, segundo informou uma fonte da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional. Os seis milhões de contos respeitam a 247 projectos de investimento.

Do total dos projectos, 244 são apresentados pela Administração Local e representam quatro milhões de contos, 14 são da Administração Central e envolvem 1.6 milhões e nove de empresas públicas, correspondendo a 0,53 milhões.

Nos anos de 1986 e 1987 os auxílios do Feder destinados à região centro totalizaram 26 milhões de contos, dos quais 7.2 foram canalizados para a Administração Local, 14 para a Administração Central e 4.8 para as empresas públicas.

Estes números foram divulgados durante uma visita a Coimbra da secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento, Isabel Mota, a convite da Comissão de Coordenação Regional.

Na visita, a secretária de Estado apreciou os estudos sobre as operações integradas de desenvolvimento do Pinhal Interior e da Raia Central e a apolicação do Programa Nacional de Interesse Comunitário na região.

Isabel Mota presidiu ainda à constituição das sociedades Argogest e Solex Portuguesa.

Transtejo
Transportes Tejo, E.P.

TRANSTEJO

COMUNICADO

Apesardetodososesforçosdesenvolvidospelaempresaquepropôsaumentosderevisãosalarialdaordemdos7,7porcentonãofoipossíveldesconvocaragrevemarcadaporalgunssindicatosparaopróximodia4(sexta-feira)entreas00h00eas24h00.

Nointuitodeminimizarosefeitosdagreveaempresamontará,comoanteriormente,oesquemaalternativodetransporterodoviárioqueabaixoseindica:

ESQUEMA ALTERNATIVO DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

—**MONTIJO**(LargodosBombeiros)—**ALCÂNTARA-TERRA**evice-versa

—**CACILHAS**(LargoAlfredoDiniz)—**COVADAPIEDADE**(Largo5deOutubro)—**ALCÂNTARA-TERRA**evice-versa

—**ALMADA**(LargoS.JoãoBaptista)—**ALCÂNTARA-TERRA**evice-versa

—**COVADAPIEDADE**(CentroSul)—**ALCÂNTARA-TERRA**evice-versa

— **TRAFARIA** (Estação Fluvial) — UNIVERSIDADE TÉCNICA — **ALCÂNTARA-TERRA**evice-versa

NOTAS IMPORTANTES:
1) Nas carreiras alternativas são válidos os passesTT,**Multimodaisepré-comprados**
2) Quandohajacoincidênciaentreostrajectos dostransportesalternativosdaTTeosdas carreirasdaRNetambémparaospassageirosdacarreiradoSEIXAL,ostítulosdetransportedaTTsãoválidosnaRN

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Richard Gephardt durante uma conferência de Imprensa junto ao capitólio de Columbia, na Carolina do Sul. Gephardt é membro da Câmara dos Representantes e vai candidatar–se à Presidência da República dos EUA.

Os chineses devem melhorar o seu regime alimentar, mas o país não tem meios para passar a dar de repente um pequeno almoço substancial a mil milhões de pessoas, escreve o "Diário do Povo". Este jornal oficial, em artigo de primeira página, diz que a população chinesa não come proteínas e nutrientes em quantidade suficiente, mas a China não possui terra arável nem meios económicos para instituir uma dieta baseada na carne. A China tem de alimentar mais de 20 por cento da população mundial, possuindo somente sete por cento da terra arável do planeta. O jornal sublinha que a população obtém a maior parte da sua alimentação a partir e não da carne e feijões. A única maneira de conseguir maior índice proteico será melhorar a qualidade dos cereais.

Conferência de Imprensa do ex–refém norueg após a sua chegada a Beirute. Joergensen e o sueco questrados durante 25 dias no Líbano pela organiza rias».

Bangladesh: oposição boicota eleições

Os eleitores do Bangladesh escolhem hoje um novo Parlamento nas quartas eleições gerais em 16 anos de independência, ensombradas, a exemplo das anteriores, por um clima de agitação e ameaças de boicote da oposição. Numa tentativa de evitar ataques e sabotagens, as autoridades destacaram vários contingentes do Exército para as 460 cidades distritais do país e incumbiram os 300 000 elementos da Polícia e das forças paramilitares de guardar as mesas de voto. Uma greve geral de 36 horas, iniciada na quarta-feira, perturbou o quotidiano de Daca, capital do Bangladesh, e de outras 16 cidades, paralisando os transportes públicos e o comércio local. A acção é a 25.ª desde que a oposição lançou uma campanha de desobediência civil, no princípio de Novembro, para derrubar o governo do antigo chefe do Exército, Hussain Muhammad Ershad. No acto eleitoral de hoje estão em jogo 281 lugares dos 300 que constituem o Parlamento e aos quais concorrem um total de 955 candidatos. As eleições foram convocadas em Dezembro pelo presidente Ershad, confrontado com uma vaga de instabilidade política que o obrigou a decretar o estado de emergência e a dissolver a Assembleia Nacional.

Face à recusa da oposição em participar no escrutínio, a crise degenerou em mais violência num país onde cerca de 80 por cento da população vive em condições muito precárias.

Senegal: detenção de dirigentes da oposição

A Polícia do Senegal prendeu mais um dirigente da oposição, Abdoulaye Bathily, secretário-geral da Liga Democrática — Movimento para o Partido do Trabalho (LD-MPT), anunciou ontem em comunicado, este pequeno partido marxista-leninista. Bathily, que apoiou a candidatura presidencial derrotada de Abdoulaye Wade, líder do liberal Partido Democrático Senegalês (PDS), foi detido terça-feira em frente da sua residência na capital senegalesa, Dacar, refere o comunicado. Esta prisão segue-se às de Wade e à de outro dirigente da oposição, Amath Dansoko, líder do Partido da Independência e do Trabalho (PIT, marxista), por «ameaça à segurança pública». Fontes oficiais disseram que está em curso um inquérito judicial sobre segurança interna, após os confrontos entre a Polícia e simpatizantes de Wade, que protestaram violentamente em Dacar contra os resultados parciais das eleições gerais de domingo anunciados pelo Ministério do Interior, que davam a vitória ao presidente Abdou Diouf e ao seu Partido Socialista (PS). Apesar das patrulhas militares reforçadas e dos blindados nas ruas, a violência continuou terça-feira em zonas isoladas de Dacar, com automóveis incendiados, lojas e estações de serviço saqueadas e cabinas telefónicas destruídas. As forças de segurança utilizaram granadas de gases lacrimogéneos para dispersar pequenas concentrações não autorizadas.

Ex-ministro italiano acusado de corrupção

Franco Niccolazzi, ex-ministro italiano das Obras Públicas, afirmou ontem que a sua presumível implicação no chamado «escândalo das prisões de ouro» é «uma conjura» contra ele e o Partido Social-Democrata Italiano (PSDI). Nicolazzi apresentou terça-feira a sua demissão de secretário-geral do PSDI por figurar numa lista de políticos que receberam «luvas» para apoiarem o financiamento de obras públicas, principalmente de prisões, previamente adjudicadas. Sobre o escândalo político-financeiro que está a abalar esta semana a Itália, Nicolazzi considerou que «é tudo uma conjura para fazer pagar a uma formação política pequena como o PSDI responsabilidades que não lhe pertencem». O ex-secretário-geral reiterou que nada tem a ver com concessões de contratos, dizendo: «Não assinei nada.

Cimeira da NATO terminou hoje em Bruxelas

LÍDERES OCIDENTAIS DEFENDEM RE DE MÍSSEIS DE CURTO ALCANCE

Os chefes de Estado e de governo dos 16 países membros da Aliança Atlântica defenderam hoje reduções significativas e verificáveis das armas nucleares de curto alcance. Esta posição está expressa no comunicado final— «Declaração de Bruxelas»— da primeira cimeira da NATO em seis anos que hoje terminou na capital belga.

Os líderes dos 16 países aliados, incluindo o primeiro–ministro português, Cavaco Silva, manifestaram ainda a sua determinação em assegurar a viabilidade, credibilidade e eficácia das forças convencionais e nucleares da Aliança e consideraram positivos os esforços de reforço do pilar europeu da NATO, num quadro de fortalecimento da ligação transatlântica e da segurança global da Aliança.

O comunicado final da cimeira da NATO, divulgado pouco antes do encerramento da reunião, exprime um compromisso entre as posições divergentes de dois grupos de países em matéria de armas de curto alcance: um, liderado pelos Estados Unidos e pela Grã–Bretanha, que defende a modernização dos mísseis de curto alcance, e outro, liderado pela RFA e pelo presidente francês François Mitterrand que defende a redução destes mísseis.

Em referência ao conceito amplo sobre controlo de armamentos e desarmamento, os líderes da NATO disseram defender um equilíbrio convencional e a eliminação das armas químicas.

Neste ponto, e em paralelo, propuseram «reduções significativas e verificáveis dos sistemas de mísseis nucleares de curto alcance norte–americanos e soviéticos baseados em terra, que conduzam a tectos equivalentes».

Simultaneamente, apoiaram a segurança e a estabilidade em níveis inferiores de armamentos e defenderam que seja assegurada «a viabilidade, credibiliade e eficácia das forças convencionais e nucleares, incluindo as forças nucleares na Europa», embora sem mencionar directamente a questão da modernização.

«Tal como uma Europa livre, independente e cada vez mais unida é vital para a segurança da América do Norte(...) nós acolhemos favoravelmente os recentes esforços para o reforço do pliar europeu da Aliança, com vista ao fortalecimento da ligação transatlântica e, globalmente, da segurança da Aliança»,disseram os líderes ocidentais.

«A Aliança Atlântica não pode ser forte se a Europa

Dezassete mortos em confrontos na República soviética do Azerbaijão

Diversas pessoas morreram devido aos violentos distúrbios entre muçulmanos e nacionalistas arménios ocoridos em Sumgait, na República soviética do Azerbeijão, afirmou ontem o porta–voz do Kremlin, Gennady Gerasimov.

Referindo–se à prática de «actos de vandalismo e violência organizada» nessa região, Gerasimov, que já tinha anunciado a entrada em vigor do recolher obrigatório em Sumgait, reconheceu que a cerscente agitação nacionalista provocou já algumas mortes, embora não tenha especificado o número de vítimas.

No entanto, segundo informações prestadas por círculos dissidentes, 17 pessoas morreram e cerca de 70 ficaram feridas nos incidentes registados domingo.

Gerasimov admitiu que, muito provavelmente, serão enviados reforços militares para Sumgait.

Os nacionalistas arménios exigem a reintegração da região de Nagorno–Karabja, na República soviética da Arménia e a sua separação do Azerbeijãp, à qual foi anexada em 1923 por ordem de Staline. Mais de 80 por cento dos habitantes de Karabja são de origem arménia.

Deliquência juvenil

Os responsáveis policiais de Moscovo manifestaram ontem a sua preocupação pelo aumento de deliquência juvenil registado durante1987 na capital soviética.

O delitos cometidos por jovens em Moscovo, que aumentaram cerca de 20 por cento em 1987, constituem 10 por cento do tortal registado no ano passado na capital, disseram responsáveis da milícia (polícia) moscovita.

As mesmas fontes acrescentaram que no ano passado 10.000 adolescentes foram referenciados no Departamento de Deliquência Juvenil da polícia da capital.

Panamá protesta

EUA suspendem pagam pela utilização do cana

O homem forte do Panamá, Noriega, condenou a decisão no os pagamentos para as operaç considerado que se trata d Washington.

Noriega, que é de facto quem g a decisão norte-americana é um amigo».

Mas o novo Presidente desig que substituiu o deposto Preside uma semana, afastou a hipóte Panamá aois barcos dos Estados

Na capital, a Polícia utilizou grupos de manifestantes qu ati barricadas com pneus a arder. N

Entretanto prossegue uma gre seu quarto dia.

Os EUA, segundo os tratad obrigados a pagar anualmente dólares ao Panamá. Estava p prestação de sete milhões de dó

...m norueguês William Joergensen ...e o sueco Jan Stening estiveram se... ...organização «Células Revolucioná...

...REDUÇÃO

...que ...da- ...das ...nu- ...rças ...bo- ...cta- ...rni-

...a li- ...vez ...a se- ...Nor- ...ora- ...for- ...bliar ...vis- ...iga- ...bal- ...da ...eres

...não ...topa

...for fraca», sublinharam.

Os líderes da NATO propuseram também uma redução de 50 por cento das armas nucleares ofensivas estratégicas dos EUA e da URSS, que deverá ser alcançada nas negociações em curso em Genebra.

O acordo EUA–URSS de Dezembro úllimo sobre eliminação das forças nucleares de alcance intermédio (INF) foi considerado pelos dirigentes da NATO como «um marco» nos esforços de controlo de armamentos Leste–Oeste.

Retomaram, entretanto, a posição adoptada quarta–feira, numa declaração separada, de apelo ao estabelecimento de «níveis estáveis e seguros nas armas convencionais.

...esta

...pagamentos ...o canal

...Panamá, general Manuel António ...ecisão norte-americana de suspender ...s operações do canal panamiano, ...trata de «outra agressão» de

...to quem governa o Panamá, disse que ...na é um acto hostil contra um «país

...nte designado, Manuel Solis Palma, ...o Presidente Eric Arturo Delvalle há ...a hipótese de fechar o canal do ...s Estados Unidos.

...a utilizou gá para dispersar vários ...s que atiravam pedras e construíam ...arder. Não há notícias de vítimas.

...uma greve geral que entrou hoje no

...os tratados do canal de 1977, são ...ualmente cerca de 80 milhões de ...Estava prevista a entrega de uma ...bes de dólares no próximo dia 15.

"Contras" ainda não responderam à oferta de Manágua

Ortega propõe conversações directas e dispensa o cardeal Obando y Bravo

O Presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, decidiu dispensar a mediação do arcebispo de Manágua nas conversações de paz com os rebeldes anti–sandinistas. No final de uma reunião com o arcebispo Miguel Obando y Bravo, Ortega disse que pretende agora negociar directamente com os «contra» sem intermediários.

O Presidente nicaraguense propôs a realização de nova ronda de conversações nos próximos dias 9, 10 e 11, em Sapoa, na fronteira da Nicarágua com a Costa Rica.

No encontro com o arcebispo de Manágua, Ortega agradeceu a Obando o trabalho desempenhado até agora e disse–lhe que podia assistir ao reinício do diálogo entre as duas partes.

O Presidente Ortega pediu ao arcebispo de contactasse com os dirigentes dos «contras» para apresentar a nova proposta de diálogo.

Por seu lado, em declarações à rádio católica, Obando y Bravo anunciou que ainda hoje deverá entrar em contacto com a resistência nicaraguense e acrescentou: «Talvez seja este o último serviço que presto, porque deixei de ser medianeiro».

Falando aos jornalistas depois de sair do encontro com o cardeal Obando y Bravo, que durou 20 minutos, Ortega disse que tinha nomeado o irmão, oi ministro da Defesa, general Humberto Ortega, para representar o Governo da Nicarágua nas conversações de Sapoa.

Sem intermediários, disse Ortega, «vamos realmente testar a boa vontade do chamado directório da contra–revolução («contras») para negocicar um cessar–fogo».

Acrescentou que o facto de ter nomeado o irmão, que também integra a junta de nove membros da Nicarágua, quer dizer que o seu Governo vai negociar ao mais alto nível.

Espera, disse, que os «contras» respondam elevando de algum modo a sua representação nas negociações.

O encontro entre Ortega e o cardeal Obando y Bravo parece ter decorrido amigavelmente. As relações entre os dois estavam um pouco tensas nos últimos tempos devido à insistência do cardeal em incluir assuntos políticos nas conversações.

Mas Ortega tornou a afirmar que as conversações com os «contras» só tratariam da questão do cessar–fogo.

Ortega tinha pedido a Oban - do y Bravo, que é arcebispo de Manágua, para mediar nas conversações destinadas a pôr fim a seis anos de guerra, depois da aprovação de um plano de paz assinado em Agosto passado na Guatemala, pelos Presidentes dos cinco países da América Central, incluindo Ortega.

Quando as conversações que decorriam na Guatemala pararam, há duas semanas, Obando y Bravo acusou os sandinistas de não quererem avançar. O cardeal disse que Ortega «estava mal informado» sobre os acontecimentos que levaram ao repentino fim das negociações.

Ortega decidiu então substituir o líder da delegação nicaraguense, Victor Tinoco, vice–ministro dos Negócios Estrangeiros, que até ao momento sempre fora o responsável pelas conversações com os rebeldes.

Não há ainda resposta dos «contras» à oferta de conversações directas por parte do Governo da Nicarágua.

Por sua vez, Washington não fez qualquer comentário sobre o assunto.

Soldados israelitas fazendo buscas numa aldeia da magem Ocidental do Jordão. Ontem os militares israelitas prenderam vários palestinianos acusados de montar barreiras numa estrada de ligação a um colonato judeu nas proximidades.

ONU pede revogação do encerramento da missão da OLP em Nova Iorque

A Assembleia Geral das Nações Unidas exortou os Estados Unidos a não encerrarem a missão da Organização de Libertação da Palestina na ONU, e pediu ao Tribunal Internacional de Haia uma opinião consultiva.

Segundo uma resolução aprovada por 143 votos contra um, o de Israel (EUA não participaram) o Governo norte–americano é obrigado pelo acordo de paz de 1947 que estabeleceu em Nova York a sede da ONU a permitir que a Organização de Libertação da Palestina (OLP) cumpra as suas funções oficiais perante as Nações Unidas.

O encerramento da missão, de acordo com uma lei aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos em Dezembro de 1987, «contraria as obrigações jurídicas internacionais» assumidas pelo país anfitrião, diz a resolução.

A Assembleia Geral da ONU pediu ao Tribunal de Haia uma opinião sobre o alcance da proibição dos Estados Unidos.

Shultz volta ao Médio Oriente

O secretário de Estado norte–americano, George Shultz, regressa hoje à noite a Israel para continuar a sua missão de paz no Médio Oriente, apesar das conversações inconclusivas que manteve com o rei Hussein da Jordânia, anunciou o Presidente Reagan em Bruxelas.

De referir que, enquanto facções mais radicais da OLP consideram que nenhuma delegação palestiniana se deve avistar com Shultz, o líder da organização, Yasser Arafat, anunciou que já escolheu uma lista de nomes para um eventual encontro com o secretárioo de Estado norte–americano.

24 HORAS

Golfo: duelo de mísseis continua

O Irão e o Iraque disseram ter disparado mais mísseis contra a capital de um e do outro, continuando um duelo iniciado há quatro dias e que já causou dezenas de mortos e feridos entre a população civil. A agência noticiosa iraquiana, Ina, captada em Nicósia, afirmou que o Iraque lançou dois mísseis terra–terra contra Teerão, pouco depois do nascer do dia de hoje e um contra a cidade santa de Qom, a Sul da capital iraniana. A mais recente série de ataques a centros populacionais iniciou–se no sábado, com um «raid» iraquiano contra um subúrbio de Teerão. Bagdade disse que o objectivo era uma refinaria de petróleo.

Waldheim processa semanário

O Presidente austríaco Kurt Waldheim aporesentou queixa por difamação contra o semanário vienense «Falter» e deu ordem para a confiscação da publicação. A queixa de Waldheim tem por motivo a publicação no semanário do texto da denúnica feita por 300 austríacos, no tribunal de Viena, contra o Presidente da República, considerando-o «corresponsável de assassínios no estado nacional–socialista». O grupo de austríacos subscritor da denúncia solicitou ao Ministério Público que investigue a possibilidade de incrimiar judicialmente Waldheim.

Protestos na República Dominicana

Os protestos nos bairros de São Domingos e a greve em diversos locais da República Dominicana continuaram com os trabalhadores a pedirem aumentos salariais e uma baixa no preço dos alimentos e serviços. O ressurgimento dos movimentos populares foi motivado, em parte, pelo anúncio, feito pelo Presidente Joaquim Balaguer, de um aumento de 33 por cento no salário mínimo dos empregados públicos. Nos distúrbios ocorridos na semana passada, morreram pelo menos cinco pessoas em várias cidades da República Dominicana.

Estado de emergência prorrogado no Chile

O estado de emergência que vigora em todo o território chileno foi prorrogado por mais 90 dias, pelo regime militar do general Augusto Pinochet. O decreto oficial, que tem as assinaturas de Pinochet e dos ministros do Interior e da Defesa, nomeia os generais que comandarão, durante esse período, as 13 regiões militares do país. Subsiste também no Chile o «estado de perigo de perturbação da paz interior», decretado em virtude das disposições transitórias da Constituição.

Chuvas voltam ao Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro voltou a ser fustigado por chuvas torrenciais que causaram um morto e geraram o pânico entre a população que ainda vive as consequências dos temporais de Fevereiro. O temporal derrubou um cabo de alta tensão em Niteroi, matando uma mulher, enquanto em várias ruas da cidade do Rio a água alcançou um metro de altura, provocando grandes congestionamentos de trânsito. Dafdos oficiais indicam que foram registados 561 casos de leptospirosis em todo o Estado e que pelo menos 33 pessoas morreram com a doença depois das chuvas.

Polícia da RFA contra neonazis

A Polícia da RFA revistou 86 casas em 61 cidades do país, numa ofensiva contra os neonazis, anunciou um porta–voz da Polícia. Um número indeterminado de prisões foi feito durante essa ofensiva, que abrangeu oito dos onze Estados da RFA. A ofensiva foi lançada contra membros da Frente de Acção Nacional Socialista, proibida em 1983, sob a alegação de que planeava retomar as unidades de tropa de choque «camisas castanhas» de Adolf Hitler, que actuava nas manifestações anti–nazis, intimidava, agredia e assassinava opositores, e assaltava, saqueava e queimava lojas e casas de judeus e sinagogas.

Ministro chinês nos EUA e Inglaterra

O ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Wu Xueqian, deixou Pequim para uma visita oficial de oito dias aos Estados Unidos, centrada na política chinesa dos direitos humanos e na venda de armas a um país em guerra no Golfo. O ministro chinês visitará depois o Reio Unido. Neste país as conversações deverão centrar–se na administração britânica de Hong Kong nos próximos nove anos, até ao regresso da colónia britânica à soberania chinesa.

Exército angolano: uma máquina combativa

Pascal Fletcher
Reuter-Lusa

Mais de uma década de guerra transformou os jovens soldados de Angola em tropas endurecidas pelas batalhas que, dizem os seus comandantes, podem equiparar-se em perícia e coragem às forças sul-africanas invasoras.

O número de baixas sul-africanas testemunha a crescente eficácia das forças angolanas cujos soldados, artilheiros e aviadores defendem uma linha de 500 quilómetros no sul de Angola, desde Lubango até à sitiada vila de Cuito Cuanavale, no sudeste.

«Anteriormente, os sul-africanos costumavam tratar a sua vinda a Angola como uma viagem turística, mas agora não o acham tão fácil», disse um comandante de campo, o capitão Bancão Armindo Fraternidade.

Pretória anunciou ter perdido cerca de 35 homens e pelo menos um avião desde que lançou uma ofensiva contra Angola, em Setembro.

Angola afirma que foram mortos 140 soldados sul-africanos e abatidos seis aviões no sudeste de Angola, durante as últimas oito semanas, contra 33 mortos e 54 feridos angolanos.

Dos guerrilheiros equipados com armas ligeiras que ajudaram a ganhar a independência em 1975, Angola, ajudada por Cuba e seus aliados do bloco de Leste, forjou o que os analistas dizem ser uma das mais poderosas máquinas de combate da África Austral.

Os seus 50 000 homens estão equipados com o mais moderno equipamento militar soviético.

Pretória diz que unidades do contingente militar cubano de 35 000 homens desempenham papel directo na guerra, mas os comandantes angolanos sustentam que o seu Exército é a ponta de lança da luta contra os sul-africanos e os seus aliados, os rebeldes da UNITA.

Estes comandantes afirmam que os cubanos desempenham um papel largamente defensivo e de apoio, embora intervenham em todos os sectores da guerra.

Jornalistas de visita a Cuito Cuanavale, na província de Cuando Cubango, sudoeste do país, viram tropas angolanas fortemente armadas ocupando posições avançadas a leste da vila, que tem estado sitiada pelos sul-africanos há mais de um mês.

Os comandantes angolanos juram defender a todo o custo a destroçada vila e a sua vital pista aérea.

Angolanos operam mísseis antiaéreos de fabrico soviético e as baterias de artilharia e guiam veículos blindados e tanques soviéticos. São também angolanos os pilotos dos helicópteros franceses «Aloquette» e dos MI-8 e MI-25 soviéticos, bem como dos aviões de transporte Antonov-26.

As tropas angolanas parecem bem alimentadas, estão bem equipadas e vestem camuflados verde escuro bem distintos, boné ou capacete «forma de pudim» ao estilo soviético.

As tropas cubanas, vistas sobretudo na próxima base aérea de Menongue e na estrada para Cuito Cuanavale, envergam uniformes iguais.

É elevado o moral entre as tropas angolanas da primeira linha em Cuito Cuanavale, sujeitas a bombardeamentos quase diários da artilharia e aviação sul-africanas. Saúdam os visitantes com sorrisos, aclamações e punho erguido.

Os pilotos angolanos que levam os jornalistas à frente de batalha demonstram impressionante perícia.

O segundo tenente Fernando Jorge da Silva, 28 anos, pilotou o seu cargueiro Antonov-26 numa descida em espiral de apertar à barriga para aterrar numa isolada pista aérea da linha da frente em Techamutete, cerca de 60 quilómetros a norte da vila de Cuvelai, na província do Cunene. «Isto é uma zona de guerra... o objectivo é sair do ar o mais depressa possível», explicou Silva com um sorriso. Foi treinado na União Soviética e fala russo com fluência.

Os comandantes de campo em Cuito Cuanavale e noutros postos da linha da frente têm entre 30 e 35 anos de idade, mas podem reivindicar até dez anos de experiência de batalha contra os sul-africanos e a UNITA.

PAPELARIA CLAU – XANA
QUELUZ -- MASSAMÁ
VENDE O DIÁRIO DE LISBOA
Rua Direita de Massamá, 181 – Casal do Belo — Massamá
RECEPÇÃO DE ANÚNCIOS

As delegações afegã e paquistanesa, sentadas à mesa das negociações em Genebra

FUTURO PRÓXIMO DO AFEGANISTÃO EM JOGO NAS NEGOCIAÇÕES DE GENEBRA

As conversações indirectas de paz entre as delegações do Afeganistão e do Paquistão entraram hoje no seu segundo dia no meio de sinais de compomisso de ambas as partes, nomeademente no que respeita à formação de um governo de ampla base durante o período da retirada das tropas soviétcias.

Ontem, as autoridades paquistanesas deixaram de exigir a formação imediata de um governo de transição que supervisione a retirada soviética do Afeganistão, facilitando as conversações de paz a decorrer em Genebra sob os auspícios das Nações Unidas.

A mais recente etapa das negociações entre o Paquistão e o Afeganistão, que tem como mediador Diego Cordovez, representante pessoal do secretário-geral da ONU, recomeçou em clima de optimismo, já que o principal obstáculo colocado pelo governo paquistanês foi agora retirado ou, pelo menos, adiado.

Com efeito—e depois de em Fevereiro Mikhail Gorbachev ter anunciado a disponibilidade da URSS em retirar do Afeganistão desde que em Genebra fosse alcançado um acordo de não interferência externa nos assuntos afegãos— as negociações de Genebra pareciam apenas ameaçadas pelas reservas de Islamabad, que defendia que o regresso à paz no Afeganistao passava pela retirada soviética e pela formaçaõ de um governo interino sem a participação do actual persidente afegão, Mohammed Najibullah.

O Paquistão insistia ainda em que não assinaria qualquer acordo de paz com o actual executivo de Cabul, reivindicando a formação de um governo novo e «legítmo», que deveria ser signatário do acordo negociado em Genebra, condição também exigida pela guerrilha afegã.

Mas ontem ao chegar a Genebra para as conversações, o chefe da delegação paquistanesa, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Zain Noorani, deu a entender que Islamabad não pretende atrasar o processo de paz no país vizinho, declarando: «ultrapassaremos esse obstáculo quando ele surgir».

Pelo seu lado, o ministro afegão dos Negócios Estrangeiros, Abdul Wakil, que antes de se deslocar a Genebra manteve conversações com dirigentes soviétcios, disse que o governo afegão está disposto a demitir-se , se necessário, para conseguir a paz no país.

E Cordovez anunciou,entretanto, que ambas as partes concordaram na necessidade de criação de um governo de ampla base durante o período de retirada das tropas soviéticas.

Esta questão é, sem dúvida, uma das mais delicadas das conversações de Genebra. Durante anos, a URSS recusou a retirada das suas tropas do Afeganistão sem antes garantir a constituição do governo que ficaria em Cabul. Agora afirma,contudo, que este é uma assunto que apenas diz respeito aos afegãos e não faz depender a retirada desta condição.

Os Estados Unidos, que têm fornecido equipamento militar à guerrilha afegã, adoptaram este mesmo princípio. No entanto, sectores do Congresso e da administração norte-americana manifestaram já a sua preocupação quanto a um acordo do tipo do proposto pela URSS em 8 de Fvereiro passado: a retirada total das forças soviéticas num prazo de dez meses, a contar do dia 15 de Maio, desde que em Genebra seja assinado um acordo que garanta a não interferência externa nos assuntos afegaos ou, mais precisamente, que ponha termo à ajuda militar norte-americana à guerrilha afegã

Os sectores críticos norte-americanos vêem netse acordo uma espécie de «ultimatum» aos Estados Unidos: ou a administração Reagan continua a apoiar a guerrilha e assume a responsabilidade de um malogoro de um acordo que conduza à retirada soviética ou, pelo contrário, põe fim à ajuda aos rebeldes, confiando apenas na palavra da URSS.

Segundo estes mesmos sectores, a constituição de um novo governo com o objectivo de supervisionar a retirada soviética seria uma garantia extra ao cumprimento do acordo a ser assinado Genebra.

Reservas do Irão e da guerrilha

Cordovez disse ainda que, após as suas conversações com Islamad e Cabul, e com diplomtas soviéticos e norte-amercianos, ficou convencido de que existe uma real determinação de todas as partes para se chegar a um acordo o mais rapidamente possível.

O representante da ONU disse que as actuais negociações prosseguirão o tempo que for necessário até se chegar a um acordo «que será assinado mais depressa do que se pensa».

Cordovez está também em contacto com as autoridades de Teerão, pois no Irão estão cerca de dois milhoes de refugiados afegaos.

Mas o Minsitério iraniano dos Negócios Estrangeiros disse já que considera as conversações de Genebra «meramnete como mais um esforço para cumprir os recentes acordos entre as duas superpotências».

Alguns chefes da guerrilha afega têm considerado as conversações como não representativas e pedem negociações directas com Moscovo para pôr fim à guerra que se prolonga há oito anos e que fez já um milhao de mortos.

Na quarta-feira, Mohammad Khalis, chefe da principal aliança dos rebeldes miçulmanos, emitiu um comunicado no Paquistão dizendo que continuará a lutar até à retirada do último soldado soviético do Afeganistão e atè à queda do actual regime de Cabul.

O problema dos refugiados

Um relatório das Nações Unidas hoje publicado chama entretanto a atenção para o facto de o sucesso das negociações de Genebra poder deixar um dos principais problemas por resolver: o regresso de mais de cinco milhoes de refugiados afegãos que fugiram para o Paquistão e para o Irão após a entrada das tropas soviéticas no Afeganistão, em Dezembro de 1979.

O relatório preparado pela Comissão de Direitos Humanos da ONU sugere que a maioria não pretende regressar sob um sistema de governo idêntico ao actual, e que é apoiado por Moscovo.

O documento sublinha que a situaçao quanto aos direitos humanos no Afeganistão melhorou, mas continuam a existir provas de tortura e mortes de presos poltíticos.

O jurista austríaco Felix Ermacota, que compilou o relatório para a comissão de 43 países, disse que a «política de reconciliaçao nacional» avançada o ano apssado pelo governo de Cabul parece não ter atingido os seus fins.

Enm Janeiro, altura em que visitou o Afeganistão, existiam neste país 3.147 presos políticos a cumpir pena. Mais de 7.000 tinham sido libertados devido a amnistias..

Com a possibilidade de um rápido acordo sobre a retirada soviétcia, o principal problema passa a ser o do regresso dos refugiados «em liberdade e dignidade, participando num governo que represnete todos os sectores da sociedade afegã»,diz o relatório.

Sem quebra do preço do barril e desvalorização do dólar

FACTURA DO PETRÓLEO AUMENTA 30 POR CENTO

As importações de petróleo bruto em 1987 custaram a Portugal mais 30,6 por cento que no ano anterior, tendo as compras de crude passado de 103 para 134,7 mihões de contos.

De acordo com os números provisórios da Secretaria de Estado da Energia, o acréscimo do valor das importações verificado deve-se, fundamentalmente, à recuperação dos preços do petróleo nos mercados internacionais, que, em 1986 haviam descido para metade dos níveis de 1985 e 1984, e um acréscimo das quantidades compradas ao exterior no ano passado.

Portugal comprou petróleo em 1987, a preços superiores aos de 1986 em cerca de 9,1 por cento, tendo importado além disso, cerca de 7,5 milhões de toneladas de crude, contra 6,2 milhões em 1986, o que equivale a um aumento aproximado de 20 por cento.

Estes valores que não incluem os custos inerentes às operações de importação — fretes, taxas alfandegárias, entre outros — bem como o valor da importação de produtos refinados do petróleo, referem-se ao preço médio de compra de 18 mil escudos a tonelada, valor superior ao de 1986 — 16 514 escudos — contrariamente aos valores registados em anos anteriores, 30 366 escudos e 34 423 escudos respectivamente em 1984 e 1985.

A forte quebra dos preços de crude verificada em 1986, aliada à desvalorização do dólar norte-americano, fizeram com que Portugal gastasse, nesse ano, em importações de petróleo bruto, menos de metade do que havia despendido em cada um dos dois anos anteriores (1985 e 1984).

Nesses anos, os preços do petróleo atingiram, em escudos, os seus níveis mais elevados de sempre, tendo as importações de crude somado, respectivamente, 309,6 e 314,2 milhões de contos.

Segundo as últimas estimativas oficiais, com a inclusão do valor da importação de produtos refinados, a factura petrolífera portuguesa deverá ter-se situado nos 200 milhões de contos, em 1987, contra 159,3 milhões em 1986, o que corresponde a um acréscimo de 26,8 por cento. Quando em 1984 e 1985, as importações de petróleo bruto e refinados atingiram os valores de 314,2 e 309,6 milhões de contos, respectivamente.

Para empresas com facturação superior a 170 milhões de contos

Aprovado projecto comunitário sobre concentração de empresas

A comissão europeia adoptou ontem uma proposta de regulamento sobre o controlo de operações de concentração entre empresas, na perspectiva do grande mercado interno europeu em 1992.

De acordo com a proposta da comissão, o regulamento não será aplicado a concentrações cujo volume de negócios seja inferior a mil milhões de ECU's, cerca de 170 milhões de contos, ou, no caso de ser superior, que uma das empresas envolvidas tenha um montante de facturação inferior a 50 milhões de ECU's.

Como salientou Peter Sutherland, comissário europeu responsável pelas questões de concorrência, estas duas disposições fazem parte da chamada «dimensão comunitária» agora definida pela comissão, tendo referido que o novo regulamento não se aplica às empresas envolvidas num projecto de concentração tenham mais de 75 por cento do volume de negócios num Estado membro.

O novo regulamento reflecte as orientações de princípio delineadas pelo conselho, a 30 de Novembro último, e será apresentado a esta instituição para aprovação final.

Sutherland salientou ainda o que considerou uma das alterações importantes relativamente a propostas anteriores que dizem respeito à redução de prazos para a abertura de um processo de concentração — dois meses — e a decisão final — quatro meses.

Assim, todas as concentrações devem ser comunicadas previamente à comissão europeia que as examinará de acordo com o regulamento, que, na opinião transmitida por Sutherland, não reflecte uma «ideologia do 'big is beautiful' (grande é bonito) ou do 'small is beautiful' (pequeno é bonito), mas sim o exame da dimensão ideal que permita liberdade de escolha ao consumidor».

Por outro lado, declarou, trata-se de corresponder às exigências de uma concorrência dinâmica que permita aumentar a competitividade da indústria europeia, dado que, para o comissário europeu, «não é lógico haver apenas controlos nacionais de concentração entre empresas e não uma forma de controlo mais claro», de âmbito comunitário.

As operações públicas de aquisição (OPA) estão também consideradas no regulamento, de acordo com o qual deverão ser notificadas à comissão europeia antes da sua realização, tendo sido adiantado, como «sanção desejável» de irregularidades no processo, o bloqueio da concentração.

Desconhece-se ainda a data da entrada em vigor, uma vez que o regulamento terá de ser aprovado pelo conselho, necessitando-se, como referiu o comissário, de «uma unidade especial da comunidade de controlo das concentrações», que anualmente e em média costuma movimentar entre 100 a 150 processos.

CEE preocupada com desvio de economistas

A Comissão Europeia propôs ontem um plano experimental de seis milhões de ECUS por quatro anos, destinado a estimular as ciências económicas na CEE, com vista ao estreitamento da cooperação dos técnicos comunitários.

O SPES (Plano de Estímulo para as Ciências Económicas), que deverá vigorar, numa fase experimental, entre 1989 e 1992, visa promover a cooperação entre economistas europeus sobre os temas de investigação de interesse comunitário, bem como o regresso de jovens economistas que trabalham foram da comunidade.

Os apoios financeiros serão concedidos sob a forma de bolsas de estudo, ajudas de deslocação, subsídios para a organização de seminários e lançamento de acções de cooperação no domínio da investigação científica.

De acordo com a Comissão Europeia, constata-se que a Europa dispõe «de muito bons economistas que trabalham frequentemente num quadro nacional e que estabelecem ligações preferenciais com colegas do outro lado do Atlântico», prejudicando, como diz a comissão, a investigação económica que se orienta «muito pouco para a problemática da construção europeia.»

Ao contrário, como se acrescenta, «os problemas microeconómicos ligados com a realização do grande mercado interno europeu, os problemas de coordenação das políticas macroeconómicas e monetárias e da política social necessitam de exames aprofundados para poder preparar as decisões políticas necessárias.»

Fipor distribui 1,1 milhões de contos

O Fipor — Fundo de Poupança e Investimento — apurou, em 1987, um lucro de exploração superior a 1,8 milhões de contos, ultrapassando as previsões feitas em Novembro que apontavam para 1,5 milhões de contos.

A sociedade gestora do fundo, CPG, anunciou ainda que, a partir do dia 14, o Fipor vai operar a distribuição de rendimentos relativos às unidades detidas pelos participantes à data de 25 de Fevereiro, sendo distribuídos um milhão e cem mil contos, correspondentes a oitenta escudos por unidade de participação.

Este valor provém do rendimento de títulos de crédito e de aplicações monetárias, juntamente com as mais-valias realizadas no último quadrimestre de 1987, em parte — como referiu Humberto Sousa, director do FIPOR relacionados com a concretização de mais-valias não previstas.

A CPG, por sua vez, encerrou as contas de 1987 com um resultado positivo de 250 mil contos, aguardando apenas a publicação da legislação que permita às sociedades gestoras de fundos a gestão de vários fundos.

Tranquilidade soma 14,4 milhões

A Tranquilidade Seguros realizou em 1987 um volume de prémios de seguro directo no valor de 14,4 milhões de contos, dos quais 2,1 milhões no ramo vida, contra lucros de meio milhão de contos, registados em 1986.

Para 1988, a empresa propõe-se realizar uma produção de 16 milhões de contos — apesar de reconhecer tratar-se de um ano de «contexto fortemente concorrencial» — apoiada num plano com três áreas: formação, qualidade dos serviços e produtos e comunicação interna e externa.

Entre os objectivos fundamentais traçados pela seguradora para este ano estão a criação de novos produtos que correspondam às necessidades de mercado, melhoria do serviço prestado e condições mais favoráveis para coberturas de seguro, além da manutenção da sua quota de mercado.

URSS vai ter cartão de crédito

Os cidadãos soviéticos poderão muito em breve dispôr de um novo instrumento financeiro destinado a uma maior fluidez da circulação monetária. Com efeito, está previsto ainda para este ano a colocação ao público de um cartão de crédito, graças a um acordo assinado com a sociedade Visa.

A notícia, difundida pela publicação soviética «Notícias de Moscovo», insere-se num conjunto de medidas de âmbito económico que a nova direcção daquele país pretende introduzir, tendente a uma dinamização dos circuitos financeiros e velocidade dos movimentos mercantis, bem como a uma maior transparência de todo o tipo de custos nos preços dos produtos e acréscimo da eficácia e eficiência produtiva.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	59$05	65$05
ALEMANHA FED. (marco)	80$90	82$10
ÁUSTRIA (xelim)	11$50	11$70
BÉLGICA (franco)	3$675	3$925
BRASIL (cruzado)	$790	1$390
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	108$65	111$15
(notas de 5 a 1000)	109$15	111$65
DINAMARCA (coroa)	21$15	21$55
ESPANHA (peseta)	1$171	1$291
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$70	140$20
(notas de 5 a 1000)	137$20	140$70
FINLÂNDIA (marka)	33$50	34$10
FRANÇA (franco)	23$90	24$60
HOLANDA (florim)	72$05	73$15
IRLANDA (libra)	216$75	220$75
ITÁLIA (lira)	1$100	1$115
JAPÃO (iene)	1$024	1$079
NORUEGA (coroa)	21$50	22$00
REINO UNIDO (libra)	243$45	247$95
SUÉCIA (coroa)	22$80	23$30
SUÍÇA (franco)	98$00	99$50
VENEZUELA (bolívar)	4$386	5$386

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Taça das Taças - Atalanta, 2 - Sporting, O

O "ESQUEMA CONDENSADO" NÃO RESULTOU

Nada de desânimo excessivo. Na verdade, a equipa do Atalanta que transitoriamente disputa o campeonato secundário não tem nada a ver com equipa de «segunda» como por aí foi dado constar. Com o ex-benfiquista Stromberg a servir de «pivot» da turma, filtrando todo o jogo no «miolo», o Atalanta tem nas suas fileiras outros futebolistas da mais requintada craveira e o resultado obtido (ainda que os golos tenham sido ingenuamente consentidos pela cortina defensiva dos «leões») revela bem da força da turma de Bérgamo. Apesar de tudo isto, convirá ter em conta que o Sporting possui nas suas fileiras artistas de gabarito capaz de anular o «zero-dois» que hoje chega na bagagem dos pupilos de António Morais.

Dois erros cometidos pela defesa dentro da área, com particulares responsabilidades para Venâncio, custaram ao Sporting uma comprometedora derrota (2-0), em Bérgamo, frente aos italianos do Atalanta em encontro da primeira «mão» dos quartos-de-final da Taça das Taças em futebol.

O defesa leonino provocou uma grande penalidade, aos 44 minutos, que Nicolini não perdoou, e teve uma «fífia», aos 79, permitindo que o avançado Cantarutti fizesse o 2-0, resultado que torna difícil o futuro dos «leões«na competição.

Por ironia, o Atalanta, hoje na segunda divisão italiana e no qual milita o ex-benfiquista e sueco Glenn Stromberg, já havia ganho ao Sporting por 2-0, em Bergamo, há 25 anos numa eliminatória da Taça das Taças que viria a terminar favorável aos portugueses no desempate.

Na ausência do seu melhor goleador, Garlini, que se encontra lesionado, o Atalanta acabou por obter uma vantagem que certamente não esperaria, não tanto pelo mérito dos seus jogadores, mas pelos deslizes da defesa leonina.

O melhor «italiano» em campo foi Stromberg, a jogar solto no terreno e a exibir muita força física, varrendo as quatro linhas, lutando cruzando e saltando no interior da área, numa missão polivalente que lhe assegurou a melhor actuação individual.

O Sporting, com Sealy e Cascavel adiantados, não conseguiu criar perigo real durante os 90 minutos, com excepção apenas para um remate em queda de Silvinho no interior da área, aos 72, a proporcionar uma defesa em voo ao guardião Piotti.

Cascavel, inofensivo na frente do ataque leonino, foi uma sombra de si próprio, com os cruzamentos por alto para a baliza de Piotti a serem facilmente anulados pela muralha defensiva dos transalpinos.

Depois de uma perdida à boca da baliza de Cantarruti, aos 23, o Atalanta chegou ao 1-0 já perto do intervalo, aos 44, na transformação de uma grande penalidade convertida por **Nicolini,** castigando um corte com o braço de Venâncio sob a linha de golo. O tento surgiu numa saída em falso de Rui Correia a um cruzamento, com o guarda-redes a defender ainda um golpe de cabeça de Ronacina, mas com Venâncio a meter o braço ao esférico em posição difícil.

A má saída de Rui Correia não apaga, no entanto, as três grandes defesas que executou, invalidando golos certos aos dianteiros e recorde-se que o jovem guarda-redes sportinguista foi o melhor jogador da sua pálida equipa.

A desvantagem, a um minuto do intervalo, deixou o Sporting algo inseguro para o período complementar, com os pupilos de António Morais a mostrarem falta de soluções ofensivas para romperem a bem organizada defensiva dos locais.

Duros e impiedosos na luta corpo a corpo, os defesas italianos não deram tréguas nem espaço de manobra aos avançados leoninos, com a bola a ficar retida a meio-campo, tornando o jogo monótono e pouco emotivo.

Um «tiro» de Bonetti de fora da área, aos 55, quase surpreendia Rui Correia, que evitou o pior com uma defesa em voo para canto, tendo Vírgilio, aos 70, falhado a emenda de cabeça a um centro de Silvinho do lado esquerdo.

Com medo de arriscar mais no ataque, o Sporting limitou-se a conter o «pressing» do Atalanta, tendo, aos 79, Venâncio, já com a bola dominada, falhado o corte dentro da área, na sequência de um toque de cabeça de Stromberg, com **Cantarutti,** com o pé esquerdo, a rematar sem hipóteses para Rui Correia.

Com o 2-0 veio a «festa» dos adeptos do Atalanta, com um foguete luminoso a cair junto da baliza de Piotti, numa atitude de poder levar a UEFA a castigar ou a multar os italianos.

O desfecho final acabou por castigar os «leões» pela falta de garra e determinação em jogo, enquanto Stromberg e Vantarruti merecem ser eleitos os melhores em campo pelos transalpinos.

Só um futebol de ataque na segunda «mão» em Alvalade poderá salvar o Sporting da eliminação, com a agravante de os «leões» não poderem consentir mais nenhum golo, sob pena de tudo se complicar ainda mais.

Bérgamo: quem era capaz de segurar Stromberg?

Sob a direcção de Zigfried Kirschen, da RDA, as equipas alinharam:

ATALANTA: Piotti; Rossi, Gentille, Fortunato e Nicolini; Bonacina, Frogna, Icardi e Stromberg (Salvadori, 85); Bonetti (Consonni, 73) e Cantarruti.

SPORTING: Rui Correia; João Luís, Duílio, Venâncio e Virgílio; Carlos Xavier, Oceano, Mário e Marlon (Silvinho, 46); Sealy e Cascavel.

Ao intervalo: 1-0

Golos: 1-0, Nicolini, de grande penalidade, aos 44 minutos, e 2-0 por Cantarruti aos 79 minutos.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Gentille (21 minutos) e Rossi (60).

Os 11 jogos uefeiros

Certezas ficam para mais tarde

Naturalmente que as atenções dos portugueses estavam concentradas no que ia ocorrendo em Bérgamo e depois sobre o que se passava no Estádio da Luz. Lá para as terras transalpinas as «coisas» não correram bem para o Sporting, enquanto aos benfiquistas e a avaliar pela toada exibicional exibida pelos comandados de Toni, é de prever que a meia-final esteja ao alcance dos «encarnados». Convirá não evidenciar acentuado pessimismo relativamente às possibilidades dos «leões», já que ainda faltam 90 minutos e «dois-zero» é resultado que Cascavel e seus companheiros poderão «virar» daqui por 15 dias em Alvalade.

O jogo da noite foi o electrizante, conforme esperado, Bayern-Real Madrid, disputado perante 70 000 espectadores em Munique.

Depois de uma primeira parte sem golos, os campeões germânicos marcaram três sem respostas, por Pfluegler, Eder e Wolhfarth, no espaço de 10 minutos, e parecia que estava tudo resolvido, com o «carrasco» do campeão europeu FC Porto batido. Mas faltava ainda o «golpe de teatro» da grande equipa espanhola: nos dois últimos minutos, as «estrelas» Brutageño e Hugo Sanchez reduziram para 3-2, dando todas as hipóteses ao Real, em busca da reconquista do título perdido há já longos anos.

Aliás, as meias-finais que se adivinham na Taça dos Campeões são aliciantes: o Steaua de Bucareste tenta recuperar o título que ostentou antes do FC Porto, como provam os 2-0 com que venceu na Roménia o Glasgow Rangers, da Escócia, com tentos logo aos 3 minutos, por Piturca, e aos 67, por Iovan.

O PSV Eindhovan, líder imbatível do actual campeonato holandês, foi a Bordéus empatar, 1-1, e tem a eliminatória à sua disposição. Primeiro marcou o Bordéus, por Toure, aos 21 minutos, mas Kieft igualou aos 40.

Taças

Na Taça dos Vencedores de Taças, o seu actual detentor, o Ajax, só jogará em Berna com o Young Boys em 9 de Março.

Enquanto isso, o Olympique de Marselha jogou em Lecce, (Itália) casa «emprestada» ao Rovaniemi devido ao mau tempo na Finlândia, e venceu por 1-0, golo de Jean Pierre Papin aos 27 minutos e tudo ficou facilitado para Marselha, em 15 de Março.

Em Malines, na Bélgica, os soviéticos do Dínamo de Minsk jogaram os últimos 11 minutos com 10 jogadores, por expulsão de um elemento, e não conseguiram segurar o 0-0, pois a quatro minutos do fim Pascal de Wilde conseguiu marcar, mas o resultado é escasso para a deslocação à União Soviética.

Na Taça UEFA, as equipas de Barcelona tiveram uma noite em cheio. O Espanhol venceu por 2-0 o Vitkovice, da Checoslováquia, que afastara o Vitória de Guimarães, enquanto o Barcelona ia à RFA empatar sem golos com o Bayern Leverkusen, apagando com os feitos na UEFA, onde já eliminara o Belenenses, os desaires no campeonato nacional.

O Werder Bremen, ao contrário do Leverkusen, ficou com as meias-finais à vista ao vencer por 1-0 em Verona, fazendo render um tento de Neubarth, aos 3 minutos da segunda parte, perante as perdidas constantes dos italianos.

Finalmente, o Panathinaikos, que cometera a proeza de afastar a poderosa Juventus da Taça UEFA, não conseguiu, em Atenas, melhor do que um 2-2 frente aos belgas do FC Bruges, que terão decidido a eliminatória.

Munique: Hugo Sanchez entre Norbert Eder e Klaus Augenthaler

UEFA: como vão as coisas

Resultados dos jogos da 1.ª «mão», dos quartos-de-final das provas europeias de futebol:

Taça dos Campeões

Benfica-Anderlecht (Bélgica) =. 2-0
Bayern Munique (RFA)-Real Madrid (Espanha) =. 3-2
Steaua Bucareste (Roménia)-Glasgow Rangers (Escócia) =. 2-0
Bordéus (França)-PSV Eindhoven (Holanda) =. 1-1

Taça dos Vencedores de Taças

Atalanta (Itália)-Sporting =.2-0
Malines (Bélgica)-Dínamo Minsk (URSS) =. 1-0
Rovaniemi Palloseura (Finlândia)-Olympique Marselha (França) =. 0-1
Young Boys (Bélgica)-Ajax Amesterdão (Holanda) =. adiado

O jogo Rovaniemi-Marselha realizou-se na 3.ª feira em Lecce (Itália) em virtude do mau tempo na Finlândia. O embate Young Boys-Ajax, adiado devido ao mau tempo em Berna, realiza-se no dia 9, mantendo-se a 2.ª «mão» para o dia 16.

Taça UEFA

Eapanhol (Espanha)-Vitkovice (Checoslováquia) =. 2-0
Panathinaikos (Grécia)-FC Bruges (Bélgica) =. 2-2
Bayer Leverkusen (RFA)-Barcelona (Espanha) =. 0-0
Verona (Itália)-Werder Bremen (RFA) =. 0-1

A 2.ª «mão» dos quartos-de-final das três taças disputa-se a 16 do corrente, à excepção do Marselha-Rovaniemi, antecipado para 15.

Taça dos Campeões: Benfica, 2-Anderlecht, 0

NOVA PLUMAGEM DA ÁGUIA É FASCÍNIO PARA A LUZ

Neves de Sousa

Fascinante: 30 minutos bordados com futebol de iguaria, renderam tudo e todos. Um Benfica totalmente virado do avesso em relação ao que se via no palco quando era chefiado pelo dinamarquês Skovdhal, obrigou ao rugido da Luz: e à intimidação (respeitosa e venerável) de um «team» de cotação no mercado superior do jogo-rei.

Fabulosa (pelo menos) aquela meia hora inicial: extremos à linha, Chiquinho serpenteante. Pacheco parecendo que está nascendo o **modelo-águia** semelhante a esse **pequeno genial** que se chama Fernando Chalana e ainda não abdiquei de voltar a aplaudir. Mas, ontem (se o permitem) uma vez mais o exportimonense fez esquecer o nosso emigrante pouco bem sucedido: graças a uma excelente combinação com Álvaro (raça, brio, dignidade e elevado sentido profissional) e à batuta simplesmente maravilhosa de **mestre** Elzo, o rapazinho vindo de Portimão provocou tais amargos de boca a Marchoul e seus pares que, a partir do primeiro silvo arbitral, logo se viu que o sinal da esgrima estava definido.

Mas, se é autorizada, a primeira palavra superior tem (mesmo) de ser para Elzo: esteve permanentemente em acção, defendeu, construiu e atacou, correu o campo todo, homem de uma figa que parecia movido por um turbilhão. Depois, este novo (e bem remoçado) «team» rubro contou com um Silvino que, em duas paradas a valerem ouro, imediatamente deu confiança absoluta à demais legião da sua entidade patronal: e, como o grande senhor que é Mozer tinha a seu lado (secundando-o perfeitamente) o entusiasmo e generosidade de Veloso mais a calma e segurança estratégica de Dito, o Benfica galopou convictamente para a vanguarda, destruindo todos os diques e, em cada centro alto, despedido das faixas laterais sobre uma siderada cortina de «backs», semeando o pânico, anteveu-se logo que os golos iam surgir. E assim foi, para que o tal relampejante traço de fulgor culminasse com o sal e a pimenta do rei dos festins desportivos.

●

o «libero» dos belgas (Van Tiggelen) não tinha pés a medir: e, de cabeça, Rui Águas e Magnusson não perdiam um só lance. Os defesas que deveriam tapar Pacheco e Chiquinho ficavam frequentemente a apanhar malmequeres. E, embora Keshi (o melhor futebolista da Nigéria) mostrasse a autêntica classe que o credencia, o certo é que os homens da águia dispunham de todo o terreno para se atirarem a Munaron como gato a bofe, obrigando o excepcional (e correctíssimo) guardião «internacional» a corresponder ao seu parceiro da outra baliza. Só que, enquanto Silvinho dispunha de uma cobertura eficiente e ágil, destemida e atenta, a barreira belga iria desfazer-se em menos de um raio: Rui Águas na base da multidão se erguer em delírio, Pacheco dando o

Toni entre Nunes e Shéu: o rapaz de Manteigas iria render Chiquinho

O belíssimo golo de Chiquinho: era o 2-0

Elzo foi a figura esplendorosa do palco da Luz

melhor seguimento no tento de abertura, Magnusson a vir lá de cima e (no golo dois) a cópia pertencer ao azougado Chiquinho. Era o 2-0: daí para a frente, o espectáculo não poderia estar mais elevado, porque (como nos diria depois Toni) **«os jogadores são humanos, é impossível meter neles uma 'cassette' e fazê-los funcionar sempre para 20 valores».**

●

O curioso é que, ainda na fatia de ouro, o Benfica poderia ter conseguido mais conforto para o seu lar: Magnusson esteve por um triz à beira de um golpe de alto espectáculo, numa troca de pés em que derrotou completamente dois opositores. E, contra o que seria para esperar, o poderia atlético das visitas não incomodou o Benfica, nem sequer uma estalada em Águas quando ele ia a caminho do disparo, tampouco um raide de Diamantino que por milímetros não se concluiu com beijo no fundo da gaveta. Só que, completamente esgotadas algumas unidades do «show», o 2-0 iria permanecer no «placard», embora o refresco de Vando (gazela sambista que continuou o labor de Pacheco) como o apelo à força e vontade do possante Nunes pudessem culminar com mais um golinho de adiatamento, o que seria bem preciosíssimo: apenas a sorte fez negaças a Magnusson, naquele falhanço de todo o tamanho que não voltará a repetir em toda a vida, andava-se já no último minuto do tempo complementar que foi (assim a modos que) o café e o digestivo para o pantagruélico banquete do futebol-sol que rendeu incondicionalmente uma plateia já garantida de que os processos de trabalho de Toni, para além de restituírem **uma equipa** a um emblema de total grandeza, voltaram a vestir **na autêntica pele** alguns dos melhores executantes mundiais, personagens artísticas para deleite e beleza em qualquer latitude.

●

Não nos cansaremos de dizer: **os dois golos que vão viajar na nossa bagagem até Bruxelas não são garatia-aval** da nítida passagem em frente, porque (adivinha-se) o «pressing» do Anderlecht vai ser impressionante, especialmente nos períodos iniciais de cada talhada de melancia. Só que, se o Benfica souber manter a mesma concentração que lhe permitiu ficar com as redes invioladas e (simultaneamente) voltar a contar com os seus **pontos-base** em alto expoente, aí teremos o Benfica com um passo mais para o troféu que já por duas vezes foi seu orgulho.

Ontem, desde o impecável Silvino ao comandante Diamantino, todos souberam justificar a tremenda ovação que coroou o poema futebolístico na Luz. Um guarda-redes que atravessa o melhor instante de calendário da sua carreira, Mozer e Elzo explicando aos últimos descrentes porque motivo têm lugar na mais retumbante selecção brasileira, Rui Águas totalmente reencontrado com a sua arte, Magnusson em cada minuto mais se cimentando na admiração geral, Pacheco trepando pela encosta como se fosse movido a turbina, Veloso outra vez senhor de arte e engenho para discutir competência, Dito com aquele tom displicente que (afinal) é sinónimo de classe e técnica de rei, Álvaro que é (apenas e só) um dos melhores laterais de todo o universo do pontapé na bola, Chiquinho e Vando, e Nunes mostrando à sociedade que são pedras límpidas naquilo que o presidente João Santos denomina **«a nossa briosa equipa».**

●

Resumindo e concluindo, como dizia um professor que muito me ensinou na primária: temos gente para bom consumo, interno e externo. Verdade que tem sido demasiado periclitante o percurso do Sporting nas últimas épocas, mas também o naipe dos **uefeiros** já está renovado com a incursão do Desportivo de Chaves, nota inédita da temporada. Mas (desculpem se volto a tocar no assunto) o Benfica **parece chicoteado** pelo assomo de elevadíssima categoria de um **Porto que**, siderando tudo e todos, subiu ao mais alto galarim do futebol: e isso talvez tenha sido, embora em detrimento do percurso local, um óptimo acicate para o Benfica renovar o modo de vida. Como ontem se viu, mesmo em olhar de leigo ou desprevenido.

Sob os olhares do excelente juiz checoslovaco Dusan Krchnak, «capitão» Diamantino ensaia uma progressão

Árbitro: Dusan Krchnak (Checoslováquia), ajudado por Josef Marko e Josep Poucek.

BENFICA: Silvino; Veloso, Dito, Mozer e Álvaro; Chiquinho (Nunes 76 m), Elzo, Diamantino (cap.) e Pacheco (Wando, 83 m); Rui Águas e Magnusson.

ANDERLECHT: Munaron; Van Tiggelen; Marchoul (De Mol, 86 m), Keshi, Grun e Andersen; Gudjohensen, Jassen, De Groot (cap.) e Vervoort; Nilis (Kmcevic 61 m).

Golos: Magnusson (15 m) e Chiquinho (19 m). Cartão amarelo para Keshi (28 m) e Mozer (63 m).

ALL STAR CONVERSE
A ESCOLHA DAS ESTRELAS

"Caso-Rijkaard": Federação esclarece

Sobre a recusa na inscrição do futebolista Rijkaard na FPF e que originou negativa reacção por parte dos dirigentes do Sporting e do empresário Jorge Gonçalves, o executivo federativo emitiu um comunicado com o seguinte teor:

«Porque se vem especulando de forma falaciosa com a decisão da FPF que não viabilizou para a corrente época a inscrição do jogador Rijkaard, caminhando-se já, em alguns sectores para a pessoalizar, impõe-se sobre ela um esclarecimento objectivo e claro.

A deliberação que mereceu recurso do Sporting Clube de Portugal para o Conselho de Justiça, foi um acto assumido pelo pleno da direcção da FPF, no estrito cumprimento de disposição de carácter genérico em vigor desde quando não se imaginaria sequer o processo Rijkaard e as nuances que este conheceu, geradas, é bom recordá-lo, em instâncias e por motivos a que somos inteiramente alheios.

Tal deliberação fundamentou-se, aliás, em parecer jurídico antecipadamente colhido, o que revela, sem dúvida, os cuidados postos na procura de uma correcta interpretação e aplicação dos preceitos regulamentares respectivos.

Mas esse cuidado de não ferir direitos eventualmente legítimos dos interessados no processo, foi por esta direcção levado mais longe e até onde era possível quando, perante o Conselho de Justiça, se ultrapassou a atitude habitualmente seguida em processos de recurso de oferecer a estes o merecimento dos autos, para se aditar aí um relato cuidado de situações e circunstâncias de excepção, que poderiam militar em favor da tese defendida pelo Sporting Clube de Portugal.

Assim e como fica claro, a direcção da FPF não buscou nunca defender ou sustentar tese de infalibilidade da sua decisão, antes deixando que em relação a ela se abrisse a mais larga margem de revisão ou correcção, como aliás todo o processo comprova de modo irrefutável.

Compreendemos, naturalmente, a mágoa de quem se viu compelido a adiar um significativo passo de valorização desportiva.

Não é legítimo, no entanto, que se atribuam intenções menos claras a quem no processo usou de toda a isenção. E menos legítimo será que se pretenda aqui atingir uma pessoa individualmente, no caso o presidente da direcção da FPF, por uma decisão que não foi sua, porque o foi sempre e só de todo o órgão a que pertence.»

ATRELADOS-TENDA
Novidades/88

Modelo EASY-COMBI: dois quartos casal e sala.

Modelo GOLF: dois quartos casal, sala e avançado.

DESCONTOS ESPECIAIS NAS ENCOMENDAS EFECTUADAS DURANTE O MÊS DE MARÇO – contacte os n/serviços comerciais pelo telef.: 247 07 38

marisolo Lda. – Av. da República n.º 1038-A Loja Esq.º 2775 – PAREDE

8.º JUÍZO DO TRIBUNAL DE TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que pela 1.ª Secção do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm termos uns Autos de Contrato de Trabalho, registados sob o n.º 4/86, em que é Autora Carlos Corado de Lima Alves e Ré Fenco-Serviços de Trânsitos, Ld.ª, com última sede conhecida na Rua da Manutenção, 17-2.º Esq.º, Lisboa e neles correm éditos de TRINTA DIAS, notificando a Ré da Douta Sentença proferida em 88.02.09, em que foi condenada a pagar à Autora a quantia de 181 400$00.

Mais fica notificada a referida Ré de que tem o prazo de UM MÊS, findo que seja o dos éditos e, estes a contar da 2.ª e última publicação dos anúncios, para juntar aos Autos documento comprovativo da extinção da divida, sob pena de ser dado cumprimento ao disposto no art.º 92.º do Cód. Processo Trabalho.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1988

O Juiz de Direito,
Ass. ilegível

A Escriturária,
Ass. ilegível

«DL» 3/3/88 — 2.ª Pub.

FALECEU

Manuel Aparício Serrano

O Conselho de Administração da MAGNETROM – Comércio e Indústria de Aparelhagem Eléctrica, SA, comunica com profunda mágoa o falecimento do seu estimado membro, Exmo Sr. Manuel Aparício Serrano, tendo-se o funeral realizado no dia 9 de Fevereiro último.

À família enlutada apresenta os seus sentidos pêsames e acompanha-a na sua dor.

Futebol por aí fora

HISTÓRIA REEDITADA: PORTO NO ESTORIL

O FC Porto, depois do susto das Antas, vai aparecer hoje (às 16 horas) na sua máxima força frente ao Estoril, em encontro de desempate da 3.ª eliminatória da Taça de Portugal. No outro jogo de desempate, o Louletano recebe o Oliveira do Hospital (15 horas), num desafio em que o factor casa pode ser decisivo, depois do empate (1-1) após prolongamento, no primeiro embate.

Congresso do futebol

Tendo em vista uma ampla divulgação dos objectivos do congresso do futebol, a comissão organizadora promove uma reunião, alargada a todos os interessados, que decorrerá esta tarde, a partir das 16 horas, na Sala Sintra do Hotel Tivoli.

Raul Águas: desmentido

O treinador do Chaves, Raul Águas, considerou sem fundamento notícias que o apontavam como futuro técnico do FC Porto.

Em declarações à Lusa, Raul Águas disse não ter firmado contrato com qualquer clube, «apesar de já ter recebido, não oficialmente, alguns convites».

A hipótese de contratação pelo FC Porto do técnico flaviense, que teria como supervisor Artur Jorge, foi admitida ontem pelo trissemanário desportivo «Gazeta dos Desportos». **«A ser verdade, seria a realização de um sonho, mas infelizmente não passa de especulação»,** disse Raul Águas, que recentemente fora também dado como certo no Marítimo.

Diallo: maliano em Alvalade

O maliano Diallo, que tem estado a treinar em Alvalade, foi inscrito pelo Sporting na Federação, tornando-se o 3.º estrangeiro no bloco do «leão».

Olhanense contrata

José Dinis (que jogou ultimamente no Portimonense) rendeu Álvaro Carolino como técnico do Olhanense, colectividade que, de uma assentada, recrutou mais quatro brasileiros: Rubens (ponta de lança), Mauro (médio) e os defesas Paganini e Milton Mendes.

Lourosa: «chicotada»

Mário Reis deixou de orientar o «team» do Lourosa, clube em grandes dificuldades financeiras para se conseguir manter na Zona Norte do nacional da 2.ª divisão.

Elas em acção

O Costa do Estoril (empatando com o Académico de Alvalade, a um golo) foi o vencedor do Torneio Extraordinário de Futebol Feminino da Associação de Futebol de Lisboa. No outro jogo da 5.ª e última jornada, o Carcavelos derrotou o ISEF por 5-0. Classificação final:

	J	V	E	D	B	P
storil	4	2	2	-	10- 3	6
Carcav.	4	3	-	14	8- 6	6
A.Alval.	4	2	1	1	10- 5	5
T.Valdez	4	1	1	2	5- 7	3
ISEF	4	-	-	4	2-14	0

Reservas lisboetas

O Torneio Extraordinário de Reservas da I/II Divisão da Associação de Futebol de Lisboa prossegue hoje, com os seguintes jogos: Torreense - Belenenses, em Torres Vedras (árbitro Francisco Lucas); Oriental - Sporting (Rosa Crespo); Estrela da Amadora - Sacavenense, no Estádio do Estrela da Amadora (José Sabido) e Atlético - Vilafranquense, no Estádio da Tapadinha, campo n.º 2 (Carlos Evangelista). Os jogos têm início às 21 horas. Prossegue hoje, o Torneio Extraordinário de Reservas da 3.ª Divisão da Associaçãode Futebol de Lisboa, com os seguintes jogos e árbitros: santa Iria - Olivais e oscavide (árbitro Daniel Francisco); Sport Lisboa e Olivais - Sintrense (César Marque); Futebol Benfica - Cacém (António Tomás); Malveira - Alverca (Vítor Abraços); e Vialonga - Vitória de Lisboa (Jorge Neves). Os encontros disputam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, com início às 21 horas.

Taça de Itália: Nápoles eliminado

O Nápoles (campeão de Itália) foi «escandalosamente» eliminado da Taça de Itália ao perder em casa (2-3) com o Torino, na segunda mão dos quartos de final.

Apesar de Diego Maradona (que marcou os dois golos do Nápoles) o Torino impôs-se, passando às meias-finais, com um total de 4-3. Os semifinalistas da Taça de Itália são (além do Torino) a Juventus, o Sampdoria e o Inter de Milão.

Os resultados da segunda mão dos quartos de final, foram os seguintes: Ascoli-Sampdoria, 1-1 (Sampdoria apurado com 5-3); Juventus-Aveléino, 1-0 (Juventus apurado com 2-1); Nápoles-Torino, 2-3 (Torino apurado com 4-3); Empoli-Inter, 0-1 (Inter apurado com 3-1).

Brasil «versus» FIFA

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) acusou a FIFA de estar a preparar-se para entregar a organização do Mundial de 1994 aos Estados Unidos.

A CBF baseia-se no facto de a Federação Internacional de Futebol ter adiado o anúncio da sede do campeonato do dia 30 de Junho para 4 de Julho, dia em que os norte-americanos comemoram a sua independência. **«Custa-me dizê-lo, mas penso que a alteração da data é uma prova de que a FIFA já decidiu entregar a organização do Mundial aos Estados Unidos»** – afirmou Octávio Pinto Guimarães, presidente da CBF.

A FIFA anunciou terça-feira em Riad, na Arábia Saudita, onde reuniu o seu Comité Executivo, que a alteração de datas destinava-se a dar mais tempo aos países candidatos para apresentarem os respectivos relatórios.

A organização do Mundial de 1994 é disputada pelos Estados Unidos, Marrocos e Brasil, o único país que já albergou a competição, em 1950. **«Ninguém nega que os Estados Unidos são um grande país e uma superpotência. Contudo, em futebol, os norte-americanos não têm qualquer tradição ou experiência»** – adiantou Octávio Guimarães.

O presidente da CBF acentuou que «a candidatura dos Estados Unidos não tem qualquer senso», como insensato seria o «Brasil pretender organizar um campeonato do mundo de basebol».

Guiné-Bissau quer nossos técnicos

A Federação de Futebol da Guiné-Bissau pediu às autoridades portuguesas o concurso do técnico José Torres, para preparar a selecção para a Taça Amílcar Cabral. A equipa, que está em Bissau na fase de preparação para a prova, que se vai realizar na capital guineense (em Abril), pretende beneficiar **«da experiência deste técnico português nas competições internacionais»,** disse o secretário-geral da Federação da Guiné-Bissau. Domingos Ca afirmou que, se não for possível fazer deslocar José Torres a Federação da Guiné-Bissau poderá solicitar o concurso de Mário Lino. **«Tendo em conta a importância que representa para a Guiné-Bissau a Taça Amílcar Cabral, tivemos que solicitar a colaboração da nossa congénere portuguesa, que nos enviou uma lista dos técnicos actualmente desempregados, da qual escolhemos dois nomes: José Torres e Mário Lino»,** disse o responsável federativo da Guiné-Bissau.

Por outro lado, no quadro dos preparativos da selecção da Guiné-Bissau, as autoridades desportivas deste país convidaram as selecções de Angola e Moçambique para se deslocarem a Bissau, por um período de dez dias, para participarem num torneio triangular de futebol. Caso a equipa nacional de qualquer desses países não possa deslocar-se a Bissau, a federação local aceitará a sua substituição no torneio por uma turma de clube.

País de Gales quer Terry Venables

A Federação de Futebol do País de Gales, fracassada a diligência para conseguir Brian Clough como técnico, tenta agora contratar Terry Venables, ex-técnico do Barcelona, que treina actualmente o Tottenham. Outro candidato potencial foi Bob Paisley, que dirigiu o Liverpool durante cerca de 10 anos, período durante o qual o clube conquistou a Taça dos Campeões três vezes (1977, 1978 e 1981). O País de Gales procura um técnico para a selecção desde a demissão de Mike England, no mês passado.

Iniciados: Chaves na Taça Nacional

O Chaves é campeão distrital de iniciados, ao bater na final o Régua, por 3-0. Com esta vitória, o Chaves garantiu a presença na Taça Nacional da categoria.

Rijkaard vai amortizando investimento

A informação foi esta manhã divulgada através de «Bola Branca», programa desportivo da Rádio Renascença, da responsabilidade directa de Ribeiro Cristóvão: **«o empresário Jorge Gonçalves recebeu do Saragoça, pela cedência do holandês Rijkaard até ao termo do campeonato espanhol, cerca de 60 mil contos».** Recorda-se que o centro-campista (nascido em Suriname) pertence ao Sporting, mas a sua inscrição na Federação não foi ainda aceite, por (no entender do Conselho de Justiça) ter sido apresentada fora de tempo. Rijkaard vai estrear-se, no domingo, perante o Las Palmas.

TOTOBOLA

Benfica-Anderlech	1
Bordéus-PSV Eindhoven	X
Steaua Bucareste-G. Rangers	1
Bayern-Real Madrid	1
Atalanta-Sporting	1
Malines-Dínamo Minsk	1
Young Boys-Ajax*	X
R. Palloseura-Marselha	2
Espanhol-Vitkovice	1
Panathinaikos-FC Bruges	X
B. Leverkusen-Barcelona	X
Verona-Werdes Bremen	2
Pescara-Nápoles	2

* Por sorteio

Viana do Castelo aplica drásticos castigos

O Conselho de Disciplina da Associação de Futebol de Viana do Castelo castigou com seis anos de suspensão Manuel António Matos (jogador do Távora, da 3.ª divisão distrital). Dois anos de paragem (também obrigatória) tocam a Fernando Ramalhosa Lopes (Lanhelas).

Treinador romeno "ficou" no Canadá

A televisão canadiana identificou o romeno que pediu asilo político após os Jogos Olímpicos de Inverno, como sendo o treinador da equipa de trenó, Horya Ilyescu.

O treinador, que segundo a televisão deixou a mulher e uma filha de 10 anos na Roménia, abandonou a delegação olímpica do seu país na segunda-feira, e pediu asilo no Canadá, estando entregue aos Serviços de Imigração, em Calgary.

As autoridades federais de imigração recusam-se a dar pormenores sobre o caso, e o ministro Benoit Bouchard anunciou um comunicado «para breve».

Horya Ilyescu foi o único caso conhecido de desportistas do Leste europeu que participaram nos Jogos Olímpicos de Inverno que pediu para ficar no Canadá, mas no início dos jogos, quatro jovens atletas romenas regressaram abruptamente ao seu país, depois de surgirem especulações de que pretendiam pedir asilo àquele país.

Heysel: julgamento no dia 18 de Abril

O julgamento dos 26 ingleses envolvidos nos incidentes do Estádio de Heysel em 1985, em que morreram 39 pessoas, inicia-se em 18 de Abril, disse o porta-voz do Palácio da Justiça em Bruxelas.

Os adeptos ingleses foram extraditados para a Bélgica em 1987, depois de identificados pela Polícia através do visionamento de filmes e de fotografias dos trágicos incidentes de Maio de 1985.

Os 26 ingleses, detidos na prisão de Louvain, foram entretanto libertados sob caução, pagando a fiança de 120 000 francos belgas (360 contos), comprometendo-se a regressar à Bélgica para o julgamento.

A maioria dos detidos pagou a fiança e regresou à Grã-Bretanha durante o fim-de-semana, enquanto a Imprensa belga critica a decisão do Tribunal de Recursos de Bruxelas.

«Quantos (ingleses) vão arriscar-se agora a regressar para o julgamento na Bélgica? A liberdade é barata, por 1000 libras esterlinas, é o que diz o povo», escreve «La Libre Belgique», segundo o qual três belgas estão envolvidos no processo de libertação, referindo serem dois oficiais e o antigo secretário-geral da Federação Belga, Albert Roossens.

Vigilância no "europeu" de futebol

Os adeptos holandeses e ingleses, célebres pelo seu comportamento violento nos estádios de futebol, vão ser sujeitos a medidas de segurança sem precedentes durante o campeonato da Europa que se realiza em Junho na RFA.

Responsáveis dos dois países anunciaram que vão ser tomadas medidas de restrição na venda de bilhetes aos adeptos que serão submetidos ao controlo da lista negra dos «hooligans» e que passam a ter cartões especiais de identificação.

EURO-88: PORTUGAL FORA DO AQUECIMENTO

As oito selecções — RFA, Itália, Dinamarca, Espanha, Inglaterra, Irlanda, Holanda e União Soviética — que em Junho disputam na Alemanha Federal o título europeu de futebol, começaram já o seu «aquecimento» para o torneio.

Os jogos internacionais de preparação, já iniciados, vão estender-se até quase às vésperas do início do campeonato, em 10 de Junho.

O programa previsto de preparação das selecções finalistas do campeonato, candidatas ao título que a França já não pode defender, é o seguinte:

RFA: 31 Março: RFA-Suécia, em Berlim Ocidental; 2 Abril: RFA-URSS ou Argentina, em Berlim Ocidental; 27 Abril: RFA-Suíça, em Kaiserslautern e 4 de Junho: RFA-Jugoslávia, em Bremen.

ITÁLIA: 20 Fevereiro: Itália-URSS, 4-1, em Bari; 31 Março: Jugoslávia-Itália, em Split; 27 Abril: Luxemburgo-Itália, no Luxemburgo e 4 Junho: Itália-País de Gales, em local a designar.

DINAMARCA: 27 Abril: Áustria-Dinamarca, em Viena; 11 Maio: Grécia-Dinamarca, em Atenas; 1 Junho: Dinamarca-Checoslováquia, em Copenhaga e 5 Junho: Dinamarca-Bélgica, em Odense.

ESPANHA: 24 Fevereiro: Espanha-Checoslováquia, em Málaga; 23 Março: França-Espanha, em Bordéus; 27 Abril: Espanha-Escócia, em Madrid e 1 Junho: Espanha-Suécia, em Salamanca.

INGLATERRA: 17 Fevereiro: Israel-Inglaterra, 0-0, em Telavive; 23 Março: Inglaterra-Holanda, em Wembley; 27 Abril: Hungria-Inglaterra, em Budapeste; 21 Maio: Inglaterra-Escócia, em Wembley; 24 Maio: Inglaterra-Colômbia, em Wembley e 28 Maio: Suíça-Inglaterra, em local a designar.

REPÚBLICA DA IRLANDA: 23 Março: Irlanda-Roménia, em Dublin; 27 Abril: Irlanda-Jugoslávia, em Dublin; 22 Maio: Irlanda-Polónia, em Dublin e 1 Junho: Noruega-Irlanda, em Oslo.

HOLANDA: 23 Março: Inglaterra-Holanda, em Wembley; 24 Maio: Holanda-Bulgária, em Roterdão e 1 Junho: Holanda-Roménia, em Amesterdão.

URSS: 20 Fevereiro: Itália-URSS, 4-1, em Bari; 23 Março: Grécia-URSS, em Atenas; 31 Março: URSS-Argentina, em Berlim Ocidental; 2 Abril. URSS-Suécia ou RFA, em Berlim Ocidental; 27 Abril: Checoslováquia-URSS, em Bratislava e 1 Junho: URSS-Finlândia, em Moscovo (jogo a confirmar).

•

Não deixa de surpreender o facto de, em 35 encontros escolhidos pelos oito «europeus», Portugal não ter merecido a atenção para figurar no painel das opções. Reflexos de Saltillo e da era seabrista? Fica a dúvida, mas o ostracismo a que a nossa selecção foi votada pelos seus parceiros europeus não deixa de constituir nota de certo desencanto sobretudo porque é português o campeão da Europa e do Mundo.

Bibliografia desportiva

Francisco Sobral: "O adolescente atleta"

Conta a sua biografia: «Francisco Sobral é lisboeta e nasceu em 1946. Doutorou-se em Educação Física na Universidade Técnica de Lisboa, em cujo Instituto Superior de Educação Física rege as disciplinas de Antropometria, Cineantropometria e Estatística e Planeamento Experimental. Conduz actualmente um estudo sobre o crescimento e o desenvolvimento das qualidades físicas da população adolescente dos Açores.»

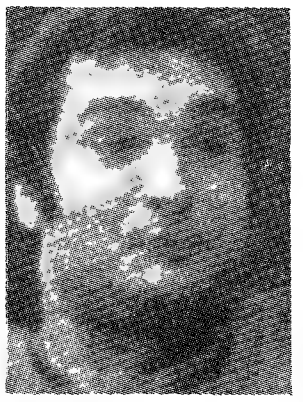
É exactamente Francisco Sobral que volta a ser editado na colecção «Horizonte de Cultura Física» (dirigida por Melo de Carvalho), desta vez rubricando «O Adolescente Atleta», estudo altamente abalizado, **com particulares incidências no enquadramento teórico-biológico, no desenvolvimento das qualidades físicas induzidos pelo processo de crescimento e nas iniciativas complementares de pesquisa em cineantropometria.** Um estudo que ultrapassa a visão do leigo, que pertence por inteiro aos treinadores dos jovens que cada vez mais são obrigados a mergulharem nos modernos processos de preparação dos desportistas e não podem ficar alheios ao que se aborda nos areópagos de alta instância. Que é como quem diz: no detalhado estudo do perfil que se deseja para a juventude contemporânea. Um livro que é (mesmo) para mestres.

A DGD avança

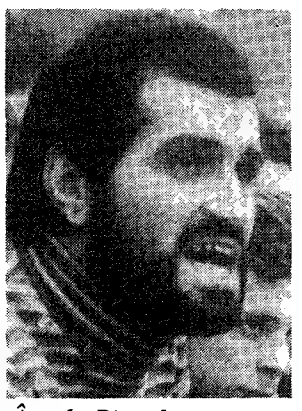
A Direcção-Geral dos Desportos (através da sua Divisão de Formação) lança mais uma série de textos, subordinados ao genérico «Biblioteca». Para já destinados ao dirigente. («A importância da formação dos agentes desportivos»), aos técnicos («A comunicação do treinador com os pais do atleta») e aos juízes («O que é ser árbitro»). Frank L. Smoll (para o treinador) e Teotónio Lima (em direcção ao árbitro) colaboraram nestes textos específicos, óptimos como «guia» de quantos colaboram neste fenómeno da nossa época que é o desporto.

«Futebol»

A revista «Futebol», que a Federação Portuguesa edita (com direcção de César Grácio, secretário-geral do organismo que rege o nosso jogo-rei) continua a preocupar-se, quase exclusivamente, em trazer até aos portugueses autores estrangeiros, aqui e além dando uma mãozinha a nacionais, como aconteceu com Viegas Gomes («O desenvolvimento do futebol e as ciências sociais»). No resto, temas como Sociologia, Pedagogia, Medicina e Arbitragem, são abordados por gente de fora, que também é responsável por dissecação da metodologia do treino e pelo direito desportivo. Enfim: uma revista agradável.



José Manuel: abdicação



Ângelo Pintado: regresso

Benfica: andebol leva uma mexida

Alterações no comando da turma andebolística do Benfica: José Manuel (dada a deficiente carreira da equipa) pediu demissão do cargo que, transitoriamente (segundo nos informou o dirigente José Gomes Machado) **«fica entregue ao professor Ângelo Pintado, que já faz parte dos quadros técnicos do clube e durante vários anos foi o treinador principal do «sete».**

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 10/88 DE 6 MARÇO 88

Penalti: 111 1X2 111 121X; O Algarve: 111 X11 111 1X11; Jornal de Amarante: 111 111 111 1X11; Jornal da Beira: 111 X1X 111 1XX1; Correio de Coimbra: 111 11X 111 1X1X; Correio do Vouga: 111 X11 111 1211; A Defesa: 1X1 1XX 111 12XX; Defesa de Espinho: 1XX X1X X11 1XX2; Diário de Lisboa: 1X1 11X 111 XX11; Folha do Domingo: 111 111 X11 1211; Ecos de Cacia: 111 X1X 111 1X11; Eu Sei Tudo: 111 111 111 121X; Jornal de Felgueiras: 111 X1X 111 1X1X; Jornal do Fundão: 11X X11 X11 12XX; Gazeta das Caldas: 1X1 X1X 111 1X11; Rádio Totobola: 111 X1X 1X1 1XX1; Linhas de Elvas: 112 X11 X1X 1211; Litoral: 11X 112 111 1211; Diário de Coimbra: 111 1XX 111 1XX1; Maria da Fonte: 111 X1X 111 1X11; O Mensageiro: 11X 11X 111 1211; No Estúdio e no Estádio: 11X XXX 111 1111; Notícias de Felgueiras: 1X1 X1X 111 1XXX; Notícias de Gouveia: 1X1 X1X 111 1211; Notícias de Guimarães: 111 1XX 111 1211; A Ordem: 11X 1XX X1X 1X11; Notícias de Viana: 1XX 11X 111 1XXX; Reconquista: 111 111 111 X211; Semanário da Região Bairradina: 1X1 1XX 111 1XXX; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 111 111 111 1XX1; Bom Dia: 112 1XX X1X 12X1; Fora de Jogo: 111 111 111 1X11; Grande Sábado: 111 2XX 11X 1XXX; Ponto de Mira: 1XX 2XX 11X 122X; Sintonia Desportiva: 1X1 2X2 11X 1X21; Fotogramas: 1XX 212 111 1X1X; Bola ao Centro: 11X 2X1 111 1XX1; Programa da Manhã: 1X1 2X2 11X 122X; Canal Mais: 1X1 2X1 111 1XXX; Boomerangue: 1XX 111 11X 1X11; RR/Desporto: 111 X1X X11 1X11; Bola Branca: 11X 111 111 1211; Frente Desportiva: 1XX 212 111 1211; Rádio Sports: 121 211 111 1211; Jornal de Santo Tirso: 1XX 1X1 11X 11X1; Jornal de Sintra: 111 X1X 111 1X11; Voz do Ave: 111 X1X 111 11X1; A Voz do Domingo: 111 X11 111 1211; Voz de Lamego: 111 112 111 1221; Quatro Linhas: 111 112 111 1111; Panorama Desportivo: 121 XX1 111 1XX1; Rádio Guarda: X11 X22 XX1 112X; Pista de Dança: 111 X1X 111 1111; Sons da Madrugada: 1X1 111 111 1211; Tarde Desportiva: 1X2 112 X11 1X1X; Livre e Directo: 11X 211 11X 1111; Comércio de Leixões: 111 11X 111 1211; De Tudo Um Pouco: 1X1 11X 111 1X11; Jornal de Gaia: 11X X1X 111 XX11; Jornal da Graça: 1X2 21X 11X 1X11; Jornal de Notícias: 111 X1X 111 1X11; Primeiro de Janeiro: 121 11X 111 1X11; Alvo Desportivo: 111 111 111 1X11; Rádio Alvo: 1X1 11X 111 1211; Alvo: 121 111 111 1111; Alvo Suplemento: 111 111 111 1X11; A Voz dos Ridículos: 111 X11 111 1211.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (a) 1	BOLAS (a) X	BOLAS (a) 2
1. Porto-Braga	66	1	0	11	1	1
2. Benfica-Sporting	42	21	4	8	3	1
3. Boavista-Setúbal	47	16	4	8	3	1
4. Rio Ave-Penafiel	32	24	11	6	4	2
5. Espinho-Salgueiros	50	16	1	9	2	1
6. Farense-Chaves	24	33	10	4	6	2
7. Académica-Elvas	58	9	0	10	2	1
8. Belenenses-Marítimo	65	2	0	11	1	1
9. Guimarães-Portimonense	56	11	0	10	2	1
10. Varzim-Covilhã	64	3	0	11	1	1
11. Gil Vicente-Leixões	8	35	24	1	6	5
12. Beira Mar-A. Viseu	45	17	5	8	3	1
13. Nacional-E. Amadora	50	16	1	9	2	1

(a) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 11X 111 1X11

Augusto Vilela

AURIOL: ÚNICO ADVERSÁRIO DOS LANCIA

Se alguma surpresa houve nesta primeira etapa do Rali de Portugal, que levou os concorrentes do Estoril à Póvoa de Varzim, foi sem dúvida a prova notável de Auriol, que ao longo das nove classificativas da etapa ofereceu uma inesperada resistência aos Lancia. Este francês, sempre bem disposto, conseguiu intercalar o seu Ford Sierra Cosworth entre os Lancia, chegando ao final da etapa apenas a 1.55 de Massimo Biasion. Menos surpreendente, porque estava dentro das previsões, e bem de acordo com o perfil e a categoria do piloto, foi a notável recuperação de Markku Alen que subiu nada menos que 72 lugares ao longo da etapa.

Alen partiu do Estoril determinado a subir do abismo para onde o tinha atirado a avaria que teve o seu carro no Autódromo do Estoril e que o relegara para o 94.º lugar. E começou logo no Montejunto onde gastou apenas mais dois segundos que o seu colega de equipa Biasion. Só conseguiu vencer a classificativa de Vouzela mas também só teve neste piloto o seu único adversário. A todos os outros foi ganhando tempo, mas é evidente o «stress» que o finlandês revela. Mau humorado, recusa-se praticamente a falar. Concentrado na sua prova, aguarda agora os pisos de terra para tentar subir mais alguns lugares. É evidente que o poderá conseguir se não tiver mais azares mas, objectivamente, e apesar de toda a sua classe de piloto excepcional, o máximo a que poderá aspirar será a aproximar-se de Stig Blomqvist e colar-se ao resto dos Lancia.

Mas sem dúvida que as honras da etapa vão para o francês Auriol, que pode considerar-se a grande figura do dia, ao conseguir bater-se com os Lancia Delta Integrale e desfazer o trio que saiu de Lisboa no comando da prova.

Até ele está surpreendido com os resultados obtidos e que foram bastante além das suas previsões iniciais.

Estou francamente satisfeito com a minha prova, disse-nos à chegada à Póvoa de Varzim. «Fiz uma prova melhor do que esperava e pensei que seria muito pior para me bater com os Lancia Integrale. De facto não contava poder rivalizar com eles. As estradas não eram o ideal para nós e era por isso que estava um pouco pessimista. Fiquei agradavelmente surpreendido».

Para hoje, Auriol não tem no entanto muitas ilusões. Vão predominar os pisos de terra e por isso a vantagem vai toda para os carros de tracção integral. **Amanhã será um outro problema. Penso que vamos perder cerca de um segundo por quilómetro.**

De qualquer modo, face a toda a concorrência, os Lancia provaram que, quer na terra quer mesmo no asfalto, são praticamente imbatíveis. E quanto à sua fiabilidade não há, até agora, razões para acreditar que sejam inferiores ao modelo precedente.

Quanto a Massimo Biasion, líder desde o início da prova, ao vencer seis das nove classificativas da etapa, mostrou que tem essa liderança segura e que está a fazer uma prova para ganhar, tanto mais que Markku Alen não está em condições de o inquietar.

Os Mazda continuam em posições modestas, com Carlsson e Mikkola em 7.º e 8.º lugares, respectivamente, e sem que se veja qualquer possibilidade de inverterem a situação. Os pilotos fazem o que podem mas o carro está de facto bem longe de ser competitivo em condições normais, até porque não se registaram problemas que justificassem os lugares em que se encontram.

Sabendo-se o que vale a tecnologia japonesa, e até que ponto esta marca se envolveu no Campeonato do Mundo, resulta difícil de entender a situação, mesmo tendo em conta as debilidades da estrutura técnica da equipa, aliás bem demonstradas no Rali de Monte Carlo, onde se passaram factos verdadeiramente insólitos ao nível da assistência.

Inverno Amaral o melhor português

Para a generalidade dos pilotos portugueses com maiores ambições não pode dizer-se que a etapa de ontem tenha sido um mar de rosas, designadamente no caso de Bento Amaral, que depois de um brilharete na superclassificativa do Estoril somou até à Póvoa de Varzim uma extensa lista de problemas.

Ao chegar ontem à noite ao final da etapa, Bento Amaral era a imagem da decepção, ao enumerar algumas das coisas que lhe aconteceram: em Arouca saltou a correia da ventoinha, no Préstimo fez um pião, em Vouzela furou a três quilómetros do fim e em Arouca-Pejão teve mais um furo. Tudo somado determinou-lhe perdas superiores a nove minutos, chegando em 36.º lugar.

Pouco feliz foi também Joaquim Santos que perdeu o lugar de melhor português em prova, a favor de Inverno Amaral. Os seus problemas começaram em Figueiró dos Vinhos. O carro estava de novo a falhar com a mesma anomalia que já tivera na prova do Estoril.

Ao entrar numa sequência de curvas, não lhe forneceu a potência necessária no momento preciso, o que o obrigou a alterar a trajectória para o segurar. Fez a curva mais por dentro e acabou por furar, percorrendo assim cerca de sete quilómetros. A direcção abriu e a suspensão ficou também danificada. Na assistência só houve possibilidade de uma reparação precária. No troço seguinte a suspensão recuou, bateu no pneu e Joaquim Santos acabou por sofrer novo furo, perdendo mais dois minutos. Tudo isto o fez baixar para 13.º.

De qualquer modo, o trio constituído por Inverno Amaral, Joaquim Santos e Carlos Bica está a creditar-se com uma excelente prova ao nível de condução, e normalmente batem os estrangeiros aparentemente mais cotados.

Se Inverno Amaral fez a etapa sem problemas e reconhece mesmo encontrar-se numa posição superior ao que previa, pois em condições normais não poderia bater os Ford Sierra. Já Carlos Bica teve alguns problemas que lhe afectaram a classificação.

Esses problemas resultaram das suspensões fornecidas pela Abarth que, segundo o piloto, já tinham sido utilizadas nos treinos pelos pilotos do Jolly Club.

«Só trabalharam bem nos dois primeiros troços. A partir daí nada. Especialmente na Lousã tivemos muitas dificuldades. É um troço com curvas longas e era muito custoso para nos desembaraçarmos delas. Depois tivemos um furo e optámos por não mudar a roda, o que nos fez perder um minuto a favor do Joaquim Santos.»

A etapa de hoje é encarada por Carlos Bica com mais optimismo pois vai utilizar as suspensões de terra. «Estas temos a certeza que são mesmo novas. Já acabaram esses problemas, vamos agora para os pisos de que gostamos, tentar andar o melhor possível.»

A segunda etapa, que teve início às 10 horas incluiu três classificativas em Fafe, um circuito em Braga e as já conhecidas classificativas de Arcos-Portela e São Lourenço. Os pisos de terra predominam, as dificuldades aumentam e muitas coisas se poderão alterar ao longo do dia, embora no caso dos «top» todas as vantagens sejam em princípio, para os Lancia.

Yves Loubet: 3.º à saída da Póvoa

A NOSSA EQUIPA DE REPORTAGEM VIAJA COM

lubrificantes GALP

ELECTRO OURO

Para assegurar o indispensável contacto com a «Rádio da Volta», a nossa equipa de reportagem conta com equipamento cedido por gentileza da Electro Ouro, que permite a chegada à nossa viatura de todas as informações relativas ao que se passa na caravana.

Classificação geral

Após a primeira etapa, entre o Estoril e a Póvoa de Varzim, a classificação estava assim ordenada:

1.º Massimo Biasion (Ita), Lancia Integrale, 1:41.31 hora
2.º Didier Auriol (Fra), Ford Sierra Cosworth, 1:43.26
3.º Yves Loubet (Fra), Lancia Delta HF 4WD, 1:43.30
4.º Alessandro Fiorio (Ita), Lancia Delta HF 4WD, 1:44.41
5.º Mikael Ericsson (Sue), Lancia Integrale, 1:44.54
6.º Stig Blomqvist (Sue), Ford Sierra Cosworth, 1:44.58
7.º Ingvar Carlsson (Sue), Mazda 323 4 WD, 1:45.53
8.º Hannu Mikkola (Fin), Mazda 323 4 WD, 1:46.29
9.º Erwin Weber (RFA), VW Golf GTI 16V, 1:47.32
10.º David Llewellin (GB), Audi 200 Quattro, 1:49.32
11.º Inverno Amaral (Por), Renault 11 Turbo, 1:49.57

HORÁRIO

Hoje 2.ª Etapa

11.25 – 11.º T.C. – Fafe/Montim 1.
11.38 – 12.º T.C. – Fafe/Lameirinha 1.
11.55 – 13.º T.C. – Fafe/Lagoa 1.
13.06 – Chegada – Braga (Aeródromo).
14.00 – 14.º T.C. – Braga.
15.30 – Partida – Braga (Aeródromo).
16.20 – 15.º T.C. – Arcos/Portela.
17.00 – 16.º T.C. – S. Lourenço.
19.00 – Chegada – Póvoa de Varzim (Piscinas).

Amanhã

3.ª Etapa – 1.ª Secção

7.00 – Partida – Póvoa de Varzim (Piscinas)
8.25 – 17.º T.C. – Fafe/Montim 2.
8.38 – 18.º T.C. – Fafe/Lameirinha 2.
8.55 – 19.º T.C. – Fafe-Lagoa 2.
9.25 – 20.º T.C. – Cabeceiras/S. Nicolau.
11.00 – 21.º T.C. – Carvalho de Rei.
11.25 – 22.º T.C. – Aboboreira.
12.30 – Chegada – Régua (Restaurante Gato Preto).

2.ª Secção

14.00 – Partida – Régua (Renault).
14.20 – 23.º T.C. – Armamar.
15.40 – 24.º T.C. – Covelo de Paiva 1.
16.20 – 25.º T.C. – Viseu 1.
17.29 – C.H. – Queiriga.
17.40 – 26.º T.C. – Covelo de Paiva 2.
18.20 – 27.º T.C. – Viseu 2.
19.10 – Chegada – Viseu (Feira de S. Mateus).

Ontem foi assim

3.ª PEC (Figueiró dos Vinhos, 20,5km) — 1.º, Auriol, 12.59; 2.º, Biasion, 13.03; 3.º, Alen, 13.07; 4.º, Ericsson, 13.08; 5.ºs, Loubet e Fiorio, 13.15; 7.º, Weber, 13.27; 8.º, Mikkola, 13.28.

4.ª PEC (Campelo, 10,5km) — 1.º, Biasion, 7.13; 2.ºs, Alen e Ericsson, 7.17; 4.ºs, Blomqvist e Auriol, 7.18.

5.ª PEC (Lousã. 25km) — 1.º, Auriol, 15.02; 2.º, Biasion, 15.10; 3.º, Ericsson, 15.13; 4.º, Alen, 15.26; 5.º, Blomqvist, 15.41.

6.ª PEC (Préstimo, 12km) — 1.º, Biasion, 7.43; 2.ºs, Alen e Auriol, 7.48; 4.º, Loubet, 7.50; 5.º, Blomqvist, 7.59; 6.º, Fiorio, 8.03; 7.º, Mikkola, 8.06; 8.º, Ericsson, 8.07; 9.º, Carlsson, 8.11; 10.º, Joaquim Santos, 8.12; 12.º, Inverno Amaral, 8.24.

7.ª PEC (Vouzela, 14,9km) — 1.º, Alen, 9.44; 2.º, Biasion, 9.59; 3.º, Loubet, 10.07; 4.º, Fiorio, 10.14; 5.º, Blomqvist, 10.21; 6.º, Mikkola, 10.24; 7.º, Carlsson, 10.27; 8.º, Auriol, 10.28; 9.º, Weber, 10.32; 10.º, Llewellin, 10.41.

8.ª PEC (Oliveira de Frades, 8,4km) — 1.ºs, Biasion e Auriol, 4.45; 3.ºs, Alen e Blomqvist, 4.49; 5.º, Loubet, 4.56; 6.ºs, Carlsson e Joaquim Santos, 4.57; 8.º, Fiorio, 5.00; 9.º, Ericsson, 5.01; 10.º, Weber, 5.02.

9.ª PEC (Freita, 24,3km) — 1.º, Biasion, 15.56; 2.º, Alen, 16.06; 3.º, Loubet, 16.15; 4.º, Carlsson, 16.28; 5.º, Blomqvist, 16.32; 6.º, Ericsson, 16.35; 7.º, Mikkola, 16.41; 8.º, Fiorio, 16.45; 9.º, Weber, 16.51; 10.º, Auriol, 16.57; 15.º, Joaquim Santos, 17.38; 16.º, Inverno Amaral, 17.45.

10.ª PEC (Arouca, 22,3km) — 1.º, Biasion, 14.20; 2.º, Auriol, 14.24; 3.º, Alen, 14.32; 4.º, Loubet, 14.35; 5.º, Blomqvist, 14.39; 11.º, Joaquim Santos, 15.06; 12.º, Jorge Ortigão, 15.07; 14.º, Inverno Amaral, 15.18.

HÁ 20 ANOS

Atentado à bomba contra a Embaixada de Portugal em Haia

Explodiu uma bomba na Embaixada de Portugal, em Haia, às 3 e 30 de hoje. Pouco antes tinham explodido outras bombas nas embaixadas da Grécia e da Espanha, e a Polícia correu para a Embaixada dos Estados Unidos, depois de ter sido informada, telefonicamente, por um anónimo de que também ali fora colocada uma bomba.

Não há conhecimento de feridos entre o pessoal das três embaixadas, mas seis bombeiros e quatro polícias foram levados para um hospital, com diversos ferimentos, após se terem verificado as duas primeiras explosões.

Segundo informadores da Polícia, não se encontrava ninguém na Embaixada de Portugal e na de Espanha apenas estava um guarda.

Investigadores não excluem a hipótese destes atentados estarem integrados no plano de acção a que se referiu recentemente o chefe do Movimento Estudantil Radical de Berlim Ocidental, Rudi Dutschke.

400 passageiros isolados num barco encalhado no Tejo

O barco «Estremadura», que faz regularmente a carreira Barreiro-Lisboa, encalhou em frente da praia daquela vila, na margem sul. O barco, que levava a bordo cerca de 400 pessoas, esteve naquela crítica situação desde as 10 e 20 às 14 e 50.

A essa hora, o «Estremadura» conseguiu safar-se pelos seus próprios meios e regressou ao cais do Barreiro.

O «Estremadura» largou pouco depois com os passageiros do comboio proveniente do Sul, com o qual fazia ligação.

À parte de uma manhã passada em frente ao Barreiro e do atraso da hora do almoço, não houve quaisquer danos materiais ou desastres pessoais a lamentar.

Grande êxito nos EUA de um programa de TV sobre o nosso país

Em trânsito para os Estados Unidos, esteve em Lisboa Susanne Alschuer, a secretária da equipa Hugh Downs - Barbara Walter, da NBC (uma das cadeias de TV dos Estados Unidos), que há semanas esteve em Portugal, onde realizou um programa especial, já exibido em Fevereiro, através de 250 estações.

Susanne Alschuer foi intérprete do entusiasmo que o referido programa despertou nos Estados Unidos, suscitando inúmeras manifestações de apreço.

EFEMÉRIDES

1455 Nasce o rei D. João II, de Portugal.

1803 O marechal Teixeira Rebelo funda, em Lisboa, o Colégio Militar.

1808 Forças francêsas, comandadas por Joachim Murat, ocupam Madrid.

1832 D. Pedro IV, de Portugal, assume a regência do reino.

1861 É abolida a escrevatura na Rússia.

1896 É assinada a paz da Bucareste, entre a Servia e a Bulgária.

1918 O novo regime comunista soviético assina, com a Alemanha, a paz de Brest–Litovsk, segundo a qual, a URSS cede a Alemanha os territórios fronteiriços e retira–se da guerra.

1924 A Alemanha assina um tratado de amizade com a Turquia.

1932 As forças chinesas são forçadas pelos japoneses a abandonar Xangai.

1945 Forças norte–americanas e canadianas reunem–se, enquanto o exército alemão inicia a retirada ao longo do rio Reno, no decurso da segunda Guerra Mundial.

1955 A Grécia, Jugoslávia e a Turquia estabelecem um Conselho Parlamentar representativo.

1956 A França reconhece a independência de Marrocos.

1963 A administração norte–americana anuncia que o projecto do homem na Lua será seguido pelo envio de um laboratório espacial que ficará a orbitar em torno da Terra.

1971 Morre o actor português António Silva.

1974 Um avião comercial das Linhas Aéreas Turcas despenha–se numa floresta perto da Paris, provocando a morte das 345 pessoas que seguiam a bordo.

1976 A administração do presidente dos EUA, Gerald Ford, revela que decidiu vender armamento ao Egipto.

1980 O dirigente do Zimbabwe/Rodésia Robert Mugabe obteve uma vitória esmagadora nas eleições que conduziriam o país à independência.

1981 Diogo Freitas do Amaral é eleito, por unanimidade, em Bruxelas, presidente da União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC).

1985 Morre, em Lisboa, Rossado Pinto, 58 anos, escritor de romances policiais e director do «Jornal do Incrível».

— Termina a greve dos mineiros ingleses que se prolongava há 350 dias.

1986 O Governo português cria as «Contas Poupança–Habitação», destinadas à aquisição de casa própria.

EMPORTUGAL

	Máx.	Mín.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	–3	–	0,0	Limpo
V. Castelo	2	2	0,0	P. nub.
Vila Real	–1	–1	0,0	Limpo
Porto	6	6	0,0	P. nub.
Coimbra	8	8	0,0	M. nub.
C. Carvoeiro	10	10	0,0	M. nub.
C. Branco	5	5	0,0	Encob.
Portalegre	6	6	0,0	Aguac.
Lisboa	8	8	0,0	M. nub.
Évora	8	8	0,0	Chuva
Beja	8	7	0,0	Encob.
Faro	12	10	0,0	Neblina
Sagres	13	11	0,0	Ch. forte
P. Delgada	11	10	0,0	M. nub.
Funchal	13	12	0,0	Aguac.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 14, Porto 15, Faro 14, Ponta Delgada 15, Funchal, 16.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

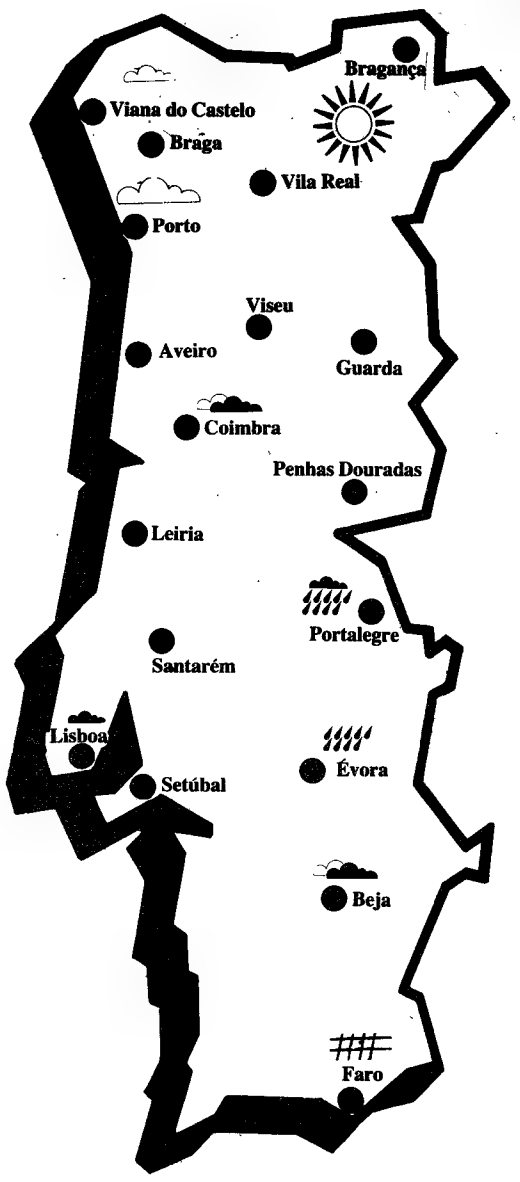
	Mín.	Máx.	Às 18 h.
Madrid	2	9	M. nub.
Londres	5	7	Chuva
Paris	–1	–2	M. nub.
Bruxelas	1	9	M. nub.
Amesterdão	2	7	M. nub.
Genebra	–6	–6	P. nub.
Roma	–1	–1	Limpo
Oslo	0	–2	Neve
Copenhaga	1	–2	Neblina
Estocolmo	–12	–14	M. nub.
Berlim	–2	–	Neve
Viena	–2	–2	M. nub.
Varsóvia	–7	–7	Neblina
Atenas	6	6	M. nub.
Moscovo	–4	–7	Neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	17	27	Nublado
Joanesburgo	17	27	Limpo
Los Angeles	12	16	Limpo
Montreal	–17	–11	Nublado
Nova Deli	14	27	Limpo
Nova Iorque	1	4	Chuva
R. de Janeiro	22	36	Nublado
S. Francisco	10	14	Limpo
São Paulo	19	28	Nublado
Tóquio	4	6	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:
Regiões do Norte **— Céu geralmente pouco nublado e vento fraco a moderado de Leste. Mar encrespado e ondulação noroeste com um a dois metros.**
Regiões do Centro **— Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Sueste e aguaceiros, em especial na Estremadura e Ribatejo. Mar encrespado e ondulação noroeste com um a dois metros.**
Regiões do Sul **— Céu muito nublado. Vento Sueste geralmente moderado e aguaceiros. Mar encrespado com ondulação noroeste de um a dois metros na costa Ocidental e encrespado ou de pequena vaga com ondulação de dois metros na costa Sul.**
Nos Açores:
Grupo Ocidental **— Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de noroeste.**
Estado do Mar: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação noroeste de dois a três metros**
Grupo Central e Oriental **— Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado a fresco de norte. Aguaceiros fracos em especial no Grupo Oriental.**
Estado do Mar: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação nordeste de três a quatro metros.**
Na Madeira:
Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Norte. Aguaceiros fracos em especial nas vertentes viradas a norte.
Estado do mar: **Costa Norte — Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação norte de dois a três metros.**
Costa Sul: **Mar encrespado. Ondulação sueste de um metro.**
Funchal **— Céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente fraco. Possibilidade de aguaceiros fracos.**

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento Sueste fraco a moderado. Aguaceiros pouco frequentes, sendo de neve nas terras altas do Norte e Centro.

MARÉS

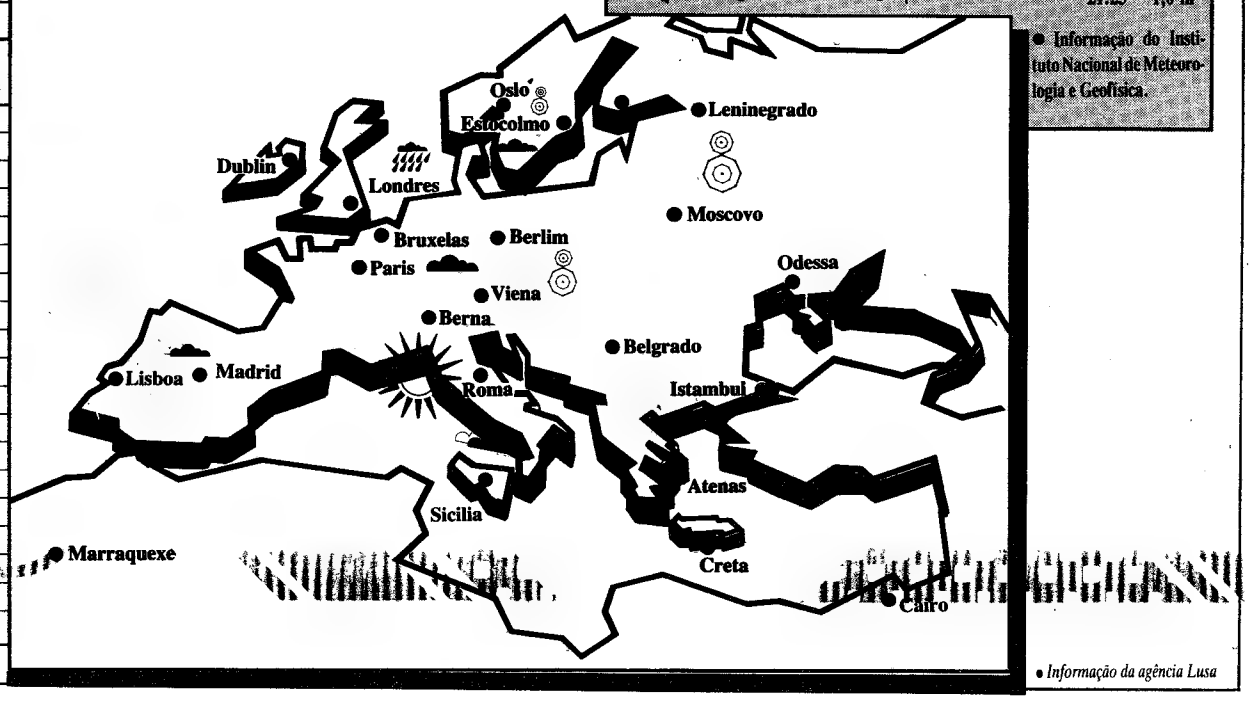
Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
03.10	4,0 m	08.50	1,1 m
15.27	3,9 m	20.56	1,0 m

Amanhã

03.41	4,0 m	09.17	1,0 m
		21.25	1,0 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



• Informação da agência Lusa

DAS ASTÚRIAS PARA PORTUGAL 500 EXEMPLARES DE "A CORREGEDORA"

O conselho da Educação, Cultura e Desportos do Principado das Astúrias, entregou na segunda-feira, no Ministério da Educação, 500 exemplares do romance A Corregedora, de Leopoldo Alas «Clarín», que estão já a ser distribuídos pelas escolas secundárias e universidades do País. Ao acto estiveram presentes, em representação do Ministério, o dr. Ribeiro e Castro e Maria João Avilez, e Manuel Fernandez de la Cera, conselheiro do principado das Astúrias e Manolo Avello, escritor asturiano e cronista oficial de Oviedo, para além de Manuel Brito, da Editora Contexto, responsável pela publicação da versão portuguesa da obra em Portugal.

Ribeiro e Castro e Maria João Avilez

Esta iniciativa inscreve-se no âmbito da Semana das Astúrias em Lisboa e pretende dar a conhecer aos portugueses, através dos jovens estudantes, a obra universalista de Clarín, o expoente máximo da cultura asturiana. De referir que num inquérito realizado em 1984 pelo Ministério da Cultura espanhol A Corregedora (La Regenta) era a obra preferida dos jovens de toda a Espanha, a par com Cem Anos de Solidão.

Manuel Fernandez de la Cera, conselheiro do Principado, referiu que estas jornadas de cultura asturiana pretendiam reatar de forma oficial relações culturais entre a região das Astúrias e Portugal.

«Apesar da proximidade que existe entre as culturas populares dos dois povos, confirmável pela semelhança entre, por exemplo, o folclore, os costumes e a própria língua, subsiste um afastamento anormal que importa anular, — disse Manuel Fernandez de la Cera.

O conselheiro fez questão de referir que os jovens poetas e escritores asturianos têm um conhecimento profundo da literatura portuguesa «e inclusive são influenciados por ela».

Exemplo desta realidade é o facto de Eugénio de Andrade e Bernardo Santareno serem com frequência traduzidos para a língua asturiana. O livro Contra a Obscuridade, cuja tradução em «bable» foi apresentada na Biblioteca Nacional com a presença do autor, é a expressão concreta desse interesse.

De realçar que, Confissão, de Bernardo Santareno, é uma das peças de teatro que a Semana das Astúrias traz a Lisboa, representada pela companhia Telon de Fondo, depois de ter sido já vista nos palcos de Madrid e outras localidades espanholas.

Jornalista Agostinho Santos tem exposição no Porto

O jornalista/pintor Agostinho Santos inaugurou recentemente na galeria de arte do Hotel Meridien, do Porto, uma exposição individual de 31 quadros, dos quais 27 são desenhos a tinta da China preta e quatro pinturas a tinta da China colorida.

A apresentação destes trabalhos, no acto inaugural, foi feita pelo crítico de arte e professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, Matos Chaves.

«Erupção do Sonho», assim designa o autor esta mostra de arte, em que desenvolve temas que se relacionam com a temática da anterior exposição individual, «bicho-homem», apresentada no ano transacto na galeria de arte do Hotel Meridien, também no Porto.

Agostinho Santos apresenta assim nesta exposição, que se prolonga até 28 de Fevereiro, os resultados de estudos e expressões que relacionam entre si o homem e o animal, explorando formas que o crítico de arte Fernando Peixoto considera, no catálogo, «um desfile de sombras num maravilhoso bailado».

O artista, de 27 anos, disse à agência Lusa que «as metamorfoses e as transformações do homem e do animal sempre o fascinaram».

Acrescentou que o tema nuclear dos trabalhos que apresenta estão na linha do álbum de desenhos «Criação e Apocalipse» que, conjuntamente com Margarida Santos, publicou em 1986.

Primeiro encontro de teatro de amadores

Doze companhias da região Porto participam no primeiro encontro de teatro de amadores que teve início terça-feira no Auditório Nacional Carlos Alberto, no Porto.

O certame, promovido pela delegação regional do Porto da Secretaria de Estado da Cultura, decorre até ao dia 13 do corrente.

Na abertura oficial deste encontro de teatro de amadores foi apresentada a peça «Uma Guerra Mais ou Menos Santa», de autoria de Mario Brasini e interpretada pelo Grupo Mérito Dramático Avintense.

Mérito Dramático Avintense, Dramático Musical Flor de Infesta, Caixa de Pandora, Dramático Recreativo Oliveirense, Associação Teatro Construção e Teatro Amador de Sandim são os grupos amadores presentes no certame.

Integram ainda este encontro de teatro de amadores o Grupo de Teatro da Cooperval, Associação Recreativa «Os Plebeus Avintenses», Desportivo e Cultural de S. Lourenço, Centro de Cultura e Desporto dos Trabalhadores da Câmara de Vila Nova de Gaia e Teatro Arte e Imagem.

A selecção destas companhias obedeceu, segundo a SEC, a «critérios de proximidade e ao trabalho desenvolvido pelos grupos amadores, nomeadamente aqueles que apresentaram uma melhor qualidade teatral».

Para o delegado regional da SEC, Diogo Alpendurada, o primeiro encontro de teatro de amadores pretende ser «um acto de reconhecimento» para o esforço e actividade desenvolvida pelos diferentes grupos da região no campo do teatro amador português.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL
Pátio do Salema, 4-2.º — Tel. 86 41 76 — 1100 LISBOA

FORMAÇÃO PROFISSIONAL
INICIATIVAS PARA 1988

	INICIATIVA	LOCAL	PERÍODO	HORÁRIO	DURAÇÃO	PROGRAMA
CURSOS DE RECICLAGEM	ARTE CISÓRIA	Hotel Plaza – LISBOA	MAIO	15-18	30 horas	Arte de trinchar
	FLAMEJADOS		MAIO	15-18	50 horas	Flambés. Mise-en-place. Confecções várias
	COZINHA		2/MAIO a 28/JUN	15-18	80 horas	A cozinha. Tipos de alimentação. Gestão do equipamento. Organização do trabalho. Controlo. Elaboração de ementas. Prática de cozinha fria. Prática de cozinha quente.
	PASTELARIA		2/MAIO A 28/JUN	15-18	80 horas	Massas base. Pudins. Molhos Parfaits.
SEMINÁRIOS	FUNDAMENTOS DE MANUTENÇÃO HOTELEIRA	Av. Duque de Palmela, 2 – LISBOA	7/MAR a 11/MAR	9-12	5 dias	Princípios gerais. Organização da manutenção. Custeio da manutenção. Noções de gestão da energia.
	ENOLOGIA		7/MAR a 11/MAR	15-18	5 dias	Garrafa. Cozinha. Bar. Provas de vinhos.
	DECORAÇÃO FLORAL		14/MAR a 18/MAR	15-18	5 dias	Qualidades para executar arranjos. Escolha de flores. Cores. Estilos. Homenagens. Construção de arranjos florais.
	ORGANIZAÇÃO DE BANQUETES		21/MAR a 25/MAR	9-12	5 dias	Tipos de banquete. Documentos a utilizar. Locais de realização, disposição e decoração. Ementas. Equipamento e material.
	CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS		21/MAR a 25/MAR	15-18	5 dias	Caracterização dos alimentos. Causas da alteração dos alimentos. Processos gerais de conservação. Legislação.

Condições — Inscrição na sede do Sindicato até 3 dias antes do início da iniciativa.
Preço – inscrição 500$00 **cursos — sócios** 1500$00 **— não sócios** 2000$00
NOTA: Todas as iniciativas decorrem de 2.ª a 6.ª-feira. **Lisboa, 2 de Março de 1988** **A Direcção**

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

TENNESSEE WILLIAMS

bruscamente no Verão passado ...

«...Bruscamente no Verão Passado é um belíssimo momento de Teatro».
José Valentim Lemos – «DN»

Reservas pelo Telefone 87 56 26
Sub. SEC **Horário:** Terça a Sábado às 21.30 h. **Matinées:** Sábado e Domingo às 16.00 h.

O DESTINO MORRE DEVAGAR

Carlos Porto

O DESTINO MORREU DE REPENTE, de Alves Redol **Dramaturgia/Versão Cénica Encenação/Cenografia:** João Mota. **Música:** Carlos Mendes. **Coreografia:** Cristina Graça, **Ilusionismo:** José Vilhena, **Figurinos:** Carlos Paulo, Máscaras/Adereços: Jorge Loureiro e Cecília Sousa. **Intérpretes:** Cláudia Ferreira, Fátima Espiríto Santo, Conceição Marques, Carlos Paulo, Conceição Ferreira, António Carvalho, José Silva, Almeno Gonçalves, Álvaro Correia, Filipe Almeida, João Rodrigues, José Primavera, Pedro Jardim, Genoveva, Faísca, Cecília Sousa, Fábia Barão, Rita Salema, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, Victor Soares, Manuela Couto, Alfredo Brissos, Abel Neves, António Carvalho, Fátima Reis, Jorge Estreia, Pedro Jardim, Alexandre Lopes, Cucha Carvalheiro, João Mota. **Teatro da Comuna.** Estreia: 25-02-1988.

Tenho iniciado as últimas críticas com breves considerações sobre as injustiças que têm sido praticadas sobre alguns grupos. Caso da Casa da Comédia, da Barraca, caso também da Comuna cujo trabalho devia ter merecido mais respeito por parte da SEC. Só por incompreensível cegueira foi possível ter deixado incluir o grupo dirigido por João Mota fora dos contratos-programa, estatuto de que beneficiaram (embora sejam discutíveis os benefícios) o Novo Grupo, o Teatro da Cornucópia, o Teatro Experimental de Cascais. Não deixa de ser curioso que com este novo espectáculo a Comuna venha tornar ainda mais evidente a injustiça de que foi vítima. Porque se trata provavelmente, em termos materiais mas também em termos estéticos, do mais ambicioso dos espectáculo do teatro português das últimas décadas, incluindo o Teatro Nacional e incluindo mesmo o teatro de revista, não em termos de espectáculo e em termos económicos mas em termos de criação compósita ou de estética teatral já que «O Destino Morreu de Repente» envolve várias linguagens que mereceram, justamente, igual rigor de tratamento (teatro e bailado, circo e artes de ilusionismo). Tendo por base um texto longo e complexo, o que torna o espectáculo num acontecimento ainda mais raro mesmo com as reservas que possa merecer.

Quando o leitor pega num livro que contém uma peça de teatro e verifica que esse livro tem 235 páginas de formato normal, ou mesmo que toma conhecimento de se tratar de uma **sugestão para um espectáculo popular,** não um qualquer pretexto para divagações mais ou menos eruditas de carácter histórico, esse leitor fica desconfiado. No entanto, quando começa por ler o texto que antecede a peça e a que Alves Redol chamou curiosamente **Alguns apontamentos para as pessoas se entenderem um pouco melhor,** o hipotético leitor tem uma primeira surpresa. Confinado ao conhecimento de Alves Redol como romancista ei-lo que encontra um autor que não é apenas de peças de teatro mas um dramaturgo consciente dos problemas que a escrita teatral implica, consciência que a leitura de alguns teóricos fundamentais do teatro contemporâneo naturalmente possibilitou e ampliou. Note-se que Alves Redol cita, e fá-lo com material de trabalho não para se armar, textos de Meyerhold, Veinstein, André Boll, Dullin, Strindberg, Antoine, Taírov, Baty, Piscator, Craig, Mallarmé, Gémier, entre outros. Nos anos 60, poucos seriam os dramaturgos portugueses capazes de manejar um tão importante material teórico. É claro que dessa leitura, Redol só podia tirar uma conclusão: a de que **o teatro nasce para ser representado e não para ser lido,** e a propósito cita:

Craig achava que o texto não fazia grande falta ao teatro. Parece-me mais justo que o sublinhasse para um espectáculo popular, afirmação importante pelo que tem a ver com o seu texto.

Conhecedor desta prosa prévia, o leitor não deixará de ficar surpreendido por aquilo que lhe parece terem sido os excessos verbais de Redol. Em vez de guião para um espectáculo que participa da commedia dell'arte, do circo, do bailado, da pantomina, até do cinema, Redol escreveu um texto longo, por vezes exageradamente prolixo, que parece mais próximo de Brecht (que curiosamente Redol não cita) do que de Taírov e Meyerhold cujas teorias, em especial a commedia dell'arte mas também o circo, o exercício físico, o movimento, caros a Meyerhold, e sobretudo a filosofia antinaturalista que um e outro professavam, tanto lhe interessavam.

Aqui, o leitor lembra-se que Alves Redol pensou numa peça que gostaria de ver representada sabendo que, no regime fascista, essa representação não seria possível, como não foi. A sua peça é, pois, uma proposta de leitura e uma **sugestão** para um espectáculo teatral. Ao encenador, ao intérprete e aos intérpretes do seu texto, competiria a última, longínqua, palavra.

Isto significa que o projecto tão aliciante, tão rico, de Alves Redol se fragilizou em termos de teatro por várias razões: em especial porque não teve uma primeira concretização no tempo que era o seu, o que veio, a aceitar as razões do encenador, a obsoletar o que no texto é mais caracterizada, imediata e historicamente político, embora permaneça o que na peça é ideologicamente mais forte. Ou seja permanece, reforçando-se, a parábola em que o Destino surge com a identificação de um poder ditatorial que acaba por ser vencido. Alves Redol era um lutador e por isso um homem de esperança (não surge a sua luta clandestina simbolizada na bicicleta que um intérprete monta, quem sabe se evocação do belo romance «Até Amanhã, Camarada», de Manuel Tiago?). Por essa luta, por essa esperança, Alves Redol podia prever a morte do Destino em que este é o símbolo de uma vida imposta pelos outros, como se o homem não devesse ser senhor do seu destino.

Interessante ligar este processo sobre o Destino com uma passagem do espectáculo da Barraca («O Baile») em que Salazar surge como senhor dos nossos destinhos.

João Mota pegou neste texto visivelmente com muito amor, reduziu-o, como não podia deixar de ser, mas respeitou a maior parte das propostas do original.

Talvez se possa dizer mesmo que houve um excesso de respeito por parte do dramaturgo/encenador já que algumas cenas pecam por falta de ritmo, por arrastamento excessivo do discurso verbal, o que entra em ruptura com a proposta mais importante do texto que consiste exactamente em sacrificar a literatura teatral a favor do teatro. Essa falta de ritmo é mais evidente no prólogo, nas cenas dos Mágicos, em algumas das cenas do Destino, ou seja, precisamente, naquelas cenas em que houve um maior respeito pelo texto, enquanto nas cenas de espectáculo a proposta da Comuna atinge momentos de admirável criatividade. No entanto, o trabalho de João Mota, nessa zona rítmica, é também prejudicado pela necessidade de conjugar o tempo de saídas e mudanças de fatos com as cenas, o que significa que apesar do enorme esforço do grupo e da inclusão de dezenas de intérpretes, estes são ainda insuficientes para a proposta original. O que aliás vem dar razão ao primeiro projecto de João Mota que consistia em apresentar o espectáculo no Coliseu com a participação de artistas de circo, um conjunto musical, cavalos, etc., projecto que não obteria apoio das entidades respectivas. Pudera...

Expostas as reservas que, nestas circunstâncias, o espectáculo dificilmente deixaria de sofrer, sublinhemos o que nele é essencial: trata-se de um projecto sem paralelo no nosso teatro independente cuja grandeza só seria possível pela conjugação de vários trabalhos de grande criatividade.

A utilização de processos de representação que não são habituais no nosso teatro, pelo menos, a este nível: o circo que existe não apenas como função (os palhaços, os acrobatas, os ilusionismos), mas também como sinalização de uma memória (os bonecos-acrobatas que por vezes mexem), a festa de rua (os gigantones); o bailado, a música, a canção, a sátira, o movimento transmitido através dos intérpretes mas também pelo uso de patins, e seus correlativos modernos, a bicicleta; por outro lado o uso de processos mais sofisticados, como o laser e o vídeo. Mas estes elementos de teatro popular conjugam-se com propostas de outra ordem, como os sinais de uma arte de vanguarda das primeiras décadas do século que sobretudo os admiráveis figurinos de Carlos Paulo exprimem.

EM)A riqueza deste espectáculo tem muito a ver com essa abordagem compósita sobretudo porque essa abordagem é feita em termos de qualidade, não surge improvisada como quase sempre acontece em espectáculos deste tipo. Acrescente-se a isto, a inteligência de algumas das opções dramatúrgicas de João Mota, como acontece no final quando o vendedor de máquinas (as ilusões da nossa modernidade) surge na figura de um ilusionista (Alfredo Brissos que faz um trabalho excelente, indo até à levitação).

Outro aspecto altamente positivo do espectáculo é o da homogeneidade da enorme equipa dirigida por João Mota. Se há naturalmente intérpretes cujas intervenções são de maior responsabilidade (Carlos Paulo, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Manuela Couto, Cecília Sousa, Abel Neves, Cucha Carvalheiro, um admirável Desino, João Mota), o mais interessante neste espectáculo consiste na ligação de todos os elementos, desde os mais jovens (alunos da Escola da Comuna) aos mais experientes, desde o campo mais especificamente teatral até aos aspectos parateatrais do espectáculo.

Sem esquecer, dois grandes elementos do espectáculo: em primeiro lugar, o trabalho de Carlos Paulo como figurinista, já referido, em que vale a pena insistir pela qualidade, pela imaginação que esse trabalho implica; depois, pela música de Carlos Mendes que ajuda muito a criar a atmosfera que o espectáculo exigia. Mas não é possível deixar de citar os nomes de Cristina Graça (coreografia) e José Vilhena (ilusionismo), cuja contribuição foi indiscutivelmente importante. Como foi e é importante o trabalho daqueles colaboradores anónimos do espectáculo que, fora de cena, ajudam a que tudo corra sobre rodas.

Uma das coisas bonitas que há para ver no nosso teatro, é quando o público enche a sala da Comuna, a luz muda, e João Mota, como qualquer arrumador de cena, começa, por exemplo, a enrolar tapetes, e então o teatro, com os seus mistérios, acontece. Este espectáculo é uma homenagem a Alves Redol, um homem inesquecível, um combatente da Liberdade e da Revolução, um grande escritor e um grande dramaturgo. É por isso uma homenagem ao teatro, ao espectáculo, ao povo, para quem é feito.

Um bobo na garagem: improvisações de Jean-Pierre Tailhade

Um espectáculo «inesperado» todos os dias e 19 espectáculos diferentes entre 3 e 27 de Março — é o que se propõe fazer o actor e encenador francês Jean-Pierre Tailhade.

«Sentado numa cadeira, fico à espera que um espectador me dê um tema, uma palavra, ou várias, ou uma frase. Levanto-me e começo a improvisar», declara na apresentação do seu espectáculo Tailhade.

«Um bobo na garagem» é o título das improvisações de Tailhade, a realizar na garagem do Instituto Franco-Português.

O actor propõe-se, caso não consiga improvisar a partir das propostas do público, reembolsar o espectador lesado.

«Pode acontecer que depois de dez minutos, eu pare, que não consiga», mas «se por azar isso acontecer, o reembolso está garantido», diz Tailhade, que explica as improvisações «pela necessidade de regressar» ao que considera a fonte do Teatro.

O actor, que reside habitualmente em Portugal, dirigiu no final do ano passado a peça do dramaturgo francês Jean-François Tilly «Charcuterie Fine», levada à cena no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em Portugal, no campo do Teatro, foi já — entre outras colaborações — actor na Comuna, co-fundador do Teatro do Mundo, e no cinema teve participações em «O Lugar do Morto», de António Pedro Vasconcelos, ou em «Le Soulier de Satin», filme de Manoel de Oliveira que ganhou o Leão de Ouro especial em Veneza.

Porto: recuperação de centro histórico

O projecto municipal de recuperação do Centro Histórico da Cidade do Porto (PMRCHCP) vai despender 300 mil contos na construção de um complexo habitacional e comercial na Freguesia de S. Nicolau — disse à Lusa o director daquele organismo.

O PMRCHCP, organismo dependente da Câmara Minicipal e responsável pela recuperação e renovação do centro histórico, dispõe já de um subsídio de 86 mil contos, atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian.

O director do PMRCHCP, Manuel Monteiro, adiantou que o empreendimento, designado por «complexo habitacional e comercial da Lada I e II do Porto», compreende 35 habitações sociais, onze espaços comerciais e arranjos exteriores.

O complexo habitacional ficará situado em pleno Largo da Lada e deverá ficar concluído no prazo de dois anos.

O prazo para entrega das propostas a concurso, ao qual concorreram empreiteiros portugueses e estrangeiros, já terminou.

A cerimónia de abertura das propostas dos concorrentes à empreitada do complexo habitacional do Largo da Lada decorreu terça-feira ao fim da tarde, na sede do projecto municipal de renovação do Centro Histórico da Cidade do Porto, em plena Ribeira.

DL CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3
PROFISSÃO DOMÉSTICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15,30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
DEBAIXO D'OLHO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
SÓ SE MORRE DUAS VEZES
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 1
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
SÓ SE MORRE DUAS VEZES
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 4
POLÍCIAS DA PESADA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 6
DEBAIXO D'OLHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Ávila
— T. 539930

JOVENS CRUZADOS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776098

POTÊNCIA MÁXIMA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

— Cher e Dennis Quaid juntos no «triller» de Peter Yates «Sob Suspeita», em exibição no Quarteto.

Capitólio
— T. 372358

SUPER-SEXO
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil
T. 530194

POTÊNCIA MÁXIMA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso
SEXO EM FAMÍLIA
Porno
(Int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

O DRAGÃO INVENCÍVEL
(Int. men. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253

OFICIAL E CAVALHEIRO
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
PELA NOITE DENTRO
(n/acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anusha
PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
FOGO CONTRA FOGO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

GENTE GIRA – N.º 3
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

CHERRY 2000 — A BONECA MECÂNICA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

GENTE GIRA 3
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

ISHTAR
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 2
TRINITÁ, COW-BOY INSOLENTE
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
GENTE GIRA N.º3
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
REQUIEM PARA UMA MULHER
(Int. men. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

A LEI DO REITOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
A BONECA MECÂNICA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134

GENTE GIRA N.º 3
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
CHERRY 2000 — A BONECA MECÂNICA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
WALL STREET
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
O DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3
POTÊNCIA MÁXIMA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

AVENTURAS FORA DE HORAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

O INFERNO DA VINGANÇA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

CHOCOLATE E BANANAS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— T. 821933

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(maiores 16 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305

A PANTERA DOS SETE MARES
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Fantasporto/88
THE HIDDEN
Leg. em inglês
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2
O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
Fantasporto/88
MÁSCARA
(maiores 16 anos)
(V. inglesa)
23.30 h

Sala 3
AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Fantasporto/88
SCANNERS
(maiores 16 anos)
Leg. em português
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4
SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Fantasporto/88
HELL RAISER
(maiores 16 anos)
Leg. em inglês
(maiores 16 anos)
24.00 h

Roma
T. 889192

A LEI DO REITOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

O INFERNO DA VINGANÇA
(maiores 16 anos)
15.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
GRITA LIBERDADE
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ATRAÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.40, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 17.45 e 21.00 h

7.ª Arte
— T. 730715

MICRO-HERÓI
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Star
— T. 804210

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

JOVENS CRUZADOS
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

PROFISSÃO: DOMÉSTICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

A CIDADE CORRUPTA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

A LEI DO REITOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «O Comando», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Caça Polícias II», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Babilónia — «Academia de Férias», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores de 16 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Romance no Rio», às 21.30 h (maiores

CACÉM — Cinestúdio Flores — «As Bruxas de Eastwick», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Seita do Mal», às 21.30 h (maiores 18 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Jardins de Pedra», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

ALGÉS — Cinema 2000 — «As Bruxas de Eastwick», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Robcoop — O Polícia do Futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Colina dos Heróis», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Sala 2 — «Tal Pai, Tal Filho», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Debaixo d'olho», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Wall Street», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Sob Suspeita», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Wall Street», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «O Último Imperador», às 15.30, 19.00, 21.45 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Era Uma Vez na América», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Sarilhos à Desfilada», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «Recomeçar a Três», às 15.30 e 21.30 h (maiores 13 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Procura-se Morto ou Vivo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Mistério do Ídolo de Fogo», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).

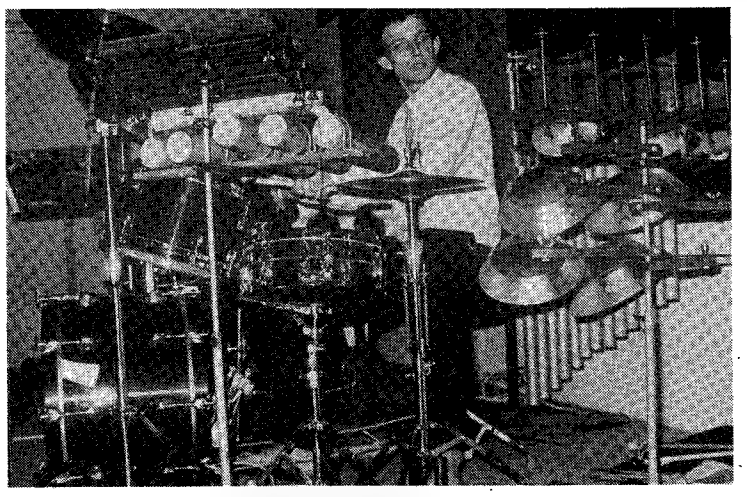
Sala 2 — «América Violenta», às 15.00 e 21.15 h (maiores 18 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Aminic-violenta-me», às 15.00 e 21.15 h (maiores 18 anos).

MISO ENSEMBLE NAS CALDAS

Prossegue hoje a programação das «Quintas-Feiras Musicais», na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, com um espectáculo pelo Miso Ensemble, às 21.30 horas.

Composto por Paula Azguime (flauta) e Miguel Azguime (percussão), o Miso Ensemble pratica um reportório em que as fronteiras entre estilos se diluem, e em que se cruzam tendências clássicas, jazzísticas, étnicas e contemporâneas. Assim, a par de composições de autores contemporâneos, o grupo interpreta também composições próprias, algumas delas premiadas em concursos, e realiza ainda actos de criação musical com elevada tendência para a improvisação, revelando «uma compreensão profunda das regras e leis que regem a comunicação com diferentes públicos» (Domingos Morais). Esta capacidade de comunicar é de resto uma das características mais relevantes do Miso Ensemble, bem demonstrada em dezenas de concertos realizados pelo País fora, numa demonstração dos propósitos de descentralização musical que anime o grupo.



Miguel Azguime

EXPOSIÇÕES

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): em colaboração com a Galeria Leo, a exposição «Amo-te: o teu cabelo murcha na minha mão (entre este mundo e o outro, não tenham nem um pensamento a mais)», de Rui Chates.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48): até 19 de Março, de terca a sábado das 14,30 às 19,30, escultura de Pedro Fazenda.

GALERIA DO PRESIDENTE (R. Alexandre Herculano, 13): até 3 de Abril, a exposição «Metamorfoses, Rostos e Sintetizações» de Miguel Barbosa. Na inauguração, participação especial do actor Luís Machado que lerá textos inéditos de Miguel Barbosa.

GALERIA «A JANELA VERDE» (R. do Olival, 9): até 27 de Março, de segunda a sexta das 14 às 20 horas, pintura de Fernando Quartin com o título «Largadas».

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 27 de Março, de terça a sexta das 15 às 20, esculturas de Cristina Ataíde com o título «Penumbras».

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 13 de Março, pintura de Paul Mathieu, patente de terça a domingo das 14 às 20 horas.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 27 de Março, patente das 15 às 23 horas, pintura de Artur Bual.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição «Novas Paisagens das Asturias»

GALERIA JN (R. Gonçalo Cristovão-Porto): até 17 de Março, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, uma exposição de Carlos Carreiro, com 16 telas inéditas concebidas sob o lema de «foram-se os figurantes ficaram os cenários».

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): colectiva de artes plásticas.

ARCADAS DO PARQUE DO ESTORIL: pintura de Francisco Barceló até 21 de Março, das 9 às 19.

FORUM PICOAS: até 21 de Março, a exposição de Fotografia «Portugal e o Ambiente»

GALERIA DIFERENÇA: até 27 de Março, escultura de Cristina Ataíde.

GALERIA TRIANGULO 48 : até 31 de março, pintura de Rogério Ribeiro.

HOTEL ALFA LISBOA: até 14 de Março, colectiva de pintura com obras de Agostinho Duarte, Armando Anjos, Arménio Reis, Bravo da Mata, Estevãp Soares, Fortunato Anjos, João Mário, Molina e Real Bordalo.

VOZ DO OPERÁRIO: até 12 de Março, pintura de Rui Cunha, de segunda a sexta das 10 às 22.

GALERIA ARCADA (Arcadas do Parque do Estoril): até 15 de Março, a exposição colectiva «Contraponto (s)» com trabalhos de António Sena, Pedro Chorão, Helena San Payo, Regina Chulam, António Matos, Paula Ruella, Maria Jerónimo e António Delgado. Patente de quarta-feira a segunda-feira das 11 às 20 horas.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bivar, 91): exposição «A La Decouverte de Montpellier» com pintura de Pedro Portugal e fotografia de Rui Cunha.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 17 de Março, das 15 às 19 horas, a exposição «Ver a Natureza», uma colectiva com trabalhos de 24 dos nossos artistas mais cotados. No dia da inauguração às 18,30 e nos dias 4, 5, 11 e 12 às 21,30, o espectáculo experimental do Grupo Mandrágora intitulado «Para Além do Horizonte».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 15 de Abril, a exposição «Brinquedos Caboverdianos», brinquedos manufacturados pelas crianças de Cabo Verde em barro, madeira, arame e lata.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU DE ARTE ANTIGA: exposição de Pintura «As Imagens da escrita» (Paineis de Nuno Gonçalves) de João Vieira.

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira-Restelo): a exposição «Timor de Ruy Cinatti».

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição «Fernando Lanhas 1943-1988».

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 22 de Março, pintura de Domingos Rebelo, patente de segunda a sábado das 10 às 19.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias-piso 0): Pintura de António Dacosta.

MERIDIEN LISBOA: até 6 de Março, aguarelas de Edgar Silva. Patente no foyer do 2º andar, diariamente das 9 às 23 horas.

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA (R. do Salitre, 146): exposição de desenhos de «personagens ilustres», da autoria de Tullio Pericoli.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): até 26 de Março, pintura de Ivo, patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 19 de Março, pintura de Vieira Baptista com o título «O Trapo Vermelho». De segunda a sábado das 12 às 23 horas.

GALERIA DO TEATRO MIRITA CASIMIRO (Monte Estoril): até 11 de Março, pintura da artista brasileira Cláudia Lima, organizada pela Embaixada do Brasil com o apoio da Câmara Municipal de Cascais.

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas, 9-1º): atè 9 de Março, de terça a sexta das 17 às 20 e aos sábados das 15 às 20, patente uma exposição de pintura e desenho da autoria de José Augusto

FUNDAÇÃO ENG. ANT. DE ALMEIDA (Porto): até 8 de Março, exposição de desenhos de Irene Vilar.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 6 de Março, Tapeçarias de Helena Sá e Dulce Farinha.

GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada, 87): até 5 de Março, patente de segunda a sexta das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13, a colectiva de Pintura, «4 Pintores na Artex», com obras de Albino Moura, Carlos Fernandes, Cidália Rodrigues e Louro Artur.

CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 4 de Março, uma exposição de pintura de Manuela Cardoso e uma colectiva de artes plásticas com a participação de artistas como C. D´Ovar, R. Farinha, R. Pinheiro, C. Canhão, M. Barbosa, E. Leite, C. Abreu, H. Felícia, Lachore, R. Gameiro, Cuca e S. Barros. Diariamente, das 10 às 22.

CENTRO CULTURAL S. LOURENÇO (Almancil): até 18 de Março, pintura e desenhos de Ward Janssen. Em exposição permanente, trabalhos de Manuel Baptista, João Cutileiro, Günter Grass, José de Guimarães, Jules Heyndels, Jorge Mealha, Susan J.

GULBENKIAN (galeria das exposições temporárias): duas exposições: «retrospectiva da obra artística e literária de Aureliano Lima» e «Escavações do aldeamento português em Ayutthaya - Tailândia».

GULBENKIAN (zona dos congressos, piso 01): exposição de pintura (óleos, guaches e carvões) comemorativa dos 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha. Paralelamente, realiza-se um ciclo de conferências.

GULBENKIAN (exposições temporárias): a exposição «Projectio» da artista brasileira Regina Silveira.

GULBENKIAN (CAM): exposição de Gravura Brasileira.

INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 12 de Março, de segunda a sábado das 15 às 20, pinturas recentes de Joaquim Baltazar.

CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA (L. Trindade Coelho, 21): Pintura de Carlos Canhão.

GALERIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO (Braga): até 9 de Março, duas exposições - fotografias de Manuel Magalhães e tapeçarias de Maria Antónia Santos.

GALERIA EG (Porto): Pintura de Isabel Laginhas, João Anta e Paulo Cardoso.

ALMADA (átrio da Câmara Municipal): «A Cor que a Cidade tem», uma exposição de fotografias sobre diversos aspectos do quotidiano da cidade, da autoria de Nuno Avelar Pinheiro.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 6 de Março, exposição de projectos de arquitectura de Helder Cerqueira reunidos sob o título «Casanova para Narcyso». Patente nos dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17,30, sábados e domingos das 15 às 18.

MUSEU DE AVEIRO: organizada pela Fundação Gulbenkian, a exposição itinerante «Gravuras da Colecção Gulbenkian», até 6 de Março.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século): exposição colectiva dos artistas da galeria, patente até 5 de Março.

CONFERÊNCIAS

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): Ciclo de Conferências: hoje, às 18,30, «A Arte no Fim do Milénio» pelo pintor António Cerveira Pinto.

TEATRO

MUSEU DA CIDADE (Convento de Jesus-Setúbal): o TAS estreia esta noite (21,30) o drama estático de Fernando Pessoa «O Marinheiro» com encenação e música de Carlos Curto, design de Eurico Coelho e interpretação de Célia david, Isabel Ganilho, Maria Simões e Teresa Dias. Representações às sextas e sábados, às 21,30.

MÚSICA

CASA DA CULTURA (Caldas da Rainha): às 21,30, em «Quintas-feiras musicais», um espectáculo pelo Miso Ensemble.

GULBENKIAN (grande auditório): às 21,30 concerto pela Orquestra Gulbenkian. Michi Inoue (maestro); Mayumi Fujikawa (violino) interpretando obras de Mozart, Beethoven e Mendelssohn.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: às 18,30 Ciclo Europeus no Cinema Americano Contemporâneo com «Star 80, a Tragédia»/1983 de Bob Fosse (legendado em português); às 21,30 Ciclo Filmes de Outras Cinematecas com «O Fantasma do Moulin Rouge»/1924 de René Clair (cópia restaurada).

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

Não sei se viram aquele programa com a biografia do grande pianista Glenn Gould. Há quem o considere o maior do século. Para evitar ferir susceptibilidades, digamos, pelo certo, que é dos maiores. Pronto. No programa falava uma produtora da Rádio canadiana que contou o seguinte: «Fiz na minha estação um concurso. Transmitimos uma das mais recentes composições de Schomberg. Daríamos prémio a quem descobrisse o autor. Só um ouvinte acertou: Glenn Gould. Mas recusou-se a receber o prémio». Queria só ter a satisfação de que alguém sabia. Isso mesmo. Há dias, José Lúcio, em «Não há duas sem três» da Rádio Comercial, falava em «marafado» e queria saber qual a origem da palavra. Alguém telefonasse se soubesse. Não oferecia prémio. Não se usa mala por lá! Telefonei. Não se trata de puro provincianismo algarvio. Tem raiz geral. Vem do verbo marafar - *enfurecer, enraivecer, fazer zangar. «Lobos só mostram os dentes quando os marafam» escreveu Manuel Ribeiro. Em certas regiões,* cão marafado *é cão raivoso. Claro, no Algarve a expressão amaciou-se. Telefonei mas não tive sorte nenhuma. Demoraram tanto a atender que desliguei. Pena. Eu queria só mostrar que o prémio não é a única motivação a explorar para o diálogo...*

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 892533); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Manuel Vicente Jesus**, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); **RESTELO - AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 1-D (T. 610256); **ROCHA: Pinheiro**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, R. de Benfica, 373-B (T. 780548); **ALFRAGIDE - AMADORA: Remédios**, R. Ivens, 2 (T. 970544); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BAIXA: Azevedo, Filhos**, Rossio, 31 (T. 327478); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749699); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 381279); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berne**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PARQUE EDUARDO VII: Latina**, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 542312); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 240020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Vale de Milhaços. Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, R. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9214103); **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 92600404). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

DL TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Laura Alves

R. da Palma, 253 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 21.30; sábado, domingo e feriados, às 16.00 e 21.30; sábado, domingo e véspera de feriado, às 21.30 e 23.30.

«**O NOSSO AMOR É LISBOA**», de Paco Gonzalez. Interpretação de Paco Gonzalez, Mário Rainho, Ermelinda Lopes, entre outros. Atracção do fado, Maria Portugal.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**CHEIRA A LISBOA**», de César de Oliveira, Henrique Santana e Gonçalve Preto. Música de Ferrer Trindade, Jorge Machado e Casal Ribeiro. Interpretação de Carlos Miguel, Natalina José e Joel Branco, entre outros.

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borba, 22-24 — Tel. 60 72 99 / 67 74 81

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**NOITES DE ANTO**», de Mário Cláudio. Música de João Paulo Soares. Um espectáculo de Filipe la Féria.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo, ao Cruzeiro — Tel. 287 03 20

De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**O BALCÃO**», de Jean Genet. Pelo **Teatro Experimental de Cascais**. Encenação: Carlos Avilez.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Às 20.30 e 23.00

«**FESTA NO PARQUE**», texto e melodias de José Viana. Intérpretes: Dulce Guimarães, Camacho Costa Carlos Areia, Dora Leal e José Viana e ainda a cantora de jazz Maria Viana.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

Sáb. e Dom. às 11 horas

«**O Leão Encantado**», de Lauro Olmo. Trad., e cenários de Blanco Gil.

Fig. de António Filipe.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.

«**O DESTINO MORREU DE REPENTE**», de Alves Redol. Adaptação, dramaturgia e encenação: João Mota. Música: Carlos Mendes. Figurinos: Carlos Paulo. Coreografia: Cristina Graça. Ilusion.: José Vilhena. Intérpretes: Abel Neves, Almeno Gonçalves, Alfredo Brisso, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Cucha Carvalheiro e João Mota, etc.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Garrett

De 3.ª a sábado, às 21.15; sábado e domingo, às 16.00

«**O BICHO**» e «**O TEMPO FEMININO**», da «**TRILOGIA PORTUGUESA**», de Miguel Rovisco. Encenação de Norberto Barroca. Interpretação de Rogério Paulo, Igor Sampaio, Irene Isidro, António Anjos, Luís Bandeira, Ruy de Matos, Madalena Braga, João de Carvalho, Carlos Pimenta e Fernanda Alves.

Sala Gil Vicente

De terça a sábado, às 22.00; sábados e domingos, às 17.00

«**TRILOGIA PORTUGUESA (III)**», de Miguel Rovisco. Encenação: Norberto Barroca. Cenários e figurinos: José Costa Reis. Música: Paulino Garcia.

Teatro da Cantina Velha

Cidade universitária, junto à reitoria

De 3.ª a Sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«**A ESPUMA DOS DIAS**», de Boris Vian. Pelo Ibis — Teatro Universitário. Encenação de Paulo Filipe. Interpretação de Alberto Gomes, Élio Correia, Isabel Carlos, Jorge Ferraz, Mário Carneiro e Sílvia Brito.

Teatro da Graça

Trav.ª de S. Vicente, 11 Tel. 875626

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO**», de Tennessee Williams. Pelo **Teatro Hoje**. Tradução: Manuel João Gomes, Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Asseff. Música: Sei Miguel.

Vasco Santana

Av. da República, na Feira Popular — Tel. 76 86 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**AS DUAS CARTAS**», de Júlio Diniz. Pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação de Luzia Maria Martins. Interpretação de Manuel Mendonça, Carlos Vieira, Helena Félix, Luísa Ortigoso Maria Dulce, António Machado, Vera Azevedo, Carlos Santos e José Brás.

Ritz Clube

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«**O BAILE**». Pelo Grupo de Teatro «A Barraca». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula de Sousa, Maria Teresa Faria, Leonor Alcácer, Marta Tereno, Margarida Barão, António Cardoso, Luís Tomar, Vítor Torres, Paulo Oom e Miguel Rodrigues.

Instituto Franco-Portugues

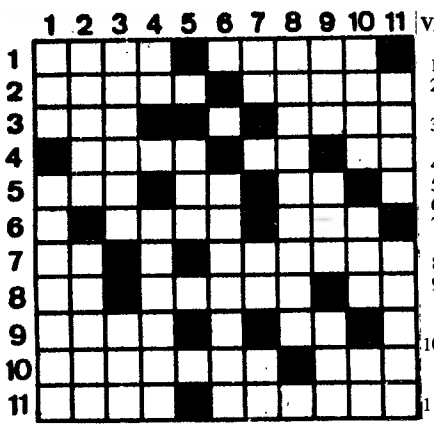
Av. Luís Bivar, 90 — Tel. 54 45 74

De 3 a 27, às 21.30; domingos, às 18.45

«**UM BOBO NA GARAGEM**». Improvisações de Jean Pierre Tailhade.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17273



HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Ciladas.
2 Ácido orgânico azotado, do grupo das purinas, que figura na urina em pequenas quantidades. Introduziu.
3 Acrescentando uma vogal é palmeira da Amazónia. Primeiro rei dos hebreus.
4 Embarcações grandes. Antes de Cristo. Solitário.
5 Código. Era cristã. Ósmio (s.q).
6 Trato por tu. General de Napoleão.
7 Sódio (s.q). Recalcitro (fig).
8 Mercúrio (s.q). Variedade de dromedário africano adestrado para jornadas rápidas. Vi (inv).
9 Vagueia. Preposição latina que designa movimento.
10 Tombarias. Rogo.
11 Nome de mulher. Pançudos.

VERTICAIS:

1 Letra grega. Distingue.
2 Nome de planeta. Variedade de maçã do Minho.
3 Recinto fechado junto aos currais para recreio do gado. Zombas.
4 Mil e cem em romano. Nome de fruto.
5 Artigo definido. Pronome possessivo.
6 Consciência.
7 Preposição. Érbio (s.q). Antimónio (s.q).
8 Duvida.
9 Letra grega. Tempo do verbo saber. Contracção da preposição de com artigo.
10 Pronome possessivo. Rio da Ásia Central tributário do lago Balcache. Letra grega.
11 Gritos. Nascentes de água.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17272

HORIZONTAIS:

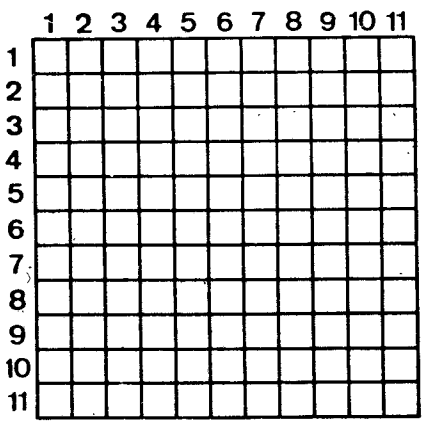
1 O. TRABALHO.
2 Leio. Aliado.
3 Issel. Noel.
4 Nio. Ah!
5 Ata. Nero. Dá.
6 Lareira. Cid.
7 Carmina. VO.
8 Posa. Anis.
9 Ra. Ur.
10 Geminar. Mad.
11 Assoa. Aviso.

VERTICAIS:

1 Olival. PAGA.
2 És. Taco. És.
3 Tisnaras. Ms.
4 Roei. Erário.
5 Lonim. Ana.
6 Ba. Erin.
7 Al. Aran. Ura.
8 Linho. Aar.
9 Hão. Mi.
10 Ode. DÍVIDAS.
11 Oleados.

PROVÉRBIO: O trabalho paga dívidas.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 098



HORIZONTAIS:

1 Aqui. O mesmo que até. De cor amarelo-tostada.
2 Lavrais. Tempo do verbo ir.
3 Rasgue. Estratagemas.
4 Preposição e artigo. Autores.
5 Colina na Suécia. Em as. Fecho as asas apra descer mais depressa.
6 Cave.
7 Dou aviso de alguma coisa em voz alta. Asseada.
8 Freguesia do concelho de Loulé. Crustáceo do género asellus.
9 Acredita. Patrão. Pesar.
10 Interjeição brasileira. Fileira. Observo.
11 Ampla. Estacionas.

VERTICAIS:

1 Carrrego. A fina flor.
2 Anel. Arquearia.
3 Estimas. Olá.
4 Modelo. Desgasta por fricção. Prata (s.q).
5 Membro de ave. Laço. Amofina.
6 Oceano. Miriare.
7 Trama (fig). Grande sala.
8 Dá urros. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Ruim.
9 Tarefas. Calcular.
10 Tempo do verbo ir. Suplica.
11 Endurecido. Gorgulhos tropicais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 097

HORIZONTAIS:

1 Sanar. Sopas.
2 Adora. Adega.
3 To. Avisas.
4 Atem. Leoas.
5 Âmago. Ur.
6 Si. Van. Asi.
7 Ossa. Usar.
8 Saiu. Cá.
9 Aula. Rã. Mat.
10 Rataram. Ida.
11 Aias. Mantas.

VERTICAIS:

1 Saca. Sovara.
2 Ad. Tais. Uai!
3 Notem. Solta.
4 Aromava. Aas.
5 Rã. Ga.
6 Alongaram.
7 Save. Iama.
8 Odiou. Uu.
9 Pesaras. Mit.
10 Agas. Sacada.
11 Sãs. Piratas.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; **19.00**: informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Diálogo; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.15: Panorama da obra de César Frank; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Estórias da História; **17.30**: Trechos de ópera; **18.40**: Aberturas de operetas, de Offenbach; **19.00**: Integrais; **19.35**: Música, de Vivaldi; **20.40**: Música, para piano, de Weber; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: O compositor interpretando a sua obra; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Concerto sinfónico; **00.50**: Conjuntos instrumentais; **01.50**: Último andamento; **02.00**: Disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Nove e tal; **22.05**: Leigos em congresso; **22.30**: Bola branca; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Triângulo; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço.

TELEVISÃO

RTP 1

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«Taratata», «Vem Lá Filme» e «As Aventuras de Punqui»

18.30 - Você Sabia Que...
19.00 - O Império de Carson
101º Episódio:

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.08 - Direito de Antena
«Câmara dos Técnicos de Contas»

20.15 - Roque Santeiro
101º Episódio: Terêncio não consegue afastar os olhos de Roque que acaba por lhe confessar que é Roque Santeiro e que só Malta lhe poderá contar tudo. Odete escuta a conversa. Terêncio, assustado, pressiona Malta e exige a verdade. Malta, contrariado, pede-lhe sigilo absoluto. Linda chama Tito ao seu quatro para lhe provar que Gersin esteve com ela. Tito com o choque deixa de ver e o médico diagnostica cegueira histérica, prescrevendo-lhe sedativos. A quermesse é inaugurada e Matilde revela o segredo da sua barraca: irá vender beijos. Mocinha e Roque encontram-se finalmente.

21.10 - Primeiro Andamento
«33 Valsas de Amor»
«Canções de Amor» (2º caderno)

21.35 - Telemundo
22.05 - A Clínica da Floresta Negra
20º Episódio: Um bébé recém-nascido é encontrado nas escadas da clínica. Mrs. Kolb, cujo filho nascera morto, seguindo o conselho médico, fica com a criança e acaba por adoptá-la.
Cathy muda-se para um lar para idosos, a fim de ali permanecer durante um período experiemental, mas acaba por regressar a casa do professor no mesmo dia em que dera entrada no lar! Wiebke Busch começa a recuperar do acidente que sofrera e decide esquecer o criador de cavalos.
Realização: Hand-Jurgen Tugel

23.00 - 24 Horas
23.35 - Especial Rally de Portugal
00.00 - Remate

RTP 2

15.00 - Pano para Mangas
16.30 - Horizontes de Glória
Último episódio

17.20 - Os Imigrantes
198º Episódio

«Primeiro Andamento», no 1º canal às 21.10

No 2º canal às 16.30, o último episódio da série «Horizontes de Glória»

18.00 - Ponto por Ponto
19.05 - Formula One
20.00 - Naked City
44º Episódio: Johnny Meigs fora um grande pugilista, obrigado a afastar-se dos ringues depois de ter sido fortemente atingido na cabeça durante um combate. Actualmente, Johnny tem uma banca de jornais e a mulher, Kathy, trabalha como criada.
Mas Kathy tem uma paixão — as rosas, que cria com grande amor. O seu maior desejo seria poder participar num concurso de rosas que se realiza em Baltimore e que, tanto ela como o marido têm a certeza que ela ganharia. Mas conseguirá Johnny arranjar o dinheiro necessário?
A vida por uma rosa!
Realização: Paul Stanley

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Já Está!
20º Programa

23.10 - As Teias da Lei
19º Episódio: Grace Van Ower é ameaçada por um condenado à morte e Kuzak tenta convencê-la a andar armada para se poder defender em caso de perigo.

Roxenne continua a tentar que lhe aumentem o ordenado e durante um período em que tem de se ausentar do escritório, o seu lugar é ocupado por uma outra secretária, uma mulher vistosa, por quem Becker se apaixona, apesar da sua inficiência.
Sifuentes vai tratar dos doentes e encontra uma médica encantadora que lhe pede ajuda.
Produtor executivo: Steven Bochco.

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Ás Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.25 - Boletim Meteorológico
20.10 - Concurso Diário Notícias
20.20 - Roque Santeiro
21.25 - Sonhos de Ontem
22.20 - Programa das Festas
22.30 - Richard Clayderman
22.55 - 24 Horas
23.49 - Especial Rally de Portugal
23.55 - Remate
00.05 - Pela Noite Dentro

RTP-2

13.16 - Totally Live
14.20 - Rally de Portugal
15.40 - Século Americano
15.40 - O Século Americano
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
20.00 - Naked City
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - Fontamara
23.00 - Troféu

ESTÉTICA E CABELOS

OASA

MARQUÊS DE POMBAL, 1
LISBOA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
22.15 - A Clínica da Floresta Negra

RTP 2
21.35 - Já Está!

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

«Roque Santeiro»

PORTE PAGO

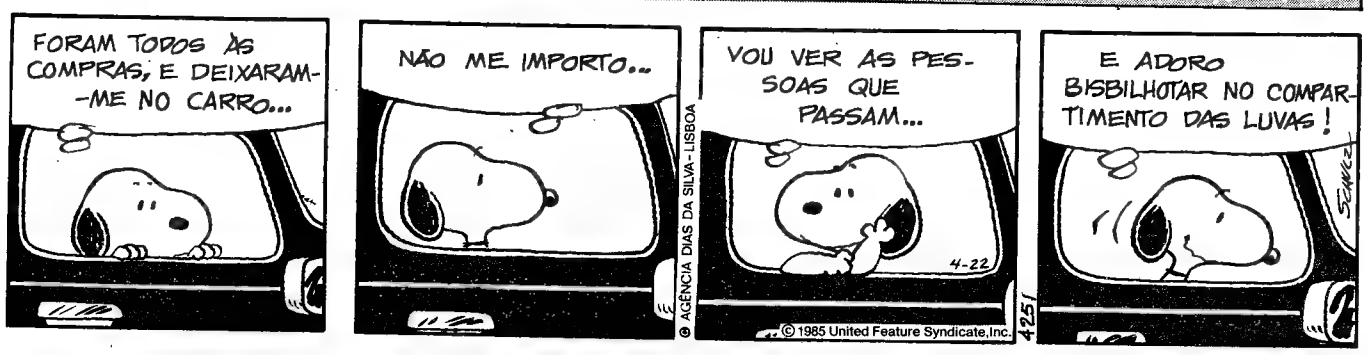
DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/ 5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/ 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos



ÚLTIMA HORA

A equipa de fábrica da Lancia sofreu hoje a primeira baixa com a desistência do piloto sueco Mikael Ericsson na segunda etapa do Rally de Portugal. Ericsson que fazia a sua estreia na prova portuguesa foi forçado a abandonar na classificativa Fafe/Lameirinha, com problemas de trasmissão. Estava na quinta posição da geral a 3.23 minutos do seu companheiro e líder da prova, o italiano Massimo Biasion.

Com mais 55 co-arguidos

Morte de Castelo Branco vai trazer Otelo a Monsanto

Otelo Saraiva de Carvalho e outros 55 co-arguidos terão de voltar ao Tribunal de Monsanto, num processo distribuído ao 2.º Juízo Criminal de Lisboa, relacionado com a morte do então director-geral dos Serviços Prisionais, Gaspar Castelo Branco, vítima de um disparo de uma bala de nove milímetros em 15 de Fevereiro de 1986, a cerca de dez metros da sua residência na capital. O atentado foi posteriormente reivindicado para a Rádio Comercial, por alegados porta-vozes das FP-25.

Recorde-se que Otelo, preso actualmente no Forte de Tomar, foi condenado pelo Tribunal da Relação a 18 anos de prisão, na qualidade de ser ideólogo de uma «organização terrorista», por um acórdão que condenou igualmente outros arguidos a penas em média superiores a doze anos de cadeia.

Nessa qualidade de «ideólogo» das FP-25 o antigo comandante do Copcon terá de sentar-se no banco dos réus sempre que estiver em causa um julgamento de acções alegadamente cometidas pelas FP-25.

Para este julgamento o tribunal será presidido pelo juiz dr. Cândido Gouveia.

Ratificação das custas judiciais preocupa Ordem dos Advogados

O Conselho Distrital da Ordem dos Advogados manifestou ontem «apreensão» face à rejeição pelo Parlamento das propostas de ratificação do decreto-lei que introduz alterações ao Código das Custas Judiciais. Em comunicado, o Conselho Distrital da Ordem dos Advogados considera que a rejeição das propostas de ratificação do Decreto-Lei 387-D/87, de 29 de Dezembro, na sessão da Assembleia da República de terça-feira, «afecta gravemente os acessos ao direito e aos tribunais, em prejuízo dos direitos de defesa dos cidadãos».

O documento informa também que o Conselho Distrital da Ordem dos Advogados vai dar, na próxima semana, uma conferência de Imprensa, para expor as razões da oposição dos advogados do distrito de Lisboa ao recente «pacote de justiça».

Exames do preparatório e secundário: inscrições abertas até 7 de Março

As datas de inscrição para os exames do ensino secundário e os calendários para as realizações das provas do preparatório e secundário são hoje publicados no «Diário da República».

Um despacho da Secretaria de Estado da Reforma Educativa refere que os prazos de inscrição para admissão a provas de exame do ensino secundário decorrem de 22 de Fevereiro a 7 de Março, com um prazo suplementar de 8 a 14 de Março.

A primeira fase dos exames do preparatório decorre de 11 a 20 de Julho, e a segunda fase de 5 a 9 de Setembro.

Para o secundário, a primeira chamada da primeira fase decorre de 21 de Junho a 5 de Julho, e a segunda chamada realiza-se entre 6 de Julho e 19 de Julho.

A segunda fase destes exames efectua-se entre 1 e 12 de Setembro.

Punição de pinta-paredes discutida hoje

A Assembleia Municipal de Lisboa deverá apreciar na sua reunião de hoje à tarde uma proposta de sanções a aplicar aos cidadãos que pintem «slogans» políticos ou outros nas paredes da capital.

Este assunto já esteve agendado para uma reunião anterior, mas não chegou a ser debatido devido a falta de quorum.

Por outro lado, a Assembleia Municipal analisará igualmente o plano de actividades e o orçamento da Câmara de Lisboa para o ano em curso.

DE CARAS

VIEIRA DA SILVA, cuja obra «Le metro» será reproduziada em azulejo na futura estação de Metropolitano da Cidade Universitária, almoçou ontem no refeitório da empresa, em Sete Rios. Será a artista a orientar o arranjo estético daquela estação, tal como outros artistas se encarregarão de decorar novas estações. É o caso de Manuel Cargaleiro, para a estação do Colégio Militar; Júlio Pomar, para o Alto dos Moinhos; Sá Nogueira para as Laranjeiras; e Eduardo Nery para o Campo Grande.

FRANK CARLUCCI, secretário norte-americano da Defesa, desmentiu ter «aconselhado Washington a apoiar Soares e os socialistas mais do que os social democratas durante a transição da ditadura para a democracia, quando foi embaixador em Lisboa. Em carta aberta publicada no «The New York Times», Carlucci diz que pediu, sim, ao seu Governo que desse apoio político a moral aos três partidos democráticos, forma como se refere ao PS, PSD e CDS. «Pressionei também para conseguir um programa de ajuda económica e militar que foi administrado pelo Governo, que na altura era socialista. Nem eu nem o Governo dos Estados Unidos fizemos nada que privilegiasse qualquer partido democrático em detrimento dos outros».

GARCIA MARQUEZ afirma gostar mais de música do que de literatura e confessou que prefere Johan Sebastian Bach, música das Caraíbas, canções populares da sua terra e boleros. Se tivesse de partir para uma ilha deserta com um só disco, Marquez escolheria a «Suite número um para violoncelo», de Bach, se possível na versão de Maurice Gendron, a de que mais gosta. Conta, apesar disso, que nunca conseguiu escrever com música de fundo, porque de certo prestaria mais atenção ao som do que às palavras que escrevesse.

GLAUBER ROCHA, cineasta, é evocado, na sua condição de desenhador e jornalista, com uma exposição patente no Teatro Castro Alves, em São Salvador, Baía. «Ele foi culturalmente perseguido, pelo que teve de se exilar na Europa, onde era livre», disse a mãe do cimeasta, que dinamizou a formação de uma instituição «Tempo Glauber». Acrescentou: «Famosissimo e paupérrimo, ele mudou para Sintra em 1980, com a mulher e dois filhos, porque não tinha coragem de voltar ao Brasil», criticando que «ele estava pobre e os portugueses não cuidaram direito dele, quando adoeceu, e voltou ao Brasil já em estado de coma».

VITORINO NEMÉSIO será evocado, amanhã e sábado, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, por ocasião do 10º aniversário da sua morte, com palestras de escritores e estudiosos. As conferências serão inauguradas pelo reitor da Universidade, Machado Pires, estando previstas também intervenções de, entre outros, David Mourão-Ferreira, José Martinns Garcia e Eduardo Ferraz da Rosa. Uma exposição iconográfica sobre o escritor foi inaugurada na terça-feira, naquela Universidade.

IKE TURNER, ex-marido da cantora Tina Turner, entregou-se à polícia de Pasadena, na Califórnia, depois de estar a ser procurado pelo facto de não ter comparecido a uma audiência preliminar do processo em que é arguido por tráfico de cocaína. Ike, de 55 anos, é acusado de posse e tentativa de tráfico de droga, tendo sido libertado sob caução de 15 mil dólares.

Portugueses têm o seguro de vida mais caro da Europa

Os seguros de vida temporários custam em Portugal três a quatro vezes mais que nos restantes países comunitários, revelou hoje em Lisboa a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO).

Um estudo europeu sobre seguros, encomendado pela Comissão das Comunidades Europeias, indica que «por força de uma regulamentação muito apertada» Portugal tem os prémios de seguro temporário, ramo vida, mais elevados da Comunidade Europeia.

Distribuído em Lisboa por decisão da Comissão Europeia, o estudo foi executado tendo como objectivo unificar o mercado de seguros tendo em vista a entrada em vigor em 1992 do mercado único europeu.

O estudo revelou que nos países comunitários existem regulamentos e práticas diferentes apesar de se tratar do mesmo tipo de apólice.

Por exemplo, só nalguns países existem benefícios fiscais para os prémios pagos, enquanto noutros há limitações na designação de beneficiários, e noutros ainda se verifica a prática de participação nos resultados das companhias.

As diferenças mais significativas consistem sobretudo na estruturação dos mercados e no papel desempenhado pelos Estados.

Comparativamente, o BEUC fez um ensaio relativamente a dois tipos de apólices: prémios de seguros temporários para um indivíduo de 30 anos e outro para um indivíduo de 50 anos, com um capital de 100 000 ecu's.

No primeiro caso, o prémio em média pago em Portugal é de 900 ecu's, contra os 88 ecu's, em média, na Grã-Bretanha.

No segundo exemplo, o prémio da apólice em Portugal é de 2025 ecu's enquanto na Grã-Bretanha é de 568 ecu's.

Da análise dos dois exmplos a BEUC concluiu que o tarifário português é o mais elevado na Europa.

«Não consta que os portugueses, designadamente os de 30 anos, tenham uma perspectiva de vida 10 vezes inferior à dos ingleses e quatro vezes à dos europeus em geral», considera por seu lado a DECO na análise que fez do estudo.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 344

Para uma epistemologia da motricidade humana

O homem move-se

por E. M. de Melo e Castro

A grande maioria das espécies vegetais está fixa no espaço e impossibilitada de se deslocar de onde nasceu.

A grande maioria das espécies animais, de médio e grande porte, pode deslocar-se pelos seus meios próprios, segundo um padrão aleatório (as espécies inferiores) ou segundo a sua própria vontade e inteligência (as espécies superiores). Desde que, há mil milhões de anos, os nossos antepassados unicelulares se diferenciaram das plantas, a biologia pode estabelecer um relacionamento entre a inteligência e a capacidade de determinação do movimento nas espécies animais, observando que o maior controlo sobre as deslocações e o movimento do corpo corresponde a um maior desenvolvimento intelectual. Tal é o caso dos polvos e das lulas, dos golfinhos, das orcas e das aves que, a par da sua mobilidade extrema, apresentam um grau de inteligência muito superior ao de outros animais com maior massa encefálica.

Noutro plano, e relativamente ao homem, é conhecida a fascinação pelas viagens, a que corresponde uma cultura comunicativa e de comparação, com efeitos globalizantes.

A literatura de viagens é um dos aspectos dessa cultura. O homem que viaja recolhe uma quantidade maior de informações, no contacto com outras terras e outras gentes, que o homem sedentário preso à terra onde nasceu.

A essa maior quantidade de informação corresponderá um maior reportório de referências e de experiências que, ao serem integradas inter-subjectivamente, se transformam em cultura.

O homem que viaja, que se desloca, que se move, é um homem que cultiva as possibilidades físicas e intelectuais do seu corpo e do seu ser, tornando-se um homem de experiência e de cultura.

No plano individual, o homem que sabe como mover-se e que desenvolve a sua capacidade de execução e controlo dos movimentos é um homem que integra em si todas as potenciais capacidades humanas.

No plano social esse homem é um ser de relação e de comunicação, recolhendo uma maior quantidade de informação que se transformará em cultura pela integração inter-subjectiva, conduzindo à produção de novas ideias e movimentos cada vez mais enriquecedores de si próprio e dos outros homens com quem se comunica.

O recente livro de MANUEL SÉRGIO — «*Para uma epistemologia de motricidade humana*» (ed. Vega, Lisboa) põe-nos na pista de reflexões deste teor, procurando exaustivamente, dentro dum «Projecto-esperança» a fundamentação filosófica para essa espantosa capacidade do homem: o controlo e aperfeiçoamento dos seus próprios movimentos e da sua capacidade de deslocar-se, inventando muitas vezes o seu próprio caminho e o seu próprio espaço.

Uma análise inter-relacional, entre a antropologia cristã e as novas antropologias, constitui grande parte do livro, tentando respostas plurais e abertas à pergunta de sempre: o que é o homem?

Aí encontramos referências ao Existencialismo, ao Estruturalismo, ao Reducionismo Biologista, a Arnold Behlen, a Alexander Alland, a Edward Wilson, e Helbert Feigl a Mário Bunge e a Karl Popper ou o Dualismo Interaccionista. Concluindo-se pelo risco da definição, só os poetas poderão ter voz. E Manuel Sérgio recorre acertadamente a José Gomes Ferreira:

Homem

preso pela sombra a todas as
[pedras,
preso pelos olhos a todas as
[aves
preso pelo corpo a todas as
[raízes,
preso pela sede a todas as
[fontes:

Olha bem de frente para as
[algemas,
asas pesadas de frio,
e levanta-te a cantar (...)

e a António Gedeão:

Inútil definir este animal
[aflito.

Nem palavras,
nem cinzéis,
nem acordes,
nem pincéis,
são gargantas deste grito.
Universo em expansão,
pincelada de zarcão
desde mais infinito a menos
[infinito

A pluralidade da noção de homem, e ao mesmo tempo a sua irredutível unidade, tornam o problema, não contraditório, mas arriscado e aparentemente insolúvel, se não operarmos simultaneamente de dois modos inversos. Primeiro, a consideração da multitude de planos em que o homem se move e se manifesta, desde os virtuais e espirituais, até ao físico e corporal, passando pelos existenciais e sociais, económicos, ideológicos, históricos e de liberdade, individual e social.

Depois, mas simultaneamente, a verificação de que em todos estes planos de existência, o homem se manifesta ele próprio como projecto de si próprio, entre as contingências das produções da sua actividade e movimentos, do seu espírito e inventividade e os condicionantes do seu tempo histórico e posicionamento no cosmos, a bordo da nave espacial TERRA.

Ser caracteristicamente práxico, o homem «com acesso a uma experiência englobante, agente e fautor de cultura, projecto originário de todo o sentido» tenta viver, mas também sobre-viver e, é nessa tentativa desesperada de ultrapassar os limites da sua corporeidade, que se realiza o salto da invenção: o salto cultural.

«*Salto*» esse que, inevitavelmente, não seria viável sem a possibilidade de «*movimento*», agora, este transposto para o plano projectado das potencialidades do intelecto.

A imaginação não é a capacidade de formar imagens da realidade, mas sim imagens que estão para além da realidade.

Tal como a motricidade não é a capacidade de realizar movimentos apenas corporais, mas sim de os realizar projectando-os para além de si próprios, na totalidade possível do ser humano: no seu halo-poético.

Assim, a motricidade, tal como diz Manuel Sérgio: ... «Há que interpretá-la como um corpo que se pro-põe e se ex-põe a outros corpos, com os quais com-põe o mundo interpessoal e comunitário. A motricidade, a intencionalidade operante, é a evidência de uma dialéctica incessante corpo-corpo corpo-mundo, corpo-coisa, onde jorra e se actualiza o sentido.»

A motricidade, como nova ciência do homem, debate-se então com o problema de saber se é como paradigma ou como problemática que se institui. Manuel Sérgio opta por uma problemática em que o risco e o projecto são os factores do humanismo novo que se propõe assumir e desenvolver, através da práxis trans-formadora do ser e da comunicação. Trata-se agora de uma *cinantropologia* em que o movimento é o fundador de todo o sentido. Movimento do corpo, mas também movimento do espírito, que um não existe sem o outro.

Citando Edgar Morin, Manuel Sérgio acrescenta: «Tomar a palavra é tarefa de primordial importância, para que a cultura não se transforme no domínio da barbárie radical. Isso mesmo se fez em relação à ciência da motricidade humana, (cinantropologia) que se centra na palavra motricidade...»

A palavra é assim o agente da comunicação (do movimento) mas também o da fundação do saber organizado: de uma ciência. Ciência do movimento do homem, fora e dentro de si, em convívio com outros homens, mas também em conflito com as suas próprias capacidades e aspirações.

E, se a cinefantasia (fundindo na decisão do movimento a consciência e o sonho) nos fala de esperança, a cinantropologia institui o movimento como factor primeiro e último da liberdade.

Manuel Sérgio conclui o seu livro com um necessário glossário especializado, visto que a cinantropologia, como nova ciência das condutas e situações motoras, (desde o jogo, à dança, aos desportos, aos ritos e aos movimentos expressivos ou pragmáticos) se possibilita também pela palavra.

Mas antes anuncia as 3 leis ou «constantes tendenciais» que interferem na criação e expressão do comportamento motor: *a lei do reflexo* — porque no comportamento motor se torna impossível apagar as coordenadas de espaço, tempo e cultura em que se realiza; *a lei do género* — que codifica a motricidade como risco, presença e necessidade, expressa através de uma dimensão corpórea; e finalmente *a lei do génio* sublinhando a importância do projecto e da invenção nos movimentos através dos quais se manifesta a subjectividade do indivíduo.

Fruto de um trabalho de pesquisa a de fundamentação epistemológica de uma rara coerência e actualidade, este novo livro de Manuel Sérgio é, além do mais, uma leitura agradável e fascinante.

E. M. de Melo e Castro

«Quem matou Palomino Molero»

COMO a palavra nos pode fazer mergulhar nos abismos do monstruoso, aprende-se ao ler «Quem Matou Palomino Molero» de Mário Vargas Llosa. Um livro (Dom Quixote) arrepiante pela forma como se desnudam os seus personagens. Como entre si se relaciona até ao paroxismo que é esse o da loucura lucidamente exposta.

Sidera-nos este romance de final trágico, onde a acção se desenrola a um ritmo vertiginoso. Alucinante até ao limite do respirável.

De resto, todo esse crescendo de tensões se corporiza na pessoa do guarda Lituma — o espelho do nosso próprio reagir ao movimento dos diferentes intervenientes desta estória. E, por isso, com ele nos choca a violência exercida sobre o assassinado Palomino Molero. A atitude desequilibrada de Alicia Mindreau, a filha do coronel responsável pela morte de Palomito. Nos surpreende a paixão do tenente Silva por dona Adriana. Revolta o racismo dos brancos em relação aos índios.

Um universo de pobreza extrema é narrado neste romance. De um modo fotográfico. Disso é exemplo a descrição de Amotabe. O encontro de Lituma com a mãe de Palomito e a própria movimentação dos polícias civis em Talara...

Sufoca-se de calor em Talara. Putrefacto se apresenta o contacto entre os da base aérea e os polícias. Sórdido. Sórdido mesmo se as máscaras escondem os sentimentos. Porquê? Por detrás da pose vertical se esconde o lixo da animalidade. Se pressente e conhece, embora não se veja. Como se as pessoas fossem o mar de Talara. Cito: «Era um odor maravilhoso, que fazia bem, mas enganador, pois sugeria praias limpas, de águas transparentes, e o mar de Talara andava sempre impregnado de resíduos de petróleo e da porcaria dos barcos do porto.»

Todos os dejectos humanos são retratados neste livro. De um modo claro. Tanto que nos atinge no âmago do nosso inteligir. Nos deixa siderados. A sentir o peso gelado de um silêncio habitado pelo coronel Mindreau e tudo a ele associado.

Um livro destes está para além da arte. Ele é a própria vida transposta no papel. A plástica estratificação do SENDO porque nele a palavra se assume o real. De um modo tão consistente que não a distinguimos do que tocamos. Se confunde com a espessura desta máquina de escrever. Tem a solidez da mão que a utiliza...

Ana Paula Portugal

O Conservadorismo de Robert Nisbet

SEGUNDO Roberto Nisbet: «O conservadorismo é uma das três ideologias políticas mais importantes dos últimos séculos no Ocidente, sendo as outras duas o liberalismo e o socialismo.» Sem nos envolvermos na questão, a que Robert Nisbet se não furta, de sabermos se o *conservadorismo* é, propriamente, uma «ideologia», não podemos recusar a este livro, de que agora se publica uma tradução portuguesa, indiscutível interesse e actualidade.

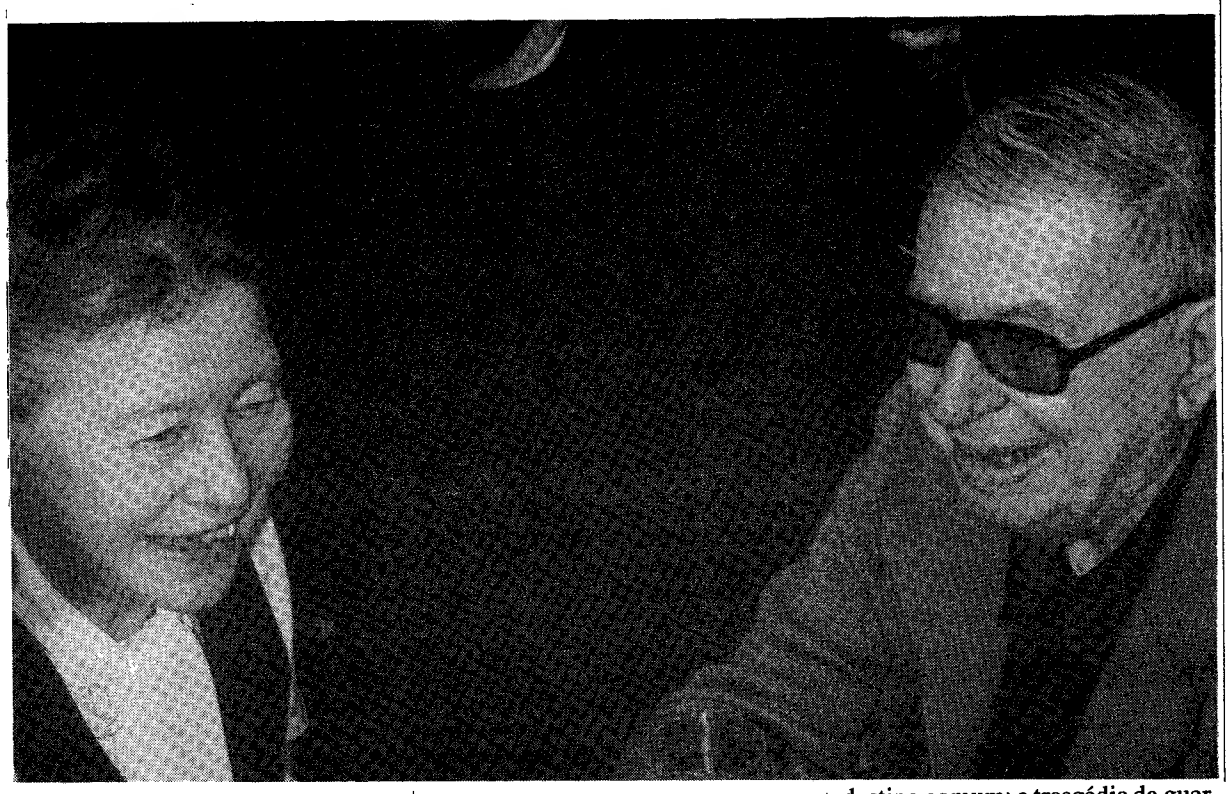
O volume contém os seguintes capítulos: «As Fontes do Conservadorismo; Dogmática do Conservadorismo: História e Tradição; Preconceito e Razão; Autoridade e Poder; Liberdade e Igualdade; Propriedade e Vida; Religião e Moralidade; Algumas Consequências do Conservadorismo: Perspectivas do Conservadorismo». Uma «Nota Bibliográfica» dá pistas relativas à doutrinação conservadorista em países como a França, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a República Federal da Alemanha; e um «Índice Analítico» permite localizar as referências no texto.

Para Robert Nisbet: «Burke é o profeta — o Marx ou o Mill — do conservadorismo; e o facto de ter sido citado e reconhecido pelos conservadores durante o último quarto de século na Grã-Bretanha e na América, em maior grau do que noutro qualquer período anterior, é o sinal da sua persistente condição profética. A essência de uma ideologia importante, assim como de uma religião ou teologia, é pôr em evidência a continuidade e a solidez. As ciências procuram constantemente ultrapassar os seus criadores, mas as ideologias não. Eis por que Burke teria hoje pouca dificuldade em trocar impresões com os Juvenels, os Kirks e os Oakeshotts de entre os *'pré-políticos'* e também com as Thatchers e os Reagans do *estrato político.»*

Editorial Estampa, Colecção Ciências Sociais.

Jean Paul Sartre

Pena Suspensa



O romance **Pena suspensa** de Jean Paul Sartre — no original **Le Surssis** — é o segundo da trilogia **Os Caminhos da Liberdade**.

Intermédio na trilogia romanesca entre 2A Idade da Razão e **Com a Morte na Alma**, este **Pena Suspensa está datado, tem como fundo dramático os dias angustiosos do desencadear da Segunda-Guerra Mundial. O «existencialismo» de Jean Paul Sartre, nas suas preocupações e vocação actuante, participativa, estão presentes, ou são condicionantes, das páginas da ficção.**

É o estertor da liberdade ante o irremediável. O moménto em que a guerra e a paz ainda são alternativas possíveis. Um destino comum e trágico cinge as personagens: Mathieu aceita o contingente com aparente indiferença; Daniel mergulha na catástrofe que o salvará do vazio e da contradição; Boris, caminha para a morte, para um fim «em beleza». A todos é comum o sentimento da impossibilidade de interferir no desencadear dos acontecimentos.

O destino dos indivíduos — essa Pena Suspensa — conduz a um destino comum: a trasgédia da guerra.

Edição Bertrand, Lisboa.

Simone de Beauvoir

O Segundo Sexo

NA Introdução que escreveu para os dois volumes de *O Segundo Sexo,* diz-nos Simone de Beauvoir: «Hesitei muito tempo em escrever um livro sbre a mulher.» Considerava Simoe de Beauvoir, nos anos de 1948/1949 em que o livro foi escrito, que a «querela do femininismo», que fizera correr rios de tinta, estava então «mais ou menos encerrada». E, partindo do pressuposto de que «a função da fêmea não basta para definir a mulher», recusando-se, por outro lado, a explicá-la pela mitologia do «eterno feminino», a escritora sentia-se obrigada, dada a existência de mulheres na Terra, a perguntar: «que é uma mulher?»

Observa Simone de Beauvoir: »... o que define de maneira singular a situação de mulher é que, sendo, como todo o ser humano, uma liberdade autónoma, decobre-se e encolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição de Outro.» A escritora pretendeu mostrar que «a mulher foi definida como o Outro e quais foram as consequências do ponto de vista masculino.»

No 1.º volume, Simone de Beauvoir fala-nos do «Destino», de «História», de «Os Mitos»; analisa «Os dados da Biologia», «O ponto de vista psicanalítico», «O ponto de vista do materialismo histórico».

No 2.º volum da *«Formação»*, da «Situação», das «Justificações», de «A Caminho da Libertação», abrangendo temas como: A Infância, a Adolescência, a Iniciação Sexual, a Lésbica, a Mulher Casada, a Mãe, a Vida Social, Prostitutas e Heteras, a Narcicista, a Amorosa, a Mística, a Mulher Independente.

Na vanguarda da modernidade foi este livro escrito. A primeira edição, em francês, da Gallinard, está datada de 1949. Esta edição, a quarta, numa tradução de Sérgio Milliet, revista por Manuel Peres Newton, tem a chancela de Bertrand Editora. É uma obra de penetrante análise sociológica e psicológica que conserva a modernidade e o acento polémico. Dois volumes, no conjunto 900 páginas com o estilo da grande escritora que foi Simone de Beauvoir.

António Borges Coelho

«A Inquisição iniciou o racismo moderno»

Entrevistar António Borges Coelho é uma tarefa impossível de formalizar num mero esquema de pergunta e resposta, pois muito depressa se resvala para a coloquialidade. Pode-se discordar dos pressupostos teóricos fundamentais que regem o trabalho do historiador, e é isso o que acontece com o autor destas linhas em relação à historiografia marxista. A verdade, porém, é que a leitura de um livro de Borges Coelho, ou a conversa simples com este homem, são razão de prazer, na qual até as divergências que se possam ter perante o que diz surgem como pontos de debate inteligente e, importante também, sensível.

Acaba de ser publicado o segundo volume de «Inquisição de Évora — dos primórdios a 1668» e já houve quem o dissesse»: trata-se de uma obra essencial no conjunto dos títulos que se dedicaram à análise do Santo Ofício na Península Ibérica, merecedora de se encontrar na esteira dos escritos de Alexandre Herculano.

É sobre este livro que vos dou conta de uma conversa com o professor e investigador que me disse no início do encontro: *«Ao considerar apenas que a Inquisição é fruto de uma época, ao recusar-se a questionar os três séculos em que se viveram os horrores da Santa Inquisição, a Igreja deixa-se submeter por uma pesada herança. E no entanto é por de mais evidente que a Inquisição não teve nada que ver com os valores dos Evangelhos. É terrível: até Sto. Agostinho admitia como legítimo o uso da força para salvar uma alma... Quantas vezes se deitou fogo a mesquitas com a ideia de que os corpos se queimavam, mas as almas, essas, encontravam a salvação. Estou em crer que no dia em que a Igreja Católica mandar erigir um monumento às vítimas do Santo Ofício então sim, teremos uma outra Igreja.»*

«Os esforços pseudoteóricos cansam-me»

«Ler Escrever» — Neste «Inquisição de Évora» é patente que o dr. Borges Coelho procurou fugir ao tipo de ensaísmo que é próprio e habitual nas ciências humanas e na História. Encontro nesta escrita elementos narrativos e jornalísticos e há até, aqui ou ali, passagens poéticas... Por exemplo: «Sobre esta gente dos cristãos-novos se exerceram os actos de caça dos inquisidores, sobre esta gente da nação dos cristãos-novos; sobre esta gente da nação.» Na verdade não é vulgar encontrar numa obra histórica tal cuidado com a musicalidade das palavras.

Borges Coelho — Sim. Quer no meu «Viagens a Portugal no Séc. XVI» quer nestes dois volumes que saíram agora a minha escrita foge um pouco ao ensaio. Mas enfim: foge e não foge, porque eu não pretendo fazer literatura. Apenas procurei fazer sobressair o quotidiano dos personagens da época, limitando-me a ser intermediário das vozes intervenientes. Foi mais um trabalho de fidelidade do que interpretativo, um trabalho que se limitou a organizar a informação que tive ao dispor — os registos da Inquisição — e a entrada em cena das pessoas que vão aparecendo. A interpretação ficará para outra altura.

Isto tem implicações de natureza epistemológica, obviamente, mas tenho procurado neste momento não pensar muito nisso. Cansam-me os esforços pseudoteóricos e quero evitar discussões de lana-caprina. É claro que o debate interpretativo é fundamental, mas deve ter uma sólida base informativa. Foi isso o que eu fiz: reuni-a.

«Ler/Escrever» — Mas o dr. Borges Coelho tem preocupações de estilo, ao escrever?

Borges Coelho — Sim: um homem é um estilo. Repare: desde a juventude que escrevo poesia, já fiz jornalismo. Neste «Inquisição de Évora» o meu texto é constantemente entrecortado com subtítulos, que fazem não a síntese do que vem a seguir mas a extracção do que vai haver de mais pícaro. E depois há discursos (B.C. referia-se aos registos notariais) que nos dão tal riqueza interior que o prazer que me transmitem motivam-me para determinado tipo de escrita...

«Ler/Escrever» — ...Uma escrita muito trabalhada, com recurso à linguagem da época e a vocabulários hoje já em desuso...

Borges Coelho — Exacto. E note que os teóricos criaram espartilhos para os séculos XVI e XVII, que eu estudei nestes dois volumes. Parti do que estava consciencializado na altura e não segundo o imaginário do século XX. Quando o Jordão Mendes, sentado à porta de casa, se deixa descuidar e diz «que este traque seja para a Santa Inquisição» eu vou fazer o quê? Censurar? O homem, reincidente, acabou por ser queimado!

«A tradição portuguesa é de tolerância»

«Ler/Escrever» — O dr. refere no seu livro que a perseguição aos judeus foi uma expressão da luta de classes...

Borges Coelho — Sim. As acusações inquisitoriais tinham carácter classista. O grande capital estava na mão dos cristãos-novos, apesar de haver muitos judaizantes que não eram ricos. O que é um facto é que havia uma luta terrível pela posse do aparelho de Estado por parte deles, e o alto clero, intimamente ligado com a alta nobreza, reagiu.

«Ler/Escrever» — Mas não será simplista interpretar a Inquisição como o resultado da luta de classes?

Borges Coelho — Claro que não é só uma questão de luta de classes. A realidade era bem mais complexa. Afinal de contas, a tradição portuguesa é de tolerância. Pelo menos até ao século XV foi assim. Mas veja: os judeus eram os cobradores de impostos, eram os rendeiros. O ódio popular voltava-se para eles, os intermediários, não para o senhor.

E é preciso ver o que se passava na sociedade do século XVI. As coisas começam a acontecer a uma velocidade espantosa, tudo treme. Já se conhece a rota do Cabo, a ligação entre o Ocidente e o Oriente estabelece-se e há uma autêntica sangria, com as centenas de milhares de portugueses que vão para o Oriente. É neste contexto que se dá uma centralização do Poder nas mãos da alta nobreza, com o simultâneo reforço do alto clero, que representa a ideologia do Estado. O outro poder era o da burguesia, os 200 cristãos-novos que detinham a maior parte do capital na cidade de Lisboa. Pois bem: a Inquisição cortou-lhes as pernas.

«LerEscrever» — O dr. Borges Coelho defende que os judeus foram os introdutores no País dos valores da Reforma, fundamentais para o desenvolvimento do capitalismo mercantilista nascente...

Borges Coelho — É verdade, mas eu também defendi que os judeus impediram igualmente uma sua maior difusão. As ideias da Reforma conheceram-nas precisamente no meio mercantil, onde operavam, e agradaram-lhes por uma semelhante recusa do culto dos santos, uma mesma concepção do Deus uno e os não iguais ao celibato e ao sacramento. Mas não entenderam estas ideias como novidade, muito simplesmente já pensavam assim e preferiam as suas próprias tradições culturais.

A Reforma não teve, entre nós, grande expressão. Há evidentemente o Damião de Góis, mas eram pouquíssimos os luteranos.

«LerEscrever» — Insisto ainda na «questão judaica». O que fez a Inquisição aos marranos foi o primeiro dos genocídios contra os «filhos do Deus de Israel», que a História veio repetir, com outros pressupostos. Não haverá portanto uma forma de ver o problema que não passe pela ideia de luta de classes? E se falássemos, por exemplo, de racismo?

Borges Coelho — Bom: o judeu, contrariamente ao que se pensa, tinha na sociedade portuguesa o favor do Poder. Ora, o dinheiro era visto pelo povo como algo de diabólico e a verdade é que os judeus tinham muito «cabedal». Depois, depois era a ideia de que os judeus foram os matadores de Cristo, como diziam e repetiam os sermões medievais.

Quanto ao problema rácico... Note que naquele tempo as coisas não se passavam como hoje: um negro podia passar mais facilmente por um cristão-velho do que um homem de origem judaica. Seja como for, o «medir-se o sangue», numerar os oitavos de sangue de um acusado, foi algo de delirante. Pode-se dizer que a Inquisição iniciou o racismo tal como o conhecemos no sentido moderno.

Rui Eduardo Paes

Prémios Literários Ferreira de Castro/ /Oliva Guerra

Foram atribuídos há dias os *Prémios Literários Ferreira de Castro/Oliva Guerra* instituídos pela Câmara Municipal de Sintra, em sessão realizada no Palácio Valenças.

Na modalidade de ficção narrativa *(Prémio Ferreira de Castro)* foram distinguidos Guida Fonseca, que obteve o primeiro prémio com a obra *Diálogo do Vento e do Mar;* Júlio Rocha Fréches, segundo prémio, com *Contos Infiéis;* e Sérgio Luís Pereira de Carvalho, com *A Segunda História* (terceiro prémio).

O júri que apreciou os trabalhos desta modalidade era composto por António Júlio Valarinho, Manuel Frias Martins e Joaquim Lagoeiro.

Na modalidade de Ensaio Literário *(Prémio Ferreira de Castro)* foram contemplados, com o primeiro prémio, Luís Augusto Costa Dias, com o trabalho *Fontes Inéditas do Romanceiro Português – Os Papelinhos de Garrett;* com o segundo prémio, *ex-aequo,* Maria de Lurdes Sirgado Ganho, com *O Pensamento de Delfim Santos: a lição dos textos,* e Serafim Ferreira, com *Raul de Carvalho; entre o silêncio e a solidão.*

O júri, formado por Ana Hatherley e Manuel Frias Martins, decidiu não atribuir o terceiro prémio daquela modalidade.

Quanto ao *Prémio Ferreira de Castro/Modalidade Infanto-Juvenil,* o primeiro prémio distingiu José Jorge Letria com o trabalho *Fadas Contadas,* o segundo prémio foi para Maria Helena da Costa Dias, com *A Estranha Aventura do Moleiro Agusendo,* e o terceiro entregue a Graça Gonçalves pelo livro *A Poção Mágica.*

O júri desta modalidade era constituído por Joaquim Lagoeiro e António Júlio Valarinho.

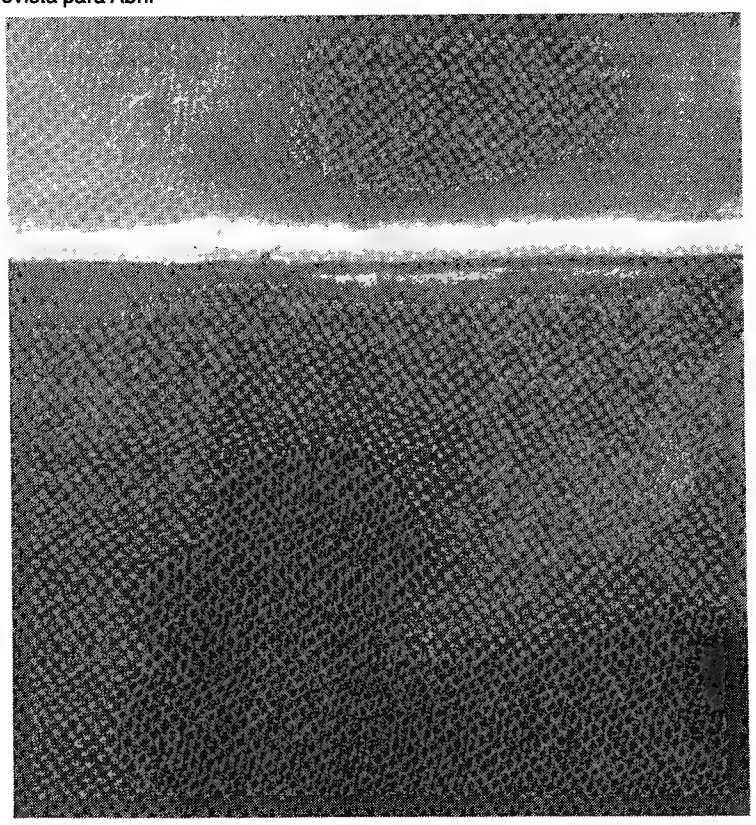
Quanto ao *Prémio Oliva Guerra/ Modalidade de Poesia,* o júri (Ana Hatherley, Manuel Frias Martins e António Júlio Valarinho) distinguiu com o primeiro prémio. *O Portão das Colinas do Nada,* de Fernando Cabrita, com o segundo *O Sossego da Luz,* de Amadeu Baptista, e com o terceiro *Aonde levam estes muros,* de Carlos Manuel Gomes.

De acordo com o Regulamento deste concurso bienal, os trabalhos galardoados com o primeiro prémio serão publicados através dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Sintra e receberão prémios no valor de 250 contos. Os segundos prémios receberão 50 contos e os terceiros 30 contos.

Romy Castro: a dialéctica linear

Muitos são os degraus no itinerário da mente que levam à apreensão de uma realidade diferente daquela que nos circunda. Para uma límpida leitura do que pretendemos dizer (e nunca as palavras são límpidas em qualquer expressão por nós pretendida), vamos supor, no âmbito de uma estética que busque um alto significado para a existência, um primeiro degrau. Ora que degrau...? A **arquitectura**, mas **uma arquitectura de milénios**, ocupando o espaço com pirâmides, blocos compactos, efígies de animais em posição isenta de qualquer movimento. Como exemplo extremo (e como quem sai espantado da Escola Primária), poderíamos mencionar aqui as pirâmides do Egipto. Com o passar do tempo (embora tenhamos de admitir uma certa simultaneidade), surge-nos, como segundo degrau, a **Escultura**. Teremos mais tarde, um terceiro degrau, a **Pintura**, – e como é óbvio, um quarto degrau, a **Música**, mais susceptível de penetrar no **porque** é da existência toda. Nada de confusões, porém: no decurso dos tempos, das épocas, dos muitos calendários concebidos pelo homem, aconteceu (e acontece) que estes degraus sabem coexistir uns com os outros são simultâneos, e sempre de um se passou (e se passa) para um outro. Porque assim são as coisas, situemo-nos hoje na pintura...

Romy Castro (licenciatura em Belas-Artes) está representada em várias colecções privadas (Europa e América) e públicas, no Banco Pinto & Sotto Mayor (sede, Lisboa), Museu de Vila Nova de Cerveira, Colecção da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL), Museu Nacional do Azulejo, Caixa Geral de Depósitos, etc. Diversas exposições individuais e colectivas. A próxima (em princípio) está prevista para Abril



Onde o homem chega ao limite do mundo físico

Quando fixámos a pintura de Romy Castro, uma superfície rectangular ascendendo verticalmente em que as cores ora se misturam, ora não, sucede que os nossos olhos se detêm, quase sempre no cimo, numa linha horizontal, não rígida, antes modulada, por assim dizer, pela nossa respiração.

Sem que primeiro ouçamos a opinião de Romy Castro, podemos desde já observar, como mero espectador, que essa linha horizontal, esse súbito parar do nosso olhar na linha horizontal que suspende a verticalidade, nos parece significar aquele momento em que o homem chega ao limite do mundo físico e enfrenta o mundo espiritual. Se nos socorrermos de Anaxágoras (pré-socrático que se deu à observação dos fenómenos naturais e tendeu para um espírito cósmico que, coordenando tudo, de tudo era a meta suprema), sem dúvida que podemos escrever que foi nesse instante que a filosofia da natureza se deu conta pela primeira vez, de modo consciente, dos limites do seu modo físico de pensar, o qual só se apercebe da matéria e qualidades materiais de mistura e separação. Aqui, pois, já o Espírito nos surge como evidência que a mente humana tem de considerar. Na nossa maneira de ver as coisas, entenda-se aqui o Espírito de Anaxágoras como sinónimo do Ilimitado do também pré-socrático Anaximandro – Ilimitado de que tudo procede, nós e as coisas, e que tudo abarca, as coisas e nós. E que (como atrás dissemos) será posteriormente tido como meta suprema da nossa busca em saber **porque é**.

No labirinto das cores

Ora Romy Castro, para chegar ao limite do mundo físico, tem de passar primeiro pela materialidade. Pelas cores, por exemplo. Como...? O **Branco** destina-se às confissões que sempre se fazem, mas...

– O branco do papel perturba-me, principalmente o brilhante. Será por este não encontrar um correspondente na natureza...? – Interroga-se Romy.

Vem depois o **preto**, «cor que serve de fundo para o espaço das inquietudes que nos preenchem», num misto de «deslumbramento e solidão»

E eis que surge o **vermelho**, para Romy, «é uma sensação palativa e também é o sangue e a papoila.» propaga-lhe «a sensação de inquietação que sente no movimento de deslocação das placas tectónicas».

Por sua vez, o **verde** consubstancia «o aéreo (gasoso), o sólido e o líquido». E o **azul**...? O azul, para Romy Castro, está «intimamente ligado com o verde». Diz a pintora: «É uma ambiguidade líquida: chove no tempo e no meu corpo.»

Eis o **laranja**. Um verdadeiro problema e isso porque «o detesta não pela cor em si, mas pelas cores demasiado quentes que a torturam.» No entanto, «uma excepção para o sol, a laranjua, o limão, a clementina, a tangerina e as campainhas tubulares (flores).

— E o *violeta*...?

— Adoro o seu perfume. Prefiro o violeta cobalto, tal como na Idade Média (Florença), e principalmente nos tons líquidos da minha existência tumultuosa e inquieta. Tem a ver com o movimento ondulatório e deslocante...

Ainda sobre o *preto*, confessa a pintora (e ceramista, como adiante se verá) que dá muito apreço ao preto de *pele de baleia*.

— Para mim esse preto é um preto líquido e de tal modo acetinado que esbarra numa fronteira chamada *terra-de-ninguém*. Estou convencida de que nunca o conseguirei.

Tudo dito sobre as cores...? Não. Romy Castro volta ainda ao *vermelho* e ao *violeta*. Quanto àquela primeira cor, tem-na como «o interior da Terra» (quando não pintado) e com as papoilas num dia de Verão ao anoitecer. Quanto à segunda, Romy admite que ela exerce sobre si «admiração, deslumbramento, contemplação». É, a um tempo, «objectividade e subjectividade».

Sobre a cor que não existe na realidade que nos circunda, Romy Castro afirma que essa cor «pode não ser inimaginável». Talvez «a dificuldade esteja no veículo de transporte para a palpabilidade do olhar, *um outro ver*». Exemplos: «infravermelhos, ultravioletas, raios laser, néons...»

O animal rastejante

Unicamente depois de «vencer» a batalha das cores, de se debater com a materialidade dos tons, é que Romy Castro conta pela linha horizontal dos seus quadros, linha horizontal que, ascendendo sempre, forma um ângulo recto com (para facilidade de exposição) a linha vertical do quadro à esquerda do espectador.

Explicitemos esta estrutura:

A linha vertical simboliza o homem pensante e a linha horizontal o animal rastejante. «Quando as duas linhas se trocam — pormenoriza Romy — formam um ângulo recto. Ora é neste espaço geométrico que se desenvolvem todos os seres animados. Incluindo o que no homem aspira por uma outra realidade...»

Mas não só: «essa linha horizontal na minha pintura (e também na minha cerâmica) representa a dialéctica constante entre o *racional* e o *emocional*». E ainda: «para mim, obviamente, pesam mais as emoções. Sou demasiado emotiva. É por isso que aparece sempre uma linha divisória horizontal em toda a verticalidade dos meus quadros. *Reservo o maior espaço para a emoção,* em detrimento da razão, embora as duas linhas façam parte de um todo uno e inseparável. Tenho para mim que os acontecimentos se inscrevem num território de durações e níveis diferentes, o que obriga a ver-nos entre *o quase perdido e o não inteiramente decifrado*. Uma dialéctica, pois, entre o patente e o latente. Alguns nomes que vão nesse sentido: Mishima, Sade, Jeanne d'Arc, Jesus Cristo — e eu...»

E pronto: rastejante, lenta, lentamente, eis que uma linha horizontal ascende na verticalidade possível ao *porque é* de tudo quanto existe percepcionado (mas nunca alcançado) pelo ente que pensa, tenha o nome de Romy ou outro nome qualquer.

Pedro Alvim

Herb «Flash», f

Às vezes Deus torna-me rápido.
Às vezes há um candelabro.
Às vezes há os mortos de que se extrai o mármore.
Pelo poder do nome traz-se a casa,
quarto a quarto,
até ao centro. Fazem-se profundas
casas de mármore. Mas nunca
serei branco nestas câmaras com um candelabro ao meio.
Separam-nos membranas,
espelhos vivos, teias
de espelho. E de braços abertos, entre as suas imagens,
dormem as pessoas. Cerradas
com um galho de centelhas. E Deus não me perdoa a carnagem
sonora. Há um candelabro, uma cratera na sala,
ou é como se houvesse.

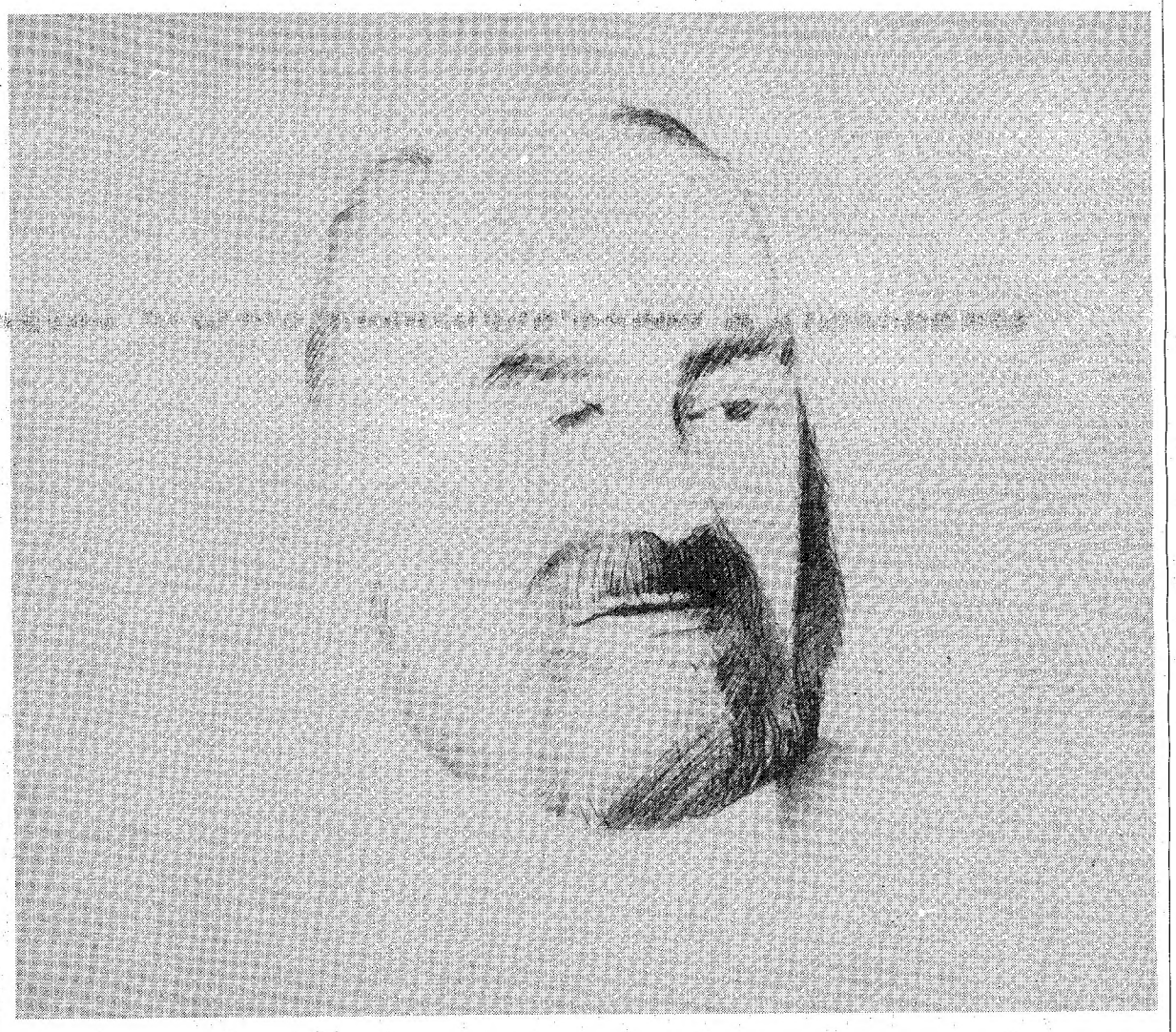
1.

«DEUS torna-me rápido», diz a voz que aqui fala. Retemos a indicação «às vezes». Ela previne-nos de que a experiência de que aqui se trata não tem frequência, regularidade, ou duração: depende de condições que o sujeito que a vive, só por si, não pode alterar; depende de um poder mais ou menos arbitrário. Fala-se aqui, entre outras coisas, de Deus, do nome de Deus, do poder de Deus ou dos poderes do seu nome, e de uma relação ou duas que o sujeito tem com essa referência ascendentemente poderosa. Em que podem ver-se aqui traduzidos tais poderes «Deus torna-me rápido», diz-se: e diz-se também, mais adiante, que «Deus não me perdoa». No primeiro caso, os efeitos de tal poder e do seu exercício recaem sobre o sujeito que fala e traduzem-se na atribuição (e aquisição) de uma qualidade (a rapidez). No segundo caso é um poder que não se declara nem manifesta, antes se recusa e nega. Não se fala dos efeitos desta recusa, desta negação, diz-se apenas que «Deus não me perdoa». Mas o que «Deus não me perdoa» parece mais importante do que a questão de saber se perdoa ou não, como veremos.

2.

Retenca-se a sugestão do candelabro e dos «mortos de que se extrai o mármore». Em dizendo candelabro diz-se uma pluralidade de luzes, de velas, de lâmpadas, de pontos irradiadores de luz, de chamas luminosas. «Às vezes há um candelabro»: mesmo que as luzes aí estejam apagadas, o objecto está lá, alguéres. «Às vezes há os mortos...». Uma aliança entre «os mortos» e «um candelabro». Então é de uma velada que se trata. Que dos mortos se extrai o mármore, implica, imediatamente, a pertença dos mortos ao domínio do mineral, do inorgânico. Numa relação mais mediatizada pela atenção ao mármore, este é simbólico: tanto tem de mineral, de inorgânico, como de brancura, de alvura, de purezas. Dos mortos pode-se fazer a extracção também disto, da sugestão disto, desta sugestão. Dos mortos, do corpo, da matéria, do espírito que lhe anda associado ou dele dimana, ainda mesmo depois da morte, por efeito talvez da luz, da iluminação que um candelabro produz.

rberto Helder, », fragmentos (fim)



3.

O mármore extrai-se (ou retira-se) dos mortos: a luz desempenha aqui papel muito activo. A luz, a rapidez da luz. E Deus pode tornar-se imagem mais rápida do que a luz, ainda.

Deus, aqui, é de uma impaciência pouco complacente, ou mesmo nada: ele, por exemplo, «não me perdoa a carnagem/sonora». Por «carnagem sonora» leia-se o corpo e uma sua actividade. Os poderes dele (corpo) e desta — certa e determinada — actividade são sempre limitados. E a velocidade do som é imensamente menor num confronto com a rapidez da luz. Por isso Deus nunca poderia tornar-me tão rápido como o som: o som é uma actividade de que o meu corpo é capaz, numa «carnagem», sonora. Como se sabe, «carnagem» significa matança, mortandade, acção ou actividade de matar, de executar, mais ou menos organizada. «Sonora», aqui, pode não ser tanto qualificativo de «carnagem» como designação do campo onde a actividade executória se exerce. Quer dizer, não se trata de matar, e com isso produzir efeitos no domínio do sonoro. A este domínio pertencem os nomes que se dizem falando, as palavras com que, a falar, se articulam e elaboram os efeitos de som, a linguagem como âmbito onde tudo isto de falar e de dizer se passa. Mas dizer e falar podem aqui subentender o escrever, a actividade da escrita — e o ler, a actividade da leitura, labor sucedâneo mas também, ou principalmente, simultâneo do labor da escrita. Escrevendo, eu estou já produzindo som, sonoridade, ou perturbando, agitando o domínio do sonoro, aéreo e envolvente. E lendo, ainda mais. Ler, porém, não é diverso de escrever, processa-se numa identificada ligação com o escrever, a escrita, a escritura, trabalho de nomes, de palavras, no seio da linguagem, no âmbito do ser; trabalho de iniludível incompletude, mas tendendo voluntariamente para a completude, para a completa integração — num movimento de soberania afirmativa, e transgressiva, e excessiva, em relação a Deus e limites ou limitação que ele porventura imponha.

4.

«Pelo poder do nome traz-se a casa». «A casa» reporta-nos a «quartos abalados», onde «trabalho a massa tremenda/dos poemas». Agora, «pelo poder do nome traz-se a casa,/quarto a quarto,/até ao centro». É, como vimos, o âmbito onde o ser se revela e declara, o espaço que o ser habita e povoa com a sua múltipla e descentrada actividade. O poder do nome exerce-se activamente nomeando, dando nome às coisas, aos objectos, revelando-lhes a imagem, as imagens. Num plano mais próximo, o da atenção referencial, trata-se também do construído, e do adquirido, do ganho, em selecção, organização e elaboração de materiais, ao obscuro, ao escuro, à «massa tremenda» — «dos poemas», enquanto estes poemas representam múltiplos e inúmeros objectos, digamos, textuais. Estes objectos, a sua feitura tem a ver com um projecto, um plano, eventualmente uma planificação, uma ordenação, uma hierarquização, mas principalmente com uma centralização. Daí o «centro», até onde é possível, «pelo poder do nom», trazer a casa, «quarto a quarto». Anote-se que é «até aonde» e não «até onde»: até aonde, «até ao centro», quer dizer, sem verdadeiramente central ou nuclearmente o atingir. Pormenor talvez despiciendo: em qualquer caso, tratar-se-ia da reunião do disperso, do fragmentário; do ajuntameno (ou reajuntamento, ou mesmo reajustamento) do esparso e do dividido; da unificação do diverso, da reconstituição do fragementado. A centralização — ou, de preferênia, a concentração de avulsas referências. Faz-se tudo isto «pelo poder do nome». Diz-se «nome», não nomes: não é propriamente a palavra, palavras, mas determinada palavra (cuja classificação linguística não interessará agora aqui). Pode também tratar-se, o nome, de metonímia — de nomes, de nomeações, denominação, denominações, designação, designações, atrbuição nominal não propriamente qualificativa, mas substantiva, de preferência, senão exclusivamente. Falar d metonímia (nome por nomes), a ocorrência plural de «profundas/casas de mármore» autoriza-o.

5.

«Pelo poder do nome traz-se a casa. A casa, singular, única, é lugar de habitação. Vivem lá pelo menos o sujeito (o poeta, se quisermos, e o seu duplo, — Deus?, pode ser). Está lá também, um pouco dispersa por «quartos abalados», a «massa tremenda dos poemas», pelo menos. «Às vezes», porém, «há um candelabro», e «os mortos de que se extrai o mármore», esse mármore de que se fazem «profundas casas». Casa, casas, casa. Em qualquer caso é do «poder do nome» que se trata. Poder simbólico — mas não há outro —, exerce-se através da nomeação da realidade, da imagem da realidade e atinge o plano mais vasto de um real onde instaura supra-estruturalmente um domínio. Domínio verbal, mas domínio.

6.

Por falar-se de domínio, outra incidência: a recusa ou negação da morte, que aqui se faz. É onde (adversativamente, contra a imagem plural de «profundas casas de mármore», que dos mortos se levanta) se diz que «nunca/seria branco nestas câmara com um candelabro ao meio». A sugestão de «branco» é aos mortos que se associa, inevitavelmente, ao mármore que deles se «extrai», porque o mármore é sempre dotado de um elevado grau de brancura. Ser ou vir a ser porventura «branco», nesta sequência, equivaleria a tornar-se «mármore», por assim dizer, material qualificado utilizado na construção. A recusa a isto é uma negação mais vasta: para além da morte e do seu enquadramento ou encenação (estas «câmaras com um candelabro ao meio»), também da unificação ou unitarização do espaço onde se manifesta a vida e a existência do sujeito que subsiste — espectador, embora envolvido, e porque envolvido, numa incessante deslocação da sua própria perspectiva da cena a que simultaneamente é alheio e pertence. Esta deslocação, ou, antes, esta mobilidade permanente é mais do que uma faculdade ou um dom de Deus: é uma dotação divina. Se «às vezes Deustorna-me rápido», é para esse efeito. Uma dúvida, entretanto: a rapidez de que Deus me dota serve-me mais para furtar-me a esta cena, ao seu centro, ou para a provocar, precipitar? A dúvida mantém-se. O sujeito é a um tempo narrador e actante em relação à acção que na cena (se) desencadeia e percepciona. Mas esta percepção assenta numa recusa demasiado forte para se poder abstrair dela. É ela que se impõe contra todos os riscos de perdição e enredamento entrevisíveis nas «membranas» e nas «teias de espelho».

7.

Embora correndo o risco de reduzir muito o forte efeito imaginístico e sobretudo metafórico que no poema se consegue, a cena pode talvez visualizar-se com o sentido ou a referência em duas ou três figuras de presença mais impressiva. O fundo são «estas câmaras com um candelabro ao meio». A figura do candelabro perdeu agora pertinência, ou, antes: o candelabro deixou de ser figura, passou a estatuto de objecto. Uma figura agora viva e activa (relacionada) é a das «membranas»: elas separam estas «câmaras» umas das outras. Outras figuras: «Espelho vivos», «teias de espelho». Aparentemente, a figura do espelho é um prolongamento sugestivo das «membranas», apoiando-se em qualidades intrínsecas suas, mas irradiantes: as membranas são peliculares, por exemplo. Também podem ser transparentes, e, entre outras coisas, vibráteis, luminosas, reverberadoras. Com os espelhos — «espelhos vivos», «teias de espelho». As sugestões mais fortes de «teias» é certamente o tecido ou a tessitura, o enredo, o enredado.

É neste enquadramento, nesta cena, que, «de braços abertos, entre as suas imagens, dormem as pessoas». Além disso, (as pessoas) estão «cerradas/como um galho de centelhas». A figura de «um galho de centelhas» é de uma grande complexidade sugestiva, quer dizer: entre os dois termos estabelece-se uma graduada relação contotativa, que arranca do mútuo apoio semântico e ascende depressa a um plano de reflexos inúmeros. Esta ideia ganha mais consistência em considerando-se a situação contextual. Quedemo-nos no entanto pelo carácter funcional com que, no plano de uma acepção semântica imediata, a expressão se apresenta: «Um galho de centelhas» cerra as pessoas que dormem, entre as suas imagens, de braços abertos. A sugestão é, pelo menos, de um esplendor incalculável.

8.

Nunca durmo.
Só tenho as mãos à frente, entre o rosto e a fogueira.
Máxima visão, no abismo, dum planeta de quartzo.

«Nunca durmo». O sujeito autodeclarado num estado permanente de insónia, esta motivada e sustentada, já vimos abundantemente porquê. O não dormir, porém, tanto pode ser uma negação radical absoluta, total, como uma afirmação distintiva em relação às pessoas, que dormem, «de braços abertos, entre as suas imagens», «cerradas com um galho de centelhas». Na enunciação, o motivo mais próximo da insónia é este: «Há um candelabro, uma cratera na sala,/ou é como se houvesse».

«Só tenho as mãos à frente, entre o rosto/e a fogueira». As mãos, à frente do rosto, protegem-no — da fogueira — preservam-no — das chamas. Aqui é o corpo que se defende metonimicamente no rosto — a parte mais exposta à voragem, à devoração que na cena se vê. Defende-se pondo as mãos em frente — também se pode interpretar que para não ver, certamente. Mas não se trata de ver ou não ver, não se fala dos olhos, do olhar, mas apenas de onde os olhos estão e podem olhar e ver, e do que olham e vêem, e é terrível, não apenas para os olhos e o olhar mas para o rosto todo. Anote-se entretanto que «rosto», aqui, não é a primeira vez que ocorre: ocorria em cima, atribuído da qualidade de «brilhar», esta associada a uma precipitação de dados a que a sugestão do fogo, de fogueira, não era alheio, pelo contrário. O que agora há de novo e diferente é a relação expressa entre o rosto e a ogueira.

9.

«Máxima visão, no abismo, de um planeta de quartzo». É o fim, e, bem diferentemente do que seria de pensar, não há aqui nada de gratuito, principalmente na expressão final, «planeta de quartzo».

De «máxima visão» não haverá nada a dizer: a expressão tem suficiente impacto denotativo, e conota-se espontaneamente tanto com a tonalidade ou a inflexão dominante de tudo quanto lemos até aqui, como com as figuras que vimos emergirem com força mais irreprimível da superfície textual.

É «no abismo» que esta «máxima visão» se dá, também, evidentemente, por tudo quanto anteriormente se passa no processo sugestivo.

Esta «máxima visão, no abismo» é a de «um planeta de quartzo». Sabemos o que é um planeta, o que se chama um planeta: astro ou corpo astral dotado de energia, semovente mas destituído de luz própria — que a recebe do sol à volta do qual gira. Sabemos também o que é o quartzo. Se não sabemos, bastar-nos-á ir a um manual elementar de mineralogia. Aí se diz que se trata de sílica, assume algumas variedades correntes como pedra preciosa, e, principalmente, tem dureza e cristaliza. Em dureza é o sétimo termo da escala de Mons. Cristaliza no sistema hexagonal.

A classificação quanto à dureza parece irrelevante ou, pelo menos, destituída de qualquer pertinência, aqui. Já o mesmo não diremos do sistema em que cristaliza. Sabemos também o que isso de cristalizar significa, em mineralogia. A noção, aliás, o conceito pode servir para aqui sem que isso nos embarace. Haverá então um talvez breve mas significativo pormenor que nos ocorre, do primeiro excerto: aquele onde se fala de «sixtinos dedos pintados em torno à voragem diuturna, tocando na matéria». Matéria, quartzo? Por exemplo. Sixtinos dedos, tocando-lhe, e depois? Um poliedro, um hexaedro, um planeta que cristaliza no sistema hexagonal.

Luís de Miranda Rocha

Documentos inéditos da Biblioteca Nacional

Uma carta de Serpa Pinto

Maria José Marinho

QUANDO Serpa Pinto (1846-1900) escreveu esta carta ao amigo Jaime Batalha Reis, havia cerca de quatro meses e meio que regressara a Lisboa da momentosa travessia de África, começada em 1877, e fora recebido festivamente por el-rei D. Luís.

Filho dum notório miguelista que se exilara para o Brasil, só com 9 anos regressa a Portugal. E como a família da mãe era nortenha, de cepa afidalgada e grande proprietária na região duriense, fica no Porto onde passa a frequentar, para cumprir os estudos liceais, o colégio Ortigão, do pai de Ramalho.

A experiência coimbrã que tenta a seguir não dá bons resultados. Arrastado pelo boémia estudantil, acaba por desistir, matriculando-se, assim, no Colégio Militar, em Lisboa. Aqui outra dificuldade o espreitava. Sendo filho, como já referimos, dum conhecido miguelista, o médico José da Rocha Miranda de Figueiredo, não lhe seria permitida a frequência de tal instituição. É então que troca o apelido Miranda de Figueiredo pelo apelido da família da mãe, Serpa Pinto.

Em 1869 vêmo-lo a cumprir a sua 1.ª missão, precisamente em África, como tenente. O entusiasmo e a ousadia que demonstra e a simpatia que lhe votava Andrade Corvo, ministro na época, propiciam-lhe o ser nomeado para nova expedição que se organiza com o objectivo de explorar e reconhecer zonas de Africa cuja soberania Portugal reivindicava. É no seu regresso que surge a nomeação de major e ajudante de campo d'el-rei.

Retira-se logo a seguir para uma das suas quintas, em Resende, para preparar o livro que irá narrar a experiência de «Como eu atravessei a África. Do Atlântico ao mar Índico», e só publicado em 1881. A obra, saída em 2 volumes, foi editada em Inglaterra, facto a que a carta, de resto, alude: «(...) estou mandando regularmente para Londres o manuscrito do meu livro (...)».

A missiva dá-nos também uma clara ideia de como vivia um grande proprietário rural nessa década de 70 e qual o ambiente que se respirava na província onde muitos ainda ignoravam «que morreu D. Pedro V».

A alusão feita no fim da carta a Ângelo Sárrea Prado explica-se pelo facto deste comum amigo de Serpa Pinto e Batalha Reis, engenheiro de profissão e grande conhecedor de África, estar encarregado da elaboração dos mapas que iriam ilustrar a obra do explorador africano.

Resende, 26 de Novembro de 1879

Meu Batalha

Cá estou depois de ter curtido nova doença, que me teve de cama muitos dias.

Estou mandando regularmente para Londres o manuscrito do meu livro em que trabalho com assiduidade.

Já matei umas perdizes, mas francamente não estou para caçadas.

Como vai o teu consulado? Como vai o governo do Almeida? Eu de nada sei, e aqui neste sertão agreste não chegam novas do mundo.

Ainda muitos ignoram que morreu D. Pedro V e outros mesmo D. João VI. Eu sou o Snr. Alferes do 9 de infantaria, etc., etc., etc. Mas se não sei do mundo, estou rodeado de tão sinceras e rudes amizades, de tão francos e verdadeiros carinhos que sinto uma felicidade extrema neste viver.

De tamancos, carapuça na cabeça, percorro os meus laranjais com uma podoa na mão, cortando aqui e além um galho prejudicial e ouvindo a história desta ou daquela árvore que me conta um ou outro dos meus caseiros, tratando-me por menino. *«Enquanto O* Menino *andou a correr terras (com a ajuda do Senhor secou aqui um castanheiro, além enxertei uma macieira de pardolindo, acolá as toupeiras estragaram-me o nabal, faz para a Sta Luzia um ano», etc., etc., etc.*

Vêm, depois, os meus foreiros da serra, encaixados em tamancos, verdadeiros pedestais de estátua, trazendo o infalível pão de ló (a que chamam aqui cavaca*) e dizem o* menino, *o Sr. Alferes como está* fêro *(fêro quer dizer gordo).*

Já tu vês, meu Batalha, que não se pode ser mais feliz.

Todos me estimam como me estimavam há quinze anos quando eu era o Alferes do 9, e alguns há até que se regozijam por me acharem mais crescido.

Lá pelo mundo tenho festas semelhantes aos fogos fátuos, aqui as afeições são como o sol, só não brilham de noute mas aparecem resplandecentes ao raiar da aurora, e sempre e sempre.

Não gosto muito das gentis pastoras, que nisso sou muito aristocrata e difícil, e é esta a única nuvem que desponta no nosso céu, o mais refulgente da minha vida.

Declaro-te que há dias que penso seriamente em mandar ao diabo a vida pública, e em recolher-me aqui a bastidores.

Que paz tranquila... como disse Soares dos Passos.

Botei capelão e tenho missa aos dias de obrigação.

Estou preparando as cousas para a eleição dos 40 maiores contribuintes, dos quais eu sou um, e para isso já ando metido com três abades, dois boticários e um homem que deita bixas. São os figurões cá da terra.

Umas das cousas que me tem dado maior consideração entre estas gentes foi o espalhar-se que eu tinha trazido de África a pele de um bicho de sete cabeças. Efectivamente um dos mantos que eu trouxe e que é formado de sete peles tem sete cabeças e como foi visto pelos homens que carregaram a bagagem da estação para aqui a notícia correu logo e foi longe.

O regedor e outras autoridades que lêem os papéis tratam-me por Sr. comendador, coisa com que eu dou solene cavaco. Um comendador de tamancos e carapuça, vê lá se é possível!

Outro dia, um doutor, advogado cá na terra (chama-se cá letrado) veio visitar-me, e depois de mil circunlóquios, pediu-me para lhe mostrar os presentes que tinha dado ao rei.

Este tratava-me por Snr. tenente.

Mas deixemos isto e vamos a ti. Se tu fores para ainda além da Taprobana, e eu ainda estiver no sertão, virás dizer-me adeus. Quero ter-te aqui dois dias. Há Railway até à porta, e o País é bonito. Dar-te-ei caldo verde, vinho verde, etc., etc. e tudo o que houver para ti será como amigo, e se for mau, com melhor vontade oferecido não o encontrarás noutra parte.

Adeus. Todo teu

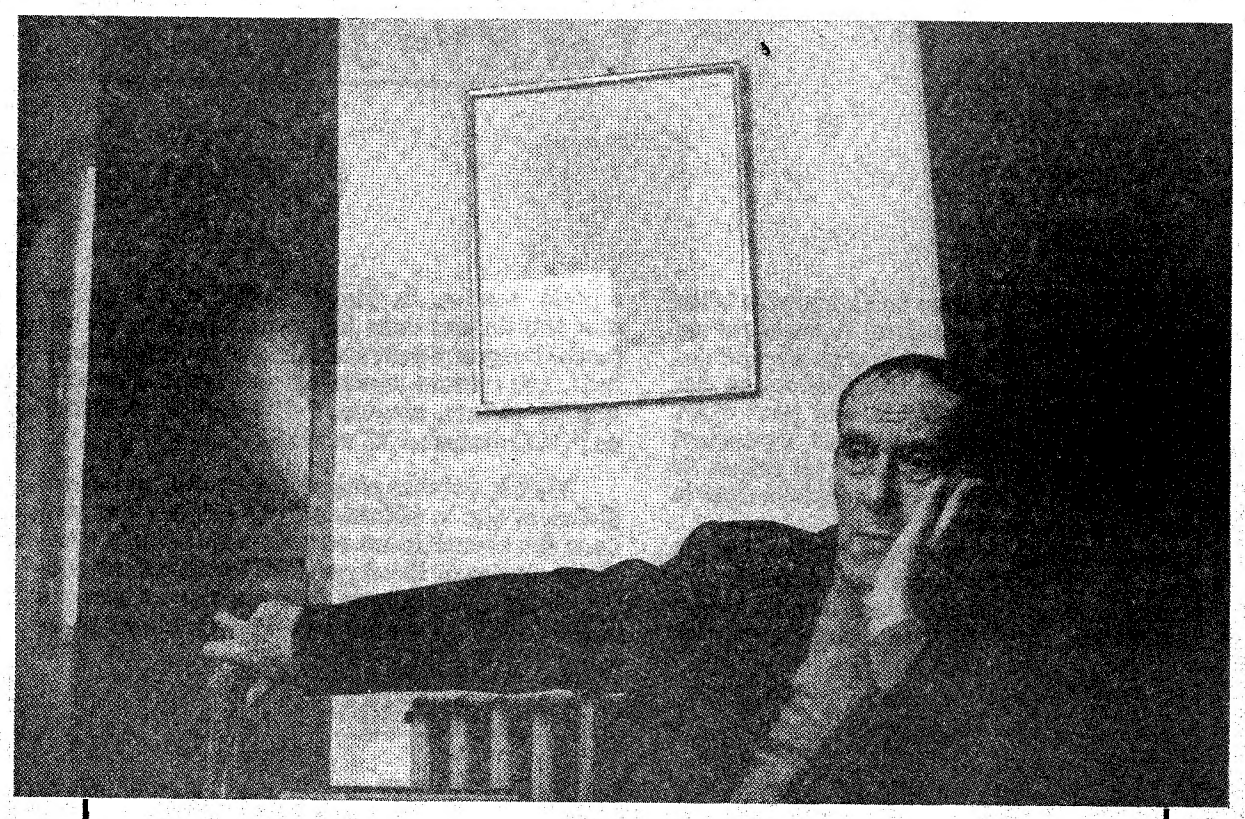
Serpa Pinto

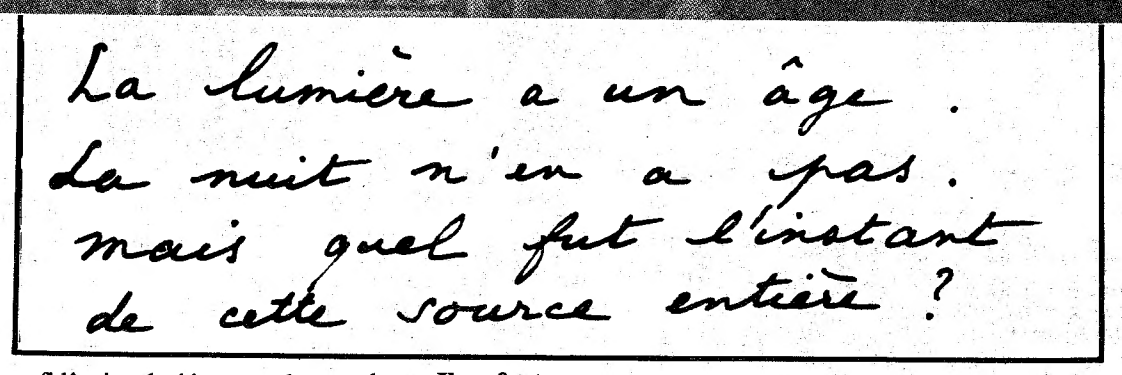
Diz a Ângelo Sarrea de Sousa Prado que vá beber-da-merda. Mas espera que eu vou escrever-lhe uma descompustura monumental. Depois que se apanhou deputado não faz caso da gente. (*)

(*) Espólio Jaime Batalha Reis, Esp. 4, 52/1

A morte de René Char

O poeta da noite e do relâmpago





«POETA da essência do poema», segundo a expressão de Maurice Blanchot, René Char talvez seja, de todos os criadores contemporâneos, o que mais se aproximou do mistério poético. A sua obra é uma reflexão sobre a poesia, um testemunho do criador sobre o gesto da criação — e sobre o significado desse gesto. O surrealismo — de que se afasta a partir de 1934 — deu-lhe o choque inicial, revelando-lhe os segredos de uma língua concreta, feita de imagens, e a força exploradora da imaginação livre.

Mas o abuso do onírico, o irrealismo e o artifício desconsolam este homem da terra, de gostos rústicos; a verborreia surrealista choca o seu laconismo instintivo; a vida gregária é-lhe insuportável, e principalmente o espírito de ortodoxia um pouco sectário que reina no seio do grupo. Inventa pois um caminho muito pessoal. Os **Feuillets d'Hypnos**, publicados em 1945, unem significativamente o estilo documental e o realismo de um diário de guerra à liberdade da escrita poética. Os primeiros exemplos de sentenças aforísticas aparecem numa época em **Seuls demeurent**, e o aforismo em breve se tornará o molde preferido deste poeta. Vêmo-lo exercitar-se — um pouco à maneira de Giacometti na escultura — a trabalhar a linguagem na direcção do essencial, em busca do máximo de expressividade no mínimo de palavras. O que nem sempre acontece sem uma certa obscuridade.

O aforismo, tal como o pratica Char, leva-nos para uma forma muito antiga de poesia: a do oráculo. Ao contrário da máxima, cujo objectivo é condensar uma ideia abstracta (e que se apresenta como um cristal de prosa), o oráculo difunde um fluxo semântico muito aberto, cujas significações não poderiam ser exaustivamente expostas em discurso. Ele une imperiosamente os contrários, obrigando o pensamento a sair dos seus trilhos, a vencer os obstáculos que a linguagem e a lógica lhe opõem, a fim de apreender uma coerência superior. **«Epouse et n'epouse pas ta maison»**, ordena, por exemplo, o poeta, introduzindo uma sabedoria onde se equilibram o apego e a aventura, a imanência e a transcendência, a fidelidade e a insubmissão.

A poesia contribui assim para abrir a linguagem a uma meditação que o ultrapassa. Só afloram na palavra os cumes de um continente submerso; fragmentos emergem à luz, testemunhas do que se passa nas profundidades. Para Char, a noite é a única realidade autêntica. Só se chega à poesia no instante em que se toma consciência dessa **«noite talismânica»** que nos rodeia. Como a luz em Georges de La Tour; a palavra não tem outro objectivo que não seja o de tornar mais manifesta a obscuridade, de tornar a noite falante.

Uma tal poesia não tem nada de uma confidência; ela é impessoal por natureza. É uma palavra «absoluta», liberta das contigências sem situação nem «artificialismo». Nenhuma pergunta a precede, nenhuma resposta a segue; ela liberta o espírito dos ouropéis da vida quotidiana: linguagem desligada do útil e do actual funcionam como um festa, fora do tempo e do lugar. Mas, graças a essa impersonalidade, todos podemos projectar-nos de modo original no «écran» proposto, porque, **«le poème est toujours marié à quelqu'un:** ele só existe incarnado.

Essa marcação é aleatória, instável, fugidia, **«la clé demeure vif-argent»**. «Compreender» um poema de Char parece uma iluminação: apercebemo-nos, no tempo de um relâmpago, a «linha de voo», mas seria vão pretender comentar o seu conteúdo. O poeta só deixa atrás de si marcas, porque **«seules les traces font rêver»**. Contenta-se em dar uma série de impulsos: é um «iniciador», o leitor que prossiga a seu modo.

Char dá uma importância extrema à «física» da frase, ao seu arranjo sonoro, aos seus ritmos e aos seus cortes. Mas não é menos necessária uma certa espontaneidade. Num sentido, o poema deve ser «dado»: **«Une poussière que tombe sur la main occupée à tracer le poème les foudroie, poème et main»**. As palavras devem tomar a iniciativa. Elas **«se levent avant leur sens»** vêem mais longe que nós, fazem pensar, acordam: **«Il ne faut pas que mon vers se trouve ce que j'aurais pu écrire»**. Daí o carácter imprevisível, a gravidade dessas fórmulas mágicas, irisadas de significações, que cada leitor e cada leitura renovam.

A poesia é libertadora pelo próprio constrangimento que esses jogos de linguagem lhe impõem: ela utiliza-os para fazer explodir as servidões da memória e as associações já feitas. Ela põe em comunicação nova **«la totalité des choses entre elles»**: porque, se ela transtorna, é para melhor unir; se ataca o repouso, as seguranças, os «projectos calculados», é para melhor assegurar o vigor e a saúde do espírito. Face aos sedentários, os poetas são **«passants apliqués à passer, donc à jeter le trouble, à infliger leur chaleur, à dire leur exubérance»**. Infatigáveis «caminhantes», eles não descansam; perturbam a gente serena, os «instalados»; mas **«ce qui vient au mond pour ne rien troubler ne mérite ni égards ni patience»**. Pelo contrário, os oprimidos sabem que a poesia **«est leur soeur»**, primeiro porque ela sofre com eles num mundo em que todas as formas da opressão se escondem com a máscara da ordem, depois porque ela dá o exemplo da libertação. Uma vitória **«infiniment revolutionnaire»** de l'esprit sur lui-même: **«Bonheur bleuté d'une insubordination admirable qui s'élance du plaisir et pulvérise le présent»**.

Como se vê, a insurreição de Char diz respeito à totalidade da existência. Ela implica uma certa maneira de acolher o tempo e de viver o presente. Aceitar a duração é um risco de nos perdermos nela, de nos dividirmos na sua vasta corrente. A existência ardente, autêntica, arranca-se à repetição e mergulha no presente. Presente perpétuo, série indefinida de relâmpagos sem duração mas iluminadores. Apanhar o instante no seu paroxismo, antes que ele caia, como o caçador aponta para a ave em pleno voo, e a mata; suprimir os tempos mortos. Tal como o faz com o seu estilo, Char esforça-se por condenar a duração, tal como um explosivo apreciado na estreiteza de uma mina, e pronto a explodir numa quantidade de estilhaços luminosos: **«Que le jour te maintienne sur l'enclume de sa fureur blanche»**. Não é o resultado que é importante, é a energia acumulada, a febre de desejo, o deslumbramento do encontro.

«Un point diamanté actuel de présences transcendantes et d'orages pèlerins». É esta, para Char, a verdadeira vida — aquela de que as nossas exigências são frustradas, aquela que alguns colocam debalde num qualquer além fantástico.

O seu elo com a experiência poética [illegible] se trata de uma existência totalmente assumida na «criação de si». Essa criação não é de modo algum a do egotista nem a do diletante: ela implica o empenhamento na confusão humana, a luta pela liberdade e a honra dos homens. Porque é um «caminhante», o poeta é um treinador. Char tomou partido com violência e algum risco (guerra de Espanha, resistência, recusa das armas atómicas, imperialismo técnico, defesa da vida simples e da natureza...).

Se acredita, com o seu mestre Heraclito — cujos aforismos lhe serviram muitas vezes de modelo — no fluxo incessante do devir, evita a atitude negativa e desdenhosa de filósofo de Éfeso: ele entra na actualidade e quer trazer aos homens a sua mensagem. Destingue-se nisso de muitos artistas contemporâneos, que um cepticismo generalizado reduz aos jogos da linguagem e a «efeitos de sentido» voluntariamente superficiais. Ele acredita em absolutos que lhe são ditados pela prática da vida num país austero e severo, onde o esforço é mais apreciado do que o prazer.

Ele inventou uma espécie de estoicismo onde a feliz celebração se articula no despojamento, onde a concordância mistura o seu sorriso com a recusa a fim de a qualificar.

Afastar corajosamente o que não é essencial, construir a beleza e o valor eventualmente no vazio, tal como o raio rasga a noite: **«Si nous habitons un éclair, il est au coeur de l'éternel»**. A condição humana vivida com sinceridade obriga a juntar os contrários; instalar-se é trair, e evadir-se também o é. Só se pode viver heroicamente, enraizado na ingratidão, como a figueira num rochedo, rochedo esse aparentemente hostil mas nutritivo: **«Pénètre-moi figuier, murmure le rocher; mon apparence est un défi, ma profondeur un amitié.»**

Este poeta da insubmissão celebra pois o enraizamento. Ele só **«leve la loi»** e **«franchit la morale»**, para melhor **«mailler le coeur»** a fim de substituir os elos abstractos pelos que a vida impõe, mesmo quando quer desenvolver todos os seus poderes. A nossa desgraça é **«d'unir trop d'ailes»** e querer fugir demasiado cedo ou demasiado depressa pelo azul, como a feliz cotovia. Nostalgia enganadora, que simplifica uma realidade infinitamente mais complexa e mais rica: **«Ce n'est pas simple de rester hissé sur la vague du courage quand on suit du regard un oiseau volant au déclin du jour»**. Tem que se resistir a essas tentações, se se quer ter plenamente o papel de homem. Char tentou **«composer une santé»** com a nossa desgraça, transformar em instrumento de fecundidade e de crescimento o esquartejamento que nos ameaça, dar o exemplo de uma **«serenidade crispada»**, a única digna de uma consciência corajosa e sensata.

Jean Onimus

Acabados de Chegar

EDUARDO LOURENÇO
Tempo e Poesia

RELÓGIO D'ÁGUA

■ Tempo e Poesia, Eduardo Lourenço, Relógio d'Água

Integrado na Colecção «À Volta da Literatura», este livro de Eduardo Lourenço é constituído por uma série de ensaios da maior importância, ensaios que, ao longo dos anos, foram sendo publicados quer em revistas da especialidade quer em órgãos de comunicação social. De momento, para os leitores interessados, limitamo-nos a enumerar os referidos ensaios: *Esfinge ou a Poesia* (publicado em *Árvore*, folhas de poesia dirigidas por António Ramos Rosa e Raul de Carvalho, n.º 1, Dez. 51); *Tempo e Poesia* (publicado em *Colóquio*, n.º 5-6, Nov. 59); *«Orpheu» ou a Poesia como Realidade* (publicado em *Tetracórnio*, Fev. 55); *O Irrealismo Poético ou a Poesia com Mito* (inserto em *Europa*, jornal de cultura, dirigido por Urbano Tavares Rodrigues e Virgílio Ramos, n.º de Março de 57); *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações* (publicado pela primeira vez pela Coimbra Editora, 1955); *Duas Mansardas Poéticas/Notícias do Bloqueio e Cardernos do Meio Dia* (vindo a lume n'O Comércio do Porto', secção «Cultura e Arte», orientada por Costa Barreto, 11 Out. 60); *Eugénio de Andrade ou o Paraíso sem mediação* (publicado como apresentação da Antologia consagrada ao poeta pela Editorial Delphos, Porto 61); *Angelismo e Poesia* (suplemento d'O Comércio do Porto', talvez em 61); *«Presença ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?»* (publicado, com grave mutilação, no suplemento d'O Comércio do Porto' (1960), tendo a Censura suprimido todas as referências a Casais Monteiro. Mais tarde, publicado na íntegra na Revista do Livro, Rio de Janeiro, n.º 23-24, Junho-Dezembro 61); *Vitorino Nemésio ou da Livre Navegação (No Mar Poético de Deus)* — inserto na página literária do jornal «A Capital», Maio-Outubro de 71); *Dialéctica Mítica da Nossa Modernidade;* e *Poética e Poesia de Ramos Rosa ou o Excesso do Real* (publicado na página literária do «Diário de Lisboa» e mais tarde como prefácio a uma antologia do poeta intitulada *Não Posso Adiar o Coração*, Plátano, Colecção Sagitário, 1974).

■ Ensaios de História Moderna, João José Alves Dias, Editorial Presença

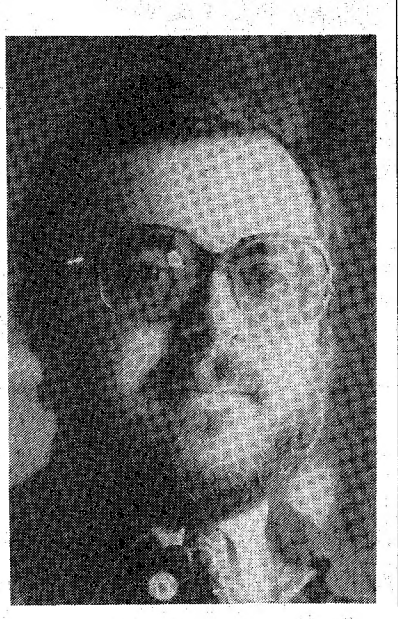
O professor Joel Serrão escreveu para este livro uma breve apresentação na qual manifesta o seu apreço pelo autor e lhe deseja uma carreira de investigador que contribua «para a renovação da historiografia portuguesa». São nove os ensaios agora reunidos em volume e que foram publicados, de 1982 a 1987 em diversas revistas ou constituíram comunicações científicas, representando qualquer deles o resultado de investigações inovadoras.

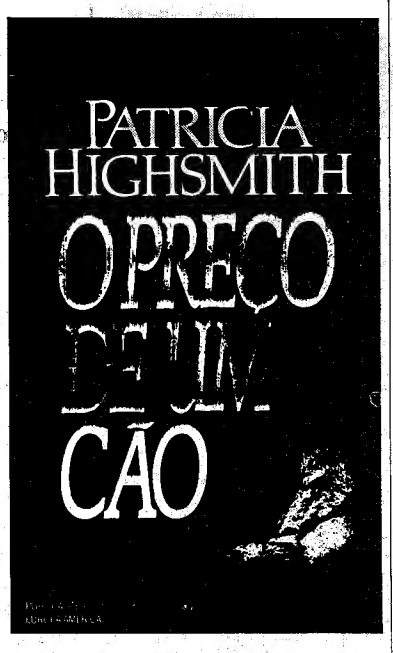
O volume reúne os seguintes estudos: A Beira Interior em 1486 (Sociedade, Administração e Demografia); Estratificação Económico-Demográfica do Concelho de Loulé em 1501; Os Fogos Femininos nos Municípios do Século XVI; Lisboa Medieval na Iconografia do Século XVI; A Comunicação entre o Poder Central e o Poder Local — A Difusão de uma Lei em 1532; A Comarca de Castelo Branco em 1527-1540 — Aspectos Administrativos e Demográficos; Uma Grande Obra de Engenharia em Meados de Quinhentos — A Mudança do Curso do Rio Tejo; Subsídios para o Estudo do Movimento e Comércio da Barra do Douro no Século XVII; Para a História dos Impostos em Portugal — O Papel Selado no Século XVII.

Como escreve na apresentação o professor Joel Serrão: *«Preocupado sobretudo com as fecundas perspectivas da demografia histórica, da história económica, social e institucional, o autor privilegia o estado das raízes das coisas, sem as quais a abordagem do passado corre o risco de se tornar numa inútil perseguição de fantasmas mais ou menos anedóticas. Estreitamente aliado a isso, a historiografia de Alves Dias pauta-se pelo duplo rigor da familiaridade com as fontes e da apresentação dos resultados obtidos, cartografando-os sempre que isso se torna viável.»*

■ Máscaras Venezianas, José Viale Moutinho, Cadernos da Rua Escura

Um opúsculo a não perder. A voz de um poeta. Que se leia a seguinte composição: «Com o cais da noite aí está Veneza / entre os varais com os seus palácios / como se de uma ópera se tratasse / e eu perdesse a voz no intervalo.» Uma leitura em espiral oferecida ao leitor, como muito bem nota António Roberval Miketen. Editado em papel de embrulho, estas são as folhas de poesia que ficam sempre como ponto de referência. Até no tacto de quem desfolha, de quem passa de poema para poema. A estas *Máscaras Venezianas* regressaremos no tempo justo. Para já, que o leitor de poesia não perca esta edição, que não menospreza estes doze poemas de José Viale Moutinho.





■ O Preço de um Cão, Patrícia Highsmith, Europa-América

Um nome sobejamente conhecido (e apreciado) pelos seus méritos no campo da literatura policial. Qualquer adjectivação seria supérflua. No entanto, aqui fica (sem qualquer espécie de subserviência) a opinião de «The Times», quando do aparecimento da obra em Inglaterra: «Um livro de mestre, um livro assombroso, um livro que fica na memória.» — Tradução de Bernardette Pinto Leite.

Prémio Círculo de Leitores

Trinta e três originais foram aceites a concurso para atribuição do Prémio Literário Círculo de Leitores, que este ano se realiza de novo.

Com um prémio pecuniário de mil contos e a publicação da obra premiada numa primeira tiragem de dez mil exemplares, o prémio do Círculo, atribuído de dois em dois anos, constitui já uma referência habitual no panorama literário português.

Instituído em 1980, por altura do 10.º aniversário do Círculo de Leitores, o Prémio distinguiu já autores como Vitório Káli, Manuel de Seabra, A. M. Pires Cabral e Américo Guerreiro de Sousa. Em 1986, o Prémio Literário Círculo de Leitores foi atribuído a Fernando Dacosta, pelo seu romance *O Viúvo*.

Este ano, o júri é constituídio pelos escritores Fernando Botelho, Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Assis Pacheco e José Viale Moutinho. Preside ao júri o director editorial do Círculo de Leitores, António Mega Ferreira, com direito a voto em caso de empate.

A decisão do júri será conhecida nos últimos dias de Maio.

O eu nos outros

O Anjo

Uma tão sereníssima manhã, tão de azul, tão sem uma brisa! Meu Deus, como tudo está parado no mundo! Não, não há movimento, nada se cruza, está cada coisa em seu lugar, louvando a existência, escutando uma música interior, respeitando a harmonia de uma geometria impecável... «Como tudo cabe na minha mão!» — suspirou Teresa M.S. percorrendo demoradamente as lajes do claustro quadrangular. De leve que se sentia, um pão de trigo e leite no estômago, apetecia-lhe voar, erguer-se do solo, tocar um qualquer farrapito de nuvem. Se tal fosse possível...

— Irmã Teresa!

Teresa M.S. sentiu que uma súbita cor vermelha lhe subia dos pés à cabeça, rompendo todo o branco que a vestia em pensamento: era Natália quem a chamava, de sardas no rosto, o oiro curto dos cabelos envolvidos no sol claro.

Disfarçando a emoção, Teresa, o passo mais lesto, estendeu as mãos a Natália. Ambas as noviças ficaram assim por instantes, os olhos castanhos de uma nos olhos verdes da outra. Sentaram-se, depois, num banco do claustro tomado de sombra.

— Que sonho não tive esta noite, Irmã Teresa! — desabafou Natália, as mãos inquietas no burel dos joelhos. — Sonhei... Sabes tu com que sonhei...?

— Diz...

— Até coro de vergonha! Imagina que sonhei com um anjo de fato completo, gravata, camisa branca, sapatos pretos de mil brilhos, um bigode fino sobre o lábio, um sorriso para mim, um perfume diferente de todos os perfumes daqui...

Teresa M. S. baixou os olhos, o rosto finalmente pálido, uma tremura levíssima por todo o corpo. E disse:

— Fantasias...

Natália emudeceu, envergonhada da confissão, os olhos agora nas sandálias rasteiras, nas lajes, no piso que tantas vezes em sossego percorrera. A manhã continuava sereníssima, paramentada de azul, sem uma brisa sequer no ramo mais alto do jardim interior do convento. «Mistérios...» — pensava Teresa M. S., muito quieta, sem olhar Natália. Meu Deus, que mundo misterioso não era este! Aquele anjo de fato completo, gravata, camisa branca, sapatos luzindo e bigode fino, por Natália sonhado e por Natália confessado, fosse ou não fosse uma aparência, não louvaria também a Deus, não louvaria também a existência...?

Pedro Alvim